

ILKKA AUER

VENCEDOR DO PRÊMIO KUVASTAJA DE MELHOR LIVRO DE FANTASIA,
CONCEDIDO PELA TOLKIEN SOCIETY DA FINLÂNDIA



O CLÃ
dos
Dragões

TERRAS DE NEVE
E GELO • VOL. I

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

I L K K A A U E R

O CLÃ
dos
Dragões

TERRAS DE NEVE
E GELO – VOL. 1

Tradução
Pasi Loman e Lilia Loman


GUTENBERG

Copyright © 2013 Editora Gutenberg
Copyright © 2004 Ilkka Auer

Publicado originalmente por Otava Publishing Company Ltd. com o título em finlandês
Lumen Ja jään maa: Sysilouhien sukua.
Publicado em português por acordo com Otava Group Agency Helsinki e Vikings of Brazil
Agência Literária e de Tradução Ltda., São Paulo.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos,
eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE

Felipe Castilho

ASSISTENTE EDITORIAL

Felipe Castilho

TRADUÇÃO

*Pasi Loman
Lilia Loman*

PREPARAÇÃO

Geisa Oliveira

REVISÃO

Renato Potenza Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Tristelune Production

CAPA

Marina Ávila

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Auer, Ilkka

O clã dos dragões / Ilkka Auer ; tradução Pasi Loman e Lilia Loman. -- Belo Horizonte :
Editora Gutenberg, 2013. -- (Série Terras de neve e gelo)

ISBN 978-85-8235-094-2

1. Ficção finlandesa I. Título. II. Série.

13-08765

CDD-894.541

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura finlandesa 894.541

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

Para Minni

AGRADECIMENTOS

Dedico minha gratidão a Minni e a minha mãe, por sua grande sede pela leitura das aventuras de Nonna e Fenris. Agradecimentos calorosos a todos aqueles que leram o manuscrito e me encorajaram a enviá-lo para uma editora.

Muito obrigado a Alfga, pela ajuda com o islandês e com o norueguês arcaicos, e a Northvegr Felag, pela alegria de espalhar o conhecimento da sabedoria escandinava.

A minha editora, Anne Luukkanen, obrigado pelo duro trabalho no manuscrito. Seu profissionalismo e entusiasmo tornou tudo possível no final.

Gostaria de agradecer, com vigor, a minha esposa, por me apoiar e encorajar a escrever, apesar de ter sido obrigado a desaparecer por longos períodos para fazê-lo.

Sumário

Pássaro de Gaiola

Fuga

Em direção aos Montes do Dragão

Skafloc

Praia perdida

Pelas montanhas

Forte da Unha do Dragão

Profecia

Os segredos da Floresta da Raposa

Encontros

Nereid

Lembrança

Anexos

Personagens

Reinos e outras localidades

Criaturas

Deuses de Noridium

Calendário

Pássaro de Gaiola

Prólogo

SOBRE URSOS DO GELO, UMA HISTÓRIA DE NAWYR **Ano 213 após a Guerra dos Deuses**

*“D*ntre os guerreiros selvagens de Noridium, com frequência as pessoas notam um grupo desgraçado de gnomos negros, os guardiões das montanhas mais sombrias dos Deuses da Escuridão. Às vezes, eles montam criaturas muito respeitadas, e similares aos ursos, exceto por serem enormes e totalmente brancas. Seus traços grandiosos e brancura ofuscante realçam o caráter maligno dos donos. Elas participam de batalhas com uma fúria indescritível e nunca desistem ou abandonam seus donos. Tanto o povo de Noridium quanto os gnomos adoram as criaturas, a quem chamam de ursos do gelo e acreditam ser a própria definição da lealdade e da força. Contam-se até histórias de que algumas famílias nobres de lá criam-nos como animais de estimação. O povo de Noridium crê que eles sejam as almas de seus guerreiros mortos em batalha, daí o motivo de tal adoração.

Nunca vi muitos deles, todavia, ao sul da fria baía de Caldia. É provável que, por seu temperamento ou por sua cor, gostem de áreas frias e geladas. Dizem que, por vezes, eles atravessam a baía congelada, evento que jamais presenciei. É claro que, entretanto, as criaturas possuem algo de mágico, dada a estima e o respeito que o povo do reino de Noridium nutre por elas.”

Cada estação do ano tem sua própria bruxa ou, pelo menos, cada bruxa tem sua estação, assim se conta. Em Caldia, um reino frio, com uma fronteira setentrional na qual a neve jamais derrete, há séculos uma história sobre a Bruxa do Gelo é contada. Ela, cujo reino compreende os mais frios campos e planícies, com a camada de neve mais grossa, vive no extremo setentrional de Noridium, junto ao reino dos demônios do gelo. Ali, controla o inverno e suas criaturas, tendo feito isso por centenas de anos, o que se faz crer que seja imortal, cruel e poderosa, e uma descendente dos velhos dragões. Ela não se submete ao poder de ninguém, exceto ao de seus antepassados. Sua história é conhecida muito remotamente e se diz que só ela pode congelar a baía para suportar os exércitos de Caldia quando vão a Nawyr, o reino do sul.

AS GRANDES VÁRZEAS, REINO DE BARIADIA **Abril, 814 anos antes da Guerra dos Deuses**

Era primavera e Nonna estava sobre um dos últimos trechos de neve na várzea, vestindo botas de pele. Uma brisa fresca batia em seus cabelos cor de cobre, jogando-os sobre o rosto e a boca. Ela os empurrava para trás das orelhas e se virava para olhar as margens do lago, além da várzea. O vento carregava as palavras apagadas de pessoas conversando. Vozes de mulheres e crianças pareciam vir das proximidades, embora ele as trouxesse de tão longe que nos olhos de Nonna elas eram apenas pequenos pontos na várzea verde-clara.

Todos haviam vindo da segurança do vilarejo Nascente Negra para a várzea naquele dia, o primeiro do verão, que marcava o fim do longo inverno. Era costume começar o verão contando o número de flores que brotavam na várzea. Elas eram colhidas, então, para decorar as casas que haviam sido deixadas sem cor pelo inverno congelante. Era tarefa das mulheres e das crianças colher todas aquelas em torno do lago e levá-las para o vilarejo. Quanto mais flores, mais a sorte os seguiria no verão e no resto do ano. Era um velho costume, disseram à Nonna, e o lugar era o

elemento mais importante. As flores não podiam ser colhidas em nenhum outro senão precisamente lá, na várzea em que, segundo constava, um dragão pousara. Nonna sempre se perguntava por que as pessoas diziam que ele o fizera no solo, pois o lago, uma forma misteriosa no meio da várzea, uma enorme depressão, não podia ter sido formado por outro meio, exceto pelo pouso de um dragão.

Nonna tinha medo, pois havia muito menos flores que no ano anterior, quando coletara dois cestos cheios e, agora, o fundo do primeiro cesto mal estava coberto.

Olhou na direção do sol e, enquanto a névoa se espalhava à frente, pôde vislumbrar os homens à distância, na várzea. Seu pai, Radulf, e seus outros parentes formavam pequenos grupos. Grandes cachorros corriam à sua volta. Nonna podia ver, apenas de relance, as longas lanças que os homens seguravam, eretas, contra o solo. O latido dos cães não podia ser ouvido, pois o vento batia na direção contrária. Nonna, porém, sabia que estavam latindo, pois corriam de um lado para o outro, brigando uns com os outros, em volta dos homens. Ela olhou para seu pai, em pé, cercado por todos os outros homens. Ele era o líder do clã e de todo o vilarejo. Sua postura, em meio aos demais, era retesada e ele vestia as melhores roupas. No cinto trazia uma espada decorada, tão pesada que Nonna não poderia levantá-la. Nenhum outro homem no vilarejo tinha uma espada, e Nonna sabia que era um sinal do *status* de seu pai.

Com ou sem a arma, seu pai era importante para Nonna, embora fosse raro ter tempo para passear com ela. Na maior parte do tempo, ela restava com sua mãe e seu urso do gelo, Fenris. A chegada do verão significava que o pai passaria longos períodos fora de casa, mais uma vez. Ele inspecionaria plantações e faria negócios com outros povos e vilarejos.

Como sempre, ela se divertira muito no inverno. Na escuridão da estação, todos haviam passado bastante tempo em casa, sob a luz quente, fazendo tarefas e se preparando para o verão. Fenris ficava do lado de fora e, de vez em quando, entrava em casa. Em dias mais bonitos e menos frios, Nonna era liberada de suas tarefas e podia sair para brincar com Fenris.

Havia outras crianças no vilarejo, mas por alguma razão Nonna não brincava muito com elas. Eles recebiam visitas de outros aldeões, com suas crianças, com frequência, mas todas a tratavam com certa reserva, talvez por seu pai ser o líder do clã ou por não estarem acostumadas em ter um urso do gelo tão perto. Nonna tinha vontade de rir, pois sempre que havia outras crianças próximas, Fenris parecia se aproximar ainda mais dela, como se quisesse toda sua atenção só para ele.

Nonna suspirou, já com saudades de Fenris, e se virou para olhar ao redor de novo. Os homens estavam de guarda, sabia disso. Ela estava com o pai pela quinta vez e era a primeira ocasião em que trazia outros guerreiros com ele. Para Nonna, a partida do vilarejo parecera um pouco diferente por algumas outras razões. A atmosfera estava tensa e, embora os homens dessem risadas junto e se mostrassem amigáveis, ela percebia seu nervosismo. Os cães nunca haviam sido levados. No verão, ficavam livres para correr pelo vilarejo e, naquela altura da primavera, eram quase sempre guardados entre os armazéns do vilarejo e os aterros. Ter os homens por perto lhe trazia uma sensação de excitação e segurança, embora Nonna nunca se sentisse apreensiva dentro ou fora de sua aldeia.

Ela sabia que algo estava diferente, e sentia isso nos momentos de quietude, quando tinha oportunidade para divagar em seus pensamentos. Havia mais fogueiras nos aterros, os portões eram mantidos fechados com mais frequência, e os homens sempre portavam suas armas. Embora o ferreiro da região, em geral, trabalhasse sozinho, havia mais três pessoas com ele – jovens garotos aprendizes que traziam para a ferraria pedras de longe, até as do pântano. As crianças do local passavam o tempo em volta dos guardas e dos soldados, junto aos muros, correndo, gritando com nervosismo e brincando, e Nonna não se interessava por aquilo, preferindo ficar no próprio quintal, no meio do vilarejo, em seu ponto mais elevado. Lá, passara toda a primavera com Fenris e agora se sentia só, pois o amigo tão querido partira.

Sempre que se referia a ele como animal de estimação, Hundolf, um adivinho maltrapilho de longas barbas, dizia que, na verdade, ele era seu protetor. A despeito de seus esforços, ela nunca conseguiu uma resposta

melhor sobre o que ele queira lhe dizer com aquilo. Parecia que tudo seria dito a ela mais tarde. Hundolf apenas resmungava, amarrava mais a capa surrada e desaparecia em sua cabana, murmurando algo para si, distraído.

Até quando Nonna podia se lembrar, e é provável que muito antes disso, Hundolf sempre fora o adivinho da aldeia. Todas as crianças, e alguns adultos, pareciam ter medo do velho, que amarrava ossos de pássaros nos cabelos repletos de nós e anéis de bronze na malcuidada barba, que não paravam de bater enquanto ele andava. Com um olhar cinza-chumbo perfurante, vestia-se com capas surradas e rasgadas e exalava um cheiro de cachorro molhado. Era possível senti-lo a metros de distância. Mancava de forma desengonçada e usava uma bengala que se tornara brilhante com o uso, encimada por plumas desbotadas, penas e ossos.

O homem vivia em um barraco de lama, fora do vilarejo, protegido por uma cerca feita de estacas velhas, à beira da floresta, na qual havia um local de sacrifício onde a maior parte do clã se reunia, no dia do Deus Urso. Todos traziam oferendas para acalmar o urso que nascia. Em volta, encontrava-se o pântano dos espíritos, um lugar úmido e aterrador em que mortos vagavam à noite, como almas inquietas. Toda vez que ia ali, a menina se amedrontava ao olhar para os rochedos cheios de musgo, cercados por paus cobertos por grama e visgo. Dizia-se que no interior das brumas havia uma cabana, moradia de uma bruxa, controladora dos espíritos.

Nonna estava irritada. Os fatos só seriam revelados mais tarde. Ela sentia ter idade suficiente para saber de tudo, todavia, Hundolf e seu pai escondiam certas coisas e sorriam como se soubessem muito ou estivessem desesperados por não poder lhe contar. Sua mãe dizia, com serenidade, que tudo lhe seria dito se ela tivesse paciência para esperar um tanto a mais, por alguns poucos invernos. Até lá, e quem sabe depois disso, Fenris sempre estaria com ela. Nonna sempre se perguntava como isso podia ser verdade, pois a cada ano Fenris partia naquela época. Ao menos ela sabia para onde ele ia, todo verão, pois isso lhe haviam contado. A estação era

quente demais para Fenris e toda primavera ele ia para o norte, mais frio, para dormir sobre a neve por um longo período, até voltar para ela.

Nonna não gostava do verão, preferia que sempre fosse inverno. Adorava a neve, a temperatura baixa e o gelo – mais do que qualquer outra pessoa no vilarejo. E, se não fosse por isso, também porque Fenris estava com ela o tempo todo. Ela sentia falta do som de suas patas no solo, suas unhas arranhando o piso de madeira e seus grunhidos graves, enquanto sonhava, dormindo. Nonna desejava morar mais ao norte, para que Fenris nunca saísse de seu lado. Seu vilarejo natal, Nascente Negra, era localizado nas várzeas da fronteira sul de Bariadia. Ao norte se encontrava o primeiro lar da família de seu pai e sua mãe viera do extremo oposto. Muitas vezes, à noite, ela lhe contava, em voz baixa, histórias sobre o lugar onde nascera, para muito além do mar, ao sul. O reino distante era chamado Nawyr e lá só nevava alguns meses por ano. Nonna disse, um dia, que não gostaria nem um pouco de viver em um lugar assim. Gunhilde despenteou o cabelo da filha e, com um olhar sério, assegurou-lhe que nunca voltariam para lá. Sua mãe reagia sempre com uma expressão muito triste e estranha quando falava de Nawyr, de tal forma que Nonna nunca prosseguia as discussões.

Como um aviso, uma brisa fresca, com cheiro de grama, tocou o rosto de Nonna. Havia um bom tempo se sentia confusa a respeito do estranho comportamento de todos naquela temporada. Houve alimento suficiente durante o inverno e a quantidade de mantimentos duraria toda a primavera, até uma nova produção. O assunto era a principal preocupação de todos, a cada ano, mas Nonna sentia que algo mais estava errado, como se um perigo espreitasse sobre eles. O grito distante da mãe a acordou de seus devaneios, quase como um lembrete daquele medo.

Nonna se assustou, abriu os olhos e viu os homens correndo em sua direção. Seu pai corria à frente, com a espada erguida ao alto. Cachorros bravos latiam e corriam ao lado do grupo. Ela se virou para olhar do outro lado da várzea e empalideceu de horror.

Gunhilde também lhe acorreu, mas a menina observou cavalos montados por homens vestidos com roupas coloridas. A maior parte

galopava rumo a seu pai e seus homens, com armas nas mãos, enquanto outro pequeno grupo capturava mulheres e crianças. Mais além, uma enorme nuvem de fumaça subia.

Tudo parecia acontecer como em um pesadelo. Nonna estava tonta, podia sentir o sangue pulsando nos ouvidos e tinha um estranho gosto metálico na boca. Quando o sol apareceu, em meio às nuvens, os cavaleiros e os homens de seu pai entraram em batalha. Em vão, ela tentou tapar a luz solar com as mãos, sem conseguir ver quase nada do que se passava. Só podia ouvir os cães latindo, seus rosnados furiosos, metais se chocando e os gritos da mãe, ordenando que fugisse. Nonna, porém, não conseguia fazer os pés se moverem.

O som dos cascos ao solo era cada vez mais alto em seus ouvidos. Uma vez mais, o vento lhe jogou os cabelos no rosto e, ao retirá-los de sobre os olhos, tudo o que conseguiu notar foi um enorme cavalo diante dela. Uma mão forte a agarrou pelo pescoço e ela urrou quando seu cavaleiro a trouxe para cima do animal.

FRONTEIRA NORTE DE BARIADIA

O sussurro atravessou a floresta.

A grande cabeça emergiu da neve. Um nariz preto e brilhante, na ponta de um gracioso focinho, farejou o ar. Por trás dele, olhos azuis-claros espiaram ao longe, sem piscar, com calma. O enorme urso do gelo aos poucos se levantou e, de forma surpreendentemente ágil para o tamanho, ficou em pé na neve, sobre as patas traseiras, ao lado de um rochedo cinza.

Fenris pressentiu que algo de terrível havia ocorrido. Uma ansiedade dolorosa e um medo enorme lhe perturbaram a mente e sua garganta ficou seca. Acordara de repente de seu sono tranquilo e aquela sensação apunhalava seu peito, como uma faca cega. A paz e a sensação de expectativa pela viagem para o norte, para os blocos de gelo e a aurora boreal desapareceram de sua mente.

Ele já havia caminhado por dias em uma floresta repleta de neve, sentindo-se ótimo com a camada branca que crescia sem parar. Ao encontrar um rochedo conhecido, acomodou-se a seu lado para descansar. Durante toda a noite, ouviu passos nervosos de lobos, correndo pela neve fresca, enquanto brincavam, rosnavam e uivavam para a lua, que brilhava detrás das árvores. Meio acordado, notou fogueiras crepitando. Os gnomos queimavam o bolor de sua riqueza de ouro. Ouviu, ainda, um bufo gigantesco passar voando e o zumbido baixo da floresta quando os pinhos caíam ruidosos sobre a neve.

Fenris desfrutara de uma sensação de tranquilidade, só que agora nada mais era calmo. Um pequeno pássaro que comia sua fruta, escondido em uma árvore, assustou-se, quando Fenris descarregou sua fúria com um rugido poderoso.

AS GRANDES VÁRZEAS, REINO DE BARIADIA

Se a noite tivesse sido ainda mais assustadora, seria fácil se imaginar sob a terra, no reino dos mortos, em um país sem volta. Uma névoa úmida e grossa flutuava logo acima do solo, velando como um cobertor cinza. O luar atravessava as árvores que, sem folhas, assemelhavam-se a esqueletos. A luz parecia tentar tocar o solo sem neve, só um pouco, mas seus leves dedos azuis não tinham sorte. Tudo o que podiam era criar sombras assustadoras que bailavam na bruma, como espíritos de mortos flutuando, bandidos à espreita ou duendes de florestas.

O lamento de Gunhilde foi interrompido por uma batida de força incomum na robusta porta de madeira. Ela sabia que estava em uma área mal-assombrada e que se abastecera de todos os truques de proteção conhecidos para manter os espíritos fora de sua pequena cabana, cheia de musgo. Por isso, a aproximação na porta era um sinal de que ela havia falhado e, portanto, de um grande perigo. Ou a batida seria apenas uma lembrança do passado, imaginação de sua mente confusa?

Nova batida e mais outra, logo em seguida. A porta chacoalhou, fazendo uma lanterna lateral se mover com a força do movimento.

– Quem é? – gritou Gunhilde. Ela esticou o braço para pegar a grande adaga do marido, Radulf, que agora sempre trazia consigo. Mal tinha forças para levantar ou movimentar a arma – entretanto, sempre soube que representava poder e que poderia espantar intrusos. Talvez seus perseguidores tivessem ousado, apesar de tudo, entrar na floresta sombria de sacrifícios à procura dela.

– Abra a porta, mulher! – Um rugido grosso saiu detrás da porta. A voz era de alguma forma familiar, tirando o medo de Gunhilde, fazendo-a lembrar de canela, de sentimentos de felicidade e de paz intensa. A adaga de Radulf caiu no chão, enquanto ela caminhava em sua direção.

Gunhilde escancarou a porta. A névoa entrou como uma nuvem de fumaça que logo se misturou com o ar quente do ambiente e permaneceu oculta nas diversas sombras da cabana.

Um homem gigantesco, vestindo peles de várias tonalidades de cinza, estava parado. Era muito mais alto do que ela, o rosto trazia diversas cicatrizes e uma barba grisalha descuidada. O bigode grosso era longo e trançado e pendia sob o queixo. Abaixo das sobrancelhas, olhos azuis eram o único sinal de que sorria.

– Berenhard! – ela lhe pulou no colo e enrolou seus braços ao redor.

Gunhilde apertou sua cabeça contra os ombros do irmão, fechou os olhos e aspirou o perfume familiar de canela, que lembrava de tantos anos. Por um instante, esqueceu todas as lágrimas e dores que um minuto antes inundavam sua mente, como um pesadelo.

– Segure forte... não solte – sussurrou Gunhilde, no ouvido fraterno.

Por um momento, eles ficaram estáticos. Berenhard moveu a mão de modo acalentador nas costas da irmã, fechou os olhos e apertou a cabeça em seu ombro.

– Faz tempo demais – disse Berenhard, com uma voz grave, soltando a irmã e fitando direto em seus olhos.

Gunhilde se sentou, tapou o rosto com as mãos e caiu em prantos, o corpo todo tremendo. Berenhard tirou a espada do cinto, colocou-a ao lado da irmã e se ajoelhou à frente.

– Sei que há algo de errado. Sabia que a encontraria aqui, em que outro lugar, exceto com os mortos?

Ele segurou as mãos de Gunhilde, entrelaçou seus dedos nos dela e os segurou com firmeza.

A madeira na lareira não parava de estalar, as chamas lambendo a chaminé, a névoa escondida nos cantos. Aos poucos, Gunhilde se acalmou e levantou a cabeça.

Berenhard sabia o que acontecera a Radulf, nem precisaria perguntar se ele estava vivo. Gunhilde não teria fugido para lá se Radulf estivesse vivo – se Nonna estivesse a salvo, a menina também estaria ali.

– Quem foi?

– Não sei, Berenhard... realmente não sei, tampouco por que.

– E Nonna?

– Eles a levaram.

– Os outros?

– Mortos ou desaparecidos. Não sei. Por milagre, consegui chegar aqui.

– Alguém sabe que você está aqui?

– Imagino que tenham visto, não sei...

– Por quê? Você não tem nenhuma pista?

– Acredite, tenho pensado nisso, desde então. Tudo foi planejado antes.

– Como assim?

Gunhilde começou a contar, segurando a mão do irmão com firmeza.

Algumas semanas antes, Radulf recebera uma mensagem sobre certas embarcações que haviam chegado à costa. Elas tinham um formato alongado e não eram de qualquer lugar próximo, e sim mais distante. Ninguém sabia quem havia chegado com elas, dizia-se que os homens que guardavam os navios pareciam selvagens, com cabelos espetados para o alto e sem vestir algum tipo de proteção sobre os corpos. Os navios, dois, estavam fundeados próximos à praia e seus guardas haviam montado acampamento nas proximidades. Não havia cavalos, apenas seus sinais nas

redondezas. Os rumores eram de que talvez fossem de Vainola, pois o povo de Bariadia não tinha inimigos no norte.

Os navios haviam chegado em silêncio, como fantasmas, sem que ninguém os notasse.

De imediato, Radulf visitara Hundolf, o adivinho, para lhe pedir orientação. Ele jamais revelou as palavras ouvidas, no entanto, a partir dali, guerreiros armados sempre estavam próximos de Gunhilde e Nonna. O número de guardas crescera e o ferreiro, com mais ajudantes, trabalhava sem parar, pois todos tinham que se preparar para o início da colheita. O dia da chegada do verão se aproximava e a única coisa que Radulf disse foi que, apesar de tudo, as celebrações ocorreriam.

Fora um grande erro.

O inimigo atacara a cavalo em um lugar no qual nenhum habitante de Bariadia ousava puxar uma arma. Ele chegara em um local sagrado, profanando a memória do Grande Dragão. O espírito do antigo ser não os protegera, afinal. A destruição fora rápida e completa: Nonna abduzida junto com outras crianças, mulheres levadas para algum lugar, enquanto outras conseguiam escapar e Berenhard podia adivinhar qual fora o destino dos homens.

Ele balançou a cabeça. Nunca conseguiu entender o mal nos homens, de forma a sempre haver alguém pronto para machucar os outros, pessoas para quem nada é o suficiente. Ele sabia que a vida de Gunhilde nunca fora fácil e desejava todas as coisas boas para ela. Acreditara, enfim, que tudo estava tão bem que ousara partir de seu lado, envolvendo-se em suas próprias viagens. O quanto havia mudado durante elas era inacreditável – só carregava uma espada consigo para emergências extremas. Sua maior mudança, entretanto, não podia ainda – ou jamais – contar à irmã.

Deixara a querida irmã para ir longe, ao norte, e voltara para ver que ela tivera de sofrer – assim como quando eles ainda moravam em Nawyr.

– Encontrarei Nonna – disse Berenhard, sem hesitar. – Encontrarei e a trarei de volta, pode contar com isso. Nada no mundo poderá me impedir.

Gunhilde ergueu o olhar para observar o irmão. Seu olhar era de surpresa e também de felicidade. Ela fitou os olhos gelados de Berenhard.

Eles que antes eram tão acalentadores, agora estavam cheios de frieza, gelo e ódio, o que a assustou.

– Sei disso... – respondeu Gunhilde.

FORTE DO CAMPO NEGRO, REINO DE NAWYR

Abril de 814

Gerhard de Campo Negro era, sem dúvida, um homem bonito. Os traços nobres eram fortes, a aparência altiva impunha respeito e admiração de todos. Em especial, as mulheres se derretiam por ele. Porém, tudo isso era pura miragem, como sabiam todos que o conheciam. O povo o tinha como um homem maldoso, cruel e de extremo egoísmo. Como governante, teria sido monstruoso, se o sábio rei de Nawyr, Ulfric, não houvesse tido a astúcia de nunca lhe dar mais do que um forte de fronteira, distante, e a região costal selvagem ao redor. Por infortúnio, no entanto, havia alguns bons vilarejos na região e Gerhard tiranizava os aldeões para satisfazer seu egoísmo.

Apesar disso, restavam-lhe alguns pontos positivos, o mais importante deles era sua infinita possessividade. Ele preferiria morrer do que perder algo que lhe pertencia, seja um escravo comprado no sul ou um lote de terra. Por isso, nenhum invasor conseguia cometer atos maléficis com sucesso, à exceção de um. De certa forma, o fato aumentou sua autoconfiança, que, de uma forma ou de outra, tinha proporções perigosas. Apesar da bela aparência, Gerhard era podre por dentro, deteriorado pelo egocentrismo. Contudo, a possessividade fora do comum o levava a uma posição que almejava por anos.

Um homem com a barba cheia de nós e cabelos amarelos desgrenhados, vestindo um traje vermelho sujo, agarrou Nonna com força pelos ombros e a arrancou do carrinho barulhento. Nonna mordeu os lábios e não deixou que ninguém percebesse que sentia dor. O homem a colocou no pátio lamacento do castelo e ela teve de lutar para se manter

em pé sobre as pernas adormecidas. Uma garoa fina cobria tudo com uma neblina molhada e água corria insistente nos olhos. Com as mãos amarradas às costas, ela não podia limpar a vista e tinha que piscar sem parar para enxergar o que havia ao redor.

Estava em um pátio silencioso de um castelo desconhecido. Do lado esquerdo, havia um muro alto, beirando o qual havia dosséis de madeira. Do lado oposto, um edifício feito de pedras, com uma torre arredondada, após a qual era possível ver um prédio de madeira, com uma fumaça cinza grossa subindo de um buraco no telhado. Em algum lugar à distância, um trovão ecoava e o ar parecia paralisado. Até a flâmula cinza e preta no topo da torre pendia molhada e imóvel.

O local estava quase deserto. Alguns homens encontravam abrigo sob os dosséis, sem fazer nada, vestindo capas e observando Nonna. Falavam tão baixo que nem uma única palavra lhe chegava aos ouvidos. Sobre o muro havia um guarda, obviamente com frio, e a lança de companhia.

O homem com a barba de nós arrastou Nonna pelos ombros e pôs o rosto tão próximo ao dela que quase se tocaram. Ela mirou seus olhos odientos, sentiu-lhe o cheiro e o ouviu dizer algo com um tom de ordem na voz, sem entender uma única palavra. É provável que ele lhe tenha ordenado para que ficasse quieta, pois assim que o fez começou a caminhar, com passos largos, no sentido das escadas de madeira que levavam à porta da torre.

Nonna deu um suspiro profundo e chutou uma pedra com o sapato molhado.

Tinha percebido que havia sido aprisionada ao acordar, com as mãos amarradas, em um acampamento escuro junto ao mar. À volta, estavam outras mulheres e crianças do vilarejo e, quando indagadas, uma delas a indicou com o dedo. Os demais prisioneiros tinham sido levados para outro lugar e Nonna fora arrastada para o navio. Nos últimos cinco ou seis dias, Nonna ficara com as mãos amarradas, primeiro em um pequeno buraco no fundo da embarcação e depois em um carrinho cheio de feno. Havia sempre diversos homens com cabelos cheios de nós, e naquela manhã, só um deles, em particular, levou-a do acampamento malcheiroso para lá, o

pátio do castelo desconhecido. A saudade crispava seu peito e sua garganta e ela tentava não chorar para esconder a dor de seus captores, que falavam uma língua desconhecida. A dor enorme a perturbava naquele instante, sozinha e molhada em um local deprimente, sem saber o que se daria com ela nem o que acontecera com a mãe e o pai. A última coisa que se lembrava do pai era de sua luta com um inimigo superior. E da mãe, de seu desespero no meio da várzea e, no fim, do início da fuga para uma floresta próxima, com um cavaleiro ao encalço.

As cordas haviam esmagado a pele dos pulsos de Nonna, deixando-os sofridos. Os ombros doíam e tudo parecia confuso. Ela chutou as pedras de raiva, até ouvir a porta se abrir e olhar em direção à torre.

O homem com cabelos desfeitos descia as escadas com um outro, vestido com uma capa decorada de peles. Segundo Nonna, exalando crueldade. Atrás deles, guardando uma distância respeitável, caminhava uma mulher rechonchuda.

Ao se aproximarem, Nonna reparou que o homem com a capa grossa lhe detinha o olhar fixo. Aquele olhar poderia ter transformado uma garota mais fraca em uma pedra, mas Nonna respondeu, fitando-o de modo furioso, o mais que pôde. Naquele instante, compreendeu que ele era o culpado de tudo e prometeu a si mesma que jamais lhe daria o prazer de demonstrar qualquer dor ou ânsia. Nonna pensou em chutar suas pernas assim que tivesse uma oportunidade, mas decidiu não fazê-lo.

O homem se postou à frente, agachou-se e olhou para ela com um sorriso largo e maldoso. Ele lhe disse algo em um idioma muito estranho, do qual ela só pôde entender o nome da mãe, Gunhilde. Nonna se lembrava de ter alguma vez ouvido um idioma parecido, sem, no entanto, reconhecer qualquer palavra e decidiu enfrentar o homem, levantando a cabeça e ficando calada. Por um instante, ele ficou quieto, depois se levantou e deu uma ordem. Aquele com a barba cheia de nós lhe deu um saco grande e pesado do carrinho, recebeu uma pequena bolsa com moedas tilintantes e deixou o pátio.

A mulher rechonchuda segurou sua mão com força e começou a caminhar atrás do homem de capa grossa para dentro da torre.

Pelo menos ali não chovia, pensou, enquanto entrava em um saguão de espera feito de pedra, iluminado apenas por velas e uma tocha tremulante. À distância um cachorro bravo rosnavava e de fora chegava o som de homens rindo. O ar era fumacento e quente. O homem com a capa grossa falou algo para a mulher rechonchuda e apontou uma escadaria estreita, à esquerda. A mulher, então, começou a levar Nonna para cima.

Embora os pés de Nonna estivessem fracos e ela tremesse, subiu as escadas com mais rapidez do que a outra, que a seguiu murmurando para si em contentamento, segurando a própria saia.

Enfim, chegaram ao último andar da torre; havia um terraço em frente delas e apenas uma porta. A mulher levantou a trava e empurrou Nonna para dentro de um quarto frio e úmido.

Ele estava escuro, sua única janela se encontrava fechada e a mulher correu para abri-la. Após um certo esforço, em decorrência da dilatação com a forte umidade, o ar chuvoso e cinza adentrou no ambiente. Nonna notou que o quarto tinha a forma de um semicírculo. De um lado, havia uma cama feita de madeira velha e acinzentada. Ela nunca havia visto nada como aquilo. O móvel estava coberto de peles e feltros, com um grosso travesseiro em uma das extremidades. Do outro lado, repousava uma grande mesa com um pequeno banco à frente e um baú encostado. Um candelabro com cinco velas grossas de sebo amarelo pendia em uma corrente escurecida. O piso era de madeira grossa, que com o uso e o tempo se tornara liso e brilhante. Nonna pensou ter notado algum tipo de imagem circular no chão, sem dar atenção ao fato.

O ar era úmido e frio e a mulher falou consigo, enquanto mostrava um balde grosso de ferro no qual, pareceu a Nonna, deveriam ser mantidas pedras quentes e carvões acesos, para aumentar a temperatura. Ela disse algo para Nonna e, indo para suas costas, tomou-lhe as mãos, cortando as cordas com uma faca cega. Nonna a ouviu estalando os lábios em reprovação, lamentando-se de algo e a sentiu tocar com gentileza as cicatrizes dos pulsos, depois disso, disse-lhe algo com muita suavidade e deixou o quarto, trancando a porta.

Nonna ficou parada por um momento, com um sorriso largo, esfregando as mãos. Ela olhou para os pulsos com grossas marcas vermelhas, que doíam muito. Flexionava os dedos, enquanto andava pelo pequeno quarto, curiosa como sempre fora. Chutou o grande baú, bateu o punho sobre a mesa e, por fim, sentou-se na cama com os pés pendentes no ar.

Sobre a aspereza do cobertor, apertou a fronha macia e grossa do travesseiro com as mãos e sentiu o cheiro úmido e bolorento que a cercava. Com um suspiro, levantou os pés, colocando-os sobre a cama, puxou a pele grossa de lobo de encontro a si e pôs a cabeça no travesseiro frio.

Ainda estava sonolenta e confusa quando abriu os olhos. Logo notou que o quarto havia mudado. As velas iluminavam o ambiente vazio com luz quente e aquele som familiar acalmava sua mente. A janela estava fechada e a mulher rechonchuda se encontrava sentada na cama, perto dela, tricotando algo com uma enorme bola de lã. Nonna se espreguiçou, sentindo-se estranha. Estava cansada, tonta e suava. A mulher se aproximou, deu-lhe um suco quente e olhou para suas mãos nas quais, durante a noite, bandagens brancas limpas haviam surgido. Algumas gotas de sangue tinham conseguido atravessar o tecido e suas mãos não doíam mais. Nonna bebeu e repousou a cabeça de volta no travesseiro, enquanto a mulher dizia algo e, outra vez, deixava o quarto.

Estava prestes a cair em um delírio febril, um sono preenchido por ânsias e pesar, quando a porta do quarto abriu, de súbito, e um grupo de pessoas entrou. À frente, um homem de aparência confiante e orgulhosa, usando roupas de cores fortes e segurando uma espada. Era o mesmo que recebera Nonna, antes. Atrás dele, a figura familiar da mulher rechonchuda e, também, uma loura muito tímida. Nonna ficou aterrorizada ao perceber que aquela era a espada de seu pai, a grande espada que ela chegou a segurar nas mãos. O homem disse algo para as mulheres, sentando-se à mesa. A jovem mulher caminhou com hesitação para perto de Nonna e após receber ordens e ser encorajada, ousou falar:

– Quem é você, qual seu nome? – A jovem falava devagar e contida. Nonna ficou surpresa, pois o idioma lhe era remotamente familiar. Ela sabia que aquela língua era falada ao norte de Bariadia, pois encontrara pessoas que a utilizavam ao visitar seu vilarejo. Seu pai lhe contou que aquele era o idioma geral de Noridium e que a maior parte das pessoas daquele reino do norte o utilizava. Ele lhe foi ensinado desde que era pequena, enquanto sua mãe também o aprendia. A professora fora uma mulher com cabelos grossos amarelos e pele repleta de sardas. A mulher ensinara algumas outras coisas à Nonna, sem que seus pais soubessem, até contrair uma doença e se mudar para a terra dos mortos, no inverno seguinte.

Nonna olhou para a garota tímida de pele pálida que não parava de brincar, nervosa, com o avental de linho. Ela tossiu, limpou a garganta e respondeu com suavidade, ainda fitando a espada do pai:

– Sou Nonna, filha de Radulf e Gunhilde... Essas pessoas entendem o que falamos?

A jovem pareceu assustada e balançou a cabeça antes de falar de maneira ainda mais acanhada com o homem que portava a espada e as observava com um olhar cruel e perfurante. Ao ouvir a resposta, ele agitou a arma em frente de Nonna, sorrindo em triunfo, falando e rindo com malícia, de uma vez só.

– Quem é você e por que estou aqui? – perguntou Nonna, de súbito, com a voz autoritária que sabia usar. Ela aprendera com o pai e a mãe que em seu clã e povo eram considerados nobres e não podiam ser tratados de qualquer modo. E ainda que, caso fosse capturada, os pais pagariam um resgate para tê-la de volta. O que a assustava era o fato daquele homem cruel estar com a espada do pai nas mãos. Ela sabia que nenhum guerreiro da Bariadia jamais daria a lâmina de forma voluntária, muito menos seu pai.

A jovem ia responder quando o homem lhe disse algo, fazendo-a parar, assustada e submissa. Enfim, falou:

– Cê ficará aqui muito tempo e deve se comportar. Se cê tentar escapar ou fizer algo de errado, cê sofrerá.

– Diga para este maldito franguinho que meu pai virá e me buscará e, então, ele sofrerá muito – retrucou Nonna, com raiva, desejando ter certeza de que ele estivesse vivo.

Os olhos da jovem se arregalaram de surpresa. O homem lhe pediu que traduzisse as palavras de Nonna e ela o fez gaguejando, com insegurança. O homem riu com escárnio, agitou a espada outra vez, em frente de Nonna, levantou-se e começou a caminhar em direção à porta. Ali, parou, apontou a espada para Nonna e disse algo que fez a jovem loura engasgar de medo. Então, saiu pela porta e puderam-se ouvir seus passos desaparecendo na escadaria.

– O que ele disse? – perguntou Nonna à jovem, que parecia estar prestes a chorar. A mulher rechonchuda também se mostrava triste e desconfortável.

A jovem tossiu e falou em voz baixa:

– Que é melhor você se comportar melhor, pois ninguém virá buscá-la...

A mulher parou no meio da frase. Nonna lhe pediu que continuasse, embora soubesse que não queria ouvir mais uma única palavra. A mente febril de Nonna fora tomada por um mau pressentimento, o sentimento a sufocava.

– Sinto dizer, mas seu pai foi morto...

Nonna não conseguiu mais se controlar. O ódio e a dor jorravam de sua mente e ela começou a chorar de modo incontrolável. As mulheres se aproximaram e a mais jovem tentou consolá-la, com palavras gentis. A fala parecia vir de um lugar muito distante, nebuloso e escuro, e tanto ela como o cansaço causado pela febre venceram e Nonna adormeceu no colo das duas.

Durante toda a primeira parte do verão, Gerhard se vangloriou aos governantes e nobres das regiões vizinhas que, enfim, conseguira o que desejava e que logo obteria outra coisa. Ele resistia à tentação de revelar o que havia conquistado, referindo-se apenas ao “pássaro de gaiola”. Não foi só um dos nobres que chegou à conclusão de que Gerhard chegara ao auge

da loucura e apenas seria curado com algo pior do que agulhas de bruxas. Ainda assim, todos aguardavam que ele revelasse o segredo.

O fato não se manteve secreto por muito tempo. Bastou uma festança do solstício de verão, no forte de um príncipe vizinho, Burgold. Lá, a língua movida à autopromoção de Gerhard passou a cantar alto. Com duas mulheres nos braços, ele se vangloriou que conseguira capturar a filha de um nobre de Bariadia, uma jovem cujo canto era único na região, embora a menina nunca cantasse algo diferente de canções tristes. Entretanto, Gerhard mencionou que sua voz era magnífica e – completou, rindo – a mãe da garota logo estaria sob sua custódia. Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ele disse que estava vingando um antigo mal que lhe fora causado e, em seguida, emudeceu. Algumas pessoas, no entanto, lembraram que Gerhard pedira, havia muito tempo, dez anos antes, uma nobre em casamento, e que ela se casara com um homem de Bariadia, fugindo para seu vilarejo natal, do outro lado da baía fria.

Mais tarde, quando Gerhard já saíra do saguão, outros nobres ficaram conversando sobre o assunto. Em suas opiniões alcoolizadas, ele teria ido longe demais. Acima de tudo, não gostariam de entrar em disputa com um nobre da Bariadia. O conflito poderia, no pior dos cenários, resultar no ataque da costa pelo temido povo de Noridium e Bariadia. Os homens praguejaram o egoísta Gerhard, odiaram seu orgulho e, em toda sua raiva, não perceberam um jovem louro que passava com rapidez pelo saguão, saindo pela porta.

Os cabelos amarelos do rapaz brilhavam sob a luz da lua, enquanto escapava, em velocidade.

FRONTEIRA MERIDIONAL DE CALDIA

Julho de 814

Fenris chegou até um alto precipício costal. Ele viajara por muito tempo, durante toda a primavera e o verão, procurando no solo e no ar por sinais daquilo que havia perdido. Nas noites mais silenciosas, teve, às vezes,

uma sensação muito esparsa de Nonna em sua mente. Acordado por tal sentimento, deixava que ela o guiasse, de novo. Seguir em frente, porém, parecia difícil, lento e doloroso e, embora pudesse ir mais rápido, sentia que Nonna estava distante demais.

Ainda assim, prosseguiu, guiado pelos instintos, semana após semana, sob um clima quente e sufocante, atravessando colinas, pântanos e bosques, o pelo coberto de lama e pequenos nós. Por fim, alcançara o mar.

Ele se sentou na grama macia e olhou para o horizonte distante. Ao pé da colina íngreme, abaixo de suas patas, as sempre fortes e ameaçadoras ondas da Baía de Caldia explodiam nas pedras. As formações gigantes se moviam com calma e cresciam como grandes montanhas, para se desmanchar nos rochedos em inúmeras gotas d'água, brilhando sob a luz do sol. As ondas pareciam tentar, com insistência, romper o antigo penhasco. Elas se afastavam para tentar de novo, e de novo, assim como sempre fizeram desde o início dos tempos e continuariam tentando, sem nunca vencer e jamais desistir.

Fenris tinha a habilidade de entender a natureza. Ele fechou os olhos e escutou o mar, o vento e tudo o que isso lhe dizia. Cheirou o sal com o focinho, ouviu alguns pássaros marinhos à distância e, acima de tudo, mais do que tudo, sentiu algo no horizonte.

Do outro lado da Baía de Caldia, a cerca de 10 quilômetros, havia uma linha escura que era a costa do reino de Nawyr. Fenris sabia que deveria ir para lá de um jeito ou de outro. Ele sabia que parte de seu coração estava em algum lugar dali e não podia esperar muito mais. Apesar do calor sufocante e embora já tivesse desejado escapar para o norte e a neve, entendeu que tinha que seguir sua jornada.

Deitou-se para juntar forças, colocou a cabeça entre as patas e adormeceu em silêncio, escutando a natureza ao redor – a insistência risonha do mar, o orgulho inabalável do penhasco e a frieza despreocupada do vento.

COSTA SETENTRIONAL DE NAWYR

Algeir bateu a cabeça na viga do telhado, ao acordar. Mal podia acreditar no que acabara de sonhar, tremendo, enquanto respirava, o coração acelerado após aquilo. Ele afundou a cabeça nas mãos nervosas.

Seria comum que pensasse que seu estado fosse resultado do exagero na comida ou bebida – talvez ambos, só que na noite anterior ele não tocara em nenhuma das duas. Era tudo por causa do sonho.

Com os pés trêmulos, o adivinho se levantou com cuidado e correu para fora do barraco. Diante dele, em um fiorde de Nawyr, viu as três longas embarcações de seu clã, com figuras de proa de cabeças de dragão. Com o coração acelerado, correu em direção à cabana do chefe para contar sobre o sonho.

E o urso do gelo que nele comparecera.

BAÍA DE CALDIA

Fenris não teve tempo para procurar uma rota melhor para o mar. Quando a noite caiu, começou a descer o penhasco íngreme sob a luz brilhante da lua.

O sol se pusera havia bastante tempo, o ar estava tão fresco quanto poderia, na primavera dali, e Fenris sentiu que necessitaria do máximo de forças para continuar a jornada. Os pássaros cessaram os cânticos e ele ouvia apenas o rugido grave do mar, o sibilo apagado do vento e, em algum lugar à distância, o uivo de um lobo solitário para a lua, já bem menor no céu.

Com a dimensão e o peso que possuía era quase inevitável que suas patas acabassem em um promontório fraco. Isso aconteceu quando estava na metade da descida. Após um som claro, a rocha em que se apoiava partiu e, com um rugido, Fenris notou que o solo abaixo dele desaparecera.

Ele caiu de lado e gritou de dor ao bater nos rochedos costais. Felizmente, naquele lado eles eram chatos e não afiados. O mar frio bateu sobre Fenris e ele percebeu que, apesar de toda a dor, precisava se levantar e começar a se arrastar para a frente ou se afogaria. A dor pulsava nos

olhos, mas o desejo interno era muito mais forte. Nada o deteria, ele faria qualquer coisa para chegar ao destino.

Fenris levantou a cabeça da água salgada, balançou-a e deu um salto para a frente. Mergulhou na onda que se recolhia, causando um impacto colossal e começou a nadar, com lentidão. Cada vez que movia a pata esquerda, uma lança parecia estar cortando a lateral do corpo.

Ele não notou que deixava uma linha vermelha para trás.

Era mais fácil nadar no mar gelado, em um lugar aberto entre blocos de gelo, do que na tempestuosa Baía de Caldia. Fenris percebeu o fato ao reparar que sua velocidade caía em meio às ondas prateadas. A água fria anesthesiara a dor no lado esquerdo e, ainda assim, por alguma razão, ficava cansado mais rápido que o normal. As enormes patas dianteiras se arrastavam na água e com as traseiras ele se mantinha na direção certa. A cada movimento, ele sentia a força da água fria e achava que a costa oposta parecia não se aproximar em nada.

Fenris se sentia cansado, mas apesar disso continuava a nadar. Cada vez que percebia as forças se enfraquecendo, conseguia encontrar outras, de algum lugar. Os pensamentos iam em círculos ao redor de um assunto, agarrando-se a ele como a um bloco de gelo solitário.

Em determinado momento, nem isso foi o suficiente.

Fenris sentiu as sombras escurecendo a visão, as ondas ficando ainda mais altas e o zumbido nos ouvidos se tornando vertiginoso. As batidas de seu coração desaceleraram e a escuridão ficou pior a cada movimento, até perceber que não podia enxergar mais nada à frente e que não teria mais forças para nadar.

Sentiu a profundidade sob seu corpo e a ouviu lhe chamar, de modo sedutor. As pálpebras se fecharam e, enfim, as patas pararam por completo e todas as forças que possuía se esgotaram.

FORTE DO CAMPO NEGRO, NAWYR

– Fenris!

A voz de Nonna ecoou nas paredes escuras do quarto. A babá, Hilda, que se sentava ao lado da grande cama, assustou-se com o grito da menina e se levantou. Em silêncio, caminhou ao lado de Nonna, pegou um urso de pelúcia feito de feno que caíra no chão e o colocou nas mãos da menina que o procurava.

Nonna fechou as mãos em torno do urso rústico e logo se acalmou. Hilda voltou à cadeira e continuou tricotando.

Ela sentia pena da garota, que agora estava aprisionada pelo terceiro mês. Sob as ordens de Gerhard, não era permitido que a garota saísse de lá havia mais de dois meses. Ao longo do dia, ela se sentava junto à janela olhando o horizonte, sem quase falar. Um dia, entretanto, começara a cantar em um idioma que ninguém no forte, exceto aquela jovem pálida, entendia. A canção era sempre uma e muito triste, parecendo encantar a todos que a ouviam, tanto os guerreiros treinando no pátio como as criadas e os serviçais.

Preocupado com a possibilidade de a garota saltar, Gerhard pedira que colocassem um carrinho cheio de feno debaixo da janela. Ao lado dele, ordenara que fosse amarrado o cachorro mais feroz do forte. Atrás da porta do pequeno quarto, havia sempre um dos guardas de maior confiança de Gerhard. As únicas pessoas, além de Gerhard, que podiam entrar ali eram Hilda e Tiira, a jovem criada que conhecia o idioma de Nonna.

Havia algum tempo, Tiira fizera um ursinho de feno para Nonna. Hilda o levava em segredo para o quarto, sem que Gerhard soubesse. O brinquedo era cinza e marrom, tinha olhos de botões, sentava-se no traseiro de feno e apontava para a frente com uma pata. A garota dissera apenas uma palavra ao ganhar o boneco: Fenris. Hilda compreendeu que, a partir de então, aquele seria o nome do urso e, mais tarde, descobriu por Tiira o que ele significava.

A partir daquele dia, Nonna não dormia mais sem o ursinho e, de fato, era raro largar o amigo de feno. Agora, pela primeira vez, ela dissera o nome do urso em voz alta, enquanto dormia, e sorriu durante o sono.

Por alguma razão, o fato assustou Hilda.

Nonna acordou quando a porta rangeu ao se abrir e a maçaneta soltou um ruído. Ela abriu os olhos, bocejando, e abraçou o urso de feno. Por um curto instante, ficou imóvel, sentindo o ar fresco, assim como os vários sons que entravam pela janela aberta. Nonna se concentrava nos sons e tentava identificar o maior número deles. O cacarejo entusiasmado de galinhas, enquanto alguém lhes dava sementes, dois homens discutindo, sons de trabalho na ferraria, correntes batendo, uma roldana rangendo e, em algum lugar mais distante, alguém cortando lenha. O cachorro debaixo da janela de Nonna rosnou e uma criada se assustou.

Nonna se espreguiçou na cama e pensou no sonho que tivera. Nele, vira Fenris de relance e um sentimento de segurança persistia em sua mente. Ela se sentia calma pela primeira vez, em todo o tempo que passara naquele quarto. Esticando o braço, alcançou seu cinto e contou os nós que já havia dado nele. Eram 84 e Nonna adicionou mais um. Em casa ela usava um pedaço de madeira com o qual marcava a passagem do tempo, como a mãe lhe havia ensinado. Na torre, no entanto, decidira fazer um nó no cinto fino a cada manhã para saber que dia era.

Passara todo o verão sozinha ali, angustiada e triste, dando um nó a cada dia e pensando na mãe, no pai e em Fenris. Grande parte do tempo, ela se sentara à janela, com os olhos fechados, pensando e se lembrando do antigo lar. Em sua imaginação, vagava nas várzeas com Fenris, sentava com o pai ao lado do fogo, enquanto ele polia a espada, e se apertava no abraço forte da mãe. Todas as lembranças tornaram o cativo mais fácil de ser suportado. Entretanto, a saudade atravessava sua consciência quase todo o tempo.

Nonna se levantou e foi até a janela de novo. Subindo com cuidado na larga abertura de pedra, apoiou-se nela e olhou para o pátio do forte.

Logo abaixo, havia um carrinho cheio de feno e, a seu lado, um cachorro bravo, de focinho curto. Ele era muito menor do que os cães pastores da região que habitava, entretanto parecia mais feroz. Nonna mostrou a língua para o cão, que apenas mordeu a pata dianteira, com fúria.

O pátio do forte não era muito grande. Era cercado por muros altos e construções de madeira haviam sido anexadas às paredes. Em algumas delas, moravam criadas, em outras, homens contratados e guerreiros. A ferraria ficava em um local à parte, em um canto, por causa do risco de incêndio e à certa distância estava o estábulo. Nonna olhou para os guerreiros rudes, alguns sentados no chão sem nada a fazer, cansados graças ao excessivo consumo de aguardente de mel. Outros flertavam com as criadas que passeavam pelo pátio. Entre carrinhos de feno havia um gato branco e cinza desfilando, preguiçoso, fazendo o cachorro bravo rosnar, raivoso. Nonna queria jogar algo para o cachorro, nada tendo além do ursinho de feno, do qual não se desvencilharia, pois lhe lembrava Fenris.

Ela olhou para as acomodações das criadas e sorriu ao ver um rosto conhecido. Tiira lhe acenou com alegria e Nonna lhe respondeu o aceno. Hilda, que em geral cuidava de Nonna, às vezes tinha de resolver outros assuntos, e nestas ocasiões Tiira recebia a incumbência.

Uma noite, Tiira teve de trazer uma bandeja de comida para Nonna. Elas haviam se conhecido melhor e Tiira se sentara em sua cama, conversando sobre tudo o que era possível. Para a menina, era inacreditável e maravilhoso ouvir sua língua e ganhar uma amiga de confiança em meio ao inimigo. Tiira era do Cabo de Hiite, no extremo norte, em Noridium. Ela fora capturada havia muito tempo, quando perseguidores de Nawyr roubaram os vilarejos costais de Noridium, por vingança. No final, terminou sendo a criada de Gerhard. Nonna sentiu pena da garota, no entanto, a felicidade de poder ao menos falar com alguém era maior, considerando que não tinha ideia de quanto tempo passaria naquele lugar.

A partir daquela noite, as duas dividiram muitos segredos e quando Nonna lhe contara sobre Fenris, Tiira logo lhe trouxe um urso de feno, que a menina guardou, desde então. A criada lhe falara sobre o próprio lar e de um de seus deuses mais importantes, Forni, o deus urso do gelo. Lá, todo objeto relativo a ursos, tal como o brinquedo de feno de Nonna, trazia sorte. Para Nonna, contudo, o principal do ursinho era que lhe lembrava Fenris e, por conseguinte, sua casa.

A menina viu Hilda caminhando na direção de Tiira, no pátio, apontando para sua janela. Tiira fez uma rápida reverência e correu para a cozinha do forte. Nonna sabia que ela logo viria para seu quarto com o café matinal, então desviou o olhar para os muros.

Agora já sabia que estava na fronteira norte de Nawyr. Ela se perguntava se aquela era a região da qual sua mãe provinha. A paisagem, pelo menos, era parecida com a das histórias que ouvira. Para qualquer direção que se olhasse através daquela janela, viam-se grandes florestas e colinas e, atrás destas, altas montanhas. O verão já estava muito avançado, os odores mais fortes e o ar bastante quente. Nonna gostava, em particular, de um pássaro que toda manhã cantava do lado de fora do forte, pouco antes do alvorecer e, em especial, após a chuva. Tiira dissera se tratar de um melro. Seu canto era bonito, profundo e parecido com uma flauta, lembrando a Nonna de muitas canções tristes que ouvira.

Seu captor era o oposto disso. Gerhard era um homem ríspido e maldoso, que vestia roupas extravagantes e caras. Nonna não gostava do modo como tratava todos ao redor. As pessoas decerto não gostavam daquele homem, disso ela não tinha dúvida. Nonna não o vira tantas vezes, mas Tiira havia lhe falado muito dele. Aparentemente, Gerhard teria ficado um tanto desapontado com a captura de Nonna, mas teria dito algo como “servirá, por enquanto”. Tiira temia que Gerhard vendesse a menina como criada para algum lugar longínquo, ao sul talvez ou até para o leste, o reino selvagem dos bárbaros.

Nonna arranhava a beira da parede de pedra com as unhas e olhava para a distância, no horizonte, quando ouviu passos atrás da porta. Tiira entrou e um guerreiro fechou a porta em seguida.

– Olá, querida Nonna – disse Tiira, colocando a placa de madeira que servia de bandeja ao lado de Nonna, sobre a cama. Tiira se aproximou de Nonna junto à janela, assegurando-se de que não seria vista pelo lado de fora. – Hilda disse para *eu* que é melhor que *mim* cuide bem de *cê*, pois *cê* teve sonhos estranhos a noite passada.

Nonna se sentou para comer o mingau e o pão que a criada trouxera. Tiira se sentou na beira da cama e passou a brincar com a ponta do

avental, ansiosa.

– Tiira, vocês sempre têm neve?

– Nós, no Cabo de Hiite? Não, nem *sempre*. No verão há até algumas semanas verdes, mas nós temos, de fato, lugares onde a neve nunca derrete. Um pouco mais para o *norote*, *apparentemente*, a neve nunca derrete por completo. E há ursos do gelo também!

– Verdade? Onde?

– Bem, *mim* nunca esteve lá, mas ao *norote* de Barra Fria, chega-se ao Bosque de Hiite e *depois* disso é sempre inverno. Há ursos do gelo e até o Deus Urso vive lá.

– Adoraria visitar esse lugar.

Tiira suspirou e concordou com a cabeça, sem nada dizer.

– Fenris iria gostar de morar lá.

Nonna lambeu a colher e bebeu a xícara de leite. O cão de guarda decidiu rosnar para alguém e o som ecoou até lá em cima.

– Ah, diabos, aquele vira-lata tentou *mim moroder* esta manhã também – disse Tiira, com um tom cansado. Uma ideia veio à cabeça de Nonna e ela correu até a janela, rindo, com a colher na mão.

– O que *cê* vai fazer? – Tiira levantou-se de uma só vez e tentou detê-la.

Nonna se esticou e viu o cachorro lá embaixo, latindo e rosnando para um gato, do outro lado do pátio. Ela pôs a mão para fora e derrubou a colher de pau. Um suspiro de horror de Tiira pôde ser ouvido no momento em que a colher caiu e acertou o cachorro bravo, no pescoço, fazendo-o ganir assustado. Nonna riu ao ver o cão olhar para os lados, quieto, e todo confuso. Ele parara de rosnar, como se alguém o tivesse repreendido e, à distância, podia-se ouvir a risada de alguns guerreiros fatigados que haviam observado o fato. Ainda rindo, Nonna desceu da janela e olhou para Tiira que também ria.

– Acho que você não vai conseguir a colher de volta... Desculpe-me, Tiira.

A criada riu e deu de ombros, passando o máximo de tempo possível recolhendo as louças. Ela fez uma reverência e acenou de modo amigável, deixando o quarto silencioso da torre.

Nonna voltou à janela com o ursinho de feno. Ela viu Tiira passando com alegria pelo cachorro, em direção à cozinha. Pouco antes de dar a volta na torre, Tiira parou, olhou para trás e acenou.

Ela apertou o ursinho de feno no colo, fechou os olhos e enviou um pensamento para Fenris, no lugar em que se encontrasse.

COSTA NORTE DE NAWYR

Cachorros latindo, o assobio apagado do vento, pessoas conversando em alguma paragem distante, o guincho agudo de um falcão no alto do céu.

Cheiro de fumaça, couro encharcado, peixe e pedras molhadas se espalhavam por todos os lados, misturando-se com o perfume das flores e algum outro odor que Fenris não podia reconhecer.

Ele farejou, ouviu a batida forte do próprio coração e o som de sua respiração. Sem se mexer, começou a fazer observações obscuras sobre os arredores, como quem acorda de um sono longo e profundo. O calor do sol era gentil e esquentava sua pele.

Algo estalou muito próximo e Fenris abriu os olhos.

Viu um homem corcunda a alguns metros. Tinha os cabelos trançados, quase brancos, com argolas de bronze brilhantes presas a ele. Sob as vestes havia uma pele bronzeada, arranhada e cheia de cicatrizes. O homem trajava algumas peças de couro. Ele se agachou com calma, de costas para Fenris, com uma lança gigantesca em uma das mãos, que pareceu ameaçadora para o animal. Com a outra, ele fazia algo em frente de sua face e, de vez em quando, uma fumaça cinza, com forte cheiro de especiarias, subia.

Fenris notou que deitava em uma base macia e que havia grama seca e flores sob sua cabeça. Ele olhou na direção do homem e viu algumas cabanas adiante, assim como fogueiras e pessoas andando. Todas pareciam iguais, louras, sem falar muito, na maior parte delas homens, havia apenas poucas mulheres.

Erguendo a cabeça, e por estar tão fraco, soltou apenas um pequeno rugido, fazendo o homem saltar, de imediato. Fenris abriu um largo sorriso quando percebeu que o guerreiro dera um passo para trás e levantara a ponta da lança em direção ao urso do gelo. O objeto que queimava caiu sobre as pedras da costa.

– Askold! – A voz gritou a certa distância do homem, que se assustou de novo e, de modo lento e hesitante, abaixou a arma. Com humildade confusa, curvou-se para Fenris e saiu da cena, enquanto um velho magro e de barbas longas surgia por detrás dele.

As pessoas ficaram paradas, observando o que ocorria, cochichando umas para as outras. O silêncio só era quebrado pelos pássaros marinhos, as ondas tímidas batendo nos botes, no fiorde, e as pequenas pedras que estalavam sob os pés do velho, enquanto ele se aproximava de Fenris.

O corpo do animal estava dolorido, porém o que o fez sofrer se fora. Sabia que poderia se levantar, se quisesse, e o fez, devagar. As pessoas se prostraram, de joelhos, à medida que o velho seguia, altivo, em direção ao urso do gelo.

Fenris se levantou apenas para poder se sentar. A nova posição era muito mais confortável do que ficar deitado, desamparado, sobre a cama de grama e flores em que dormira.

O velho parou à frente dele. Não parecia trazer qualquer arma, apenas a capa surrada, um cajado torto em uma mão, ossos de pássaros e plumas por toda a roupa e amarrados à barba. Por experiência, Fenris sabia que estava diante de um homem sagrado.

– Meu caro, peço desculpas por nossas humildes boas-vindas – disse-lhe com calma, curvando-se.

O saguão, feito de troncos grossos de árvore, era redondo. A parte central era mais alta, mas ainda assim, tinha apenas a altura de cerca de três homens. O diâmetro era de um pouco mais de dez metros e no centro havia uma lareira cercada de pedras, sobre a qual havia um buraco no teto, por onde a fumaça podia desaparecer. Apesar disso, o saguão exalava um

forte cheiro de fumaça, que se impregnava em tudo o que lá estava, criando uma atmosfera calorosa e familiar.

As paredes estavam vazias. O edifício era considerado temporário e sua decoração não havia começado, se é que iria. Encostados nelas, entretanto, havia escudos, armas, flâmulas e tapetes coloridos, que foram ganhos de exércitos derrotados. Os itens estavam à espera de ser pendurados.

O saguão não tinha piso, o solo fora coberto por feno e uma variedade enorme de couros, cobertas e tecidos, baús, mesas e cadeiras. Entre elas, havia cachorros de diferentes tamanhos e cores. O saguão estava iluminado apenas pelo fogo e pelos raios solares, tingidos de azul pela fumaça que saía pelo buraco, no meio do teto. Os raios dançavam no solo, dependendo da hora do dia, até sumirem no crepúsculo.

Havia um grupo de homens sentados, próximos ao fogo. No centro, um homem mais velho, na única cadeira com encosto, passava a mão pela barba.

Botolf estava perdido em seus pensamentos, algo habitual quando estava entediado ou tinha um enigma a resolver. Os demais homens não podiam, naquele momento, perturbar suas ideias com conversas mundanas.

O fato que o adivinho Alfgeir anunciara, dois dias antes, que uma figura importante chegaria colocara Botolf de alerta. Como de costume, Alfgeir fora um tanto misterioso e difícil de ser decifrado, mas Botolf entendera que tinham de ir o quanto antes em direção àquela figura, com seus barcos. Ele ficara fatigado por deixar o campo desarmado e o fizera sob ordens explícitas do adivinho. Se algo acontecesse, seria a vontade dos deuses e, então, nada poderia evitar.

Quando encontraram um urso do gelo que se afogava – a criatura que era a base de sua religião –, todos sabiam que algo importante aconteceria.

Era sobre isso que Botolf pensava, concentrado. O urso do gelo estava ferido e com muito esforço haviam conseguido erguê-lo em um dos navios. Eles trouxeram o animal para a terra e o colocaram em uma superfície macia, junto à água, e Alfgeir cuidou da ferida aberta com uma precisão que só seria possível com sua habilidade.

No momento, no entanto, tudo o que podiam fazer era aguardar se ele iria aceitar seu sacrifício e se lhes seria revelado o que aquele misterioso encontro significava, que mensagem os deuses queriam enviar por meio do urso do gelo.

A voz de Alfgeir acordou Botolf de seus pensamentos:

– Botolf! – Alfgeir ficou em pé ao seu lado. Os outros haviam silenciado e olhavam para o adivinho, e depois para o chefe, de modo sistemático. Botolf se perguntava como o velho conseguira entrar sem que percebesse. Ele esfregou o rosto com as mãos:

– Fale – disse Botolf, inclinando-se para a frente, com um olhar sério, apoiando-se no joelho com a mão esquerda, que não possuía o dedo médio.

– Temos de aguardar.

– Então, aguardaremos. Mas, pelo quê?

– Os espíritos estão procurando por algo. Procurando, ansiando... Nossos ancestrais estão tristes e logo começará a chover.

Botolf se endireitou na cadeira. Olhou para cima, em direção ao buraco no teto, as primeiras gotas já estavam caindo e sibilando no fogo. A luz solar diminuía.

– Esperando pelo... quê?

– Não sei, trata-se de algo importante. Temos de nos preparar para... ajudar.

– Claro, só precisamos saber pelo quê esperar – Botolf se perguntou, franzindo a testa. Subitamente, suas sobrancelhas se ergueram e ele elevou os dedos. Sem saber o que estava acontecendo, Alfgeir se encolheu e ficou imóvel.

– Alfgeir... Garoto?

Alfgeir se questionou o que o chefe queria dizer.

– O garoto... O filho de Sven, ele não lhe disse algo há alguns meses?

Então, Alfgeir se lembrou:

– Em nome dos espíritos... Ele realmente disse, poderia ser verdade?

– Pegue o garoto e, Alfgeir, peça ao urso do gelo que venha aqui.

Um tempo se passou até Askold, um guerreiro parecido com um urso, voltar com um jovem, de apenas 10 invernos, a segui-lo. O garoto tinha cabelos louros brilhantes. Quando os homens se afastaram de Botolf, para abrir caminho, o garoto levou um grande susto. Ele estancou diante do chefe, como se estivesse preso ao chão, arregalando os olhos de surpresa.

Ao lado de Botolf estava Fenris: enorme, branco como a neve, com o pelo cheio de nós. O menino ouviu a respiração pesada do urso contra o silêncio total do local. Algumas gotas de chuva caíam em seu rosto. Os gélidos olhos azuis do urso pareciam perfurar, profundos, os cantos mais obscuros dos segredos de sua alma, como um dedo de gelo. O garoto começou a pedir perdão a todos os espíritos que conhecia, em especial ao Deus Urso, por todos os maus atos recentes.

– Garoto, conte-nos de novo o que você viu e ouviu na casa de Burgold. Em detalhes – disse Alfgeir.

E o menino contou. Ele lhes falou tudo o que ouvira no forte de Burgold, em Nawyr, as histórias e a autopromoção de Gerhard, os cochichos, as intrigas e os elogios dos outros.

E Fenris ouviu. E o fez com tanta atenção que não notou mais ninguém ao redor. Ele se via muito mais próximo de Nonna, a sensação era mais forte e o senso de desespero ainda maior. Quando o garoto contou sobre Gerhard descrevendo um pássaro de gaiola, Fenris ergueu a cabeça. Ele entreabriu os olhos e concentrou a vista, de forma ainda mais profunda, nos olhos do garoto. Quando o menino terminou de contar a história, Fenris rugiu tão alto que toda vida dentro do saguão pareceu parar por um momento. As paredes que suportavam os pilares tremeram com o poder do rugido e as pessoas que andavam sob a chuva, fora do edifício, ficaram estáticas.

Alfgeir e Botolf se entreolharam.

Botolf se inclinou para a frente, na direção de Askold:

– Askold, descubra onde esse Gerhard está! – disse, com raiva na voz.

Alfgeir sentiu um frio na espinha. Estava sentado sozinho em seu barraco, apenas na companhia de espíritos, ossos e do fogo que queimava

diante dele. Um corvo guinchou, enviando um aviso às costas e Alfgeir virou a cabeça.

Um guerreiro vestindo roupas cinza-claro estava em pé, atrás dele. Tinha uma imagem impressionante na escuridão, apenas com a luz do fogo nele refletida.

Havia algo de muito familiar naquele homem; Alfgeir se levantou. O outro segurava uma espada enorme dentro da bainha, em sua mão.

– Como você entrou? – perguntou Alfgeir confuso. Ele viu que o portão estava aberto, mas ordenara que os espíritos o guardassem e nenhum homem mortal deveria conseguir entrar. Ele segurou o cajado com mais força e já começou a pensar em palavras para um encantamento.

– Não tenha medo, velho, não o machucarei – disse o homem com calma, caminhando para mais perto do fogo e abaixando a espada até o chão. Ele se agachou ao lado do fogo e colocou as mãos próximas ao calor.

– Quem é você? – perguntou Alfgeir, olhando à volta, procurando em algum lugar por uma resposta. Os olhos do corvo brilhavam no topo da cerca, perto dali, e até ele não sabia nada, e se soubesse, sendo famoso por sua mesquinhez, manteria a informação somente para si. Alfgeir ergueu a mão, ordenando aos espíritos que fechassem o portão.

– Berenhard – disse o homem em voz baixa, distraído, enquanto o portão batia às costas. – Estou procurando por algo e você sabe o que é.

– Você também? – retrucou Alfgeir, ainda mais confuso.

O homem direcionou o olhar para Alfgeir. Aqueles olhos azuis, gelados, não lhe revelavam nada e Alfgeir se assustou, caindo sentado no chão frio.

– Não tenha medo, velhinho. Posso ver que você me entende. Agora quero que você entenda outra coisa também.

Alfgeir se recompôs e se levantou para sentar, gaguejando de desorientação.

– Seu chefe reuniu um exército e planeja atacar o castelo de Gerhard, certo?

– C-c-la-ro!

– Isto não é certo.

– Como assim? – O adivinho havia conseguido se recompor e apertava seu cajado tão forte que os nós dos dedos estavam brancos como ossos.

Berenshard suspirou.

– Muitos morreriam sem necessidade. Esta é uma questão que diz respeito a mim e Gerhard. Você terá de deixar isso claro para seu chefe. Você pode fazê-lo?

– E o urso do gelo?

– Ele tomará seu caminho no final.

– Como?

– Não se preocupe com isso. Tenho apenas um desejo. Quando o urso voltar para cá com uma menina, ele terá de conseguir voltar para a própria terra – o mais rápido possível. Você entende?

O velho pensava com fúria. Sabia que mentiria se dissesse que o chefe aceitaria a paz, mas isto ele poderia prometer.

– Entendo, nossos navios estão a seu serviço. Nós aguardaremos.

Fenris descobrira onde estava agora, graças à intuição.

Olhou para os rochedos à frente, no calor escaldante, e em meio a um cheiro fétido. O odor da morte flutuava por todos os lados. Havia ossos de animais de vários tamanhos e de outras criaturas em toda parte, entre o musgo que cobria os rochedos. Todas as cores pareciam mortas havia muito tempo, até o verde intenso do musgo parecia ter perdido o brilho, restando apenas a memória acinzentada.

Os corvos se assustaram com o rugido alto de Fenris. Em um segundo, as árvores vizinhas estavam repletas de asas pretas que se debatiam, pois os pássaros haviam se esquecido de toda bravura e escapado daquele som que nunca tinham ouvido. O rugido ecoou nos rochedos e nos troncos de árvores mortas, entrando pelas fissuras da montanha e lá desaparecendo.

Fenris se sentou para esperar.

Não levou muito tempo para a névoa desaparecer defronte da fenda, revelando uma figura sombria que dela saía.

Fenris olhou e analisou o silfo negro que deixava a caverna. A criatura era um pouco maior do que Nonna, tinha o corpo, as pernas e os braços firmes. Havia coberto a aparência sombria com uma capa preta e rasgada. As mangas puídas se arrastavam no chão, enquanto ele avançava, apoiando-se em uma vara curvada para se equilibrar.

O rosto de Snerri era gorducho e pálido. Tinha sobrancelhas grossas e pretas e cabelos de igual cor, maçãs do rosto pronunciadas, nariz vermelho inchado e olhos furiosos, de intenda negrura.

– Você precisa de minha ajuda, velho amigo, não precisa?

Fenris rugiu. Snerri afagou-o por trás das orelhas. O urso fechou os olhos, imaginando quem fora a última pessoa a fazer isto. O mago logo notou seus pensamentos:

– Ah, você a está procurando? Uma bela menina – disse Snerri, como se visse uma imagem dos pensamentos de Fenris na própria mente.

Fenris abaixou a cabeça.

– Você não pode salvá-la com ódio. Ele leva à destruição... Você sabe disso.

A mente de Fenris se encheu de desespero. O silfo riu:

– Nem com desespero. Com astúcia você pode e, neste caso, posso ajudá-lo. Dê uma olhada nisto.

Snerri se levantou, fumando, e moveu a mão devagar. Uma névoa apareceu do nada, cobrindo todo o campo de visão de Fenris, exceto a criatura sombria diante de si. Snerri repetiu o movimento e a névoa começou a baixar, revelando inúmeros pássaros negros sobre os rochedos, galhos de árvores e em todos os outros lugares. Fenris não notara a chegada deles e achou tudo muito estranho e irreal, como se o tempo houvesse paralisado por um breve instante em sua mente.

– Posso ver algo no futuro, meu amigo. Sua irmã... isso é a tarefa da filha dela. Não é para ser o pássaro de gaiola de ninguém – falou o silfo, com a voz suave e uma expressão de confusão e concentração nos pensamentos.

Fenris tentou pensar como Snerri poderia ajudá-lo, mas não conseguiu.

– Não se preocupe com isso, você saberá quando a hora chegar. Vá, agora, pegue a garota. Você encontrará o caminho quando a hora chegar.

O urso refletiu sobre as palavras de Snerrí. Seus olhos, no entanto, tinham sua própria linguagem. Fenris se levantou, aos poucos. Quando se virou, sentiu o toque delicado do silfo em seu ombro.

FORTE DO CAMPO NEGRO, NAWYR

Agosto de 814

A residência de Gerhard, o Forte do Campo Negro, estava localizada em uma colina fácil de ser defendida. De acordo com os costumes locais, ela fora construída com pedra e não madeira, como tantos outros fortes na terra natal de Fenris, no norte.

No meio da colina havia um muro de pedra, tão alto quanto dois homens, e em seu topo uma cobertura de madeira. A residência em si era feita de pedra e erigida como uma torre no ponto mais alto da elevação. Todas as árvores e arbustos haviam sido retirados da redondeza. Fenris viu pessoas andando sobre o muro, no anoitecer, e aqui e ali, viu tochas com chamas dançantes. Olhou para si para ver como se encontrava. Seu pelo branco parecia brilhar na escuridão e ele sabia que logo seria visto, assim que pisasse fora da proteção das árvores.

A presença de Nonna lhe era muito forte, até sufocante dentro de si. Ele achava que saberia com certeza o lugar em que ela estava e deixou os olhos passearem pelos prédios, notando um traço de luz vindo de uma janela da torre. Uma das janelas estava aberta e a luz lá dentro, quente e amarela, revelava uma pequena criatura sentada à janela. Fenris forçou a vista. Tinha certeza de quem era aquela pequena figura. Sentimentos de alegria e força explodiram em seu coração.

Algo frio tocou a lateral de Fenris e suas patas. Ele olhou para baixo e viu uma névoa brilhante se espreitando logo acima do solo, passando por rochas e troncos de árvores, vindo da floresta que levava ao forte.

Nonna olhou pela janela. Os passos de Hilda se aproximavam:

– Querida criança, feche a janela. O quarto esfriará – disse Hilda, sem que Nonna entendesse as palavras. Pelo tom de sua voz, ela entendeu o que a mulher quisera dizer e nem se virou para trás. Nonna sentiu que Hilda estava fechando a porta e se manteve longe. A mulher nunca lhe ordenara nada e não seria diferente agora. A cadeira rangeu e Nonna percebeu que Hilda se sentara.

No entanto, algo do lado de fora chamou a sua atenção.

Ela viu uma área banhada pela luz azul de uma lua crescente. O céu estava repleto de pontos brilhantes, uma tampa azul-real sob a qual se podia avistar o topo das árvores a se misturar com o solo escuro e outros elementos da paisagem. Algo estava se movendo no solo. Uma névoa cinza vinha em direção ao forte sobre a várzea e os campos sombrios.

A névoa estava ficando cada vez mais densa e seus longos dedos se arrastavam na direção do forte, por todas os lados. Despercebidos e silenciosos, eles se moviam como água sobre a superfície do solo, envolvendo suas unhas finas e translúcidas em volta da base dos muros, cavando seu caminho para cima e depois jorrando para baixo sobre eles para entrar. A névoa tomou tudo com mãos famintas, sufocando toda luz com lentidão, até as tochas nos muros se tornarem apenas pontos apagados tremulantes, dentro de uma massa cinza. Nonna olhou encantada com o progresso da névoa, colocando sua atenção nela, quase como se algo a forçasse a fazê-lo. Ela não ouvia nada, não percebia mais nada até sentir um toque frio no dedo. O barulho dos homens que bebiam cerveja no pátio estava abafado pela névoa e quase silenciado.

Nonna desviou os olhos cansados para a mão que descansava no parapeito.

Ao seu lado, um corvo cinza a fitava. Os olhos pretos brilhantes, ladeando o enorme bico preto, miravam fixos para ela, como um humano encarando um gatinho. Nonna riu:

– Fenris? – Nonna sussurrou e riu, chateada por não ter nenhum pão para dar para o corvo.

Não, o pássaro não era Fenris, mas... Fenris estava vindo, o corvo parecia lhe dizer, com o brilho do olhar. Ela não deveria adormecer, para não se tornar uma memória apagada como outros. Nonna teria de fechar a janela e se vestir.

O pássaro partiu voando, misturando-se à névoa que subia ao decolar.

Franzindo a testa, Nonna fechou a janela em silêncio e ouviu o riso de aceitação de Hilda. Desceu do parapeito, colocou meias grossas e sapatos de lona e se sentou sobre a cama, pensando, com seu ursinho de feno no colo.

Fenris corria rápido pelo espaço aberto. Ele sentia a terra tremer a cada vez que as patas pesadas batiam no chão molhado. Podia sentir força em cada poro, a velocidade lhe acariciava o pelo e deixava os olhos lacrimejarem. A incerteza desaparecera e ele tinha certeza do que deveria fazer.

Havia um portão colossal à frente. Fenris avistou uma sombra negra na névoa, que se parecia com pessoas que emergiam do nevoeiro para fazer o que precisavam fazer e desapareciam dentro dele, de novo. Os espíritos que Snerrri conjurara de debaixo do solo estavam fazendo aquilo que esperara que fizessem. Fenris correu para dentro do portão. Figuras negras corriam à frente, em direção à torre, como se estivessem lutando umas com as outras, enquanto seguiam com grande velocidade.

Hilda estava absorta em seu tricô e só despertou quando ouviu algo muito pesado subindo as escadas, atrás da porta. Ela nem notara que Nonna colocara as meias grossas e os sapatos de lona e se enrolara nas peles que serviam de cobertas. Gerhard não permitira nenhuma peça de roupa para ser usada fora de casa dentro do quarto, então Nonna não tinha nem botas nem uma capa grossa, mas ficaria bem com a pele em qualquer lugar, até no início de primavera de Nawyr.

O coração de Nonna batia de alegria. Toda a energia que possuía se centrava na tentativa de esconder a alegria e a excitação causadas pela espera e ela apertava o ursinho de feno em seu colo, enquanto sentava sobre a cama, o olhar fixo na porta. Algo pesado se aproximava, com

lentidão e, dentro dela, Nonna adivinhava o que era. Ela esperara por isso com todo ardor e olhava para porta, o coração batendo cada vez mais rápido.

Hilda colocou o tricô sobre o colo e virou a cabeça com curiosidade para a porta, ouvindo com atenção. Podia-se ouvir uma espécie de grito assustado, um baque e uma batida, como se alguém tivesse caído pelas escadas. Ela sentiu o medo nas entranhas, um guarda se aproximara da porta havia alguns momentos. Ouviu-se uma batida metálica, enquanto a trava da porta era levantada.

Ela gritou de medo quando a nuvem de fumaça escura entrou no quarto, por debaixo da porta. Hilda se levantou e deu um passo para trás. O tricô caiu no chão com um estalo, enquanto a névoa negra subia, aos poucos. Ela mal podia acreditar no que via, quando a fumaça agarrou a maçaneta da porta.

Esta se moveu e a porta se abriu, com um enorme estrondo.

– Fenris! – gritou Nonna, ainda abraçando o ursinho de feno, correndo de sua cama na direção do enorme urso do gelo.

Hilda gritou, as mãos à frente da boca ao ver um monstro desconhecido brilhando diante dela. Seus olhos viraram e ela desabou no chão, inconsciente.

Nonna correu para a porta, subiu no dorso de Fenris, segurou-se e apertou a pele de Fenris o mais forte que podia com suas mãozinhas.

O urso desceu correndo as escadas da torre, com Nonna em seu dorso. Ela percebeu que tudo tinha um silêncio tétrico. Nenhuma conversa, apenas o estalar distante do fogo de uma lareira, no andar de baixo, o som do ar fluindo para o alto e os passos de Fenris. Quando chegaram perto do guarda, que adormecera ao pé da escada, Fenris estava prestes a se virar e entrar na escuridão enevoada pelo portão entreaberto, quando Nonna desceu de seu dorso e lhe pediu que parasse:

– Fenris, não vamos sair ainda, temos de vir aqui, venha... pegue isto...
– sussurrou Nonna ao urso do gelo, dando-lhe o ursinho de feno. Fenris não sabia o que fazer, exceto colocar a criatura de feno em sua boca.

Nonna virou no corredor, na direção que imaginou que fosse o saguão do forte.

Impaciente e confuso, Fenris rugiu, com o ursinho de feno na boca. Ele sabia que tinham pressa, não havia tempo a perder, mas Nonna já correria pelo corredor e subira alguns degraus, até uma porta grande. A luz de um fogo tremulava por debaixo da porta. Fenris correu atrás de Nonna o mais cuidadoso que pôde, em meio à névoa que pairava sobre o chão.

Nonna se abaixou, colocou a cabeça pela porta e olhou o saguão.

Ele estava muito escuro. A única luz vinha de um fogo que morria na lareira. As tochas e as velas haviam sucumbido sob a névoa e nuvens solitárias flutuavam aqui e ali, silenciosas.

Parecia que todos haviam adormecido de uma vez. Sobre o chão, bancos e mesas, havia pessoas dormindo em posições estranhas. Gerhard estava deitado em uma posição dolorosa, sobre o trono de madeira, longe de todos e Nonna o viu segurando a espada de seu pai. Ela foi em sua direção, desviando-se das pessoas adormecidas no caminho.

Fenris soltou um rugido de alerta, tão baixo que Nonna nem o ouviu. Ele temia que alguém acordasse. Sem saber o que fazer, ele ficou apenas observando, segurando o ursinho de feno de Nonna em sua boca.

Em seu caminho até Gerhard, Nonna reconheceu alguém familiar. Ela caminhou com cuidado até Tiira, que estava deitada ao lado de uma bandeja de comida caída. Nonna se curvou:

– Tiira, acorde... acorde, você pode fugir agora. – Nonna sussurrou no ouvido da criada, que não acordou nem sequer se moveu. Ela sentiu pena da garota, mas não havia nada que pudesse fazer. Tocou-lhe no rosto e desejou que conseguisse escapar, sussurrando adeus em seu ouvido e correndo até Gerhard.

Nonna agarrou a espada pesada de seu pai com ambas as mãos. Ela tentou movê-la com o maior carinho possível, mas a bainha estava presa sob o braço de Gerhard. Contra sua vontade, Nonna segurou aquela mão e a levantou.

Ele se mexeu e a assustou. Fenris ficou alerta e começou a se mover em direção à menina e ao trono. Ele não podia matar um homem

adormecido, não importasse o quanto de maldade tivesse, era algo impossível para seu caráter. Entretanto, se Gerhard acordasse, Fenris trataria de atacar, ainda que corresse o perigo de todos os outros despertarem ao som da luta.

Gerhard somente se assustara, em meio a pesadelos. Nonna conseguiu levantar a mão do homem e aos poucos puxar a espada. Quando a lâmina escorregou das pernas de Gerhard, seu peso surpreendeu Nonna e ela por muito pouco não a derrubou no chão, com um estrondo. Juntando todas as forças, ela conseguiu segurar a espada e estava prestes a se virar para Fenris, quando foi tomada por ódio e tristeza. Olhando para o belo e impecável Gerhard, que dormia, murmurou entre os dentes palavras quase inaudíveis, amaldiçoando-o do fundo do coração e cuspiu em seu rosto, antes de finalmente se voltar para Fenris.

Nonna ergueu a espada no dorso de Fenris, subindo nele, após tirar o ursinho de feno de sua boca:

– Hum, está todo molhado... Vamos sair logo daqui – disse Nonna, em parte murmurando para si, prendendo a espada sob a perna e o ursinho de feno contra o peito. Ela se inclinou para se apoiar no pescoço de Fenris e com toda a força tentou se segurar no dorso do urso, junto com a espada e o ursinho de feno, enquanto ele se virava e caminhava, suave e silencioso, para fora do forte.

Gerhard acordou em seu trono pomposo. Abriu os olhos, sentindo uma enorme dor de cabeça e uma dor lancinante no pescoço. Estava frio e tenso. Olhou em volta. Todas as velas e tochas tinham se apagado. Havia um som metálico à distância. As janelas na parte superior do saguão central do forte não estavam de todo fechadas, assim, a luz fraca do sol conseguia se espreitar pelas frestas. Os raios que podiam alcançar o chão eram a única fonte de luz no saguão e eles iluminavam todas as pessoas e cães dormindo em posições estranhas. Partículas de poeira flutuavam no ar, como magia.

– O quê...? – Gerhard se perguntou em voz baixa, passando uma das mãos no pescoço dolorido. Só então notou que a espada não estava no

colo. Assustado, levantou-se e olhou para os pés, mas não havia sinal dela. Praguejando alto, sentiu a dor latejando em sua cabeça e despencou de novo no trono.

Ele tentava pensar e se lembrar. Algo o estava impedindo e sua memória se apagava o tempo todo. Aos poucos, percebeu que dormira a noite toda, no frio, em sua própria cadeira. Lembrou-se que, quando entrara no saguão, uma névoa negra passou apressada pela porta aberta. Depois disso, não se recordava de mais nada.

Outro barulho metálico, algum objeto assim rolava pelas escadas e parava com um estrondo, batendo contra uma parede. Um grito de homem podia ser ouvido à distância.

Gerhard logo notou que algo não ia bem, antes de um homem assustado descer as escadas correndo e entrar apressado no saguão, tropeçando.

– A garota fugiu! – gritou esse.

O chefe levantou de um salto, vermelho de raiva, sem se importar que o esforço fazia o corpo inteiro doer.

Nonna e Fenris haviam parado durante a madrugada em um riacho na floresta. Durante toda a noite, o urso seguira o mais rápido possível sem derrubar a garota na garupa. Ele não sabia por quanto tempo a névoa anestésica duraria e, portanto, estava alerta. Tinha noção de que seria fácil serem seguidos e tentava dificultar a possibilidade, escolhendo uma rota mais curta para ele e mais difícil para cavalos. Nonna já adormecera em suas costas e, com o retorno do cansaço, lavava o rosto no riacho gelado, além de beber um pouco de água fria para apaziguar a sede. A garganta de Fenris sofria com uma estranha secura, por causa da névoa, e ele também o fez, refrescando-se para ter forças e correr rápido outra vez.

Sentir a menina nas costas fora a sensação mais reconfortante que já vivera no mundo, por muito tempo. Ao olhar para Nonna se lavando, sentiu-se feliz.

Seus pensamentos foram interrompidos por um corvo que voava sobre ele e aterrissou diante de si, do outro lado do riacho. O corvo grasnou,

alertando-o, e Fenris soube do que se tratava, empurrando Nonna com o focinho, fazendo-a notar a ave.

– Já vamos? – perguntou Nonna ao urso do gelo, que balançou a cabeça em afirmação.

Ela tomou a espada nas mãos, pulou em seu dorso e pôs o ursinho de feno entre eles.

Galhos e arbustos tiveram de abrir caminho para Fenris, que corria agitado no solo da floresta, embora com cuidado, sob a luz fraca do sol. Nonna se mantinha em suas costas, segurando o ursinho de feno e a espada entre a barriga e os pelos do dorso, a cabeça bem ao lado do pescoço do urso. Ela se segurava à pele branca com as mãos, para não cair. E sabia que Fenris jamais a deixaria, ainda que caísse.

Embora sentisse uma felicidade incrível e estivesse cheia de esperança pela primeira vez em muitos meses, também tinha uma forte lembrança do medo. Notava a tensão do amigo, que não era aliviada com a presença dos corvos, voando ao redor o tempo todo, em volta, atrás e acima deles, como se os guiassem a algum lugar. Em certos locais, aterrissavam em galhos de árvores e voavam para a direita ou para a esquerda, como se explorassem o caminho a percorrer.

De maneira repentina, escaparam para fora da proteção da floresta.

Os viajantes estavam em uma descida descampada, sem qualquer árvore, que levava até um vale. Muito longe dali, Nonna podia vislumbrar a colina sobre a qual estava o forte de Gerhard.

Fenris não parou, ao contrário, continuou a toda velocidade na direção da escuridão da floresta, que ainda estava a dezenas de metros deles. Sua entrada, porém, revelou-lhe algo que preferiria não ter visto.

Atrás deles, à distância, era possível vislumbrar um grupo de cerca de 30 homens a cavalo subindo a colina. Não havia dúvida de quem eram. O urso ouviu um som que indicava que eles haviam sido descobertos. Não levaria muito tempo para serem apanhados. Sozinho, Fenris poderia ser mais rápido do que os outros animais, mas não podia atingir toda sua velocidade com a menina às costas.

O pânico lhe preenchia a mente ao mergulhar na floresta e seu abrigo verde.

Por ali, ele correu, sem que diminuísse a marcha nos riachos e pequenos lagos, cruzando-os e jogando sua água para fora das margens. Não se importava com qualquer obstáculo. Árvores menores se quebravam sob as patas ágeis, outros animais desapareciam ante sua passagem, assustados com o baque surdo que causava no solo. Lobos, cujo território Fenris cruzava, ficavam imóveis em suas tocas, sem ter coragem de olhar para ele e até trolls, criaturas místicas da região, empurravam enormes rochedos para a frente de suas cavernas. Naquela hora, era o próprio Deus Urso que chegava à floresta e todos estavam com medo daquela criatura desconhecida.

Fenris sentia o vento nos pelos e nos olhos. A brisa secava seu focinho brilhante e ele respirava com dificuldade, enquanto avançava com furor, cercado de corvos. Só sentia um peso leve às costas, aquelas pequenas mãos, o ursinho de feno pontiagudo em sua pele e o solo úmido sob as patas.

Com o apuro dos ouvidos, podia ouvir atrás de si cachorros latindo, cavalos bufando, metais se batendo e homens gritando. Sons cada vez mais próximos.

Gerhard vislumbrou um ponto branco à distância. Sabia que de alguma forma aquilo tinha a ver com a garota e sua fuga. De início, pensara que a conversa de seus homens sobre um urso do gelo não passava de mentiras de bêbados, mas aos poucos começou a acreditar naquela estranha explicação. Talvez fosse uma questão de bruxaria e os pelos do pescoço de Gerhard se arrepiavam com a ideia. O assunto não era uma novidade para ele, que conhecia seu poder e suas possibilidades. Entretanto, sendo ou não isso, traria sua prisioneira de volta, não importa o que custasse. Jamais desistiria, justo após conquistar sua vingança sobre Gunhilde. “Um urso do gelo branco, de fato, combinaria bem com a garota e seu povo maldito”, pensou, chutando o cavalo para um galope ainda mais forte, o rosto contorcido de ódio.

Ele ignorou os gritos preocupados de seus homens, que não conseguiam alcançar seu rápido cavalo e ficaram cada vez mais para trás.

O animal de Gerhard galopava como o vento, a boca espumava e a lama voava pelos ares com sua passagem. Afinal, chegaram à floresta, na qual mergulharam, desviando com habilidade dos grossos troncos de árvore que se interpunham.

A região em que Fenris e, depois, Gerhard se encontravam estava localizada no fundo do vale de uma serra, junto a um lago pantanoso. A terra subia, formando uma colina à frente, além da qual estava o primeiro fiorde. Ali, havia algo a mais que Gerhard não percebera e que seus homens, mais lentos, notaram.

Na beira da floresta, justo ao lado do ponto em que Gerhard entrou na escuridão das árvores, jazia uma árvore seca, morta, ereta. Dando as boas-vindas aos visitantes, havia sobre ela uma caveira com chifres, iluminada pela luz do sol. Um pentagrama fora pintado em sua testa rachada.

Os homens de Gerhard passaram a contornar o arvoredo, não ousando adentrar em uma mata assombrada. Eles seguiriam o chefe em quase todos os lugares, exceto terras sacrificiais possuídas por espíritos, nas quais poriam não apenas os corpos em risco, como também as almas.

Fenris sabia muito bem o que fazia quando correu com Nonna às costas em meio à névoa que pairava próxima do solo úmido. Já a caminho do forte, ele reparara no local e nos sinais de alerta à volta. E sabia que, em momentos de perigo, podia contar com a floresta e seu segredo. Nas terras de Snerri, Fenris seria tão forte quanto fosse possível ser, em um local como aquele.

Nonna estava com muito medo da floresta, pois via sinais feitos de gravetos pendurados nos galhos, ossos e crânios e montes entre as árvores, com estranhas engenhocas sobre eles. E, de tempos em tempos, podiam-se ouvir um cavalo bufando e o som de cascos batendo em um tipo estranho de solo.

A menina gritou de horror quando viu a silhueta de uma criatura nebulosa e negra atrás de uma árvore, parecendo-se com um ser humano deformado – um ente esfarrapado e turvo que desapareceu no ar quente abafado. Quase como quando se vê uma formiga e de súbito se percebe que o caminho está coalhado delas, Nonna passou a ver aquelas imagens indistintas por toda parte. Elas usavam os troncos para se esconder, como sombras, seguindo-os na superfície, entre montes e arbustos, como nuvens cinzas sujas de névoa. Em certos momentos, perdiam a forma humana, que então recuperavam, em um piscar de olhos. Quanto mais avançavam, mais nítidas se tornavam e por mais tempo. Era clara a intenção hostil daquelas aparições e Nonna notou que abriam bocas de maneira repetida, em gritos silenciosos, agitando braços como a tentar espantá-los dali.

Apesar disso, jamais se aproximavam de Fenris e suas formas eram logo destruídas pelo fluxo de ar que ele deixava para trás. Nonna nem ousava pensar no que aconteceria se caísse do dorso do urso e fosse deixada só com aquelas criaturas, nas mãos dos espíritos do Mundo dos Mortos. Pedindo força para os deuses, agarrou a pele de Fenris com mais violência e se questionou por que pareciam desacelerar. Notara, há poucos instantes, que ele mancava de uma das patas dianteiras e temia ao pensar que a energia de Fenris estivesse se esgotando.

O bufar dos cavalos se aproximava e, em breves instantes, Nonna olhava para trás e tinha a impressão de ver um cavalo se aproximando com rapidez.

De forma inesperada, ela saiu da floresta. A clareira estava coberta de névoa que flutuava sem destino, com estranha espessura, lembrando um mar cinza acima do solo. Bem ao centro, havia um enorme rochedo em tons de preto que subia em direção ao céu, coberto de musgo e líquen. Em volta dele, fora da nuvem espessa, cresciam galhos, gravetos, bonecas feitas com estes, flores mortas e tenebrosas pilhas de ossos. Fenris parou.

– Fenris, não... não pare! – gritou Nonna, olhando rápido para trás. Ela temia que o urso ofegante enfim estivesse sem energia, acalmado-se um pouco quando ele se virou para olhá-la e se inclinou, para que pudesse descer de suas costas. Nonna pulou e Fenris a empurrou ao lado do

rochedo. Ela mal podia carregar a pesada espada, na realidade a arrastava, porém não podia deixá-la, jamais a abandonaria. Nonna sabia que o orgulho e a força de seu pai estavam naquela arma e que, se ela ficasse pelo caminho, estaria traindo sua memória.

O urso se virou na direção do som do cavalo que se aproximava e rugiu alto.

Gerhard ouviu aquilo e parou o cavalo. Ponderou sobre a hesitação e o medo do animal, uma incerteza que era clara nos seus passos. Ele, no entanto, não notara nada de estranho nos arredores – nem uma única criatura, nuvem, ou névoa, nada, exceto a figura branca que brilhava à distância entre as árvores. O rugido do urso viera de perto. Seu rosto foi tomado por um sorriso maldoso, enquanto puxava uma espada de lâmina larga da sela. O metal frio brilhava entre as sombras.

Gerhard correu para dentro da pequena abertura cego de ódio.

Ele viu o urso de pelo branco, agora no meio de uma névoa, diante dele e refletiu sobre seu tamanho. Nenhum urso que vira era tão grande, embora já tivesse visto muitos e até matado alguns. O lascivo desejo por uma caçada lhe subiu à mente. Tomaria as providências para que logo o chão de seu forte tivesse uma pele com a cor da neve e, em sua parede, a cabeça branca de um urso, torcida em seu último rugido. Ao perceber uma garota aterrorizada, chorando, agachada atrás do animal, estancou e apeou, com agilidade, com a espada em uma das mãos. Na outra, levava uma adaga de lâmina longa com a ponta embebida de veneno. Um único golpe no urso o mataria com rapidez. Empurrando o cavalo para fora de seu caminho, postou-se de modo ameaçador diante do urso.

Entretanto, nem no pior ou mais estranho dos sonhos poderia imaginar o que aconteceria defronte dele. O pavor atravessou seu corpo quando percebeu que o urso, parado à frente, passou a oscilar, coberto por sombras. As nuvens de névoa começaram a subir do solo, como a acariciar o pelo da criatura, e em dados momentos até se pareciam com figuras humanas,

erguendo-se da terra. Foi quando Gerhard notou criaturas similares em outros lugares da clareira. Ele ouviu seu cavalo bufar de medo e correr em pânico pela floresta. O urso ficou em pé em suas patas traseiras e Gerhard agarrou a espada e a adaga.

O urso do gelo, porém, não partiu para o ataque, ficando mais alto e mais magro, começando a se transformar diante de Gerhard. As patas enormes, curtas e grossas do urso se tornaram mais finas e longas, o torso mais magro e cinza. A cabeça longa se tornou chata, com uma forma sinistra e ele não pôde crer quando viu um homem, e não um urso, diante de si. Não havia mais sinal dele.

Gerhard sabia que deveria estar feliz com a transformação, pois seria muito mais fácil matar um homem desarmado do que um grande urso, contudo a alegria cessou ao ver que a névoa formara uma espada opaca na mão daquela figura.

Os olhos azuis como gelo do homem pareciam brilhar em excesso em sua aparência cinza, um fato que havia marcado a memória de Gerhard para sempre.

– Você! – disse Gerhard entre os dentes, quando reconheceu os traços do irmão de Gunhilde.

Seu ódio era tão imenso e doloroso que tomava conta do resto de seu corpo. Rangendo os dentes e liberando a raiva aos gritos, com a espada em uma mão e a adaga em outra, correu de encontro ao combatente.

– Não o perderei pela segunda vez! – gritou Gerhard, colérico.

Nonna gritou quando as espadas se chocaram pela primeira vez.

Gerhard logo percebeu que estaria inferiorizado naquela batalha. Todos os seus golpes eram defendidos pela espada do homem cinza ou passavam por seu semblante. Em um momento, sabia que deveria ter acertado o homem, só que o oponente não apresentava qualquer ferida e a adaga, na verdade, nem chegara perto do outro. Não tardou para o adversário o atingir pela primeira vez. Quando a espada opaca atravessou o grosso casaco de couro de Gerhard, uma dor fria o cortou até o coração, como se uma mão com dedos gelados houvesse agarrado sua alma e a arrancado. Sem acreditar no que acabara de ocorrer, ele cambaleou e

olhou para o local em que fora atingido: nem o casaco estava cortado tampouco um ferimento podia ser visto. Entretanto, sentia uma dor terrível na mão e, o pior, começava a ter medo. Sua coragem escorreu pela lesão inexistente e se fundiu com a névoa que pairava no entorno de seus pés.

Embora soubesse o que acontecera, o orgulho não o deixou desistir e ele voltou a atacar.

Ao anoitecer, Fenris saiu da floresta com tranquilidade e com Nonna às costas.

As patas brancas do urso afundavam no solo pantanoso. Ao deixar a mata abafada, Nonna pôde sentir o cheiro úmido e fresco do ar da noite, amplificado pelos arredores de azuis profundos e sonolentos. Em um lugar muito próximo, um melro cantava uma canção suave, semelhante a uma flauta e, mais adiante, um rouxinol realçava sua modéstia com a bela voz.

O urso subiu uma colina, levando Nonna, intrigada e absorta em seus pensamentos. O passo lento do animal deixava a garota cansada e os olhos ameaçando fechar. Era uma noite tranquila de início de outono, com o céu translúcido, coberto por estrelas cintilantes e uma lua crescente de intensa brancura. Ela a manteve alerta o suficiente até encontrar um grupo de figuras conhecidas.

Sob a luz de uma tocha, erguida sobre Fenris por um guerreiro de barba longa e cheiro de ervas que a abraçava, Nonna enfim sabia que estava segura. Ela sentiu os braços fortes do homem a enlaçar, a barba malcuidada contra sua garganta e a voz acalentadora em sua mente. Viu como o guerreiro, com facilidade e doçura, tomou a espada de suas mãos frias e exaustas.

Cercadas por um burburinho de vozes familiares, Nonna adormeceu, enquanto caminhavam em direção ao acampamento de Noridium. À medida que começava a dormir, sua mão se abriu. O urso de feno caiu no solo, com um leve baque e Askold, que carregava Nonna, abaixou-se para pegá-lo.

GRANDES VÁRZEAS, REINO DA BARIADIA

Final de agosto de 814

Durante o dia, os espíritos haviam sussurrado algo sobre um visitante.

Gunhilde sentira isto em toda parte, logo pela manhã, ao acordar, notara um espírito solitário vagando em sua cabana. Logo que o afastou, notou que outro já entrava. Quando saiu, viu que todos os espíritos do Mundo dos Mortos estavam nervosos, irritados e que sofriam. Sussurros eram ouvidos por todos os lados, sombras se moviam sob o gelo dos lagos e o ar estava tenso, apesar de frio. Se não se lembrasse do tipo de atmosfera que precedera a última visita de seu irmão, não teria compreendido o significado daqueles sinais. Ainda assim, Gunhilde não entendeu o motivo dos espíritos estarem com tanto medo de Berenhard.

O dia nebuloso estava se tornando mais chuvoso e sombrio, quando Gunhilde voltou a entrar. Ela acendeu uma vela sobre a mesa e começou a se preparar para passar mais uma noite solitária. O dia taciturno fora tão deprimente que ela não tinha energia para fazer nada além de se jogar sobre uma grande poltrona, em frente da lareira, e olhar para as chamas, que tentavam ao máximo se livrar da umidade e da escuridão da pequena cabana. Chamas avermelhadas tocavam a lenha molhada sem a certeza de que a queimariam ou morreriam em silêncio para serem esquecidas. Gunhilde se lembrou da lareira maior na sala de sua antiga casa, cercada de pessoas felizes e com uma atmosfera alegre diária, exceto nas raras noites de medo, quando as mulheres tinham que se reunir, sozinhas, enquanto os homens estavam em uma ou outra fronteira, ou colina, vigiando sabotadores ou se defendendo dos invasores. Ela, porém, trocaria com facilidade este ser inexistente por aquela incerteza.

Esporádicos baques abafados, no feno do telhado, lembravam-na da chuva.

Gunhilde não sabia em que momento adormecera, mas quando acordou após algum som repentino, já estava escuro. Ela sonhara com Nonna e o sentimento de espera parecia mais forte dentro de si. Com um

suspiro profundo, levantou-se, apertou mais a capa em sua volta e saiu. A velha porta de madeira rangeu mais alto que de costume.

A noite já estava adiantada e a névoa, mais uma vez, condensara sobre a superfície do solo. Com as horas, ela se tornaria mais densa, ascenderia e até a meia-noite cobriria toda a cabana. Gunhilde mal podia enxergar à frente, apenas a escuridão, linhas pretas desenhadas pelas árvores e tétricos fogos esverdeados acendendo junto aos fossos dos tesouros funerários. Ela achou ter ouvido algo que lembrava de modo remoto o tagarelar alegre de uma menina jovem. A voz era carregada até seus ouvidos por um vento fraco, que soprava na mesma direção quase todas as noites, a única direção com que se podia chegar à cabana.

Gunhilde mal podia acreditar no que escutava. Durante os meses que passara lá, acostumara-se com alucinações, provocados por espíritos gozadores e maldosos, por isso, tinha certeza de que algo assim jamais acontecera. Ela pegou uma tocha da cabana, acendeu-a e, com a capa lutando contra o vento, deixou-se perder na escuridão da floresta, com a luz tremulante.

Mal alcançara as primeiras árvores densas, viu um urso do gelo oscilante a se aproximar, à distância. E vislumbrou uma pequena figura por trás dele.

– Fenris! – gritou Gunhilde, em deslumbramento, que se tornou ainda maior ao ouvir a voz de Nonna a chamá-la de algum lugar próximo, mas ainda invisível.

Gunhilde deixou tombar a tocha sobre o solo nebuloso e correu para Nonna quando a menina veio em sua direção.

CAMPO NEGRO, REINO DE NAWYR

Os homens de Gerhard não ousaram entrar na floresta dos espíritos. Sem saber o ocorrido, acamparam a uma distância razoável da floresta e deixaram o fogo sempre aceso, para afastar os espíritos. Tiveram de esperar

três noites até a dedicação ser recompensada com a saída cambaleante de Gerhard.

Ao ver o amo, os homens se sentiram felizes por não terem posto os pés na floresta e fizeram um sinal contra os espíritos maus, que haviam assumido o controle do líder, enlouquecendo-o. Gerhard não conseguia falar ou fazer qualquer coisa, exceto manter o olhar fixo nas chamas com olhos acinzentados que nada viam. Seu corpo estava fragilizado e decadente como o de um homem envelhecido.

Uma vez perdida a razão, ele jamais a recuperou e seus homens o trancaram na torre do próprio forte, naquele quarto em que ele mantivera o pássaro de gaiola que capturara.

Fuga

REINO DE NORIDIUM
Início de setembro de 814

Fenris caminhara todo o dia à frente de Gunhilde e Nonna, carregando seus pertences nas costas. Os arredores se tornavam mais familiares a cada dia, a estrada ora arenosa e lamacenta diminuía, tornando-se menos utilizada e, por fim, eles a trocaram por uma trilha com grama curta e áspera, que levava direto na direção do pôr do sol.

O ar se refrescara ao longo da viagem e, um dia, para a alegria de Fenris, ele acordou com a grama cheia de geada sob o focinho. Ele lambeu o gelo antes das primeiras luzes da manhã, farejou o ar frio e duro e se sentiu muito mais em casa. Teve a impressão de estar farejando o mar e os odores muito familiares da neve e do gelo, cuja sensação lhe fazia muito bem.

Para Nonna, o frio logo no início do outono não era algo com que estava familiarizada e, de qualquer forma, desconhecia Noridium, o lar de seu avô e de Fenris. Desde que Gunhilde contara que iriam para o norte, Nonna tivera o desejo de saber tudo sobre aquele reino. A mãe de Nonna pôde repetir apenas o pouco que seu pai lhe contara sobre o primeiro lar da família. Por isso, a menina sempre perguntava algo sobre Noridium para qualquer um que pudesse ter alguma informação. Assim, descobriu que ele era um reino frio e misterioso, habitado por um povo loiro, cujos costumes eram selvagens, famoso em várias partes pela força de batalha. Contaram-

lhe que os guerreiros de Noridium costumavam atacar o sul e que ninguém conseguira conquistar aquele reino. A neve cobria tudo a maior parte do ano, os invernos eram longos e escuros e os verões frescos e com muito vento.

Nonna gostava do que ouvia. Ela amava o inverno e a neve; ventos frios e pequenas tempestades de gelo lhe traziam mais alegria do que verões quentes e várzeas verdes. Ela sabia que durante o inverno Fenris estaria perto dela e mal podia esperar para chegar naquele reino, apesar de tão temido e evitado.

Andava atrás de Fenris, observando tudo em volta. Para qualquer direção que mirasse, tudo o que podia ver era uma várzea aberta com ligeiras ondulações, coberta por grama verde e um ou outro arbusto-anão. Apenas em alguns pontos havia árvores retorcidas crescendo. Seus galhos não eram cobertos por folhas, mas por espinhos verdes. Uma leve brisa passeava pela superfície da várzea, não conseguindo mover quase nada, espreitando-se com cuidado, como se respeitasse o silêncio e a paz que reinavam por ali.

Um grasnado agudo assustou Nonna e, por instinto, ela olhou para o céu em direção ao som. No alto, um pouco abaixo das nuvens cinzas, pôde ver um enorme pássaro, que deslizava no vento, suave, com as asas abertas. O som do pássaro solitário tão no alto parecia exacerbar o silêncio que os cercava havia dias.

De volta à casa de Gunhilde, Nonna e Fenris ficaram uma única noite na cabana, iniciando a viagem já na manhã seguinte. A mãe levara Nonna e Fenris às ruínas queimadas do vilarejo pela primeira vez, desde a primavera, e a filha desabara em lágrimas doloridas ao ver os resquícios do antigo lar. Gunhilde teve um grande alívio ao encontrar um pequeno tesouro que escondera sob a lareira, e que os invasores não haviam descoberto. Com ele, poderiam começar uma nova vida.

Sob o sol forte de outono e um vento intenso, pararam sobre o monte vazio de sua casa, olhando para a paisagem desértica da Primavera Negra. Sentiram-se tristes. Gunhilde não fazia ideia de onde os aldeões estariam.

Após um período de espera, viram uma figura conhecida sair da floresta e se aproximar deles.

Hundolf, o adivinho, veio até eles caminhando com dificuldade e contou às duas tudo o que ocorrera. Os cruéis mercenários de Nawyr, a mando de Gerhard, haviam destruído o vilarejo, matado a maioria dos habitantes e levado os outros. Eles não ousaram seguir Gunhilde ao pântano dos espíritos e Hundolf escapara para sua própria floresta. Quando, após um tempo, teve coragem de voltar, encontrou os guerreiros no local em que se dava a coleta de flores e, entre eles, o pai de Nonna. Logo, outros homens de vilarejos próximos chegaram e, com sua ajuda, Hundolf acendeu uma pira funerária para o pai da menina, na várzea, e o enterrou junto com os guerreiros, no local em que perderam suas vidas. O vilarejo não pôde ser reconstruído, pois até Hundolf não conseguia localizar os espíritos dos assassinados. Portanto, após as piras funerárias apagarem, os guerreiros vizinhos voltaram para seus vilarejos e Hundolf ficou sozinho na floresta.

Depois de contar o ocorrido, Hundolf, em silêncio, guiou o grupo para um vale sagrado, junto a um lago. Ali, em que antes as flores cresciam e, até então, era um local de comemorações felizes em dias especiais, um grupo de guerreiros jazia sob uma grande pilha de pedras. No ponto mais alto, junto ao lago, encontrava-se o monte no qual o pai de Nonna fora sepultado. Todos sentiram a presença daquele espírito perto do túmulo e, com uma dor cortante, conseguiram se sentir mais consolados. Naquele instante,

Gunhilde prometeu ao marido que levaria Nonna de volta à região da família de Radulf e criaria Nonna lá. Gunhilde colocou a mão sobre as pedras e se comprometeu a sempre cuidar de Nonna e assegurar que sua memória sempre se mantivesse viva.

Antes de se separarem, Hundolf tirou algo de uma de suas capas mais esfarrapadas e o deu para Gunhilde. Os perseguidores não haviam levado uma joia simples que estava no pescoço do marido. Gunhilde pendurou sobre o colo o martelo preto de ferro do deus Hamarr, que Radulf utilizava,

despediu-se do velho e maltrapilho adivinho e do marido, partindo em direção à costa com a filha e Fenris. Nenhum deles olhou para trás.

Após dois dias, chegaram a um pequeno vilarejo costal, no qual, dias antes, o navio de Askold trouxera Nonna e Fenris de Nawyr. Gunhilde pagou pessoas de Noridium, que a levaram, com Nonna e Fenris, para o norte.

Já haviam navegado cerca de uma semana com os guerreiros de Noridium, em um barco rápido e robusto. A viagem pelo mar fora fascinante para Nonna. No tempo em que esteve acordada, ela passara olhando, através dos escudos, a costa ao leste mudar, à distância, ficando mais e mais descampada, a cada dia. O vento havia jogado a vela brilhante sobre sua cabeça, como se estivesse apressando o barco para seguir cada vez mais rápido. Quando Nonna virou a cabeça em direção à frente do barco, imaginou-se sobre um dragão, voando sobre a superfície do mar, graças à decoração da embarcação, que trazia o tema. Todas as noites, antes de dormir, Nonna conseguia ver fogos queimando na costa, que, segundo os marinheiros, eram faróis nos fortes de Bariadia ou fogueiras menores das tropas em seus acampamentos. Já haviam visitado a cidade de Águas Cinzas e alguns portos menores e, no fim, fazia cinco dias, haviam chegado ao porto de Barra do Alce.

Aquela era uma cidade diferente de qualquer outra que Nonna já vira. Logo após pôr os pés nas docas, ela se identificou com cheiro de tabaco. A cidade era movimentada e colorida, o porto era cheio de diferentes tipos de barcos e criaturas que lhe causavam grande estranheza. No pequeno labirinto de ruas havia massas de pessoas atarracadas das montanhas, cujas roupas e armaduras eram quase todas decoradas com o símbolo de uma bigorna e uma cabeça de urso. Das tavernas saíam todos os tipos de música, algumas até pareciam ser tocadas por fadas. Odores, cores, sons – tudo lhe era diferente. Um rio cortava a cidade, o Corrente Fria, e na outra margem um forte velho e decadente, ainda ameaçador, guardava uma torre que trazia flâmulas com símbolos de chifres de renas.

Nos portos anteriores, não haviam deixado a área das docas, por causa de Fenris. Gunhilde não estava certa de como as pessoas reagiriam ao urso nas demais cidades costeiras. Em Barra do Alce, entretanto, ela caminhava com orgulho ao lado de Fenris e Nonna, sem medo ou preocupação. A criança se impressionava ao ver como as pessoas se viravam para olhar Fenris caminhando despreocupado pelas ruas de paralelepípedo, fazendo com que todos os passantes abrissem caminho para eles.

Gunhilde deixara a grande espada de Radulf no barco, escondida de olhos curiosos, mas quando seguira a viagem a pé, tirara-a de lá. Teria sido difícil para ela carregar uma espada tão grande no cinto, então fez como muitos guerreiros e a levou às costas. Assim, passantes e transeuntes se maravilhavam diante daquela mulher, cheia de orgulho, transportando uma arma temida pelos mais fortes guerreiros. Às vezes, Nonna achava a atenção despertada um pouco aterrorizadora e, ao irem para o outro lado da cidade, em uma estrada passando por um forte, suspirou aliviada. Mais tarde, quando se lembrava daquela cidade, só conseguia recordar com clareza dos olhares surpresos e das pessoas fugindo deles. Não fosse isso, tinha a impressão de ter atravessado um local adormecido.

Após essa parada, haviam caminhado na direção do Monte do Poço de Piche, um pequeno vilarejo costeiro e, em seguida, para uma região da qual Nonna jamais ouvira falar. Quando, em seguida, soube que iriam para uma baía com uma floresta chamada Cabo de Hiite, lembrou-se da tímida criada de Gerhard, Tiira. Ela ficara triste por não ter conseguido acordá-la para fugir de Gerhard e desejava encontrar todos daquela família e lhes contar como ela estava bem.

Nonna retornou dos devaneios quando viu que Fenris estava no topo da colina à frente. Apenas depois de chegar lá e olhar para o caminho percorrido, ela percebeu que haviam subido gradualmente durante todo o dia.

Gunhilde parou ao lado de Fenris com as mãos na cintura.

– Enfim, bem-vinda a seu novo lar, Nonna – disse, suspirando aliviada.

Diante deles se estendia um enorme vale, que tinha o mar com blocos de gelo em seu lado ocidental. À distância, do lado oposto do vale, ao norte, o solo começava a subir outra vez, chegando a uma serra que parecia continuar até onde a vista alcançasse. A leste, o vale seguia entre as montanhas e cadeias de colinas, desaparecendo como uma forma cinza indistinta.

A trilha que haviam seguido descia diante deles em uma rampa íngreme. Após cem metros, chegava ao terreno plano e continuava em ziguezague na direção da Praia Perdida, vilarejo cercado por aterros. Era o lar da família de Radulf.

PRAIA PERDIDA, COSTA OESTE DE NORIDIUM

Março de 815

A aurora boreal flutuava no céu de um negro profundo. Enquanto se afastava das estrelas, revelava constelações brilhantes. A mais brilhante delas era a constelação do Grande Dragão e quatro de suas estrelas. Sentada e protegida por peles, em um monte coberto de neve, com a respiração visível no tempo frio, Nonna pensava em uma história contada pelo pai. Era um dos contos mais antigos que ele conseguia lembrar. Por alguma razão, parecia importante pensar naquela história. Ela baixou a vista para olhar para as mãos cobertas por luvas.

Havia muito tempo, antes da grande guerra, quando dragões ainda governavam o mundo, os maiores representantes eram Audun, Tyrfinng, Geitir e Cerbiurus. Os quatro dragões eram os maiores e mais altivos que existiam – Tyrfinng com brilho forte, Audun de vermelho intenso, Geitir de cor verde e Cerbiurus de um negro tão sombrio que nenhuma luz parecia escapar da superfície de suas escamas. Só de pensar naquele nome, Nonna tinha arrepios. Ela esperava nunca ter de ver um dragão das trevas, apesar de ter ouvido falar deles. Preferia muito mais pensar no brilhante Tyrfinng ou no quente e feroso Audun, distante da escuridão de Cerbiurus, embora em sua terra natal a crença neste fosse a mais forte.

Os quatro seres governaram o mundo por muito tempo, milhares de anos, antes de desaparecer sem deixar vestígio. Próximo à época de seu fim, quatro estrelas de uma constelação se apagaram e a história conta que no dia em que quatro novas estrelas voltarem a surgir, os antigos dragões retornarão ao mundo terreno. Muitos se esqueceram da história, com o passar dos anos, outros nunca ouviram falar dela, já Nonna a escutara do pai diversas vezes.

Nonna esfregou as mãos dentro das luvas.

As estrelas haviam reaparecido na constelação fazia três anos, ainda mais brilhantes que as anteriores. O adivinho Hundolf ordenara ao vilarejo que se reunisse no grande salão, e ali contou, com seu modo eloquente, o quanto o evento era importante, com o retorno de quatro deuses. Ele dissera ao povo apenas parte da verdade, só que o pai de Nonna conhecera a outra parte da história. Hundolf sussurrara algo sobre o assunto com seu pai por um longo período e Nonna se recorda de ter se escondido atrás das cortinas para ficar mais perto e ouvir. No entanto, um dos grandes cachorros do pai, que estava a seus pés, levantara a cabeça, entregando-a. Nonna ouviu apenas que aqueles quatro deuses estariam na Terra sob alguma outra forma, não a de dragões. A conversa com o adivinho não chateou ou preocupou Radulf, ao contrário. De modo geral, parecia que o retorno dos Deuses Dragões era uma notícia boa – exceto para algumas pessoas.

Quando o assunto veio à mente de Nonna, naquele momento, ela quis saber mais sobre ele. Franzindo a testa, tentou pensar em quem poderia lhe contar mais sobre os Deuses Dragões. Sua mãe decerto saberia algo, pensou, caindo de costas na neve, com alegria. A superfície da neve endurecera com o vento, mas cedeu com um estalo e, rindo, Nonna se viu caindo por uma camada fina de gelo na neve macia. Ela respirou fundo o ar congelante e, ao expirar, perguntou-se como o brilho da aurora boreal podia atravessar até o vapor de sua respiração.

– Você sabe o que todos sabem, minha querida – disse Gunhilde à Nonna, em frente à panela de mingau.

– Mas o que Hundolf contou ao papai?
– Não sei, Nonna, é provável que nada importante, talvez estivessem falando de outra coisa.

– Eles falavam sobre a história, tenho certeza disso, foi claro o que ouvi...

– Mas por que o assunto é tão importante agora?

– Não sei... apenas parece importante. O que significa tudo isso, mãe? Nós não temos nada a ver com dragões ou temos?

– Todos temos.

– Até com o totalmente negro? – disse Nonna, evitando propositalmente dizer o nome de Cerbiurus.

– Sim, até com ele – Gunhilde bateu a colher contra a panela de ferro, experimentou o mingau e o tirou do fogo com um gancho. Ela limpou as mãos com uma toalha grossa e veio se sentar à mesa junto de Nonna. A filha sentiu o cheiro de canela vindo dos dedos da mãe, enquanto tirava o cabelo de seu rosto. – Até com o totalmente negro, o que significa que todos temos escuridão, noite, mágoa – todas as coisas assim – dentro de nós. Assim como temos a luz, o brilho e a limpeza de Tyrfin, só que ao contrário.

– Isto não se refere mais aos dragões?

– Sim, mais, claro, mas todos nós temos um pouco de tudo isso.

– O que significa o retorno dos antigos Deuses Dragões?

– Espero que somente coisas boas. Imagino que só saberemos depois.

Nonna deu um suspiro profundo. Gunhilde se levantou e foi chamar todos para comer. O tempo congelante entrou, bateu nas pernas de Nonna e ascendeu. Nonna sabia como inalar no momento correto para sentir o cheiro do ar frio no nariz.

– O adivinho sabe de mais alguma coisa? – perguntou Nonna, referindo-se ao eremita da tribo da Praia Perdida.

– Talvez. Você gostaria de ir perguntar para ele? – indagou Gunhilde, com um sorriso provocador. Ela sabia que Nonna não teria coragem de ir até ele, pois, até entre os homens de Praia Perdida, apenas um teria a ousadia e levaria todos os amuletos possíveis consigo.

A resposta de Nonna foi abafada pelos passos de um grupo de crianças que entravam correndo, com os pés cheios de neve. Gunhilde repetiu a pergunta.

– Sim, gostaria, com o Fenris! – declarou Nonna, com braveza.

A concha caiu das mãos de Gunhilde sobre o chão coberto de feno.

NORTE DE NAWYR

Março de 815

Irritado e furioso, o vento batia no pátio do forte vazio como se estivesse procurando algo, em vão. Ele penetrava por cada orifício e cavidade pela milionésima vez, como se checasse se podia encontrar o que procurava e, com fúria e desapontamento, jogava objetos soltos pelo pátio. Ele arrancava a neve solta do chão e a espalhava.

O uivo colérico se misturava com o som dos objetos soltos batendo contra os muros do forte, um lobo uivava em algum lugar distante e o portão solitário do forte rangia, enquanto uma figura de preto o deixava entreaberto.

A escuridão caíra havia um bom tempo e a única luz do pátio escuro vinha da alegre lua crescente. O brilho só acentuava as sombras e a solidão, o silêncio e as trevas. Tudo era conhecido da figura molambenta e sorumbática que atravessava o portão em passos lentos, apoiando-se em um cajado. A criatura usou o peso do corpo para fechar a grande porta e o soltou, deixando-o bater com estardalhaço.

Um duende se mantinha imóvel, observando.

Ele viu um pátio de forte de cerca de 30 metros de largura, cercado por muros grossos e altos. Contra eles, cabanas de madeira haviam sido construídas. Suas janelas estavam vazias e escuras. Do outro lado do pátio, havia um edifício redondo com uma torre e, em sua extremidade, as ruínas do que parecia ter sido uma cozinha. O duende olhava e escutava, mas não ouvia o som de qualquer ser vivo, nem corvos ou ratos podiam ser vistos. Tudo estava silencioso, apenas o vento nervoso movia um velho balde,

batendo-o no pátio, como se brincasse com ele. O objeto parava, balançava algumas vezes e ficava se debatendo, enquanto o vento mudava de direção outra vez, correndo para dentro das ruínas da cozinha, causando muito barulho antes de seguir em frente, de novo.

Pouco antes, havia nevado. O chão não estava coberto de gelo, que, entretanto, amontoava-se aqui e acolá, formando figuras misteriosas. O duende as observou por instantes, depois continuou.

Ele percebeu que algo estava errado logo que atravessou o portão interno. O vento parecia mais forte dentro do pátio do forte do que fora. Além dele, algo mais parecia estar presente ou, talvez, sua memória.

Snerrri viera ao forte deserto de Gerhard por pura curiosidade. Ele saíra para lá da floresta pela primeira vez em sua vida. Tinha pouco contato com qualquer outra pessoa, daí a razão pela qual levava tanto tempo para ouvir falar de Gerhard. Somente dois dias antes, recebera a visita de um homem, que tinha uma profissão até certo ponto suspeita, pois lidava com substâncias venenosas. O desconhecido falou sobre diversos assuntos e mencionou que o forte de Gerhard ficara deserto. Snerrri ficou surpreso com a notícia e quis saber mais. O homem se tornou misterioso e com uma óbvia felicidade por poder contar sua história assustadora. Sem dúvida, ele a embelezara bastante, entretanto, ela fez Snerrri sair de sua caverna e floresta para dar uma olhada e checar se era verdadeira.

E assim parecia. O forte de Gerhard estava, de fato, deserto.

Segundo a história que ouvira, tudo se passara havia pouco tempo, apenas algumas semanas antes. Ninguém tinha informações claras sobre o que ocorrera e, segundo testemunhas, tratava-se de algo muito assustador. Os homens de Gerhard que restaram, alguns guerreiros que haviam enlouquecido de medo, criadas e serviçais haviam chegado ao vilarejo mais próximo em uma noite de particular escuridão. Ele estava a apenas alguns quilômetros do forte, mas a chuva impedira que os aldeões percebessem qualquer fato estranho acontecendo no forte. Quando os guerreiros retomaram o fôlego, contaram como, no meio de um dia comum, um sinal de alerta fora dado do edifício da torre. Uma tempestade de raios começara um pouco antes, forçando todos a entrar e, quando o fizeram para ver o

que acontecia, ouviram gritos altos e sons de batalha vindos de dentro da torre. O chão balançava, raios estouravam no forte e uma batalha inacreditável deveria estar se passando na torre. Ninguém pôde entrar nela e, no final, um som assustador vindo de lá espantou a todos para fora do forte.

Após a chuva parar, no dia seguinte, os aldeões saíram para ver o que ocorrera, levando tochas, além de ancinhos e tacos como armas. Eles encontraram um forte vazio e as ruínas cheias de fumaça do prédio da cozinha. A porta principal da torre estava aberta, mas não houve quem tivesse coragem de entrar, pois algo parecia ainda estar dentro. No pátio lamacento, viram apenas um par de pegadas, que saíam da torre até o pátio e para fora do portão. A partir daí, os aldeões atestavam que o forte era mal-assombrado e ninguém ousava passar perto dali. Eles pintaram um pentagrama no portão do forte para se protegerem do mal e abandonaram a área.

Pouco depois, homens do príncipe do norte de Nawyr, filho do Rei Maior de Nawyr, foram a cavalo do vilarejo ao forte. Com eles, estava um homem que se assemelhava a um mago que servira Gerhard antes. Mais tarde, naquela noite, o grupo retornou do forte, quieto, e nada mais se ouviu sobre o assunto desde então.

Assim, Snerrí decidira descobrir o que acontecera no forte.

A porta da torre estava entreaberta. Ele a puxou e colocou sua vara dentro da escuridão total do local. Sussurrando uma palavra, uma luz avermelhada passou a brilhar a partir da pedra na ponta do cajado. Snerrí levantou as sobrancelhas quando viu o caos do interior. Nada havia sido deixado intacto. Todos os móveis foram quebrados e os pedaços estavam por toda parte, a tapeçaria havia sido rasgada, fragmentos de madeira e de louça estavam espalhados no chão – até as tochas haviam sido arrancadas das paredes. Aqui e ali capacetes, pedaços de escudos e armas espalhados, mas nem um único corpo, muito menos um ser vivo.

Contudo, sentia a presença do mal de maneira muito intensa. Snerrí conhecia o mal, pois lidara com ele por toda a vida, pesquisara e fizera com ele uma aliança, havia muito tempo. Sabia que ele estava ali. De fato,

pensou, enquanto tentava enxergar melhor com a luz vermelha, sentia a presença da memória do mal com muita intensidade. E naquela lembrança encontrou algo muito familiar.

Snenni pensou nos acontecimentos do último outono. Quando Gerhard fora encontrado enlouquecido na floresta, aprisionaram-no em sua própria torre e o homem mais próximo assumira o poder. Snenni caminhava em meio aos destroços levantando os pés, indo em direção ao grande saguão, mas nem queria olhar para lá. Parou em um cruzamento de corredores, viu uma escadaria à esquerda e começou a subi-la.

As escadas estavam desgastadas e havia pedaços lascados e uma grande quantidade de escudos enferrujados e armas sobre ela. Snenni não viu qualquer sinal de sangue nelas, aquelas ao pé da escada não haviam sido usadas, e quanto mais subia, mais desgastadas estavam. Os escudos, por outro lado, pareciam ter sido esmagados por algo muito pesado.

Quando chegou ao último andar, viu algo estranho.

A única porta para o último andar estava no chão, em pedaços. Suas dobradiças estavam fora da parede de pedra e o andar estava repleto de pedaços quebrados de escudos. Um machado enorme junto à porta, com o cabo destruído. Algo brilhante no andar lhe chamou a atenção e ele se aproximou para ver. Um pedaço brilhante de metal havia sido encrustado profundamente no reboco entre duas pedras. Snenni o puxou e concluiu ser um pedaço de um colar de prata. O fragmento fora pregado na parede como se alguém o tivesse martelado lá. Ele moveu a vara acesa e ponderou sobre a imensidão da destruição.

Hesitou por um instante, enquanto olhava pela porta. O quarto estava vazio, apenas a trava da janela rangia um pouco ao vento. Snenni entrou.

O frio do quarto lhe atravessou a pele e, junto a isso, notou um sentimento tão forte de ódio que teve de se proteger com um feitiço. Qualquer outra pessoa precisaria sair do quarto com urgência, porém, a força de Snenni diante do mal e da escuridão lhe permitiu ficar o tempo necessário. Ele olhou em volta, murmurando encantamentos.

Fixou seu olhar sobre uma figura quase apagada no chão. Ela não estava de todo visível no piso coberto de gelo e destroços, parecendo ser

circular, com cerca de dois metros de diâmetro. A linha exterior era formada por um círculo talhado na madeira do piso e, sob ela, havia um texto e diferentes símbolos ao redor. No interior, outro círculo e marcas de velas queimadas. Snerri se ajoelhou, ofegante, e passou a mão sobre o texto. O calor de sua mão foi suficiente para derreter a fina camada de gelo que esfregara, revelando mais letras e símbolos.

Ele começou a enxergar o texto que havia sido escrito em uma linguagem antiga de magia negra, que Snerri entendia muito bem. Como não queria correr o risco, em especial naquele local, de dizer uma palavra errada em um momento errado, leu o texto com calma sem dizê-lo em voz alta.

Uma sombra silenciosa passou pela luz da vara de Snerri.

Snerri permaneceu imóvel, levantou um pouco os olhos e escutou estalos levíssimos às costas. O som era similar ao da unha de um rato arranhando a madeira. Ele esfregou o chão para ver mais símbolos e tocou o círculo interno da figura, que fora queimado sobre a madeira; podia-se sentir o odor sulfurado. E começou a compreender o que aquilo tudo significava. O estúpido e louco Gerhard fizera algum tipo de ritual no quarto, antes do forte ser destruído e Snerri sentia que havia conjurado um espírito mau do Mundo dos Mortos para o lugar. Olhou ao redor e não viu qualquer livro do qual Gerhard poderia ter retirado a invocação. Então, lembrou-se que seu visitante lhe contara que o mago de Gerhard visitara o castelo. Era provável que tivesse levado o livro ao partir – quem quer que fosse ele.

Algo voou em frente a Snerri. De início, sentiu uma corrente de ar, em seguida, ouviu outro estalo, agora à frente. Ele levantou os olhos.

Uma criatura parecida com uma gárgula flutuava diante de Snerri com a cabeça esticada para a frente e os olhos brilhando. O duende respirou ao perceber do que se tratava:

– Tenebroso!

A criatura rosou, em resposta. Era um ser pequeno, porém bastante assustador. Magro, com longas mãos e pernas dobradas e duas asas similares às de morcego às costas. No extremo dos dedos das mãos e dos

pés, unhas de aparência pavorosa, existentes também em suas asas, como garras. Na boca, uma linha de dentes amarelados, tão afiados quanto facas. Não parava de virar a cabeça para os lados, enquanto observava Snerri.

– Para fora! – disse Snerri, como se espantasse um rato. A criatura reagiu voando para trás e mostrando os dentes, furiosa. Snerri tentava pensar ainda mais no que sabia sobre elas. Eram deixadas para proteger um objeto ou lugar – em geral, o mago ou o espírito mau é que as utilizava. Até os antigos mestres-dragões faziam uso de criaturas como os tenebrosos, só que muito maiores. As semelhanças com os dragões eram surpreendentes, segundo ele.

– A quem você serve, tenebroso? – perguntou, com cuidado, colocando a ponta da vara perto da criatura. O corpo inteiro do ser se tornou vermelho como sangue com a luz, enquanto olhava com fascinação para a bola de luz. Ele a tocou com a unha e virou a cabeça para Snerri:

– Posso ver que você não é um inimigo... mau – disse, com uma inesperada voz grossa e clara.

– Não sou um inimigo, só quero saber a quem você serve.

– Por quê?

– Quero saber quem é o senhor do castelo, para espalhar a notícia... e assustar o povo.

– Sou o senhor do castelo agora, não há outro.

Snerri fez reverência para a criatura, a raiva começava a crescer de novo. Ele não podia se equiparar a um tenebroso, não sabia tais feitiços nem estava em seu próprio território, que estaria sob o controle de seus espíritos. Nenhum deles ousaria ir lá, até os corvos haviam ficado do lado de fora do forte. Tudo que podia fazer era bajular a criatura.

O tenebroso abriu as asas, de forma ameaçadora:

– Meu senhor é um vingador e malfeitor, que vaga em ventos tempestuosos, mas não revelarei seu nome.

Snerri reconhecia a descrição do espírito mau. Sabia que conseguiria a informação que queria, então memorizou uma a uma aquelas palavras.

– Obrigado. Se puder... – Snerri disse, levantando-se com vagar ao se afastar do quarto. O tenebroso voltou a voar para o pilar da cama, em que

estivera até o duende entrar ali, e rosnou com cólera. Snenni se curvou, e começou a descer as escadas, respirando aliviado. Por trás dele, os grunhidos do tenebroso se tornavam cada vez mais distantes.

Gerhard estava mais insano do que se havia imaginado. Era quase um milagre que nada pior houvesse acontecido em volta do forte, embora um dos espíritos maus do Mundo dos Mortos estivesse vagando livre por lá, talvez nele.

Snenni deixou o forte com sua capa, voando sem olhar para trás. Por muito tempo, em sua mente, podia sentir o odor sulfurado do tenebroso, ouvir-lhe a voz grave agressiva e ver a negrura intensa de seus olhos.

PRAIA PERDIDA, COSTA OESTE DE NORIDIUM

Março de 815

– Oh, com Fenris?

– Sim – respondeu Nonna, com um tom hesitante.

Gunhilde pôs o mingau nos pratos das crianças e parou, ao lado de Nonna:

– Você teria coragem de ir sozinha ao eremita perguntar sobre os dragões?

Nonna olhou para a mãe em descontentamento e respondeu que sim.

– Você sabe onde vive o eremita?

– No Monte do Lobo! – responderam as crianças, em uníssono.

Gunhilde estava surpresa.

– Sim, mãe... no Monte do Lobo. E é uma curta distância. Com o que você está preocupada? Fenris vai comigo, assim faz um pouco de exercício. Posso?

– Está bem, considerando que você acredita que tem coragem.

Nonna pulou de alegria, enquanto Gunhilde lhe dava uma colher a mais:

– Ao menos você comerá bem antes da partida e coma tudo! – disse, bagunçando o cabelo da menina.

O tempo estava magnífico. O sol subira e iluminava toda a região. A neve cintilava como se alguém houvesse espalhado diamantes sobre uma superfície branca e o ar estava gelado, podia-se até notar seu cheiro. Nonna ainda podia aproveitar um pouco do calor da cabana em suas roupas, mas do que mais gostava era da sensação de frio que se espreitava por sob as luvas e o casaco. Logo, a caminhada a aqueceria e não teria mais frio, até lá, no entanto, iria aproveitá-lo.

Seus pés pequeninos nem rompiam a superfície, endurecida pelo vento, já as enormes patas de Fenris atravessavam o gelo e afundavam na neve. Como os dedos dos ursos do gelo se espalham na neve, sem ceder muito, ele andava atrás de Nonna sem enfrentar qualquer dificuldade.

Fenris farejava o ar. Ele passara um longo período no vilarejo e saíra muito pouco. À noite, quando todos dormiam, por vezes, caminhava do lado de fora com os próprios pensamentos, deliciando-se com a paisagem fresca e coberta de branco. Apesar de gostar de estar perto de Nonna, na cabana, com aroma de canela, sentia-se mais vivo quando estava em movimento. Além disso, sabia que com Nonna a situação era semelhante. Ele percebia que ela estava inquieta e se sentia diferente das outras crianças. A menina nunca gostava de brincar com outras crianças. Fenris, em diversas oportunidades, vira que após o entardecer a garota ia para uma colina próxima, com visão privilegiada para todas as direções, em especial o mar. Sem Nonna saber, ele sempre estivera próximo, a observá-la, preparado para ajudar, se necessário. Na realidade, não compreendia o elo que tinha com Nonna, sabia apenas que não queria se separar dela. De qualquer maneira, a personalidade de ambos era muito similar e, caminhando juntos em silêncio em um campo aberto de neve, Fenris sentiu isso ainda com mais força.

Ele respirou com força o ar frio e desfrutou de sua existência, batendo na neve com alegria, enquanto Nonna olhava para trás assustada:

– Fenris, não é hora para brincadeiras... caminhe direito! – disse, dando uma bronca no urso do gelo, que estava feliz.

O Monte do Lobo merecia seu nome, pensou Nonna, enquanto o contemplava, à distância. Uivos podiam ser ouvidos daquela elevação, coberta por árvores espessas. A menina pensou ter visto figuras negras a espreitar, no topo, mas elas não a assustaram. Apesar de não ser alto, tinha uma aparência sombria.

Ele tinha cerca de 20 metros a mais do que a região ao redor e se localizava junto de uma floresta, além da qual era possível avistar os primeiros precipícios e as elevações das montanhas, ao fundo. Em seu topo, havia árvores sólidas e densas, cujos galhos estavam cobertos por grossa camada de neve. Pássaros pretos voavam aqui e ali entre elas.

– Corvos, Fenris... amigos dos lobos – falou alto Nonna, perdendo até o pouco medo que tivera em relação ao lugar. Uivos se repetiram e ela, outra vez, teve dúvidas se avistara uma criatura no topo do monte, a observá-los, e depois se escondendo por trás das árvores.

Ao se aproximar do sopé, Nonna olhou ao redor. À esquerda e à direita havia só um vazio aberto, campos cobertos de neve até o alcance da visão.

Nonna iniciou a subida, com Fenris logo atrás.

O monte não era íngreme e pouco tempo foi necessário para escalá-lo. Ela, entretanto, estava coberta por neve ao chegar no cume e seus olhos se reviraram ao ver o que a aguardava.

Uma alcateia, tendo um enorme lobo de pelos prateados à frente a fitava. Seus olhos amarelos brilhavam sob a luz do sol, como se ele refletisse sobre a estranha presença daquele ser humano. Havia cerca de uma dúzia de outros focinhos, parados. Ao fundo, grandes árvores e, mais atrás, uma construção semelhante a uma cabana, com um muro baixo, irregular, um buraco na parede e uma linha de fumaça que escapava por ali.

Nonna estranhou a demora de Fenris que, ao chegar, fez com que os lobos recuassem um passo, sem saírem de seu caminho. Pensando no que faria, ela murmurou o nome da deusa dos lobos, Ylva, para si própria e desejou com afinco que afastasse os animais. Ela nunca fizera nada contra Ylva, até lembrara de respeitar seu dia de celebração, no último verão, em Praia Perdida, cujo festival era mais importante do que em sua terra natal.

No vilarejo, existia até uma pedra sacrificial em honra da deusa e todos deixavam algo ali quando o sol se punha, naquele dia. Nonna e Fenris haviam deixado pão, que ela mesma preparara com os prováveis últimos grãos de farinha. Por isso, acreditava com fé que Ylva não teria nada contra ela.

Respirando fundo e sem pensar mais naquilo, caminhou em direção ao maior dos lobos. No início, os passos foram um tanto hesitantes, tornando-se decididos ao ver que Fenris a seguia. Nonna até desacelerou para não parecer ameaçadora, mas seguiu sem parar. Ela sentia o coração batendo nos ouvidos e as mãos úmidas dentro das luvas, e continuava.

O lobo grande abriu passagem para ambos, pulando para o lado, virando-se e correndo para o muro, saltando-o. Em conjunto, todo o grupo seguiu o líder e desapareceu diante dos olhos de Nonna, que suspirou aliviada e manteve a direção da cabana coberta de neve, agradecendo à deusa dos lobos, em silêncio.

Uma frágil porta, que mal se sustentava nas dobradiças enferrujadas, entreabriu-se, de início, para depois ficar escancarada.

Diante da menina, surgiu um homem muito velho, cuja barba branca e cheia de nós chegava até o chão. Ele estava curvado, apoiando-se em uma vara de madeira. Seu cabelo era tão longo quanto a barba, tão branco e com mais nós ainda, pendendo para a frente do rosto enrugado. Seus olhos, porém, eram de um azul cortante e fitavam Nonna com tanta força que pareciam arder nas laterais de seu nariz aquilino. Surpresa, ela ficou quieta e observou a boca estreita se abrir e emitir uma pergunta em voz grave e trêmula:

– Hum... e quem você deve ser? – Naquele instante, o adivinho notou Fenris e se voltou para Nonna, com um olhar de surpresa. – Você? Mas você é do vilarejo de Praia Perdida! Você está sozinha? – O homem insistiu em saber, olhando em volta um pouco assustado. – Ouvi dizer que uma menina com um urso do gelo chegara ao abrigo do vilarejo. Por que você ousa vir me visitar?

Nonna ficou em dúvida se aquele era o lugar correto. Segundo o que ouvira, ela deveria esperar um adivinho esguio, de aparência altiva e boa postura e não um velho que mal conseguia ficar em pé sozinho.

– Com licença, sou Nonna e vim ver um eremita, quer dizer, um adivinho.

– Então seu nome é Nonna... para ver um adivinho. O que Nonna quer com um adivinho? Bah... Bem, entre antes que você deixe a cabana toda fria. – O velho saiu da frente da porta, tremendo, e deixou Nonna entrar. Quando começava a fechar a porta, Fenris empurrou o focinho para dentro.

– Você não cabe aqui dentro, seu balofo. Fique aí! – esbravejou o velho para ele, pego de surpresa. O eremita fechou a porta no focinho do urso. Fenris olhou ao redor por um instante, rugiu para os lobos que riam em volta e se deitou.

– Sente-se... não ali! Naquele banco comprido – disse o velho à Nonna, quando ela se ajeitava em um banquinho, perto do fogo. O longo banco, de fato, era mais confortável para repousar, pensou Nonna, ao sentar. O velho se acomodou junto ao fogo, em seu banquinho e olhou para Nonna.

– Então você é Nonna, certo? Somente Nonna, você não tem família? E o que você deseja comigo?

– Sim, tenho uma família, meu pai era Radulf e minha mãe é Gunhilde. Moro no vilarejo da Praia Perdida. O que as quatro estrelas brilhantes do Grande Dragão significam? – respondeu, de uma só vez.

O velho passou a sorrir em contentamento, levantou-se devagar de seu banquinho e, de um caldeirão no fogo, com muita dificuldade, serviu uma bebida vermelho-escura de cheiro forte em duas canecas. Ele ofereceu uma delas para Nonna que sentiu com clareza o odor familiar de *glogi*.

– Então foi isto que você veio me perguntar... do vilarejo de Praia Perdida.

– Sim.

– Hum... Bem, você já ouviu algo sobre as estrelas?

– Meu pai contou que elas representam quatro deuses que estão ausentes há muito tempo e que eles retornariam quando as estrelas acendessem de novo, nada mais, não muito mais...

– Hum, sim, você está certa, as estrelas do Grande Dragão são deuses antigos, que criaram o mundo.

– E as quatro estrelas?

– Audun, Tyrfing, Geitir e Cerbiurus, o mais velho e mais poderoso deles. – O velho deu um gole na bebida, com um barulho alto e uma expressão de agrado. – Sim... muito tempo atrás, quando todas as pessoas ainda eram súditas dos dragões, mais fracas e numerosas do que hoje em dia – quando o povo dragão também povoava o país –, foi quando as estrelas morreram. A partir daí, a história que tem sido contada diz que o primeiro dos quatro deuses teve de partir daqui, para algum outro lugar. Dizia-se que deixaram o mundo se defender por si próprio, embora ninguém saiba ao certo o motivo da partida. Eles não voltaram, nem durante a Guerra dos Deuses, antes ou depois, e muitos se esqueceram da história. Após a guerra, as pessoas não estavam mais interessadas em tais coisas, pois se tratava de um assunto que dizia respeito só aos dragões e, uma vez que não existiam mais, por que se importar com tais histórias? Alguns, porém, não deixaram de contá-la.

Nonna ouviu-o com atenção. O adivinho parecia falar devagar de propósito, parava para pensar, de vez em quando, coçava a cabeça cheia de nós, alisava a barba ainda mais cheia de nós e dava goles de sua caneca.

– Disseram que eles ainda voltariam... e que no dia em que viessem, uma nova era começaria. E, também, que andariam pelo planeta como mortais comuns, observando e avaliando – e que condenariam as pessoas de tudo que fizessem de mau. Pode apostar, muitos ficaram com medo quando as estrelas voltaram a brilhar há quatro anos. Os que viveram em maldade por toda a vida estão arrependidos e esperando pelo julgamento, dia após dia.

– Ouvi isto há pouco tempo...

– Bem, não acho que há por que se preocupar.

– Por que alguém se preocuparia? – perguntou Nonna, e aí se lembrou de Gerhard e suspirou.

– Acho que você me compreende. Que os deuses antigos tenham descido à Terra pode significar qualquer tipo de evento, o retorno dos dragões é só um deles. E se trouxerem os dragões de volta e eles começarem a governar de novo?

– Nunca vi um dragão. Por que a história é mantida em segredo?

– Para garotinhas como você não ficarem com medo.

– Só isso?

– Suponho que sim, não muito mais, está desapontada?

– Como são os deuses dragões?

– Como poderia saber?

– Você não perguntou aos espíritos?

O velho olhou bem para Nonna:

– Os espíritos se mantêm silenciosos a respeito, há coisas que não contam nem aos velhos.

O adivinho franziu a testa, tomou a caneca de Nonna com os dedos enrugados, colocou-a sobre a mesa e agarrou as mãos da menina. Fechando as pálpebras, começou a murmurar algo para si. Nonna começou a se sentir estranha. A vista ficou tonta, o calor das mãos do velho começou a se espalhar para as dela e a subir, chegando à garganta, espreitando-se pelo pescoço e de lá para a cabeça. O sentimento vertiginoso se tornou mais forte e ela fechou os olhos, enquanto a sala passou a girar. E respirou com quietude ao sentir um calor na parte anterior da cabeça. Memórias, até as que não mais se lembrava, piscavam na mente. As recentes eram todas boas, o cheiro de sua casa, a mãe, Fenris.

Nonna abriu os olhos e se deparou com o velho, atônito, à frente dela.

– Espere um pouco lá fora. Não vá embora, independentemente do que ouça... Vá agora, rápido – disse o adivinho, com pressa.

Titubeando, levantou-se e quase caiu por causa da vertigem, o que lhe trouxe a impressão de estar em um barco. Quando fechou a porta, teve tempo de ver o velho jogando no fogo uma lenha após a outra.

Sem saber quanto tempo esperou, a porta da frente se abriu e o adivinho acenou para que ela voltasse para seu interior.

A demora fora assustadora e Nonna não conseguira ficar perto da cabana. Logo após ter saído, os lobos desapareceram na floresta, uivando, e a região passou a escurecer. Fumaça e faíscas foram expelidas pelo buraco da construção e se misturaram às sombras, que se moviam dentro da floresta. Elas sussurraram e se lamentaram, enquanto se enrolavam em volta da cabana. De dentro dela, sons ainda mais assustadores foram ouvidos. Houve batidas e muita neve caía do telhado, em meio às sombras. Fenris e Nonna haviam fugido para um local mais iluminado e aguardaram até as sombras e a fumaça desaparecerem. A luz pousou sobre a cabana de novo e os lobos, que estiveram à distância com seus olhos brilhantes, retornaram.

Nonna pensou que estaria quente dentro da casa, após tanta lenha ter sido queimada e, no entanto, estava congelante. O velho se apoiava na lareira de madeira e com um espeto de ferro escurecido movia a lenha que queimava com normalidade. Ele fez um sinal para que Nonna se sentasse.

Postando-se à frente dela, suspirou. O calor se espalhava pela lareira. Nonna percebeu que tudo estava coberto de gelo e que a cabana não parecia mais confortável, ao contrário, ficara assustadora.

– Não se preocupe, isso sairá... não se preocupe com isso.

Nonna assentiu com a cabeça.

– Você tem problemas muito maiores a enfrentar. Escute com cuidado o que irei lhe dizer.

O adivinho fez uma pausa:

– Você está em sério risco. Você e todos a sua volta!

– Como assim?

– Você não pode mais retornar para casa ou colocará o vilarejo inteiro em perigo. Você não tem muito tempo a perder, tem de fugir o mais rápido possível.

– Por quê??? – gritou, furiosa.

– Algo está lhe procurando e é só uma questão de tempo para lhe encontrar. Algo... infinitamente mau.

– Bem, minha mãe e Fenris me protegem ou Thorgil da Praia Perdida... Thorgil tem um...

– acredite, deste mau nada pode lhe proteger, nem Fenris ou Thorgil de Ferro e seu machado.

– Bem, o que é, mande embora, afinal os espíritos o obedecem, não é?

– Não sei o que é, é algo... muito mais poderoso.

– Se me esconder, ele não irá me encontrar, irá?

– Você pode se esconder no lugar que quiser e ele a encontrará, não há esconderijo, não aqui.

Nonna estava aterrorizada.

– Você tem de pensar em sua mãe e sua irmã. Você as colocará em perigo também, se voltar para casa.

– Minha irmã? Mas não tenho irmã!

O adivinho ficou surpreso:

– Não?

– Não. Não tenho irmã.

– Sim, você tem... Hum...

– Onde?

O velho não parava de virar os olhos, pensando.

– Nonna. Você tem de conseguir ajuda de algum lugar ou de alguém. Não conheço ninguém que possa ajudá-la...

– Você não pode nem dizer o que está me perseguindo?

– Não quem, mas o quê... nada além de um espírito mau pode estar atrás de você e ele não parará até pegá-la. A não ser que você encontre algo mais forte e que queira protegê-la.

– O que é mais forte que o espírito mau? Vou encontrá-lo e pedir ajuda...

– Mais forte do que o espírito mau? Somente dragões.

– Dragões? Como irei encontrar um? Não há dragões... ou há?

– Sua irmã, não entendo... Você tem uma irmã gêmea, em algum lugar. Há algo lá que não pensei em perguntar, pois achei que você saberia.

– Como encontro um dragão????? – disse, com rispidez, ao adivinho que balbuciava.

– Hum... sim... Uma boa pergunta. Não sei, acho que em lugar nenhum. Há séculos não há nenhum deles por aqui.

– Bem, e antes?

– Longe daqui, ao norte, havia às vezes alguns... sobre os montes, e...

– Sobre os montes?

– Atrás das montanhas, depois da floresta, há alguns montes. São os Montes do Dragão. Lá pode estar sua esperança, desde que você parta de imediato. Vou lhe preparar algo para comer. Você não poderá ir por cima das montanhas, tem de seguir o rio e ir ao vilarejo de Cinovila, continuando a partir dali. Com certeza eles lhe dirão o caminho... Aqui está, você sobreviverá por algum tempo com isto. – E pôs a comida para a viagem em uma sacola de couro suja. Nonna se levantou com toda a coragem e bateu o vestido.

– Você tem de contar à minha mãe!!!

– Vou contar, vou contar... assim que você tiver partido, vou contar – disse o velho, empurrando a sacola para Nonna.

– Skafloc... – disse o velho, em voz alta. – Skafloc... O último dragão de que ouvi falar se chamava Skafloc. Não pare nem à noite e encontre sua irmã!

Nonna pegou a sacola e saiu correndo. A luz do sol a cegou por um instante. Fenris se levantou de seu posto, junto à porta, espreguiçou e rugiu.

– Droga, nem um minuto de paz... – suspirou Nonna, incomodada, enquanto subia no dorso de Fenris com a sacola.

Os lobos correram junto de Nonna e Fenris, até a noite. Eles mantinham uma distância segura de Fenris e, de tempos em tempos, brigavam sobre a neve. Ela reparou como se provocavam uns aos outros, tentando pegar seus rabos e os mordendo, de brincadeira. Quando já estavam prestes a chegar em um monte que subia em direção às montanhas, à medida que o azul da noite descia, os lobos foram ficando cada vez mais para trás até, enfim, pararem. Com um uivo doloroso, eles correram de volta para seu local de origem, o Monte do Lobo.

O dia de Nonna fora uma mistura de emoções vividas observando lobos e admirando a paisagem. Com a escuridão prestes a cair, trazia com ela a saudade de casa. Por instinto, tocou o cinto de nós com os dedos. Sempre carregava o cinto para poder lembrar do cativo.

Fenris se movia com leveza, balançando na neve. Ele virava a cabeça sem pressa para olhar em todas as direções e, enquanto o fazia, mal podia sentir o peso de Nonna às costas.

Chegaram a um monte alto, com grandes abetos a cada lado. Ele ascendia em direção ao penhasco e, quando Nonna levantou a vista, percebeu que estava ao lado da montanha. Os picos tinham alturas vertiginosas e, embora já estivesse escuro sobre o solo, as costas das elevações estavam banhadas por um dourado ofuscante, pela luz laranja do sol.

Nonna pediu que Fenris parasse e se virou para trás para apreciar.

Quando viu a floresta atrás deles, entendeu que haviam subido bastante o monte quase íngreme. Ela viu as pegadas de Fenris sobre a neve e as seguiu com os olhos até a floresta, ainda podendo reparar nas figuras negras brigando na neve. Nonna pensou ainda ter ouvido os uivos e ganidos da alcateia, que brincava lá embaixo. Mais à frente, enxergou a beira da floresta e atrás dela um grande campo coberto de neve, com Praia Perdida do outro lado. Sua mãe e os outros estavam lá. Um dia eles saberiam qual rumo tomaram? Teria ela notícias deles, de novo? As dúvidas pesaram em seu coração, no entanto, a consciência de que partindo ela garantiria a segurança dos outros aliviava aquele peso. Dando um empurrão decidido em Fenris, olhou para a frente. Com um rugido, o urso voltou a se mover.

ÁGUAS CINZAS, REINO DE BARIADIA

Março de 815

O navio mercante flutuava sobre as águas geladas do porto de Águas Cinzas, amarrado à doca. A maioria dos homens estava em terra, na

Taverna Orelha do Troll, aproveitando a vida como apenas marinheiros sabem fazer. Havia apenas dois homens em pé no deque, com seus casacos de pele, aquecendo-se junto à lareira. O tempo havia esfriado ainda mais com o passar do dia e o céu límpido repleto de estrelas era indício evidente da chegada de uma noite gelada. Os homens decidiram que quando a noite caísse, ergueriam a ponte levadiça e entrariam em algum lugar que estivesse quente.

O tempo glacial fazia as tábuas do navio rangerem e estalarem, enquanto a água com gelo e neve batia contra o navio, quase sem barulho, e sons de vida eram ouvidos ao longe na cidade: música da taverna, brigas em um beco escuro, uma mulher gritando com os filhos e muitos cachorros latindo e rosnando.

Hagana-Verde era um navio mercante, que chegara ao porto de Águas Cinzas ao anoitecer, proveniente da notória cidade de Nimwick, extremo norte de Nawyr. Em Nimwick, a embarcação fora carregada com uma misteriosa carga e só um passageiro embarcara. O homem estava vestido de forma estranha, embora típica para a região, e montava um cavalo todo preto, tão assustador que a tripulação do navio sentiu arrepios. O passageiro misterioso se comportara de maneira hostil e rude, porém, tendo pago mais do que o suficiente pela viagem, foi deixado em paz em sua cabine. O cavalo fora levado para o deque inferior, com os outros animais, e ninguém mais vira o homem, desde a partida. Em Águas Cinzas, no entanto, ele teria de sair, pois o *Hagana-Verde* não podia seguir para o norte, uma vez que o mar estaria tão congelado que impediria os navios de alcançar seus portos.

Os homens sentados junto à lareira se assustaram ao ouvir o barulho de cascos de cavalos nas escadas do deque inferior. Eles ficaram confusos, levantaram-se e viram um homem de roupas pretas sobre o animal, subindo do deque inferior para o superior. Se antes o homem parecera estranho, tal sentimento foi substituído por algo muito pior. Ele vestia os mesmos trajes que, misturados às sombras, quase desapareciam na escuridão. O homem não parecera tão alto à luz do dia. Sua estatura de

dois metros impunha respeito e fazia com que parecesse mais alto do que era, como se as roupas quisessem disfarçar o verdadeiro tamanho.

O homem não pediu permissão para subir na ponte levadiça. Ao contrário, saltou na sela do cavalo e o fez galopar em uma velocidade avassaladora pelo deque do navio. Quem estava de guarda mal teve tempo de sair do caminho do cavaleiro insano e pular ou escorregar no deque congelado. Alguns galopes foram ouvidos no deque e depois o silêncio, interrompido pelo salto do animal sobre a ponte levadiça, partindo, em seguida, a toda velocidade pela doca rumo à escuridão.

Os guardas se entreolharam boquiabertos. Eles podiam jurar ter visto os olhos do cavalo brilharem na escuridão como duas brasas ardentes.

PRAIA PERDIDA, COSTA SETENTRIONAL DE NORIDIUM

Um corvo passou voando para um pilar, no pátio escuro, no momento em que Gunhilde estava prestes a fechar a janela. Ela começara a se preocupar com o fato de que Nonna ainda estava fora, e fazia o máximo para manter afastado aquele pressentimento terrível, pois sentia que se ela se rendesse à ideia, algo poderia acontecer. O voo daquele corvo era sinal de má sorte ou da vinda de um visitante, então Gunhilde se assustou e rezou baixinho para que os deuses lhe trouxessem a filha para casa. Se não houvesse sinal de Nonna e Fenris logo, Gunhilde iria a Thorgil de Ferro e pediria que seus homens procurassem pelos dois.

Uma batida abafada veio da porta.

– Nonna, por que você levou tanto tempo...? – disse Gunhilde, abrindo a porta, com um tom talvez excessivo de repreensão. Ela ficou apavorada ao ver um velho corcunda do outro lado da porta. O homem estava fraco e cansado e olhava para Gunhilde de forma penetrante.

Ela teve a impressão de ter visto sombras de lobos junto à floresta e uma intuição sobre a identidade do velho espreitou sua mente.

– Com licença... quem é você?

– Hum... deixe-me entrar, mulher, está frio aqui e estou cansado! – disse o homem com um tom severo, abrindo o caminho.

Gunhilde ficou ainda mais surpresa ao ver o homem caminhar com vagar, e com determinação, para dentro, parar e começar a olhar em volta.

– Bem, entre então...

Ela fechou a porta e estava prestes a abrir a boca quando o homem, sentando-se no banco, fez sinal para que ficasse quieta:

– Sente-se.

Gunhilde se sentou em frente ao homem. A cabana estava quieta e se ouviam os ratos andando em um canto.

– Sua filha não voltará agora. Não tenha medo, escute.

O adivinho contou à Gunhilde o que acontecera, desde a chegada de Nonna até sua partida.

Gunhilde mal conseguia conter as lágrimas, ela pudera desfrutar apenas de um ano de paz até algo doloroso acontecer, outra vez. Ela tocou no martelo de Hamarr, pendurado no pescoço ao lado do pingente de sua própria deusa:

– Por quê?

– Você não é daqui?

– Não, a família de meu marido, que descanse em paz, era, porém, de Noridium. Sou de Nawyr. Por quê?

– Você tem algum inimigo forte e poderoso?

– Não, não mais.

Era a vez de Gunhilde de contar ao velho tudo o que lhe ocorrera antes:

– Então o tal homem não foi morto?

– Não, pelo menos não pelo meu irmão, e não sei o que aconteceu com ele, desde então. Não ouvi falar dele e nem quero. Meu irmão, por outro lado, acredita que o homem não mais... jamais... representará um perigo.

– Se o homem ficou vivo, ele pode ter convocado os poderes da escuridão para ajudá-lo, se seu ódio for forte o suficiente. acredite-me, não há limites para a ira e o desejo de vingança de algumas pessoas.

Gunhilde bufou com desgosto. Ela se lembrava dos eventos de muitos anos antes. Gerhard quisera, na época, casar-se com a jovem Gunhilde. Quando seu pai recusou o pedido, Gerhard se enfureceu e jurou levar Gunhilde à força. Depois de ter perseguido a família por um longo tempo, Berenhard, seu irmão, finalmente se posicionou de forma aberta contra ele. Berenhard vencera Gerhard em um duelo, deixando-o vivo, porém. O outro jamais admitiu a derrota. Seu ódio tomou proporções infinitas e assim começaram os martírios da família de Gunhilde. Gerhard os levou à beira da destruição e os pais de Gunhilde e Berenhard não sobreviveram ao inverno seguinte. Quando um grupo de aristocratas e mercadores da Bariadia veio à terra de Gerhard, após o frio, um deles se sentiu atraído por Gunhilde e, no fim, ela decidiu, com o irmão, escapar do ódio crescente de Gerhard, do outro lado do mar, em Bariadia.

Quando Gunhilde escapou, Gerhard prometera vingança. Jurou encontrá-la até no fim do mundo. No último ano, Gunhilde pensou que tudo terminara, mas agora, a maldição de Gerhard voltava ainda mais forte.

– Poderes da escuridão? Espírito maléfico? Por que Nonna e não eu?

– Como o homem viu sua filha pela última vez, não pode pedir ao espírito que fosse atrás de você. Mas há outra coisa também.

– Que outra coisa poderia haver?

– Nonna tem uma irmã?

Gunhilde empalideceu. O velho logo notou que havia algo não explicado.

– Não.

– Mulher, conte-me a verdade se você quiser esclarecer tudo. Mantenha-se em silêncio, se quiser, só que assim não terá a minha ajuda.

– Como você pode me ajudar? Não pôde nem ajudar Nonna...

– Mentira! Se não fosse por mim, ambas estariam condenadas e, com vocês, outra coisa seria destruída, algo que não sei o que é, de significado mais profundo.

Gunhilde suspirou.

– Não sei... Maldito velho, você me tortura com suas perguntas! – Gunhilde gritou. Era óbvio que o assunto ficara muito incômodo. Olhou à

volta em desespero e tentou adquirir forças no calor de seu lar:

– Por anos, não conseguir ter um filho, não importa o quanto tentasse. Prometi aos deuses que se tivesse uma criança, saberia lhes fazer dela algo valioso, qualquer coisa boa.

– E?

– Há 13 anos, percebi que estava grávida e, enfim, na véspera do solstício de inverno, dei à luz Nonna.

– Na véspera do solstício de inverno! Alguma coisa extraordinária aconteceu? – O adivinho sabia que as crianças nascidas na véspera do solstício de inverno sempre eram especiais, seja de forma positiva ou negativa, abençoadas ou amaldiçoadas pelos deuses. E o solstício de inverno era o segundo dia de celebrações do Deus Urso. O adivinho se perguntou se alguém se dera o trabalho de ler os sinais referentes ao nascimento daquela criança.

Gunhilde hesitou, tocou o cinto de seu vestido de lã e franziu o semblante:

– A noite estava congelante, mais fria do que qualquer outra que se podia lembrar naquelas terras. Nosso adivinho disse que Nonna poderia ter tido uma irmã se tudo tivesse ido bem, ocorre que não foi. Porém, estava agradecida por Nonna e, enquanto dormia com a menina a meu lado, o adivinho levou sua irmã sem vida para um arvoredo sagrado, coberto de gelo. Quando acordei, na manhã seguinte, Nonna estava junto de mim e pude ouvir um som estranho do outro lado da porta. Quando a serviçal abriu a porta, uma criatura branca como a neve entrou na penumbra da manhã. Achamos que se tratasse de um filhote de cachorro, mas era um filhote de urso do gelo, Fenris.

– De onde ele viera?

– Ninguém sabe. Meu marido seguiu seus passos até o arvoredo, mas eles desapareceram lá. Ele disse que o urso era um sinal dos ancestrais e da proteção do deus urso Forni, pois anos antes, Brand, seu antepassado, fora protegido pelos ursos do gelo.

O adivinho emitiu um som de compreensão. A criança de fato era protegida por Forni, o deus urso do gelo, e abençoada, considerando que

após o nascimento um urso do gelo aparecera do nada.

– Nonna sabe disto?

– Não, nada. Ela cresceu toda a vida ao lado de Fenris. E, de fato, Fenris tem o espírito de meu irmão Berenhard.

– O quê? Como? – Os olhos do adivinho se fecharam, formando duas linhas de surpresa.

– Berenhard se juntara ao culto de guerreiros do deus urso do gelo, com o intuito de se vingar de Gerhard, mas fora morto antes de Nonna nascer. Seu espírito se recusou a entrar no Mundo dos Mortos e, ao contrário, insistiu para que fosse deixado para me proteger, enquanto vivesse. Afinal, Forni fez da alma de Berenhard uma alma paralela de um urso do gelo, que foi enviado para a proteção de Nonna e, agora, a alma de meu irmão viaja junto de Fenris.

Gunhilde suspirou com melancolia e retirou os cabelos da testa antes de continuar com uma voz quebrada.

– Só fiquei sabendo de tudo por meu irmão no ano passado, quando ele e Fenris salvaram Nonna. Não tinha notícias de Berenhard havia anos. Ele nos deixara após chegarmos à Bariadia, quando me casei com Radulf. Era difícil de acreditar que seu espírito, que sua alma, estivera tão perto de mim por todos aqueles anos. E, todo o tempo, pela infância de Nonna, ele a observou à distância, protegendo-a, com Fenris, em silêncio, e observando tudo. Por vezes, sentira algo, porém...

– Nonna desconfia de algo?

– Não, ela sabe que Fenris sempre foi seu protetor e que, às vezes, pode tomar a forma de um guerreiro furioso, sem saber ainda quem ele é. Gostaria de poder lhe contar quando ficar um pouco mais madura.

– Sabia que havia algo de estranho com aquela criatura, além daqueles malditos olhos azuis. E também com Nonna, no mínimo um elo muito forte com o mundo espiritual. E ela tem um bom amigo em algum lugar distante, que enviou um aviso sobre o espírito mau.

– O que isso pode significar?

– A garota tem de encontrar o seu elo com o mundo espiritual, o que não é o mais importante. O principal é procurar por ele e trilhar o

caminho. Se ela conseguir fazer isso, vai se tornar uma mulher forte.

– Isso ela já é, uma menina teimosa e forte.

Ele se levantou, pôs as mãos nos ombros de Gunhilde e começou a sair:

– Ainda teremos notícias dela... decerto. Relaxe e acredite no futuro, Gunhilde. Sua filha voltará de novo, diferente do que era antes, não mais a mesma... é certo que não. O deus urso do gelo parece ter planos para ela.

Gunhilde se levantou e levou o velho até a porta. Embora a escuridão tivesse caído, viu sombras no gelo e ouviu passos leves de patas ao lado. Neve caiu do telhado e uma criatura negra pulou para dentro da escuridão, de cima da porta.

– Faça uma boa viagem e... obrigada – disse Gunhilde, sussurrando. A resposta veio como uma batida fraca, quando a porta se fechou por trás do velho.

CINOVILA, COSTA SETENTRIONAL DE NORIDIUM

Todos que se sentavam na taverna, cheia de fumaça, olharam para a pesada porta quando foi aberta devagar e com muita timidez, trazendo a figura de uma menina pequena que devia ter usado toda sua força para empurrar a madeira grossa em suas dobradiças enferrujadas. Uma rajada de ar gelado entrou junto, desarrumando o cabelo dourado e avermelhado da menina.

Nonna entrou ali com vacilo. Os homens barulhentos, que se sentavam mais próximos dela, olharam-na com descrédito e, em seguida, entreolharam-se. As mulheres de rosto avermelhado, sentadas no colo daqueles homens ou andando em volta das mesas, pareceram preocupadas com a garotinha, outras, no entanto, reprovaram sua chegada, como se ela, em sua inocência, houvesse trazido consigo a lembrança do lado mais gentil do caráter humano, em meio a mais depravada – e única – taverna de Cinovila.

Fenris tentou atravessar a porta com delicadeza, embora um toque de seu focinho tivesse sido o bastante para abrir... e quebrá-la. Sua pata bateu no piso oco, fazendo a casa inteira balançar. Os tacos grossos do chão rangeram à medida que andava. O riso se paralisou no rosto dos homens, que se engasgaram e tossiram, como se tivessem engolido cerveja pela via errada, olhando para a criatura gigante, que agora estava cerca de um passo à frente da menininha. O povo da taverna suspirou em conjunto e se uniu em um silêncio desconfortável ao vê-lo.

Ele não conseguiu captar nada de bom no local, checando tudo com seus olhos azul-gelo. O lugar era repleto de homens, uns mais esfarrapados, sujos e maldosos do que os outros. Entre eles, havia diversas mulheres que, havia muito tempo, caíram em uma vida de decadência, controlada por prazeres. Fenris viu o modo com que os homens olharam para Nonna, ao entrar, e pressentiu o mal à espreita. Sabia que a única maneira de se pôr à altura de uma ameaça era mostrando seu poder e sua indiferença. Assim, o enorme urso do gelo atravessou a taverna como um iceberg no mar, sem notar quaisquer obstáculos no caminho. Seus ombros largos balançaram mesas, as patas derrubaram cadeiras com homens sentados sobre elas e deixaram uma trilha de palavrões sussurrados, bêbados tentando se levantar e copos quebrados.

Uma taverna como aquela, com toda certeza, não era lugar para uma menininha. Apesar disso, Nonna se dirigiu até o espaço vazio ao lado da lareira, pois queria se aquecer com rapidez. Tirando as luvas, caminhou para uma mesa que rangia e pegou um banco diante desta. O grupo sentado ali só então percebeu que Nonna pretendia se sentar e que aquela enorme criatura se juntaria a ela, sem dúvida. E começou a recolher os canecos ainda pela metade e se afastar de Fenris.

Nonna se sentou, pôs as luvas em frente à lareira e esticou as mãos em direção ao fogo quente, enquanto Fenris se dirigiu devagar às suas costas e se sentou. Ele colocou o focinho na lateral de Nonna para se enxugar em suas roupas.

O dono da taverna observara tudo que se deu, protegido por barris e mesas, e, quando as pessoas voltaram a conversar, tomou coragem e empurrou um de seus homens, que quedava, boquiaberto.

– Por que não pergunta o que a guria quer?

O homem olhou para o chefe e pensou que as alternativas eram dormir no exterior gelado do prédio ou servir o urso do gelo e sua dona, nobre, talvez. Bufou, pensando que ao menos o fim seria rápido nas patas do urso do gelo e, com as mãos tremendo, dirigiu-se até Nonna:

– Ah-ham... gostaria de comer alguma coisa? – perguntou o homem à Nonna, paralisando de medo quando Fenris lhe dirigiu os olhos azul-gelo.

Ela se virou em seu banquinho e pediu comida e suco quente para si e peixe seco para Fenris. Infelizmente, Fenris teve de se contentar com um peixe que não parecia saboroso. Como não tinha intenção nenhuma de dar muita atenção ao fato, comeu em paz, sentado no chão.

Quando Nonna acabou de se alimentar, apoiou-se contra a parede quente da lareira, com um dos pés sobre outro banquinho e, enfim, olhou ao redor, sentindo-se bastante satisfeita. Fenris se deitava com calma a seu lado. Nonna puxou uma bolsinha que sempre carregava e encontrou algumas moedas de bronze no fundo e pôs três delas sobre a mesa, como pagamento pela comida.

Embora a taverna tivesse o teto baixo, ela parecia estar em algum lugar atrás de uma nuvem de fumaça. As velas no candelabro pendurado no meio do teto queimavam como bolas amarelo-escuras, pouco reluzentes. As paredes estavam escurecidas pela fumaça e o chão, coberto por feno sujo e manchado. Todas as mesas eram diferentes entre si e parecia que as cadeiras, bancos e banquinhos também. Os clientes eram mercenários pouco apresentáveis, com barbas e cabelos compridos, ladrões, assassinos e vagabundos que falavam alto, embriagados. Entravam em brigas ou competições de queda de braço e se vangloriavam de seus atos, bebiam mais e em meio a tudo agarravam as mulheres que passassem para que sentassem em seus colos. De tempos em tempos, eles olhavam para Nonna e Fenris de forma amedrontada e nenhum ousava passar perto dos dois. Ela

sabia que as pessoas respeitáveis estavam em suas casas, preparando-se para o inverno e não se embebedando em uma taverna.

Aquela era a primeira vez que Nonna ia a um lugar assim e ela não estava gostando nem um pouco. Apesar da segurança trazida pela presença de Fenris, sentia-se ansiosa e cansada quando olhava para o mal que a circundava. Tinha dúvida se deveria partir, mas o calor da lareira era tão sedutor e relaxante que ela logo começou a ver tudo em volta sob um prisma muito diferente. Passou a enxergar traços diferentes nos homens barulhentos. Os rostos enfezados daqueles que diziam palavrões em voz alta, logo se transformaram em feições felizes, cheias de entusiasmo nos olhos, e os soldados, antes corajosos e cheios de si, começaram a parecer repletos de ânsia e dor. A atmosfera passou de ameaçadora e deprimente para segura e calorosa. O tempo congelante que se espreitava do lado de fora levava um grupo de pessoas para dentro daquelas paredes grossas. Elas pareciam ser uma única massa briguenta e barulhenta, embora, de alguma maneira, todos se dessem bem entre si.

A viagem de Nonna e Fenris à água estagnada de Cinovila levava o dia todo e invadira a noite. Eles haviam caminhado uma pequena distância até um vale, no meio das montanhas, ao pôr do sol. Depois, saíram do vale do outro lado das montanhas e a única coisa que viram, sob o céu estrelado, foi o vilarejo, cujas luzes fracas brilhavam, enquanto caminhavam na direção delas. A aurora boreal podia ser vista no céu, uma lua crescente iluminava a neve sobre o solo, criando sombras escuras, e o tempo se tornava mais e mais frio. A descida os levou cada vez mais para baixo, até chegarem ao vilarejo junto ao mar. Um homem cortando árvores, em sua entrada, contou-lhe que o local se chamava Cinovila e indicou o único lugar no qual ela poderia encontrar onde dormir. A primeira impressão daquele povoado sujo e desorganizado fez com que refletisse se seria melhor ficar ou continuar em frente. Mas Nonna não sabia como continuar a viagem e Fenris também desconhecia a região, assim, eles teriam, no mínimo, que parar para perguntar o caminho, além de poder desfrutar de uma refeição quente.

Estava exausta e bocejava, ansiando dormir. Olhou um pouco indecisa para o dono da taverna, que enviara um de seus homens para perguntar o que queria. Deram-lhe a cama no canto mais distante de um dormitório comunal. Ela se deitou sobre o feno que fora colocado sobre a cama enquanto Fenris se esticava a seu lado. Por trás de uma cortina grossa, era possível ouvir os sons da taverna: vozes, batidas de copo, gritos e música que fizeram Nonna adormecer e sonhar com a família, apesar de distante.

– *Parra* as montanhas, *parra* os Montes do Dragão? Por que *rraios* você quer ir *parra* as montanhas, uma guriazinha como *focê*? – disse com escárnio um homem com poucos dentes, limpando os restos de mingau da barba malfeita. Ele falava um dialeto tão estranho que Nonna tinha dificuldade de entender:

– O que você tem a ver com isso? Só me fale que direção preciso seguir – insistiu ela.

– E se não *dizer*? – disse o homem rindo, sem parar de comer mingau de um caldeirão manchado.

Nonna pôs a cabeça em frente ao rosto do homem, cheirando a leite azedo. Fazendo tudo o que podia para parecer o mais ameaçadora possível, fechou um pouco as pálpebras, apertou os lábios e falou com voz severa, estranha até para si:

– Então ordenarei para que meu urso o ataque, seu filho da mãe!

O homem quase engasgou com o alimento e, amedrontado, não sabia o que fazer com o mingau que estava dentro da boca. Após um curto instante, ele o engoliu e teve de tossir algumas vezes antes que pudesse falar:

– *Focê* faria não tal coisa...

– Por que não? Ninguém perguntaria por você... – O homem se inclinou para trás e avistou por detrás de Nonna, vendo Fenris sentado, tranquilo, o olhar azul-gelo fixo nele.

O dono da taverna se virou para ela e pigarreou. Levantou-se, subiu as calças, pediu que Nonna o seguisse e saiu para a manhã cinza.

Nevara a noite toda e a sujeira e a desordem do vilarejo estavam cobertas por uma camada branquíssima de neve, o que fazia o local

parecer decente, até em uma manhã escura. Nonna viu algumas casas, velhas cabanas malcuidadas e pessoas trabalhando em seus jardins. À distância, entre as construções, pairavam a baía gelada, os navios que haviam sido trazidos à terra, as redes de peixe que voavam ao vento. Havia um cheiro forte de peixe por todos os lados.

O homem caminhou à frente de Nonna e Fenris por um caminho estreito, passando por um amontoado de lixo e por trás da taverna, quando, então, ela viu um muro baixo diante de si e, após, uma várzea. Do lado direito, havia uma montanha ameaçadora e, do esquerdo, um mar congelado. Entre os dois, parecia existir uma faixa de terra de cerca de 200 metros de largura, que o homem apontava com o dedo enegrecido e trêmulo:

– *Naela* direção, se *focê* insiste em ir *dá*. Daqui quase três quilômetros, *focê* *egará* a um rochedo gigantesco. De lá, *bire* à direita e continue até o *bale*. – O homem tossiu e cuspiu sobre a neve. – Depois de *afravessar* o *bale*, *focê* *deferá* caminhar alguns quilômetros e *chegaá* a uma *florresta*. *Focê* *defe* ir em volta da *florresta* ou *atrafés* dela, não *faá* diferença desde que *fá* em direção ao sudeste. Do *otro* lado da *florresta*, *deferia* se *hegar* a uma espécie de área montanhosa...

– Deveria?

– *Aquedito* que sim, nunca jamais estive *dá*, só ouvi *confersas* e...

– E?

Ele se agachou ao lado de Nonna:

– *Naum* tenho *foças* para ficar em pé todo o tempo. Bem... *dá* nas montanhas há todo tipo de *criatuas*, fadas, trolls, hurgs e tudo mais. *Naum* *conigo* entender por que uma guriazinha como *focê* quer ir lá, mas *serria* bom *penar* um pouco mais. E a *florresta* também, ela também parece ser um lugar terrível, sabe *dá* o que acontece por *dá* também.

O homem olhou em volta, respirou fundo e continuou, em voz baixa:

– Rolis, dizem que *dá* na *florresta* há espíritos e, *dente* eles, Rolis.

– Rolis?

– *Naum* *save* o que é um Roli? – O homem olhou para Nonna e abriu um sorriso largo. Fenris empurrou Nonna com seu focinho para alertá-la.

– Não...

– Um Roli tem o tamanho de *tês hobens*, um *monsto* preto enorme com tamanho *poer* que poderia, por *ezeplo*, *lefantar* um *cafalo* com carroças e *oga-lo* para bem *loge failmente*. *Aquedite*, *focê naum* quer dar de cara com um Roli.

Nonna revisou as instruções do homem outra vez e seguiu em frente com bravura, franzindo a testa, enquanto caminhava com determinação sobre a neve. Ela subiu no muro do vilarejo, olhou à distância e pulou. Fenris saltou o portão, rugindo, enquanto o fazia. O pressentimento que tinha não era um bom sinal.

FRONTEIRA MERIDIONAL DOS MONTES DO DRAGÃO, NORIDIUM

Algo na floresta dava arrepios em Fenris. Ele olhou para as enormes árvores robustas, cobertas por uma casca grossa, cheia de cicatrizes. Os galhos mais baixos pendiam com o peso da neve, quase tocando o solo, como se estivessem cansados, esperando que alguém chegasse perto para agarrá-lo com seus dedos tortos. Os troncos das árvores tinham buracos espalhados, de todos os tamanhos.

A mata parecia muito misteriosa. Dava a impressão de ser formada por árvores muito antigas. Não havia quase nenhuma vegetação rasteira, arbustos ou troncos pequenos, ao menos em sua beirada. O solo era bastante irregular; além das árvores caídas e dos rochedos enormes, cobertos pela neve, a região era, em geral, cheia de buracos e saliências.

Os grandes troncos tinham mais de um metro de diâmetro e Nonna notou que ascendiam a dezenas de metros de altura, chegando a uma cobertura de nuvens suja e cinza que pairava sobre eles. Parecia-lhe que as árvores não tentavam abrir a cobertura de nuvens e que, ao contrário, as copas sombrias seguravam aquela cortina para mantê-la fechada.

A neve estava intocada, não havia pegadas e o silêncio era total. O vento assobiava baixo nos ouvidos de Fenris. A brisa se movia suave nas

beiras entre a floresta e as montanhas, como se os estivesse convencendo a prosseguir, criando uma sensação de segurança e calma. Em algum ponto, à distância, podiam-se ouvir corvos, grasnando. O som se misturava ao de galhos antigos estalando, à medida que se encostavam, ou do ligeiro movimento de troncos que se mexiam por estarem adormecidos.

Fenris ouviu Nonna suspirar, às costas.

A beira da floresta continuava para longe, de cada lado, desaparecendo por trás de montanhas e grandes rochedos.

O urso não estava certo se a menina enxergava tão bem quanto ele, mas, de qualquer maneira, percebeu um movimento por entre as árvores. Ele conhecia bem as florestas, passara a maior parte da vida nelas, em diferentes formas, e por toda a existência tivera um elo com os espíritos que se moviam nas matas. Todas as florestas tinham espíritos, disso Fenris sabia. Alguns eram bons, outros, maus, a maioria era algo intermediário, em geral criaturas arteiras, interessadas somente nelas próprias ou na floresta. Elas haviam permitido que Fenris conhecesse seus segredos. Talvez não se importassem com sua presença, razão pela qual vira tantos gnomos, damas azuis, duendes, espíritos de árvores bolorentas, trolls etc.

O que ele vira agora, contudo, era raro e misterioso. Ainda assim, tratava-se de um espírito da floresta e ele poderia ter um impacto poderoso na viagem. Embora soubesse a razão da viagem e que ela não tinha intenção alguma de trazer prejuízo à floresta, em paralelo, acreditava que aqueles espíritos nada sabiam e desejou que eles os deixassem em paz. Então, sentiu Nonna escorregando de suas costas.

A criança achava divertido escorregar do dorso de Fenris de volta para a neve. Ela bateu no chão com os pés e se surpreendeu com a profundidade da neve, que vinha até os joelhos e era seca e macia, como se tivesse caído havia pouco.

Nonna pendurara uma sacola de lanche no pescoço de Fenris e agora a abria. Logo notou que a comida acabaria e ficou preocupada, pois para ela aquilo era quase nada e, por outro lado, Fenris ficaria bem por dias sem

alimento. Os lanches seriam suficientes por pouco tempo, todavia, ela sabia o que deveria fazer.

Nunca antes dera atenção àquele tipo de coisa. Ela já havia ouvido falar dos espíritos da floresta pela mãe, só que era uma das primeiras vezes que se aventurava sozinha em uma região estranha.

Com rapidez, percebera a atmosfera ameaçadora da mata. Até Fenris parecia pequeno diante da grandeza das árvores. As sombras formadas pelas copas e os rochedos eram, de alguma forma, tão inquietas e ameaçadoras que Nonna temia que acabassem ali no meio, sem encontrar qualquer ajuda. E, também, percebera outra coisa. Em sua mente, sentira o toque de uma criatura estranha. Ela chegara com o vento e parecia sussurrar algo que não conseguia entender direito. Era o suficiente para convencê-la de que havia, sim, espíritos na floresta.

Nonna andava com dificuldade em direção à beira da floresta, com Fenris junto. A cada passo, afundava mais na neve, que entrava em suas botas frias e molhadas. Os troncos eram gigantescos. Ela esticou a mão sem luva para tocar o tronco da primeira árvore. Pedacos da casca eram maiores do que a palma de sua mão e a superfície da árvore parecia cheia de gelo e escorregadia. Ela manteve a posição por um momento e o gelo derreteu, revelando uma superfície rugosa, repleta de marcas e buracos, como a pele de uma pessoa idosa. Aquela solidez se mostrou acalentadora. Cheia de vida e, no entanto, dura, perene e forte.

Ainda com a mão sobre a árvore, Nonna olhou ao redor, procurando um lugar apropriado. A poucos metros havia um cepo, que parecia uma mesa redonda.

Apertando a mão sobre a neve que cobria o cepo, dispôs sobre ele um pedaço de carne defumada e pão de nozes da sacola de lanches. E invocou:

– Deixe-nos andar em paz e no caminho certo... – disse Nonna em voz baixa para as sombras que a cercavam. Sem receber uma resposta, virou-se e subiu no dorso de Fenris.

Ela já havia perdido o rumo e não tinha ideia do sentido que deveriam ir. Não sabia ler os pontos cardeais em troncos de árvores e o sol não estava

visível.

– Vamos apenas em frente, seguindo nossos narizes, certo, Fenris? – disse, com determinação. Fenris respondeu rugindo e começou a pesada caminhada em frente, passando pelo cepo. Nenhum dos dois notou que nada havia sobrado do lanche que Nonna deixara ali. Pequenos passos iam da árvore e de lá voltavam. Algo se moveu nos galhos e um pouco de neve caiu sobre as costas de Fenris.

A floresta estava quase deserta. Apenas algumas pessoas tinham coragem de viver em seu limite e, ainda assim, só no lado oeste, perto da costa. Ninguém jamais construía uma habitação dentro da floresta.

Porém, isso se aplicava somente aos humanos. Sempre houve criaturas vivendo na floresta, que sabiam que lá ficariam longe do perigo do homem.

Os dois pararam entre dois rochedos enormes. A noite começara a ficar mais escura e seguir em tal terreno seria muito difícil. Acima de tudo, a menina parecia muito cansada e o urso a ouvira chorar. Ela não se preparara para uma viagem tão longa ao partir e tudo o que acontecera começava a pesar. Além do mais, Fenris ansiava por comida e pensava nisso sem parar.

Nonna assentou os pertences ao lado de um dos rochedos e passou a procurar por galhos secos caídos para tentar acender fogo. Estava exausta e com sono, aquela seria a primeira noite ao relento e ela temia a ideia de dormir no frio. Andou em volta do rochedo e apanhou gravetos soltos sobre a neve no colo. De modo surpreendente, eles pareciam secos e foi muito fácil encontrá-los. Não pretendia arrancar os arbustos das árvores, embora pretendesse ter algo macio para dormir, como abetos. Havia poucos deles no chão e nenhum com os galhos cheios. Após encher os braços algumas vezes de galhos, Nonna voltou a Fenris.

O urso esperava sentado, olhando em volta com a aparência tranquila. Lambeu a pata esquerda e a balançou. Quando Nonna se agachou para juntar a madeira em uma fogueira, ele se levantou e virou a cabeça para a floresta escura.

– Vá, mas volte logo – disse Nonna ao passar por Fenris, pensando que ele deveria estar com fome e que não tinha nada para lhe oferecer. Ela, porém, tinha dúvidas se ele encontraria alguma coisa para comer, ao menos um lago congelado para beber água.

– Pode ir, ficarei bem – disse, levantando a vista, como se fosse uma ordem.

Fenris se levantou, inseguro, e se afastou dela.

Quando se viu só, ela parou suas tarefas e o procurou com os olhos. De súbito, teve medo da ideia de algo lhe ocorrer sem que Fenris voltasse. Desprezando o pensamento, juntou as ferramentas necessárias para fazer um fogo.

Ele ouviu o barulho de pedras se batendo ficando para trás.

Nonna se sentou na neve e observou as chamas tocando a madeira. Pensando sobre tudo o que ocorrera, sentiu medo do que estaria por vir. Ela precisava ser corajosa diante de Fenris, entretanto, em um momento como aquele, sozinha, todas suas fraquezas tendiam a emergir. Tinha frio, a temperatura cada vez mais baixa a toda hora penetrando sob a roupa. Acima da fogueira, erigiam-se dois rochedos gigantes e, acima deles, ao fundo, estrelas cintilavam no céu negro.

Já fazia bastante tempo que Fenris partira. Tinha tonturas e a garganta doía. O cansaço fazia os olhos se fecharem quando, de repente, uma voz apagada soou atrás dela:

– Venha... – A voz parecia vir com a brisa.

Nonna despertou, assustada.

– Siga-me, venha...

Confusa, procurou em volta. A princípio, não viu nada. Após um curto instante a atenção se voltou para uma luz que tremulava a uma certa distância. O sussurro se repetiu:

– Você está em perigo, venha... venha logo.

Medo, pânico e horror atravessaram a mente de Nonna. Ela não sabia o que fazer e não podia ter um único momento de hesitação. Teve apenas tempo de se levantar e gritar por Fenris quando, sem aviso, uma criatura aterradora de membros e cabelos compridos pulou diante de si.

Fenris devorava um peixe sob a luz da lua crescente e de milhões de estrelas. As escamas reluziam como pequenas estrelas sobre a neve brilhante, ao lado do riacho. Segurando-o com as patas, ele o comia e de vez em quando erguia a cabeça para espreitar, mantendo a guarda. De início, não sabia o que poderia caçar, quando reparou naqueles peixes, pescados a pouco tempo, como a aguardar por ele sobre a margem de um pequeno lago e do riacho que partia dali. Não vira redes nem carretilhas ou qualquer outro equipamento de pesca, muito menos pescadores. Apenas o buraco no gelo, que já voltava a congelar, chamara a sua atenção. Ele comera um peixe após o outro, quase sem se dar o trabalho de mastigar e a pilha quase sumira, quando ouviu o grito de Nonna, à distância.

Mal se podia ouvir a voz da menina. A neve, os rochedos enormes e as árvores tentavam aprisionar o grito, porém ele o ouviu e reconheceu. Levantou a cabeça e parou de mastigar de imediato. Nada mais podia se ouvir, apenas o fluxo murmurante do riacho.

Fenris correu, seguindo os próprios passos na neve, esquecendo-se do delicioso sabor dos peixes e tudo mais. À frente, apenas sombras se movendo na escuridão, o sangue a correr para os ouvidos, sentimentos de ódio e força dentro de si. Só o baque robusto do corpo disparando no solo gelado. Como não fora muito longe, em pouco tempo vislumbrou a fogueira que Nonna fizera. Por alguma razão, no entanto, parecia haver mais delas.

Para total surpresa, Fenris viu que alguns dos fogos estavam se movendo e tremendo, desaparecendo e reaparecendo outra vez em outro local. Logo entendeu se tratar de fogos-fátuos, iniciados pelos gnomos, que enganam as criaturas perdidas na floresta e as levam à desgraça e não lhes deu importância. Eles não podiam ludibriá-lo, pois seus passos eram nítidos sobre a neve.

Fenris rugiu, tentando se desviar de um grande rochedo. A dor se espalhou pela lateral do corpo quando o acertou, quase caindo, o que o impulsionou a reagir de maneira ainda mais frenética. Então, notou dois enormes rochedos diante dele e uma fogueira sobre ambos. Próximo à luz, viu sombras a se mover.

Ao contorná-los, preparado para atacar, e prestes a pular nas criaturas que perseguiam Nonna, foi obrigado a parar o mais rápido que pôde.

Suas patas escorregaram na neve e ele caiu de focinho, desabando bem em frente à figura de Nonna, em pé diante de si. Sombras escuras saltavam do topo dos rochedos.

– Meu querido Fenris... – gritou Nonna, correndo para abraçá-lo. Ele olhou atordoado, sem acreditar no que via. Uma sensação de alívio se espalhou pelo corpo como mel quente. Embora a lateral doesse e o focinho formigasse, nada importava ao ver que Nonna estava bem.

– Desculpe-me – falou a voz quebradiça de uma criatura ainda menor que Nonna, parada atrás dela. – Desculpe-me por tê-lo assustado... – continuou. E mexeu no fogo com a lança, fazendo-o queimar mais forte. Banhada pela luz da fogueira, parecia fazê-la escapar, parecendo uma sombra obscura.

Era baixa, com membros e dedos longos, queixo e nariz na forma de um grande gancho. Sob o cabelo, cheio de nós, e que lhe cobria o rosto, um par de olhos verdes brilhantes. Cobria-se com uma pele preta, repleta de espetos e discos, como um estranho escudo. Nos dedos, idênticos aos galhos das árvores, segurava uma lança, com uma ponta vermelha radiante.

Atrás e em volta da criatura, diversas outras, semelhantes e mais coloridas, em pé ou agachadas. Vestiam diferentes tipos de peles e couros e se moviam com quietude e longas pernas sobre a neve. As roupas eram cobertas de enfeites brilhantes e cintos, nos quais diferentes objetos pendiam: chaves, bolsas, ossos, penas e pequenas armas. Os olhos eram cheios de vida, dinâmicos e de um verde intenso, denotando suspeita e medo pela presença do urso. Pareciam estar de guarda. Fenris pressentiu que um único rugido faria o bando inteiro fugir para quilômetros de lá – com um movimento da pata jogaria a todos no chão.

Entretanto, havia algo estranho naquelas pequenas criaturas. Elas pareciam ser parte integrante do local, como se fossem a própria floresta em si.

A criatura enegrecida se aproximou de Fenris, temerosa, esticando a mão aberta e a levantando, devagar, diante dele, que notou que ela tremia e que a criatura evitava fitar seus olhos.

– Espero que tenha gostado dos peixes – disse, em voz baixa.

– Os peixes? Fenris, de fato, você está com cheiro de peixe – retrucou Nonna, franzindo a testa.

Ele não tinha ideia do que acontecia. Após permitir que aquele ser o tocasse, seguiu Nonna, para ficar mais próximo da fogueira, e se sentou ao lado da garota. A criatura escura se agachou perto deles e as demais subiram de novo no rochedo. Apenas os três ficaram junto à fogueira.

O urso se posicionou com firmeza entre a criatura e Nonna.

– Perdoe-me por tê-lo assustado, meu querido amigo – disse Nonna. – Eles não querem nada de mal, apenas conversar. Se não tivessem chegado, teria sido encantada por um fogo-fátuo que tentou me chamar.

Fenris olhou para a criatura, examinando-a, deu um rugido baixo e silenciou.

A criatura escura limpou a garganta.

– Aham... Em primeiro lugar, obrigado por seu presente sacrificial, menina, não passou despercebido – disse com a estranha voz. – E bem-vinda à floresta. Assim que vimos vocês chegarem, soubemos que iríamos querer... bem... deixe-me ir direto ao assunto. Precisamos de sua ajuda. Esperamos por alguém há muito tempo, só que ninguém tinha coragem de vir aqui. Temos tempo, uma eternidade, ainda assim...

– Ajuda? Quem são vocês?

– Hum... Bem, sou Broti. Vocês humanos me chamariam de... muitos nomes, de fato, um deles seria gnomo.

– Gnomo? – disse Nonna, aterrorizada.

– Criatura do Mundo dos Mortos, gnomo... bem, não há palavra melhor. Isso não importa. Meu nome é, de qualquer modo, Broti e já vivo aqui há... bem, uma eternidade.

– Uma criatura do Mundo dos Mortos não é o espírito de alguém que morreu? – perguntou Nonna, confusa.

– Algumas sim, embora vocês, humanos, tendam a nos chamar usando palavras parecidas. Não tem importância, garota.

Broti falava com entusiasmo, como se tivesse muito a dizer e pouco tempo para fazê-lo. E não parecia encontrar as palavras certas. Então, parou de falar e voltou a limpar a garganta, girando os olhos, enquanto procurava o rumo certo.

– Para quê você precisa de nossa ajuda? – perguntou Nonna, suspeitando. Ela ouvira falar sobre gnomos, Mundo dos Mortos e outras fadas e sabia que eles eram criaturas traiçoeiras e ardilosas, cuja palavra nunca podia ser confiada.

– Bem, parece estranho, mas... temos tido um pequeno problema, há algum tempo ou... não exatamente um pequeno problema, mas de um tamanho razoável... um grande problema. E é um pouco embaraçoso falar sobre ele.

– Bem, se quiser nossa ajuda, é melhor falar sobre ele – disse Nonna, seca.

– O.K., está bem. De fato, para ser franco e direto... você sabe alguma coisa sobre o lugar em que está?

– Pouco, muito pouco.

– E... que uma espécie de monstro mora aqui?

Nonna se lembrou que o dono da taverna falara de uma criatura grande, sem lembrar de seu nome:

– Algo grande, sim, algum... não me lembro o quê.

– Grol? – disse Broti, em voz baixa.

– Grol? Sim, rol ou, quero dizer, Grol... é isso – respondeu Nonna, recordando-se das palavras do taberneiro.

– Bem, é verdade... agora.

– Agora? Não antes?

– Isso não é importante.

– Sim, é, conte-me tudo ou não terá nossa ajuda! – ordenou Nonna.

A criatura olhou para Nonna e deixou escapar um traço de ódio. Fenris moveu a pata e o repúdio de Broti desapareceu.

– Só se você mantiver segredo. E, lembre-se, você terá de manter qualquer promessa feita ou será perseguida por uma maldição.

– Ah, já sou perseguida por uma delas... Ainda assim, prometo.

A criatura olhou para Nonna com atenção, ao ouvir a resposta, reparando na raiva que se espreitava na voz da menina. Ele tomou nota daquilo e até quis saber mais, no entanto, não naquele momento.

– Sempre moramos aqui, assim como nossos ancestrais. Sentíamos-nos em casa na floresta, de fato, é difícil morarmos em qualquer outro lugar. Nenhum humano já viveu aqui, nem uma única vez, e é por isso que estamos seguros. Há, é claro, outras criaturas, até trolls, nenhum humano, porém. Há muito tempo, entretanto, os humanos ousaram chegar cada vez mais perto, quando Gamli, nosso sábio, pensou em um modo de afugentá-los, deixando a floresta para nosso povo e, bem, para os animais e os espíritos, que são numerosos. Começamos a espalhar um rumor sobre Grol. Fizemos pegadas enormes à beira da mata, sussurramos histórias nos ouvidos de pessoas adormecidas, sendo o próprio Grol o mais importante. Graças à magia de Gamli criamos um monstro gigantesco de argila, galhos, árvores e arbustos. Ele se movia e fazia barulhos terríveis. Levado ao acampamento dos humanos, tudo pareceu dar certo. As pessoas sumiram, dada a reputação de Grol.

– Por que vocês não afugentaram as pessoas com espíritos?

– Não parecia ser o bastante. Gamli disse que precisávamos de algo a mais, algum tipo de ameaça que assustasse todos para sempre.

– O que aconteceu?

– A magia de Gamli deu um pouco errado...

– Como assim?

– Bem, ao que tudo indica, ele conjurou o demônio em uma pilha de gravetos que, ao que parece, enlouqueceu.

Nonna começou a rir. Broti parecia estar bastante envergonhado e, sofrendo, levou as mãos ao rosto:

– Não ria... Não há nada de engraçado nisso. A criação de Gamli estava guardando nossa caverna quando, de uma hora para outra, entrou em fúria como um homem louco, destruindo tudo que estava pelo caminho e

aprisionando Gamli em uma habitação. Desde então, a criatura tem andando por aí, causando caos e destruição. Quando não está em fúria, senta-se em uma rocha que rolou sobre a habitação em que Gamli ainda se encontra e resmunga, provocando-o.

– Bem, vocês conseguiram o que queriam, pelo menos os humanos não virão para cá – disse Nonna, com sarcasmo.

– É nisso que precisamos de sua ajuda.

– Como?

– Você pode mandá-lo embora.

– O quê???

Ela ficou aterrorizada.

– Bem, de fato. Bem, sim. Você pode mandá-lo embora daqui.

– Como?

– Com a ajuda de Gamli.

Nonna franziu a testa. Ela não entendia mais nada.

– Veja, minha cara, Gamli está aprisionado. Grol o jogou na habitação e a fechou com uma rocha gigantesca. Não temos meio de mover a rocha e sempre que tentamos, Grol nos afugenta.

– Há quanto tempo o tal Gamli está na habitação?

– Bem, alguns meses... sete meses, para ser preciso.

– E ainda está vivo?

– Vivo, bravo e barulhento. Entre a rocha e a habitação há uma fresta pela qual lhe fornecemos peixe. Ele odeia isso, contudo... o que mais poderíamos fazer passar por uma fresta?

A menina compreendeu a artimanha. Apenas uma fada ou um gnomo poderia torturar outro em tal situação:

– Bem, como Gamli pode ajudar nisso, se até agora não conseguiu?

– Sozinho, não, mas graças àquilo, pode – Broti apontou Fenris com o dedo.

Nonna parou para pensar. Temia colocar seu melhor amigo em perigo:

– De jeito nenhum, podemos ajudá-los a libertar Gamli, mas sem chegar perto de Grol, nem um nem outro.

– Você terá uma recompensa.

– Não estou nem aí para recompensa, só não quero pôr Fenris em risco.

– Bem, diga-me, por que está aqui? – perguntou Broti, com aspereza. Ela ficou surpresa, não havia se preparado para contar alguma coisa de si:

– É problema nosso...

– Talvez possamos ajudá-los. Você mencionou uma maldição...

A menina pensou bastante:

– Vocês não podem ajudar nisso. De fato, seria melhor que se afastassem.

– Por quê?

– Há um espírito maléfico atrás de mim.

– Um espírito maléfico? O que é isso?

– Não sei, algo está tentando me destruir, e a Fenris, e não irá desistir.

– Gamli pode saber algo sobre isso. Se o espírito maléfico não irá desistir, por que está fugindo? Pois você está fugindo dele, não está?

– Estamos tentando encontrar ajuda.

– Bem, o que disse... Aqui estamos, decerto podemos ajudar.

– Ninguém no mundo pode nos ajudar. Só um dragão seria forte o bastante.

Broti arregalou os olhos:

– Um dragão?

– Um dragão. Estou procurando por um.

– Bem... Hum... quando falei a Gamli que criasse Grol...

– Sim?

– Havia outra opção, um dragão. Sabe por que Gamli não o fez?

– Não.

– Porque ele temia chatear o dragão adormecido.

– Em que lugar ele está?

O gnomo cruzou os braços, fingindo não saber:

– Não sei. Gamli sabe, que pena que você não pode lhe perguntar – triunfou Broti, com um largo sorriso.

– O que falei é que ajudaríamos a libertar Gamli, não a afugentar Grol.

– Um favor por outro, afugente Grol e lhe contaremos como encontrar um dragão, quero dizer, se você tiver coragem de procurar por ele.

– Encontrarei sozinha.

– Acho que não. Se assim desejar, nunca encontrará a saída da floresta.

Nonna foi tomada pelo medo. Agora sentia a verdadeira malícia do gnomo. Caíra em uma armadilha. Ela sabia que os gnomos e os espíritos da floresta podiam fazê-los se perder na floresta com facilidade e ninguém viria procurá-la.

– Sinto muito, não tivemos outra alternativa, você é muito legal, mas...

– Broti se lamentava, embora algo em seus olhos ardentes dissesse o contrário.

O gnomo guiou Fenris e Nonna ao acampamento que chamava de casa. Ele havia sido formado de rochedos e árvores caídas. No verão, o local devia ficar coberto por uma camada grossa de musgo e, assim, ser avistado com dificuldade, enquanto no inverno se encontrava coberto de uma pura neve branca. Entrar na caverna foi difícil para Fenris, por causa de sua pequena entrada, só conseguindo ao se forçar para dentro por meio das paredes de gravetos congelados. O corredor era uma descida íngreme. O urso seguiu Nonna e um grupo de gnomos, enquanto desciam cada vez mais até chegarem à entrada de um saguão claro.

Nonna olhava para todos os lados, em deslumbramento.

Estavam à beira de uma área muito grande que se abria diante deles até o limite da visão. Nonna não conseguia enxergar um fim em qualquer direção, apenas a área mais próxima, iluminada com pequenas chamas. À frente e ao lado árvores grossas, cobertas por musgo escuro, que subiam a grandes alturas. Reparou na presença, sobre os troncos, de estranhos lagartos e grandes aranhas, com grandes olhos negros brilhantes como pérolas no centro de seus corpos peludos. As árvores se estendiam a perder de vista e sobre o solo havia pedras redondas espalhadas, e entre elas, vários tipos de postes de madeira, aqui e ali. Alguns objetos, que para Nonna eram semelhantes a esqueletos, pendiam entre eles. No ar fresco, sentia-se

o cheiro de ervas, que a deixaram ainda mais exausta. Embora acordada, não sabia ao certo se já não se encontrava adormecida.

Uma grande fogueira ardia, cercada por diferentes tipos, todos sentados. Alguns eram como Broti, outros muito estranhos, peludos e misteriosos. Olhavam para Nonna e Fenris com dúvida, cuidado e suspeita, e, no entanto, não pareciam muito interessados. Mais adiante, podiam-se ver fogos menos brilhantes em volta dos quais criaturas mais sombrias se sentavam, em silêncio. Algumas eram como seres humanos esfarrapados, sombras e espíritos, do tipo que Nonna já vira antes.

– Você deve estar cansada, Nonna. Deixe-me lhes mostrar um local para dormir, em segurança – disse Broti, guiando-os adiante, longe dos fogos e das criaturas ao redor.

Andaram algum tempo, passando por troncos de árvores e sobre pequenos riachos de água preta, de friagem surpreendente contra a pele de Nonna. Enfim, chegaram a um local em que três criaturas faziam tarefas, coletando enormes quantidades de musgo para ser levadas para baixo das árvores. Esfregavam as mãos com excitação e ajeitavam o material com uma ordenação rigorosa. Nonna viu as criaturas peludas, cujas pequenas pernas curtas e pés com estranhos dedos se apressavam sobre o musgo macio e cujos olhos brilhavam, como se receber visitantes fosse uma grande honra. Ela voltou a vista para o alto e notou galhos cobertos de teias, com aranhas pretas se movendo como se esperassem por alguém. Mais à frente, um enorme bando de corvos pretos repousava em galhos, com os bicos enfiados sob as asas, em um sono pesado.

Alguns ruídos alertaram Nonna, que olhou para baixo e viu criaturas jogando folhas negras sobre o musgo, espalhando e admirando o que haviam feito, antes de se recolher com pressa nas sombras.

– Você pode dormir aqui, em paz. Nada irá perturbar seu sono, mas tenha cuidado com os sonhos.

– Como assim?

– Eles podem ter... aparência real e poderosa. Tão rápido quanto surgirem, sumirão. Lembre-se: não importa o que você veja – sob hipótese

alguma saia desses troncos.

Ela olhou para a frente. Em algum lugar, semelhante à lua, sombras se revelavam com ligeireza e ela só pôde tentar adivinhar o que havia por trás delas. Não tinha desejo algum de se aventurar naquele instante.

– Bons sonhos – disse Broti, educado, ao se virar na escuridão.

– Boa noite – retrucou Nonna.

– Não é noite agora... – a voz de Broti ecoou suave, como um sussurro. Um silêncio total tomou o local e Nonna, sentada em sua macia cama de musgo, tomou uma folha preta entre os dedos, com forte odor, e percebeu um ruído ameno vindo de todas as direções. Um ronco suave, quase inaudível. O pássaro roncador, Nonna reconheceu o mensageiro do mundo espiritual.

Cheirando a folha preta, concluiu que o odor exaustivo vinha dali. A lassidão a venceu, espalhou os dedos sobre seu corpo, com delicadeza, e a deitou na cama.

A última coisa vista por Nonna foi um cobertor leve, semelhante a uma teia, que caiu da árvore acima dela, de forma assustadora. Parecendo macio e quente, então ela adormeceu.

Sombras se moviam com ansiedade. O som do pássaro roncador se tornara cada vez mais alto e outros perfumes haviam se misturado ao odor de ervas. Nonna notou que se sentava em um local desconhecido, sem se lembrar de como chegara lá. Ela se recordava das pedras, de um corredor, de troncos e da neve que começara a cair outra vez, em grandes flocos.

Olhou para baixo e tocou a pedra coberta por musgo na qual se sentava. A luz fraca da lua brilhava atrás dela. Os grandes flocos de neve caíam sem qualquer som e começavam a cobrir o solo escuro, que já não se parecia com musgo.

Ela se levantou e gritou, chamando por Fenris, mas não obteve resposta. Olhou para a escuridão em volta e notou que só podia se mover em uma direção.

Começou a andar, ela tinha de andar, pois algo estava em seu encalço. Ele cobria a lua com sua sombra e Nonna passou a correr, em fuga.

Ouvindo os sons de cascos, desviou-se de rochas, enquanto cada passo parecia mais difícil do que o anterior. Os pés pareciam lentos e lânguidos, como se tivessem permanecido unidos durante um bom tempo ou se estivesse com neve até os joelhos. Os pés não estavam amarrados e só havia um pouco de neve – eles apenas não a obedeciam. Ela teve de desacelerar, indo adiante, devagar. Em dado instante, o som dos cascos foi mais forte, até desaparecer e Nonna caiu. Estava sobre um rochedo gigantesco, com vista para o nada. A beirada tinha uma leve descida e ela sabia que iria cair. Não podia enxergar a superfície do chão sob ela, só a beira com inacreditável elevação do rochedo que desaparecia na escuridão. Não queria cair e tentou evitar, segurando-se no rochedo, escorregando devagar e afundando com um grito silencioso dentro do nada, a balançar os braços.

Cair era uma sensação nauseante, adormecia o corpo e não doía. Nonna se levantou para sentar e observara em volta.

Notou estar em pé sobre um muro. Escuridão por todos os lados, e o sol se pondo detrás de nuvens apagadas, revelando ruínas de um forte e uma floresta exuberante a seu redor. Do lado oposto, uma nuvem de névoa fluava cobrindo todo o solo. A floresta era muito verdejante, o solo era cheio de flores, e a superfície dos muros do forte estava coberta de musgo e líquen. De repente, Nonna viu que algo se movia, à beira da névoa densa. Andou com dificuldade na direção da figura móvel e tentou ver o máximo possível.

Uma garotinha estava sentada na beira do muro, com um vestido azul-escuro enfeitado, e leve. A menina era magra, alta e loira e balançava as pernas no muro, movendo-as no ar, com vagar. Nonna ficou com medo de olhar para ela, pois era sua própria imagem. Começou a andar em sua direção. Um som se ouviu de alguma parte, um grito que fez a garota levantar a cabeça para escutar e se virar para olhar às costas. Nonna parou e a garota não a notou. Percebendo que um perigo afligia a garota, gritou para ela, que se levantou e lhe dirigiu um olhar titubeante. Nonna tentou correr, para se aproximar, e sentiu que a sombra negra lhe alcançaria. A garota olhou com surpresa para Nonna e estava prestes a dizer algo quando uma enorme sombra surgiu entre elas.

Nonna acordou gritando. Estupefata, olhou em volta e viu uma luz fantasmagórica que quebrava a escuridão aqui e acolá, sentindo o odor doce e ouvindo o som abafado e ondeado do pássaro roncadador por trás da respiração baixa e segura de Fenris. Virando-se, pôs as mãos em volta do urso que dormia ao lado e dormiu de novo com um suspiro.

Não tinha ideia do quê ou de quem erigira aquelas construções na floresta, cujas ruínas observavam. Diante deles, erguia-se uma colina íngreme, pontuada de rochas e de alguns montes esparsos, cobertos de neve. No topo da colina, alguns pedaços de muro e, no meio deles, uma linha quase apagada de fumaça. Após acordarem descansados em um lugar misterioso, ainda coberto pela noite, Nonna e Fenris foram guiados para o dia cinza. Caminharam algumas centenas de metros e chegaram ali.

– O palácio do antigo povo divino está em ruínas desde o início dos tempos, – explicou Broti, sussurrando ao lado de Nonna.

– E a habitação?

– Está no centro da colina.

– Então, o Grol está em que lugar? – perguntou Nonna, mordendo os lábios.

– No momento, do outro lado da colina.

– De onde vem a fumaça?

– Grol acendeu uma fogueira, talvez tenha medo de congelar.

O dia estava de um cinza terrível e sombrio. Quase não havia luz do sol e toda a região parecia desolada. As ruínas no topo da colina e as formações estranhas, algumas das quais semelhantes a estátuas misteriosas, enterradas na neve havia tempos só exacerbavam o desolamento. Aqui e acolá, viam-se pegadas enigmáticas na neve. Os pássaros nos galhos das árvores faziam sons crepitantes, beirando o inaudível e à frente deles havia um grupo de corvos.

De súbito, Nonna olhou para uma sombra azulada, flutuando na superfície da neve e vindo em sua direção. Era pequena, ela quase não a notara, e não deixava marcas sobre o solo. Ela voava com rapidez entre as rochas, em dados momentos desaparecendo e reaparecendo outra vez em

alguma fresta. A sombra flutuava mais perto e, antes que Nonna pudesse dizer qualquer coisa, aterrissou em frente deles.

O ar parecia tremular e formar a imagem de uma menina azulada, quase invisível diante deles. Não tinha nem um metro de altura e Nonna podia enxergar a colina coberta de neve através dela. Olhou para o rosto de uma beleza incomensurável e para sua aparência perfeita, em deslumbramento. Embora a neve fosse leve como pó e até uma pena de pássaro afundasse nela, os pés descalços da menina não moviam a neve.

De forma lenta, como em um sonho, a menina se inclinou na direção de Broti e lhe sussurrou algo. Ele respondeu e abanou a mão e a menina, então, encarou Nonna direto nos olhos. O azul-gelo profundo pareceu perfurar sua mente por todos os lados e ela sentiu curiosidade, ódio e alegria. Ela tocou de leve na palma nua de Nonna, que não sentiu o toque dos dedos enevoados, só uma brisa fria, que parecia envolver os dedos e penetrar na pele como uma rajada congelante de ar.

Com um sorriso, a figura azulada desapareceu diante de seus olhos, deixando apenas uma lembrança e um toque quente na palma de Nonna.

– Quem era aquela? – perguntou Nonna, atônita. A seu lado, Fenris não notara nada ou, ao menos, fingia total indiferença.

– Uma donzela-azul, que disse que Gamli sabe que chegamos. A escuridão é total no topo da colina, sem sombras e Grol pode estar lá, então seja rápido e cauteloso, Fenris – disse Broti.

– Ele não irá sozinho... – ela começou a falar e Broti a fuzilou com o olhar.

– Você não é necessária lá. Fiz um acordo com Fenris e ele vai sozinho.

– Mas... – Nonna olhou para Fenris.

O urso do gelo mirava fixo para a colina, sem se mover. Seu focinho estava para cima, com determinação e, por alguma razão, ela sabia que não poderia fazê-lo mudar de ideia. Além disso, criaturas negras em suas costas a segurariam, à força, se tentasse ir junto.

Fenris respirou fundo e Nonna lhe deu um grande abraço.

– Seja rápido, Fenris... e volte logo!

Um pressentimento incomodou Nonna quando Fenris rugiu.

Ele sentiu uma grande força nas pernas traseiras ao subir a colina. Excitação e ansiedade eram como um poder ilimitado dentro dele, com o qual batia as patas em meio à neve do solo congelado, apertava as unhas sobre a superfície e acelerava ainda mais. Sabia o que tinha que fazer e que não tinha muito tempo. Escutou o sangue pulsar nos ouvidos e cheirou a fumaça ao se aproximar do alvo.

Com alguns saltos, chegou no alto e concentrou toda a força em um último pulo sobre um buraco na parede. Com um estrondo, alcançou o topo da colina.

Fenris observou ao redor, com pressa. Diante dele, todo o topo escuro da colina, ruínas de uma construção maravilhosa que lá estivera, havia muito tempo. De outro lado, uma parte ainda mais escura e sombria da floresta tinha início, com um muro em um estado muito pior.

Havia, também, um fogo muito fraco a arder, com uma habitação próxima e uma pedra gigantesca sobre ela. Duas pequenas figuras negras passaram correndo por Fenris. Uma delas subiu no topo da pedra e começou a pular com os olhos ardendo como fogo.

O urso estava alerta. Algo não estava certo, não sabia o que era, somente que lhe incomodava a mente. Seu coração batia acelerado e alguma outra coisa parecia se mover, também. Sem tempo para pensar, correu para a habitação com dois saltos gigantescos.

Gritos abafados vieram da habitação quando Fenris pôs as grandes patas dianteiras contra a pedra que a cobria. Ele sentiu a superfície fria e áspera da rocha sob as patas. O peito se apoiou contra a pedra e, concentrando toda a força nas pernas traseiras, passou a empurrá-la.

A rocha cedeu de imediato à força poderosa do urso do gelo e se moveu, de início quebrando a camada de gelo entre ela e a habitação. Fenris ouviu o gnomo gritar sobre sua cabeça, fechou os olhos e a empurrou pela última vez.

Seus músculos se tensionaram sob o pelo branco e a pedra caiu do alto com um estrondo, fazendo a neve voar pelos ares, do lado oposto da habitação. Fenris despencou contra ela, fazendo-a estalar. Ele procurou manter o equilíbrio com rapidez e viu o rochedo rolar pela colina, com crescente velocidade. A grande rocha rolou, bateu contra um muro velho e fraco com imenso ruído e, por fim, à medida que a construção cedia, rolava pela colina com uma velocidade impressionante, derrubando árvores pelo caminho.

Durante aquele momento assustador, Fenris notou um gnomo maltrapilho e um tanto estranho abaixo dele. Pulava para cima e para baixo em uma luz azulada e gritava algo para Fenris, em uma língua desconhecida. De imediato, uma sombra decaiu sobre o urso.

Nonna sabia que havia algo de errado quando duas criaturas negras desceram a colina, em pânico, tropeçando na neve. Quando ela entendeu o que gritavam, apavorou-se.

Grol viera para a colina. E Fenris estava lá, só, para recebê-lo.

O urso girou o corpo, devagar, afastando-se um pouco sem, por um só instante, desviar o olhar da criatura que se aproximava.

Grol marchava pelo lado da colina de sombras escuras e ruínas, com grandes saltos. Fenris jamais vira algo assim. O gnomo construía uma criatura de mais de quatro metros de argila, pedras e troncos de árvore, coberta por diferentes peles e couros de animais. As mãos haviam sido feitas a partir de árvores amarradas com espetos afiados em suas extremidades. Um enorme martelo pendia na outra mão e duas árvores sólidas serviam como pernas. A cabeça se constituía de tocos e a mandíbula inferior tinha pedras afiadas como dentes.

Os troncos e galhos de árvores estalavam enquanto a criatura se aproximava de Fenris. As pedras no abdômen de Grol raspavam umas contra as outras e os olhos brilhavam, de modo diabólico. A criatura atravessou a fogueira e parou para refletir sobre a situação.

Desarmado, seria um adversário formidável para qualquer um. Parado a alguns metros de Fenris e abaixando o martelo, batendo-o, deixou claro

que a situação do urso era terrível. Ele ouviu gritos agudos e furiosos da habitação, sem lhes dar atenção.

O medo não passou pela cabeça de Fenris. Sabia que fugir seria a última alternativa viável e que atacar, com toda a bravura que tivesse, era a única opção. Com sorte, Nonna e Broti entenderiam e correriam dali o mais rápido que pudessem.

Abaixando a cabeça e os ombros, levantou o lábio superior e revelou os dentes afiados. Após mais um momento de concentração, reuniu todas as forças para ajudá-lo e sentiu os ancestrais e os espíritos protetores em seu coração. Um ódio e uma força ferventes se espalharam por todos os seus músculos.

Grol levantou o martelo da neve assim que Fenris concentrava todo o poder para atacar. Fenris disparou e pulou contra a parte inferior de Grol com todo o peso.

O salto parou Grol, que cambaleou para trás com o tremor do solo, permanecendo em pé, no entanto, enquanto Fenris agarrava seu corpo.

Fenris não ouvia nada; o lado esquerdo do quadril doía e, sentindo as pernas de Grol sob as patas traseiras, apertava as unhas contra elas, empurrando seu próprio corpo para cima, em direção ao pescoço de Grol, rugindo e rasgando tudo o que podia com as garras. Pedacos de madeira, galhos, pedras e argila voavam por toda parte, enquanto destruía em fúria a criatura maléfica, que ainda se mantinha viva. Fenris sentia o pulsar da batalha dentro de si e nada parecido com medo.

Naquele exato momento, sentiu uma dor terrível em seu dorso. Grol jogara a mão espinhenta em Fenris, agarrando seu pelo com a garra. Ele se sentiu despencando do inimigo e sendo agarrado por uma criatura com um poder inacreditável. Enfiando as unhas em Grol, tentou continuar segurando a criatura pelo maior tempo possível, arrancando galhos e pedras de seu corpo. Mas a força passou a falsear à medida que a dor aumentava.

Fenris juntou todas as forças que possuía para mais um ataque. Rugindo em cólera, golpeou a parte superior do corpo de Grol com as

patas dianteiras, este, perdendo o equilíbrio, cambaleou e balançou os braços até cair de costas. O urso o soltou e caiu de lado sobre a neve.

Grol despencou direto na fogueira, fazendo o chão estremecer. Faíscas e brasas voaram no ar, com pedaços de argila e madeira. A queda sobre a fogueira que se apagava fez com que ela explodisse de novo em chamas irrequietas que o dominaram e, assim, logo Grol se incendiou.

Deitado de lado, sem mais forças, Fenris observou a criatura crepitando, rosnando quase em silêncio e se contorcendo em fúria. Não importava o quanto tentasse, não conseguia mais se levantar das chamas, que o engoliam por completo. Da fogueira, pôde-se ouvir um grito alto e aterrorizador por toda a floresta, afugentando os corvos. As chamas relampejaram e delas subiu uma nuvem preta cintilante. Com um grito horripilante, o demônio escapou das chamas e desapareceu nas sombras da floresta.

Fenris fechou os olhos, e a cabeça caiu inconsciente sobre a neve.

REGIÃO DA FRONTEIRA ENTRE BARIADIA E NORIDIUM

Ninguém podia ver o cavalo que galopava em disparada, ou seu cavaleiro, na escuridão da noite. A neve voava dos cascos, enquanto ele acelerava em uma estrada vazia em direção ao norte. Em sua serenidade, a neve que caía amplificava a fúria do animal.

Os olhos brilhavam no escuro e um vapor saía de sua boca em grandes nuvens, enquanto corria, deleitando-se com o esforço. O luar batia em seu corpo negro e brilhante, enfatizando os músculos. Os cascos batiam no solo coberto de neve sólida, fazendo o gelo pairar no ar em pequenos fragmentos cintilantes.

O cavaleiro seguia seus instintos. Até então, os sinais não haviam sido claros, em particular no mar, no entanto, agora se tornavam cada vez mais fortes.

Parando no meio da estrada, o homem se esticou em cima do cavalo ansioso e virou sua cabeça. O rosto pálido estava tenso e contorcido de ódio

e não se podiam encontrar os traços de Gerhard nele, a não ser que se soubesse procurá-los. No lugar dos olhos escuros, sarcásticos e um pouco cansados de Gerhard, havia outros, ávidos, brilhantes e pretos por inteiro – sem sinal de fadiga. Eles observavam a área, vendo as coisas de forma distinta dos seres humanos normais.

Gerhard invocara o espírito maléfico para ele havia apenas algumas semanas. Em um momento de lucidez, lembrara-se de algo e pegara um livro que estava jogado em um baú, na masmorra. Tratava-se de algo que escondera por anos, parte por vergonha, parte por medo. Em sua cegueira, sem pensar em mais nada, e guiado por alguma força obscura, fizera todos os procedimentos e dissera todos os encantamentos descritos no livro. Foram semanas para fazê-lo e chegar à última página, alcançado o que queria – embora não da maneira que ele esperara.

Em seu coração, vingança e ódio não haviam desaparecido junto à sanidade, portanto a única coisa que desejava era aquilo. Ele tivera esperanças que alguém se vingaria em seu nome e, em sua loucura, pensara que o espírito maléfico que ele conjurara faria qualquer coisa que quisesse. Mas isso não ocorrera e, ao contrário, o mal tomou a alma de Gerhard para si e assumiu sua aparência.

Ele tinha, entretanto, feito uma boa escolha, pois o chamado alcançara um dos espíritos da vingança, no inferno, que jamais desistia, exceto quando a tarefa fosse completada. O espírito não tinha o direito de retornar ao inferno antes de cumprir sua tarefa, de uma forma ou de outra.

E, assim, Gerhard acordara em uma noite de outono, mais sombria que a escuridão, em um local que lhe era de todo desconhecido, sem se lembrar de muita coisa, com o corpo agonizando de dor. Sentira que todo seu ser estava sendo controlado por outra pessoa e, compreendendo o que ocorria, sentiu todas as dores, o suplício e a agonia em seu corpo. Gerhard estava são outra vez, mas aprisionado no próprio corpo. Um cavalo negro caminhou em sua direção, de algum lugar nas chamas do inferno. Os olhos e a boca queimavam como fogo. Ele montou, sabendo o que faria. As dores só seriam amenizadas no dia que alcançasse a criatura branca que o levava àquele estado e a garota que estava com ela.

O espírito maléfico dentro dele mandou que se apressasse, pois sabia mais, que a menina tinha de ser impedida de fazer e alcançar algo. Seus senhores tinham enfim encontrado um modo de detê-la. Gerhard e seus rituais haviam aparecido no momento certo. O Senhor do inferno teria a chance de influenciar o futuro.

E nada poderia impedi-lo.

Em direção aos Montes do Dragão

FRONTEIRA MERIDIONAL DOS MONTES DO DRAGÃO,
NORIDIUM
Março de 815

O vento aumentara tão logo Nonna e Fenris deixaram a floresta. De início, ele se satisfazia em jogar redemoinhos nebulosos sobre a superfície da neve e, de vez em quando, roçar de leve na pele de Nonna com seu toque frio. Aos poucos, contudo, ganhou força, até que, por volta do meio-dia, passou a chicotear o rosto de Nonna. Até Fenris tinha que apertar a vista ao andar contra o vento, que logo levantava flocos de neve pequenos, porém pontudos, e os lançava à pele de Nonna.

Fenris se recuperara rápido da batalha contra Grol. Quando a luta terminou e o silêncio tomou a colina, Nonna não esperou sequer um segundo e subiu a colina correndo, aterrorizada. Quando encontrou Fenris deitado sobre a neve, o coração pulara pela garganta e ela desabou até o urso, que acordou logo sem qualquer ferimento grave.

Gamli, que sofrera de sentimentos mistos de alegria e raiva por ter sido libertado, em sua confusão mental transformou alguns dos amigos em esquilos e ratos, até se acalmar. Após conhecer seus salvadores, curara Fenris da noite para o dia. Gamli ria dizendo que agora poderiam proteger a floresta com outra história: ninguém ousaria entrar na floresta na qual morava o urso do gelo que matara Grol. E a história logo passou a ser espalhada pelos gnomos. Nonna mal pudera acreditar no que ouvira e pensou consigo que os gnomos eram criaturas sem conserto. Por um

momento, perguntou-se se Gamli não pretendia criar uma criatura mágica parecida com um urso do gelo como o próximo guardião.

Eles haviam passado mais uma noite no reino sombrio dos gnomos e Nonna aprendera que se alguém se aventurasse longe o bastante pela caverna, em trilhas cheias de aranhas soturnas e outras criaturas misteriosas, cânions, grutas e rachaduras, chegaria ao Mundo dos Mortos, o reino dos mortos. O adivinho dos gnomos tivera uma longa conversa com a menina, enquanto Fenris descansava. Ele lhe contara que ela tinha um tipo de elo com o mundo espiritual. Para as criaturas do Mundo dos Mortos, gnomos e outros seres como eles, isso era tão claro quanto o fato de um lobo uivar para a lua cheia. Segundo o adivinho, havia estranhos poderes em Nonna, que esperavam uma oportunidade para emergir, e que pareciam ser diferentes de qualquer outra coisa no mundo.

Ela contara ao adivinho sobre o espírito maléfico que a perseguia. Enquanto narrava a história, os gnomos se mantiveram silenciosos junto deles e, para a sua surpresa, até alguns queimadores de tesouro vieram ouvir. Estes eram criaturas cheias de fuligem e que cheiravam à fumaça. Vestiam capacetes de ferro e luvas. Sua tarefa era queimar o bolor dos tesouros de ouro. O adivinho dissera que os humanos chamavam isso de fogos-fátuos.

Quando Nonna findou a história, os gnomos assentiram com a cabeça e, para seu horror, o adivinho dissera que sentia que algo muito forte e obscuro se aproximaria a qualquer momento. Eles não poderiam ajudar Nonna; esconder-se entre eles seria inútil, pois os espíritos maléficos tinham poder sobre os gnomos. A criatura que perseguia Nonna derrubaria tudo pelo caminho, até a caverna, com facilidade e, além de tudo, estaria familiarizada com o território. O Mundo dos Mortos e o reino dos gnomos eram muito diferentes do inferno, em que espíritos maléficos e almas perdidas viviam. Todavia, tinham pontos em comum, o suficiente para dar grande poder aos espíritos no reino dos gnomos. Nonna poderia, era óbvio, escapar para o Mundo dos Mortos, no qual Kolru e sua filha, Thyra, iriam

protegê-la: o espírito maléfico não teria meio de entrar lá. Só que também não poderia mais deixar aquele reino.

Gamli contara à Nonna sobre as montanhas, os Montes do Dragão. De fato, estivera lá, fazia muito tempo. Todo o reino fora, àquela época, controlado pelos dragões ou pelo clã dos dragões. Viveram nas montanhas pelo menos dois mestres-dragões. Por séculos, muitos vasculharam as ruínas de seu forte, na esperança de encontrar tesouros, o que, de fato, ocorreu. O adivinho dissera, contudo, que as ruínas eram protegidas por espíritos muito poderosos e com poderes a que poucos, talvez ninguém, poderia ter acesso.

A única esperança de Nonna estaria, de fato, nos Montes do Dragão, pois, dizia-se, o espírito de um dos dragões ainda assombrava as ruínas. Depois de ponderar por um longo tempo, o adivinho decidiu contar um segredo à menina.

Os dragões tinham um nome, pelo qual haviam sido conhecidos dentre os humanos, porém possuíam outro, pronunciado em sua própria língua. Se ela soubesse falar o nome do dragão cujo espírito dormia nas ruínas em sua própria língua, isso seria para seu benefício.

Antes de Nonna dormir sob um cobertor feito pelas aranhas, o adivinho a tomou pela mão e ensinou como o nome do dragão que outrora reinara sobre as montanhas, Skafloc, deveria ser pronunciado na língua dos dragões. A palavra era a primeira que ela aprendera na língua dos dragões e, por alguma razão, não tivera qualquer dificuldade de fazê-lo.

Na manhã seguinte, os gnomos guiaram Nonna e Fenris para fora da floresta e lhes mostraram o caminho para as montanhas. Deram para a menina uma sacola de lanches que, segundo eles, para sua surpresa, seria o suficiente ao menos até a primavera. Assim, Nonna e Fenris haviam partido no campo coberto por neve, em sua caminhada em busca dos Montes do Dragão.

A indiferença de Nonna desapareceu com o vento e foi substituída pelo medo de ficar presa em uma tempestade de neve, que tomaria um tempo precioso que não podiam perder. Segundo o adivinho, o espírito maléfico

estava no máximo à distância de três dias de viagem e eles levariam tal tempo para chegar às montanhas, talvez mais, se não se apressassem.

Nonna olhou em volta. Por todos os lados havia um campo aberto, a floresta deixada para trás já estava distante. De uma só vez, a neve passou a cair tão forte que o mundo todo se tornara apenas uma névoa branca, no meio da qual ela não conseguia enxergar a floresta, os montes, nada. Abaixou-se no dorso de Fenris e começou a sentir muito medo. O frio entrava sob a pele com o vento e ela refletiu que a única solução talvez fosse cavar a neve com Fenris. Por quanto tempo a nevasca duraria, no entanto, ela se perguntava. Podia perdurar por dias e eles estavam no meio de uma área deserta.

O rugido de Fenris acordou Nonna de seus devaneios. Ela levantou a cabeça com cuidado e protegeu o rosto com a mão, enquanto Fenris mudava de direção. Olhando o sentido adotado pelo urso do gelo, logo pôde enxergar algo grande e escuro, no meio da tempestade. Eles se aproximaram daquele cinza misterioso com lentidão, aos poucos e sem parar, quando ela viu uma grande floresta, com árvores de imensa altura diante deles. Nonna respirou aliviada, enquanto se aproximavam, só então percebendo o que havia em volta da mata.

Embora a neve pesada tivesse pintado os arbustos espinhosos de branco, não havia dúvida de que seria muito difícil ultrapassá-los.

Fenris parou em frente deles. Os galhos enormes e labirínticos eram cheios de espinhos, afiados como facas. Os maiores tinham o tamanho de uma unha de dragão e até os menores eram grandes como os dedos humanos. A cerca contornava a floresta até o limite da visão, assemelhando-se mais a um muro do que a arbustos. O vento uivante assobiava nos ouvidos.

– O que será que o muro protege? – pensou alto Nonna. Ela suspirou em desespero e decidiu começar a contornar a floresta, na direção do vento. Talvez encontrassem um buraco em que pudessem ficar a salvo dos piores ventos. Quando Fenris se virou, Nonna tocou um dos galhos.

O arbusto inteiro pareceu tremer. A neve caiu dele e Nonna olhou horrorizada um buraco surgir no meio da parede de galhos, que se

contorceram como cobras. A fenda se tornou cada vez maior, estalando e tremendo, revelando uma floresta escura e sombria por detrás dela.

Fenris hesitou, e a curiosidade de Nonna, como era natural, venceu. Empurrando o rígido amigo, ela ordenou que ele atravessasse o buraco. Por fim, o urso do gelo obedeceu, entrou devagar e olhou ao redor com cuidado, entre os espinhos enormes e a floresta.

O assobio do vento mudara para um zumbido grave quando entraram na massa de árvores colossais. Nonna olhou para trás e viu o buraco se fechando tão lento quanto abriera. Ela pulou das costas de Fenris e, mais uma vez, doou uma pequena parte de seus lanches para apaziguar os espíritos da floresta. Em seguida, arrepiada, voltou a subir no dorso do urso.

O solo estava coberto por uma espessa camada de neve e continuava a nevar mais e mais entre os galhos, o tempo todo. O vento não tinha forças para soprar ao pé dos enormes troncos, já as árvores, no entanto, balançavam com seu poder, estalando de forma majestosa e contínua. Além dos estalos e do zumbido do vento, nenhum outro som podia ser ouvido, nenhum. O silêncio era opressor demais e Nonna se sentia ansiosa. O calor e a proteção contra o vento dados pela floresta, entretanto, deixaram-na feliz. Ela encorajou Fenris a ir adiante e o urso branco passou a caminhar com suas patas robustas para o fundo da floresta sombria.

Eles passaram por diversas árvores caídas e não havia quaisquer sinais de trilhas. Seguir era um processo lento, pois, por vezes, Fenris tinha de subir em grandes troncos e escorregar sob e entre árvores rebaixadas, para poder se mover. Não importa o quanto olhasse em volta, Nonna não conseguia ver uma única pegada sobre a neve, nenhum corvo ou outros pássaros sobre os galhos, nem esquilos ou nada vivo. Apenas os enormes troncos de árvore e, entre eles, arbustos com corpos semelhantes a esqueletos.

Com a chegada da noite, ela pôde notar um lugar mais claro à frente e logo chegaram à beira de uma clareira. Até então, não haviam visto nenhum espaço aberto na floresta e Nonna se sentia deslumbrada com a imagem. Desta vez, até Fenris estava impressionado com a visão.

A grande clareira era cercada por árvores de formato estranho. Os troncos eram mais arredondados do que os outros, o formato bastante suave e belo. Os enormes galhos estavam curvados em direção ao meio da clareira e, por trás deles, as árvores maiores haviam espalhado os galhos como uma cobertura, protegendo-a da neve que caía. E haviam sido bem-sucedidas na tarefa. O centro daquele espaço estava livre de neve. Havia apenas uma grama alta, coberta pela geada. Do lado direito, Nonna viu rochedos de forma suave circundando uma cachoeira, um riacho e um lago que, contudo, estava seco e coberto por gelo brilhante. Era como se o espírito do frio houvesse soprado gelo branco como açúcar, por todos os lados.

No meio de tanta beleza congelada havia um rochedo solitário. Da beira da floresta, Nonna não podia ver do que se tratava, embora lá estivesse, só e imóvel.

– Fenris, vamos até aquele rochedo.

Com um rugido, Fenris passou a caminhar na direção do rochedo, a grama coberta de gelo quebrando sob suas patas.

Saindo da floresta rumo à clareira, a menina olhou de perto para as árvores e notou algo estranho. Sobre os belos e suaves troncos havia grandes cortes, que cobriam suas superfícies como feridas profundas. A seiva havia escorrido deles. De repente, ela sentiu uma tristeza profunda. Algo acontecera naquela clareira. Alguém fizera algo muito cruel e triste ali e Nonna podia sentir isso em todo lugar.

– O que aconteceu, Fenris, você também sente?

Fenris rugiu com desalento e balançou a cabeça, concordando.

O caminho da beira da floresta até o rochedo não era longo e Fenris seguia lento e sem forças. Ao chegar ao outro lado do rochedo, Nonna percebeu o que era.

Uma estátua representando um pequeno urso. Ela fora talhada de uma maneira simples, rudimentar e inábil, ainda assim representava um filhote de urso sentado, com a cabeça em uma posição triste e as patas dianteiras em cima das traseiras, com aparência de desamparo. O focinho tinha cortes

grossos, similares aos dos troncos das árvores. E toda ela estava coberta por grossa camada de gelo.

Nonna escorregou das costas de Fenris e se pôs ao lado da estátua. Seus olhos estavam na altura da vista do pequeno urso. Por um momento, apenas apreciou a simples estátua cinza.

– É muito triste – disse, em voz baixa.

Tirando as luvas, esfregou o focinho do urso com os dedos nus. Assustada, respirou fundo e logo recolheu a mão. Assim que Nonna tocara a superfície gelada, ela começou a derreter e a área derretida a se espalhar sobre a superfície da pedra. Temerosa, ela tocou o focinho de novo, com a palma da mão inteira e, quanto mais a deixava em um único lugar, mais a camada cintilante de gelo derretia. Nonna acariciou a superfície rugosa da estátua e logo o gelo revelou gotas amarelo-ouro sobre os sulcos que cobriam o focinho. Ela tocou em uma das gotas com o dedo, levou-a à boca e experimentou:

– Fenris... tem gosto de mel!

O rugido de Fenris trouxe Nonna de volta, que olhou para o chão. A área derretida se espalhara da estátua para o solo e a grama coberta por gelo no entorno começava a se tornar verde. Recuando um passo, notou que a reação caminhava em direção às beiradas, alcançando-as e iniciava a subida nas árvores que circundavam a clareira. Os troncos frios e brilhantes ficavam mais escuros e pareciam melhorar a postura inicial. A grama não se tornou verde em qualquer outro lugar, exceto em volta da estátua; a força advinda da menina parecia não se estender, embora fosse evidente que seu toque tivesse dado início a uma reação. Nonna admirou o que via, encantada. A vegetação sob seus pés estava tão verde como no alto verão e suas folhas cresceram até formar um gramado quente, com cheiro de fresco, que a cercava em uma floresta coberta de neve.

Virando o pescoço, percebeu, para seu espanto, que Fenris desaparecera. Seu rugido podia ser ouvido um pouco à distância, junto a uma trilha à beira da clareira. Ele estava em uma posição que indicava estar farejando algo, a observar. Nonna não via nada na trilha. Nenhum movimento ou ruído.

O urso vira um movimento que ela não poderia perceber e, para protegê-la, fora sozinho investigar o assunto. Não imaginara, entretanto, ver nada como aquilo.

Adiante de si, espreitava o fantasma de um urso, muito menor do que ele. Era adulto, porém muito pequeno e com a expressão assustada. A forma reluzente na cor amarelo-ouro trazia olhos gentis, com sulcos profundos a cobrir o focinho, e uma flecha no meio do peito, aquela que o matara, certo dia. Apesar de não ousar se aproximar, Fenris entendeu o que queria. Aos poucos, a figura ganhou coragem e caminhou para perto do urso branco, passando a lhe contar toda sua história. Em seguida, olhou uma última vez para Fenris e desapareceu dentro das sombras.

Ele se virou e apreciou Nonna, que ainda esfregava a estátua com os pés sobre a grama densa. Um dia, ela descobriria como uma alma destruída na clareira esperara por um longo tempo por alguém como ela, para curar sua aparência ferida.

Passaram a noite na clareira, junto à estátua do urso. A escuridão caiu, solene e calma sobre a clareira estática. Quando as luzes das estrelas e da lua emergiram sobre as árvores para iluminar o local, já coberta aqui e ali por uma leve geada, o gelo passou a cintilar. Nonna começou a cantar em voz baixa. Fenris descansava o focinho sobre as patas e apreciava aquele canto, que se espalhava pela clareira de forma suave e um pouco melancólica. Desde que saíra de casa, era a primeira vez que ela cantava e, embora fosse uma canção um pouco triste, era uma de suas favoritas. Contava a história de um soldado que partira em uma jornada de conquistas e ansiava por voltar para seu lar; Nonna sempre amara ouvi-la, quando seu pai a cantava em voz baixa, perto da hora de dormir. A canção teve o dom de lhe acalmar, imaginando que as árvores cobertas de neve ao redor se inclinaram para escutá-la melhor. O gelo e a neve reluziam sob o luar intenso e a estátua esquentava suas costas, trazendo-lhe conforto.

Quando, por fim, adormeceu com o próprio canto, Fenris já roncava alegre havia muito tempo.

VALE FRIO, NORIDIUM

O cavalo negro subia uma colina íngreme, chegando ao topo com dificuldade. Uma cachoeira que se congelara, quase por completo, murmurava em silêncio, fazendo subir uma nuvem enevoadada que se movia com o vento fraco pela colina, em direção ao vale.

Exausto, Gerhard puxou as rédeas do cavalo com força, fazendo cessar as bufadas e a respiração ofegante, ao pé de um penhasco. Erguendo-se e ficando em pé nos estribos, observou a região. À distância, ao leste, por trás do horizonte, uma luz laranja quebrava a escuridão, indicando que o sol estava prestes a raiar, e ofuscaria os olhos do espírito maléfico. Assustado, Gerhard desviou o olhar para a frente. Do lado direito, o leito estreito de um rio coberto por neve fazia uma leve curva na direção de uma floresta distante, desaparecendo na escuridão.

Aflito, virou a cabeça soturna e com os olhos vazios correndo pelas árvores, teve uma sensação de queimação. A ardência começara na noite anterior e ali entendera estar próximo da garota que perseguia. Escondendo-se em uma caverna abandonada ao sul do Vale Frio, mal pôde esperar que o sol descesse e a escuridão retornasse para pular no cavalo e disparar para o penhasco ao sul do vale. Em sua impaciência, na noite anterior ele havia procurado um local pelo qual pudesse descer para o vale. Ao encontrar, cavalgara para o lado oposto. Seu cavalo pulara com facilidade a rachadura no gelo, que cobria o Rio Frio, e ele subiu em direção ao penhasco do norte, enquanto fogos-fátuos queimavam no vale silencioso.

A sensação de capturar a garota era mais forte do que nunca. O que restara da alma de Gerhard explodia em uma excitação aterradora de ódio, de forma que, por um momento, ele conseguira ascender acima da prisão junto ao espírito maléfico, encorajando a criatura a seguir adiante ainda com mais fúria.

Sua sofreguidão tentara emergir à mente do espírito maléfico, mas ele tivera de apertar as mãos nas rédeas e se controlar. Por mais um nascer do sol a garota estaria livre, porém estava certo que no próximo período

gelado, ele a capturaria. A única preocupação do espírito maléfico passou a ser a de poder escapar da luz do sol. Uma floresta, vista à distância, seria seu único esconderijo.

Ele chutou os pés de Gerhard e as esporas pontudas nas laterais do cavalo e correu sobre o gelo de um rio, com a neve voando às costas, cavalgando sobre aquela superfície dura em direção às sombras tentadoras da selva.

BOSQUES DOS URSOS, NORIDIUM

A manhã começara clara, acordando Nonna, que dormia entre as patas dianteiras de Fenris. Ela pulara bocejando no dorso de Fenris e eles haviam caminhado devagar através da pequena e misteriosa mata. O urso farejara o estranho odor ancestral da floresta e vira a camada intacta de neve entre as velhas árvores sólidas e curvadas. O silêncio era tão tangível que poderia ser tocado. Pouco a pouco, os raios do sol começaram a tremular, pintando linhas amareladas sobre a neve branca e banhando os galhos cobertos de gelo com um brilho laranja.

Depois de algumas horas, Fenris saiu do arvoredo envolto por arbustos. Eles caminharam para a luz forte do sol, que os iluminava e aquecia. Nonna olhou para as montanhas que ascendiam contra o horizonte. Os Montes do Dragão tinham colinas altas e suaves em uma paisagem de predominância plana. Nos sopés, havia abetos, cobertos por neve, enquanto os topos não dispunham de qualquer tipo de vegetação. Nonna suspirou, pois a vista era tão bela quanto acalentadora. Eles podiam chegar às montanhas antes do cair da noite e, talvez, encontrar as ruínas do forte ancestral de Skafloc ainda naquele dia.

– Vamos nos apressar, está bem? E naquela direção – Nonna se inclinou para sussurrar para Fenris, apontando para a montanha mais alta com o dedo. Ela não sabia qual delas era o lar de Skafloc, achando provável que fosse a mais alta e poderosa delas. O urso olhou à frente por um momento e sentiu que ela lhe agarrava com força nos pelos. Dando

um impulso para a frente, começou a correr devagar, passando em seguida à velocidade máxima de corrida à longa distância. Mal sentia o peso nas costas e a velocidade em um campo aberto era maravilhosa.

O sol subiu mais alto e nuvens se formaram no céu azul, flutuando. A luz forte brilhava na neve. Nonna se mantinha no dorso de Fenris com experiência e tentava enxergar ao redor, embora fosse difícil manter os olhos abertos naquela velocidade. Em torno do meio-dia, eles chegaram ao leito sinuoso de um rio, coberto por neve. Ele seguia à esquerda e subia sobre uma colina, contorcendo-se como uma cobra, na direção da mais próxima das montanhas.

Alguma coisa pareceu errada para Nonna. A sensação perdurou por um breve momento, desaparecendo, deixando só uma pequena dúvida em uma mente tranquila. Ela sentia que deveria entender algo que não compreendia. Franzindo a testa e mordendo os lábios, pediu que Fenris corresse à frente, ainda mais rápido.

No entanto, a geografia já se tornara mais íngreme e o dia estava chegando ao fim, antes do que ela imaginara. Fenris precisou diminuir a marcha para subir a colina. Em certos lugares, a superfície de neve era quebrada por rochedos afiados e, atrás deles, poderiam haver rachaduras e cânions, que tinham de ser evitados. De longe o local parecera mais fácil de percorrer. O leito do rio desaparecera à esquerda e o calor do sol começava a sumir devagar, junto de seu movimento no céu. Nonna parou Fenris e, olhando para trás, surpreendeu-se com a altura que haviam alcançado. As nuvens cobriram o sol e o entardecer chegou como um cobertor que fosse estendido, cinza e não mais azul-claro como em um dia límpido.

Eles subiram cada vez mais, até chegar ao topo da colina. Nonna observou adiante e viu a encosta diante deles com uma leve descida e uma nova ascensão. Seguindo-a com os olhos, reparou em uma forma vertical no cume.

– Um forte! Fenris, você tem forças para correr um pouco mais? – O urso obedeceu e após descer correndo, aproveitou o embalo e voltou a

subir e, com o entardecer quase concluído, estancou de repente, no meio da colina.

Nonna ficou paralisada. Ela segurava o pelo de Fenris, enquanto ele andava com dificuldade pela neve e entre rochedos afiados, e também não o largava. Naquele instante, sentiu os ombros do urso relaxarem e os pelos se arrepiarem.

Fenris elevou o focinho na direção ao vento e não gostou do que farejou. Nonna sentiu o tremor de suas costas e, com isso, um medo súbito. Algo terrível se predizia. Com um gesto de corpo do amigo ela entendeu que devia descer, e logo.

– O quê, agora? – perguntou em voz baixa, ao fazê-lo.

Estavam quase na metade da colina. No topo da montanha, o vento agitava a neve. Nuvens marrons-acinzentadas haviam coberto a última luz solar e navegavam pelo céu, sob formas tétricas e ameaçadoras. Não se via qualquer criatura viva em nenhum lugar, apenas neve em abundância, rochedos afiados e árvores outra vez curvadas. Embora não pudesse ver nada de ameaçador, o temor daquilo que poderia estar em seu encalço começou a crescer em sua mente.

De início, ela não teve coragem de se virar, pois a sensação de ser observada se tornava cada vez mais forte. Fitando Fenris, encontrou os olhos azul-gelo, com um quê de tristeza. Sem entender o motivo, custou a perceber que o urso já havia olhado para trás. Fenris rugiu baixinho e só tornou a se virar quando Nonna também o fez. O grito de horror da menina se afogou na escuridão cinza da paisagem coberta por neve.

Não muito distante deles, um cavalo negro desafiava a subida com uma velocidade avassaladora, carregando uma figura sombria, que batia as rédeas com fúria. O ar que envolvia a figura parecia tremer, como se na realidade ela fosse maior do que parecia. A neve fria sibilava sobre a pele ardente do cavalo e seus cascos negros brilhavam na escuridão do anoitecer. O animal possuía a mesma impaciência do dono e balançava a cabeça com excitação para ir cada vez mais rápido, agora que a garota que perseguiram estava tão próxima. O rosto do espírito maléfico, apenas

lembrando o de Gerhard, se contorcia por cólera e ódio, os olhos brilhavam e ele soltava gritos enraivecidos para fazer o cavalo subir a colina ainda mais rápido, sem desviar o olhar do urso do gelo e da garota por um único segundo; Nonna sentia um medo paralisador. O espírito se nutriu disso, alimentando sua confiança, e tornando o desejo de destruição e vingança ainda mais forte. Dentro das luvas de ferro, cerrava os punhos, tornando os nós dos dedos brancos. Um sentimento fraco de perigo tentou entrar em sua mente, sendo expulso de imediato.

Em toda sua raiva, não queria pensar em nada exceto naquilo que desejava. Após concluir a tarefa, estaria pronto para retornar ao inferno com mais uma conquista, a alma de uma jovem garota, que seria entregue ao seu Senhor por ele próprio. O espírito maléfico sentia que havia passado tempo o suficiente no corpo louco de Gerhard e na paisagem cintilante de neve. A ânsia pela escuridão se tornava mais forte, pois sabia estar próximo do objetivo. Embora algo incomodasse seu entusiasmo, não era o bastante para cessá-lo e ele batia as rédeas contra o cavalo do inferno fumegante, ordenando-o a seguir em frente na neve profunda.

Ao alcançar as pegadas do urso do gelo, partiu para um último impulso na direção das figuras que o assistiam, apavoradas. Colocou a mão no quadril e agarrou o cabo de sua espada, retirando-a de sua bainha.

Fenris se concentrava. Estava com medo pela primeira vez, desde havia muito tempo, pois conseguia ver no adversário mais do que Nonna podia. Como todos os animais, ele via o espírito maléfico em sua própria forma real. O cavalo se parecia com um de verdade, só que quem o montava era uma figura muito maior do que a de Gerhard, com os olhos vermelhos flamejantes. Ela mudava de forma o tempo todo, de um jeito incessante, como se algo a segurasse, como se estivesse tentando se libertar de correntes. Fenris viu que estava diante de um oponente muito superior.

Sentindo a mão de Nonna se fechar a seu lado, foi coberto de tristeza, pois seus poderes não seriam capazes de protegê-la daquele inimigo. Ainda assim, teria de fazer o que pudesse para defender a menina. Ele respirou fundo e juntou forças, tentando remover o medo e o horror de sua mente.

Tensionou os músculos ao máximo e forçou a vista para observar as figuras que se aproximavam. Pouco a pouco todos os demais sons desapareceram e, para ele, o mundo se resumiu àquela forma galopante que vinha em sua direção.

Rugindo, Fenris partiu para o ataque.

Ao ver a fúria da figura ameaçadora que se aproximava, Nonna se paralisara por completo. À distância, pôde reconhecer as poucas feições de Gerhard ainda preservadas na figura negra e a memória lhe trouxe o nojo de tudo o que vivera. Ela não podia se mover, embora todos os instintos gritassem para que fugisse. Nonna assustou-se com o movimento brusco do urso. Naquele exato momento, entendeu que ele decidira atacar aquele espírito aterrorizador. Dentro dela, sabia que Fenris não teria chance de sucesso se lutasse com aquele monstro sozinho. Desta vez, ele não enfrentava Grol, feito de galhos, e sim um espírito do mal, parecido com Gerhard, mas que não era deste mundo, gerado nas profundezas do inferno. Contra tal criatura, até as garras e os dentes de Fenris não podiam fazer nada. Ela não conseguia tirar os olhos do amigo, que corria morro abaixo, e do cavaleiro galopando na direção contrária, com a espada nas mãos. Pobre Fenris, acabara de se recuperar da última batalha e agora estava correndo para a própria morte.

O desespero trouxe uma alternativa à mente de Nonna. Afinal, tinha viajado por dias para chegar àquele local. Se fosse, de fato, o lugar certo, seria possível receber a ajuda de um dragão? Em pânico, tentou se lembrar do que Gamli dissera sobre o nome e como deveria pronunciá-lo na língua dos dragões.

Ela não podia se concentrar. Toda vez que se lembrava do nome certo, ele desaparecia de sua mente. Fenris se aproximava do espírito maléfico e Nonna notou o desenho da criatura alada no cabo da espada que cintilava no escuro. Olhou para a baba que fugia da boca do cavalo e a palavra, na língua dos dragões, não vinha até ela. Embora não quisesse, fechou os olhos, sentiu o sangue correr para seus ouvidos e, com isso, lembrou-se do nome.

Então, abriu os olhos e gritou o nome, o mais alto que pôde, combinando tudo em seu berro, desespero, medo, crença, saudade de casa e o elo com Fenris.

– Skafloc!!!

No instante em que a última sílaba lhe escapou dos lábios temerosos, o vento parou e os redemoinhos de neve desceram sobre o solo. Ela sabia que uma só vez não seria o suficiente. Engolindo em seco, gritou de novo, ainda mais alto, tanto que as lágrimas vieram aos olhos e o sangue pulsou em sua testa.

– Skafloc!!! Ajude-nos!!!

O chão tremera ou fora apenas sua imaginação? Fenris estava prestes a se encontrar com o espírito maléfico que parara; o cavalo empinava as patas dianteiras e a criatura erguia a espada para o primeiro golpe. Fenris se encolheu para saltar e Nonna entendeu que aquela seria a última chance. Sentindo a garganta doer e tentando engolir saliva, temeu só conseguir soltar um sussurro rouco:

– Skafloc!!! Socorro!!! – A voz voou pelas montanhas como um sussurro.

Em meio ao ódio, o espírito maléfico ouvira a garota gritar algo três vezes.

O primeiro grito soara apenas como um sussurro em sua mente. O segundo parecera ter trazido a memória de algo dentro dele, já o terceiro acertou seu caráter como um raio e, na hora, a montanha sacudiu. O golpe foi sentido na alma negra do espírito maléfico e a hesitação que tentava se espalhar havia algum tempo, preencheu seu ser. A espada com a qual deveria atingir o urso em ataque parou no ar e ele desviou o olhar da menina para o que ocorria atrás dela, no topo da montanha.

O tremor aterrorizara Nonna. A montanha toda sacudira e de algum, ou de todos os lugares, um ruído alto como um trovão era ouvido. O estrondo vinha de um local profundo, fazendo o chão balançar e os dentes baterem uns contra os outros.

– Ops... – escapou de seus lábios por instinto, como um sussurro traiçoeiro. Nonna mordeu o lábio inferior.

O cavalo balançava a cabeça, confuso com os comandos de seu dono. O espírito maléfico abaixara a espada e olhava para algum ponto além da menina. Fenris conseguira suspender o ataque, a poucos metros do agressor, e agora se afastava, retornando o olhar para trás.

Uma sombra gigantesca, que surgiu às costas de Nonna, escureceu tudo por completo. Ela viu o medo e a descrença nos semblantes de Fenris e do espírito maléfico. O cavalo relinchava com um tom amedrontado, sobrenatural. Abaixando a vista, notou que havia um bolor negro brotando na superfície da neve. Redemoinhos esparsos de névoa se arrastavam com uma velocidade inacreditável e Nonna sentiu que algo com uma força descomunal se aproximava da montanha. Não havia sons, só tremores que lhe subiam pela espinha como mil trovões a se aproximar.

O urso não sabia o que se passava. Havia parado de uma só vez ao ouvir um som alto e sentir a terra tremer. O espírito negro diante dele abortara o ataque e se esquecera dele, certo de que um ser ainda mais poderoso se aproximava. Olhando para Nonna, ele não tinha ideia do que fazer. Sabia que a menina estava sendo ameaçada por outro inimigo, que lhe traria um perigo muito maior. Logo viu a terra tremer e uma nuvem negra emergir da construção, no topo da montanha, parecendo um bando de pássaros. Como uma onda avassaladora, a nuvem envolveu a colina tão rápido quanto o vento. Com a mesma velocidade que descera, havia parado atrás de Nonna e mudara de forma em um piscar de olhos. O que ele via era uma criatura que bloqueava toda a visão possível.

Uma sombra semelhante a uma cobra, de um negro completo, mais escuro que o preto absoluto, abria as asas e, em meio à escuridão, levantava um pescoço comprido e uma cabeça coroada por chifres. A criatura parecia sugar toda a luz de seus arredores, tamanho era seu negrume. Fenris se afastou. Ele era impotente diante daquele ser e seu desespero cresceu ao ver a imensa cabeça descer na direção de Nonna, com um movimento rápido. De forma inesperada, porém, a criatura parecia

assustada, levantando a cabeça de novo e apontando para Fenris e depois para o inimigo negro e sua montaria.

Por um breve instante, Nonna sentiu a criatura em suas costas, depois tudo pareceu acontecer de maneira simultânea. Um vento de tempestade lançou Nonna no chão e ela caiu sobre a neve, enquanto a criatura negra pulava sobre ela e partia na direção do espírito maléfico e de Fenris. A escuridão pareceu engolir Nonna por um momento e ela não pôde ver mais nada. Quando levantou a cabeça da neve, o espírito maléfico e sua montaria iniciavam uma fuga furiosa e desesperada colina abaixo. Fenris se afastou do caminho do dragão, que vinha rápido em sua direção. Como sombras, asas gigantescas impeliam uma velocidade indescritível àquela criatura, que se assemelhava a uma serpente com chifres. O cavalo do espírito maléfico não pôde dar mais do que alguns saltos antes de ser pego pelo dragão.

A escuridão engoliu a montaria e o cavaleiro. O dragão os envolveu e destruiu, com fúria horripilante. Fenris correu para Nonna, sem olhar para trás.

O espírito maléfico não teve qualquer chance contra o dragão negro. Ele tentou se defender com a espada, estilhaçada com as garras inimigas, usadas também para tomar seu corpo e esmagá-lo por completo. O dragão pisoteou o cavalo do inferno com piedosa rapidez e rasgou o corpo físico do espírito maléfico em pedaços que desapareceram na escuridão, antes de tocar a neve.

Skafloc parou, e de maneira distraída, empurrou os poucos pedaços que desapareciam na neve com as unhas afiadas. Por um momento, pareceu estar perdido em seus pensamentos, quando se lembrou que não estava só.

Ele dirigiu os olhos para Nonna e Fenris, que estavam abraçados adiante, na colina. O dragão se virou devagar, como a se deliciar com o momento. Sua cauda preta deslizou sobre a neve em um efeito

fantasmagórico. Colocando as asas de volta às laterais, ficou em pé sobre as patas traseiras e virou o pescoço longo e a cabeça coroada de chifres na direção dos estranhos. Sem pressa, abriu as asas de novo, levantou-se no ar e com algumas batidas, voou sobre Fenris e Nonna, retornado ao lugar do qual viera. O vento foi tão forte que derrubou Nonna de cara na neve e até Fenris teve de fechar os olhos contra ele. Ambos viram o dragão deslizar para algum lugar do topo da montanha e desaparecer.

Eles se entreolharam. E como a responder uma pergunta sem palavras de Fenris, Nonna levantou os ombros e torceu os lábios, expressando ignorância.

Skafloc

MONTES DO DRAGÃO, NORIDIUM

Março de 815

O vento uivava no topo da montanha, entre os rochedos. A neve cobrira a montanha e suas ruínas havia mais de um século e não caía dos muros tombados nem nos dias mais quentes de verão. Embora as elevações mais baixas dos Montes do Dragão derretessem e se tornassem verdes e floridas na primavera, por algumas semanas, os pontos mais altos estavam sempre sob uma camada grossa de neve e gelo, como já haviam estado fazia centenas de anos.

Pela primeira vez em décadas, um ser vivo pisava o topo intocado.

Nonna e Fenris chegaram até lá exaustos após a subida e cobertos de neve com as várias quedas no caminho. Nonna pulou do dorso de Fenris, ficando em pé, e limpou a neve das dobras de sua saia, enquanto Fenris esticava as patas e rugia satisfeito. Após respirar algumas vezes, ambos se lembraram do lugar em que se encontravam e passaram a vasculhar os arredores com a vista.

Os muros grossos os protegiam do vento que batia nas montanhas e que, àquela altura, penetraria sob a pele. Embora a maior parte tivesse desabado havia muito tempo e restasse apenas parte da construção, em ruínas, estas eram, no entanto, bastante altas e ascendiam a muitos metros acima da cabeça de Nonna, sendo muito maiores até nas partes mais danificadas. As torres, que antes estavam dispostas nos cantos dos muros, finas e belas como os dentes brancos de um tigre-da-neve, haviam se transformado em pilhas de pedras cobertas por gelo, restando apenas suas

bases. Elas davam uma imagem misteriosa do que um dia haviam sido, no tempo em que os primos mais novos dos dragões, os wyrms, mantinham guarda como gigantescos cata-ventos vivos.

As nuvens haviam desaparecido. No céu negro brilhavam as estrelas e, no alto, acima dos muros, a lua crescente, pintando a região de vários tons de azul. A neve que se espalhava por toda parte reluzia ainda mais do que as estrelas. Os muros de pedra colossais estavam cobertos por uma camada de gelo ancestral, um tanto cintilante. Segundo a história de Gamli, Skafloc, o dragão negro, havia retornado para lá após sua morte e, para Nonna, o vento uivante era diferente do que em qualquer outro lugar. Havia algo de obscuro, ameaçador e poderoso nele. Com o tempo congelante, as respirações de Nonna e de Fenris eram visíveis, claras como nuvens na Terra.

Algo se moveu nas sombras. Nonna saltou para trás e gritou ao ver uma criatura negra, semelhante a uma cobra, deslizando ao lado de seus pés, junto a um pedestal de estátua antigo. Ela seguiu o tentáculo-serpente com os olhos e notou que ele se unia com outra sombra muito maior, próximo de uma grande parte de muro. Quando fitou a sombra, os olhos começaram a se acostumar com a escuridão e ela começou a tomar forma. Tremulando, a sombra parecia mudar de tamanho e aparência o tempo todo e Nonna não conseguia deduzir para o quê forçava a vista. Porém, havia uma semelhança com a aparência de Skafloc. O dragão negro, mesclado com a escuridão, era ainda maior e mais ameaçador do que antes e parecia alcançar toda a região visível, os muros, as ruínas das torres e o céu repleto de estrelas. Duas delas pareciam mirar fixas para os olhos de Nonna.

– Skafloc? – disse Nonna em voz baixa, quase sem poder ouvir o que dizia. Notou que a voz estava rouca com os gritos e o frio. A garganta doía e ela tremia.

Sentia a pele formigar de excitação. A sombra se movia devagar como um fantasma. Sem emitir qualquer som, deslizava do muro até Nonna e Fenris, que rugia baixinho. Ela notou que o dragão levantara a cabeça.

Os olhos enormes fitaram Nonna com um olhar sem fundo. Nem a luz das estrelas e da lua escapava de suas escamas negras. Ela se tornava prisioneira, revelando apenas a forma misteriosa, sombria e ameaçadora do dragão. Formas azuladas, distintas do preto, moviam-se com seus movimentos, como nuvens obscuras em um céu sem brilho, deixando a imaginação e o medo completarem a cena.

Sua respiração não criava vapor, tão fria quanto a própria escuridão de seu interior. O frio irradiava dos pés enormes, um dos quais ficou bem ao lado de Nonna.

Ela lembrou que o pai dissera que um dragão podia ler a mente de uma pessoa só de vê-la, até pensamentos que ela própria desconhecia. E, também, que um dragão podia causar qualquer tipo de sentimento em humanos com um simples olhar e que poucos eram os mortais que podiam olhar para um dragão. Aquelas histórias fascinavam Nonna e faziam parte do folclore da nação, que afirmava que haviam sido eles os criadores do mundo. Apesar de tudo, ela estava com medo e tinha que admitir isso. Embora Skafloc houvesse acabado de salvá-la, um medo primitivo ardia em seu interior. Ela se virou para Fenris e se perguntou por que o urso estava tão calmo. Ele estava em uma posição estranha, ao lado dela, e olhava para o dragão com a cabeça caída, os olhos entreabertos, como se uma luz o estivesse ofuscando. Sem ver ela pôde sentir o dragão colocar a pata em sua cabeça e sentiu uma unha afiada tocar seu pescoço, no meio de seu cabelo. A unha se moveu com vagar da orelha para o rosto de Nonna, que distinguiu uma unha brilhante e sulcada, maior do que seu braço. Sua extremidade parecia mais afiada do que uma agulha, entretanto, movia-se sobre sua pele tão sutil quanto as antenas de uma borboleta. Nonna olhou nos olhos do dragão e viu que a criatura pensava e refletia, como se ponderasse sobre tudo o que sua unha sentia. Quando esta parou em sua testa, ela notou que o olhar do dragão se alterara.

O dragão negro franziu o semblante e ergue a cabeça, surpreso, afastando as patas de Nonna.

Nonna tentou engolir saliva antes de falar, contudo a garganta estava tão seca que a única coisa que poderia emitir era um som rouco. Ela tossiu contra as luvas e tentou fazer o medo desaparecer na escuridão, junto com a tosse. Ela parecia ter conseguido, ao menos em parte:

– Skafloc, obrigada por sua ajuda. Tenho certeza que...

– Qual é seu nome? – O dragão a interrompeu, com uma voz que ela não sabia dizer se vinha da boca ou da cabeça.

– Nonna, filha de Radulf.

O corpo sem forma do dragão mudou de posição. Nonna ouviu a cauda colossal se mover, deslizando sobre a neve e se acomodando em volta deles. O dragão se aproximou e se sentou, como se fosse descansar. Aproximou a cabeça de Nonna, fazendo-a sentir um odor estranho em seu hálito, que a lembrava do cheiro defumado do fim de outono e dos primeiros dias frios do início do inverno:

– Fale-me sobre sua família.

– O que você quer saber?

– Fale-me sobre seu pai, seu avô e seus ancestrais.

Nonna olhou em volta. Não havia vento e se sentia um pouco úmida e fria com a escalada. Ela se sentou sobre a neve e, como tantas vezes, Fenris se recostou contra ela.

– Bem, Radulf era meu pai e Gunhilde é minha mãe. Morávamos na Bariadia, em Nascente Negra, na área das Grandes Várzeas. Minha mãe é de Nawyr, ao sul, do outro lado do mar...

– Está certo, você pode me contar mais sobre sua mãe mais tarde, mas fale-me agora sobre a família de seu pai.

– Ela vem de Noridium. Hafgrim era seu pai, Hafgrim Mão-Cinzenta, que fez muitas campanhas militares em Nawyr e Thuria. Ele se mudou para Bariadia e construiu o forte de Nascente Negra para ser seu lar.

– Por que seu avô não ficou em sua terra natal?

– Não sei – respondeu Nonna, levantando os ombros.

O dragão negro pediu que continuasse. Rugindo baixinho, Fenris pôs a cabeça no colo de Nonna.

– Meu bisavô, Eldgrim, era um guerreiro formidável, que recebeu o apelido de Exterminador de Fadas após lutar uma batalha contra elas em Caldia, perto de um velho forte de fadas, quando matou muitas delas antes de ganhar a guerra. Eldgrim visitou Bariadia naquela época e morreu lá. Meu avô continuou vivendo nas terras em que seu pai morava.

Nonna fez um esforço para pensar e se lembrar. O pai e a mãe sempre haviam contado histórias de suas famílias, na esperança de que ela as lembraria. Ela recordava de algumas outras histórias, mas imaginou que não seriam de interesse para o dragão. Decidiu, então, contar o máximo do que podia se lembrar e se flagrou recitando algumas histórias palavra por palavra, como se fosse a mãe:

– Os nomes dos pais de Eldgrim eram Ulfre e Arndis. Ulfre recebeu este nome por causa dos lobos, que considerava criaturas muito importantes, embora pareça que nossa família seja protegida por um urso do gelo. O pai de Ulfre, Brand, nasceu antes da Guerra dos Deuses. Não tenho conhecimento sobre assuntos mais antigos e nem meu pai tinha. Ele quis, por muito tempo, saber o nome dos pais de Brand e de seus ancestrais, mas ninguém sabia de nada. Brand acabara de chegar à Noridium de algum lugar.

Nonna tirou os olhos da superfície reluzente da neve e percebeu que o dragão virara o olhar para outro ponto. Ele levantara o pescoço e olhava à distância, por cima do muro, sem se mover. E ficou nessa posição, sem se mexer.

Por fim, o dragão respirou fundo e tornou a olhar para Nonna:

– Brand, ursos do gelo e uma garota... O círculo se fechou como Forni prometera – disse o dragão, com um profundo suspiro. Sua voz parecia um pouco triste e, também, bastante satisfeita e cansada. Ele levantou a pata da neve e a trouxe para perto de Nonna. Desta vez, porém, não se satisfez em tocá-la só com a unha. Moveu a ponta de seus dedos dos ombros para o cotovelo e de lá para o braço e, enfim, segurou o dedo da menina. O dragão preto parecia sorrir, com alegria.

Naquele exato momento, uma visão passou pelos olhos de Nonna. Ela viu um forte gigantesco, no alto de uma colina verdejante. Havia bandeiras pretas em todas as torres e muros. A visão se moveu com rapidez dos muros para o pátio, no qual havia cavalos de guerra enormes, presos a carruagens pretas. Em volta delas, homens em armaduras pretas com lanças em suas mãos, sentados em cavalos, que vestiam luvas de guerra. Na frente das carruagens, dezenas de homens de infantaria em quatro filas e, em volta deles, muitos ursos do gelo grandes e todos brancos. Um deles era maior do que os outros, enorme, na verdade. O urso do gelo olhava para um grande homem de aspecto valente, que colocava um bebê coberto em peles cinzas no colo de uma mulher aristocrática, em uma das carruagens.

Ela via tudo com nitidez, como se estivesse presente, exceto por não escutar nada. O grupo, com as carruagens e os ursos do gelo, deixava o pátio do forte em direção às colinas, no outono. Apenas uma criatura ficou no forte, um guerreiro grande e valente, vestido de preto. O homem ficou parado por um momento, pareceu respirar fundo e, então, começou a mudar de forma. Nonna ficou arrepiada ao ver que ele se transformava em um enorme dragão negro. Ficando em pé, abriu as asas, tocando os muros com as unhas de aparência de sabre, e abriu a boca em um rugido poderoso, que pareceu chacoalhar a terra. Depois, levantou as asas e, com elegância, voou e desapareceu ao leste, acompanhado por dez wyrms negros.

Todo o frio se fora e o calor do conhecimento ardia dentro de Nonna:

– Não entendo.

– A mãe de Brand se chamava Gudrun. O pai era Skafloc. No dia em que soube que acabaria em minha batalha final, dei-o para ser levado pela mãe para o lugar mais seguro possível, acompanhado por guerreiros. Estes partiram com o povo do deus urso do gelo, Forni, que viera do norte distante para levar Brand para a segurança. A intenção de Forni era seguir Brand por todos os lugares e protegê-lo, enquanto crescesse. Após este dia, não vi mais nenhum deles.

Estupefata, Nonna perdera a fala. Levou um tempo até que entendesse que o dragão dissera ser um de seus ancestrais. Ela se sentiu tonta e teve de

esperar um momento antes de poder falar outra vez:

– O que aconteceu com você, por que não os procurou mais tarde?

– Minha última batalha foi três anos antes do fim da Guerra dos Deuses. Por necessidade, lutamos ao lado do Senhor do inferno, contra um inimigo comum. Enfrentamos uma força com enorme superioridade e recebi um ferimento fatal de uma flecha lançada do solo. Já havia me preparado antes para minha morte e, embora soubesse que meu corpo cairia do céu, em meio a tropas em luta, meu espírito voltou para cá, para viver seus últimos mil anos. Prendi minha alma neste lugar, em vez de me deixar partir para o Lar dos Dragões. Fiz isso na esperança de alguém de minha família voltar para cá um dia.

– Ninguém veio então?

– Sim, alguém veio... você – Skafloc sorriu e fez uma pequena pausa antes de continuar. – Espero há centenas de anos e só encontrei ladrões de sepulturas ou adivinhos curiosos pedindo informações, sem contar demônios, trolls e hurgs. O prazer que tive de matá-los foi pequeno comparado ao desejo de encontrar alguém de minha própria família. Não havia ninguém de minha linhagem no grupo, pois os deixara no leste quando me mudei para cá.

– Por que você não partiu? Deveria ter procurado por Brand ou, mais tarde, por outra pessoa.

– Não... jamais poderei deixar a colina, todos os meus poderes estão ligados apenas a ela e a este lugar. Daqui só posso ir para o Lar dos Dragões e ainda não tive o desejo de ir para lá. Veja bem, os espíritos estão presos a um lugar somente e a escolha deste foi feita de forma antecipada.

– Espíritos sim, mas você não é um dragão?

– Aqui, minha aparência é de um dragão, entretanto, sou apenas um espírito. É difícil de entender. Você compreenderá a diferença, um dia – disse Skafloc, em um tom diferente do anterior. – Quando você veio, sabia que tinha algo de muito especial. Vi que estava com um velho amigo, ou dois deles, na verdade, e conhecia parte de você. Em geral, posso ler o pensamento de todos os mortais e os seus, no entanto, estão além de meu alcance. Poderia haver duas razões para isso, magia ou sangue igual. Não

acreditei que você tivesse poderes para esconder de mim seus pensamentos mais profundos, ao menos não ainda. Restou uma alternativa: sermos da mesma família e até de maneira bem particular.

– E o espírito maléfico?

– Bah. O espírito maléfico, a criatura traiçoeira que alguém conjurou de seu esconderijo nos rochedos do inferno! Sabia o que ele queria e nenhuma criatura pisa neste solo com tal intenção maléfica. Há mil anos, governava criaturas ainda mais poderosas que aquela, seus próprios Senhores, e não permito que entrem em meu território. Por outro lado... sua ameaça era dirigida a você, então o afugentei.

– E ele está...?

– Longe, se conseguir alcançar as montanhas antes do nascer do sol, talvez possa encontrar um esconderijo lá. Caso contrário, terá de voltar ao inferno como um fracassado e enfrentar o castigo de seu Senhor.

– Então, ele não morreu?

– Ele queria machucá-la. Seu elo era com você. Não sou forte o bastante para exilá-lo de volta ao inferno. Esta área é o lar de seus ancestrais e mestres e, nas montanhas, há templos antigos em que eles, um dia, foram adorados. Ele pode permanecer vivo, escondido nas sombras e, se conseguir um novo corpo para si, retornar. Ele poderá sempre segui-la.

– Não, não pode ser verdade! Por quê?

– Vocês, humanos, têm seus próprios medos, pesadelos e espíritos maléficos. Eles podem encorajá-los a ir em frente, fortalecê-los contra eles ou levar os mais fracos ao desespero e fazê-los desistir. Minha garota, você tem de ser forte, acreditar em si própria. O espírito maléfico não pode fazer nada contra você, se não lhe demonstrar medo.

– Então, ele voltará?

– Talvez. É provável que você não tenha de se preocupar com isso.

– Como assim?

– Se você seguir o caminho em que pôs os pés e que lhe foi dado há muito tempo, irá se tornar cada vez mais forte, todo o tempo. Se acreditar em si e não desistir, conquistará o espírito maléfico, caso ele ainda apareça diante de você.

Nonna suspirou fundo, sem parar de tocar as luvas, com nervosismo:

– Está bem.

Decidiu mudar de assunto. Daria um jeito no espírito maléfico quando a hora chegasse. Com sorte, porém, ele poderia ter voltado para o lugar de que saía:

– Ouvi dizer que os membros da família dos dragões têm a pele lustrosa, como as escamas de um dragão. Por que não tenho, se somos parentes?

Skafloc caiu na risada, a neve caiu das beiradas das ruínas com o tremor da terra provocado pela força de suas gargalhadas.

– Brand decerto tinha. Talvez Eldgrim ainda tivesse, você não mais. As feições externas desaparecem à medida que a raça humana predomina no sangue. Você gostaria de ter a pele lustrosa? Em seu caso, o brilho seria preto – disse, com um pretenso tom assustador na voz.

– Não, obrigada – respondeu Nonna, assustada.

– As aparências podem enganar. Só uma coisa não muda. Basta uma gota de sangue de dragão e você se torna um deles, você sempre o foi. Você tem mais do que uma gota de sangue e isso é óbvio – disse Skafloc.– Ouvi uma história, há pouco tempo. É provável que já tenha visto pássaros negros, corvos, lá longe, na parte baixa da colina. Eles são criaturas um tanto quietas e reticentes, que falam pouco, e que quando o fazem, são sérios. Ouvi-os falar muitas vezes e também me contaram o tipo de reputação que a montanha tem. E outra coisa também, uma história sobre o espírito da floresta. Você gostaria de ouvi-la?

– Claro, só que está frio aqui, não que isso importe, mas...

– Desculpe-me, não sinto esse tipo de coisa – disse Skafloc, movendo a unha diante de Nonna, fazendo surgir da neve uma chama verde brilhante. Era como se labaredas invisíveis soprassem a chama até se transformar em um fogo turquesa diante dela. Um brilho quente e agradável se refletiu em sua pele, e ela notou que o fogo não tinha som, cheiro e nem fazia a neve evaporar.

– Obrigada. Agora você pode contar – riu Nonna, esfregando as mãos.

– Era uma vez, uma floresta e seu espírito. Cada floresta tem seu próprio espírito, porém o desta era de um determinado homem, em especial. Seu objetivo era protegê-la, pois não se tratava de uma floresta comum, muito pelo contrário. Sua defesa era feita por inúmeros espíritos. Como nela havia magia, precisava ser mais bem protegida, pois, como é frequente acontecer, quando as pessoas encontram alguma coisa boa, cedo ou tarde a destroem.

– Por isso, alguém tinha que preservá-la e aquele espírito assumiu o papel como seu dever maior. Ele só permitia o acesso dos que precisavam entrar ou que haviam encontrado um remédio para seus problemas em seu interior de segredos. Às vezes, o espírito concedia a entrada de pessoas que não mereciam ajuda e que, ao contrário, eram tão maldosas que seria melhor se livrar delas. Elas não deveriam sair dali para machucar os outros, pois a maldade deixaria marcas na floresta e em seus espíritos.

– Conta-se que junto do espírito havia sempre um filhote de urso. De fato, era o filhote que ajudava as pessoas, pois carregava a magia da floresta, entende?

Nonna balançou a cabeça, de modo afirmativo. Ela gostava do jeito que ele contava a história, enfatizando algumas palavras da maneira exata, conseguindo colocar imagens em sua mente. Ela via relances do espírito da floresta, de um homem vestido de preto e de um filhote de urso cor de mel a acompanhá-lo. E logo se lembrou da estátua de urso e do nariz de mel que vira.

– Certa vez, o espírito da floresta cometeu um erro e se deu o que em geral acontece, um humano desonesto entrou no meio de algo bom. Ele precisava de ajuda e a recebeu do espírito. A maldade era muito grande, porém, e assim, um dia, matou o filhote de urso – contou Skafloc, com a voz se tornando severa.

– O espírito perdeu a fé nas pessoas e fez crescer um arbusto cheio de espinhos em volta da floresta, para ninguém poder entrar, embora o estrago já tivesse sido feito. Ele enterrou o filhote em uma clareira mágica e fez uma estátua em sua memória. A clareira havia, entretanto, perdido seu poder e não restava mais nada para ser protegido na floresta. Os espíritos

fugiram e se retiraram ao reino do Mundo dos Mortos e tudo começou a se apagar. Ferimentos podiam ser vistos nas árvores, que começaram a desvanecer e morrer. Após o verão seguinte, não havia uma única folha crescendo e as únicas criaturas que gostavam de lá eram os corvos, que contaram a história. Como última tarefa, o espírito afugentou os animais da floresta para o flagelo dos arredores. Corvos e lobos passaram a devastar o campo. As pessoas que moravam perto dali começaram a sofrer de doenças e a desaparecer, abandonando a região. Depois disso, a área circundando o Bosque dos Ursos ficou deserta e desolada. Seria uma questão de tempo até o Senhor do inferno assumir o controle e juntar a seu reino.

Nonna podia ver a clareira cinza enevoadada em sua mente, parecendo-lhe muito familiar. No meio da névoa ela viu corvos voando em silêncio e uma estátua no centro da clareira.

– A história não termina aí. Em um dia de inverno, há não muito tempo, duas figuras deram de encontro com a floresta. Embora ninguém conseguisse atravessar os arbustos espinhosos, os dois o fizeram e, após um tempo, encontraram a clareira, como antes, quando todos que entravam na floresta mais cedo ou mais tarde faziam. Um dos dois trazia um sentimento que fora esquecido e enterrado no solo profundo e com um único toque despertou uma faísca que acordou o coração da floresta. Foi você, Nonna. O que fez e trouxe consigo são um sinal de que dentro de você ainda há sangue de dragão. Você acordou o espírito da floresta e, talvez, dentro de alguns anos ou décadas, tudo volte a ser como era. E é muito provável que a tenha salvado de acabar nas mãos do Senhor do inferno.

– Você se refere àquela floresta de onde viemos? Havia uma estátua, e algo triste nela, que me fez tocá-la. Depois disso, senti que algo me seguia por todo o caminho até aqui, outra coisa além do espírito maléfico.

– Foi o espírito da floresta que veio com você. Ele a acompanhou por um tempo e depois voltou. Imagino que também tenha deixado uma marca em você.

– Só me pergunto uma coisa. Você é um dragão negro e, se tenho sangue de dragão, isso significa que tenho sangue de dragões negros. Um

dragão negro não deveria não ter...

– Sentimentos bons?

– Sim.

– Isso foi inventado pelas pessoas. Somos melancólicos, gostamos de estar no escuro e de usar os poderes da escuridão, é verdade. Contudo, há também bons sentimentos em nossa melancolia e escuridão e os sentimos tanto quanto as criaturas boas. Não pertencemos às tropas do Senhor do inferno que querem só espalhar destruição e sofrimento pelo mundo.

E continuou: – O mundo não é preto e branco, Nonna. Há necessidade de escuridão, para que a luz possa ser vista. Toda luz produz sombras, que não são somente pretas. Em nosso interior, na escuridão e na melancolia, há um equilíbrio e você o notará, se quiser. E, assim, tudo tem um oposto, lados iluminados e obscuros. Por falar nisso, Nonna, há algo muito especial.

Nonna se lembrou do que o adivinho de Praia Perdida dissera:

– Você não é o único a dizer isso. O que é?

– Há uma lembrança em você. Pode senti-la? Já se sentiu vazia, triste, como se sentisse a falta de alguém, ou se algo estivesse faltando dentro de você?

Ela não precisou procurar por uma resposta:

– Quase sempre. Sinto como se houvesse um espaço vazio dentro de mim. Ele me faz sentir falta de algo e me sentir triste. Depois disso, tenho sonhos estranhos que sempre melhoram meu estado de ânimo, por um tempo.

– Sim, posso notar isso. Você tem uma irmã, não tem?

– Irmã? Não, não tenho! – disse Nonna, confusa.

– Você tem, sim, uma irmã, Nonna. Posso ver seu elo com ela com clareza, muito distante. Ele lhe causa dor, porém sempre lhe dá uma oportunidade.

Skafloc não revelou tudo à Nonna. Ele queria que ela trilhasse o próprio caminho e tomasse as próprias decisões, então não quis afetá-las, embora tivesse a intenção de proteger a menina. Assim como os deuses ancestrais, os dragões também tinham um sentimento que os impedia de

mudar o curso dos eventos. Skafloc notou que havia uma barreira entre o destino final de Nonna e a situação atual, algo faltava. Ele torceu para que a sina de Nonna estivesse conectada, enfim, à promessa que Forni, o deus urso do gelo, fizera centenas de anos antes.

– Não sei nada sobre a existência de uma irmã.

– Você tem uma irmã gêmea, Nonna. Nunca sentiu esse elo?

– Irmã gêmea... Em sonhos, às vezes, surge outra menina, que sempre pensei ser eu – disse, confusa e, também, empolgada e encantada com a ideia.

– Minha menina, escute-me agora. Sei que você tem poderes que nem todos possuem. Por esta razão, irá enfrentar ameaças e adversários como o espírito maléfico. As pessoas que são diferentes atraem forças do mal para si. Entende?

– O que tenho de especial?

– Poderes como remover o vento de dentro dos portões e acender o fogo.

Nonna respirou fundo e levou as mãos à boca:

– Você quer dizer que tenho... poderes mágicos? Não pode ser, de jeito nenhum!

Skafloc balançou a cabeça, de modo afirmativo:

– Para aprender a usá-los, terá de encontrar o elo com sua metade perdida. Ele está dentro de você, só precisará achar.

– Como?

– Você sonha com sua irmã, certo? Talvez precise ir até ela, por meio dos sonhos. Conheço poucas pessoas que podem fazer isso. Não posso ajudá-la, pois os dragões não vivem como os humanos. Você só pode obter uma conexão com os espíritos por intermédio dos sonhos, então terá de aprender tal habilidade. Desta maneira, quem sabe, poderá encontrar o caminho para sua irmã.

– Com sonhos? Como posso aprender algo assim?

– Nisso posso ajudá-la. De fato, você está sentada em cima da solução.

Nonna olhou debaixo dela e viu apenas a neve brilhante.

– Se quiser encontrar a solução, levará tempo. O que mais você possui além dele? – Nonna percebeu um sorriso na voz de Skafloc. Debaixo destas ruínas ainda resta algo, escondido. Se quiser, sinta-se à vontade para procurar, talvez encontre muita coisa interessante. Quando sentir que é o suficiente, siga adiante e talvez, um dia, encontre o elo com sua irmã e algo a mais, também.

– Continuarei minha viagem para qual rumo?

– Para o lugar em que, certo dia, enviei Gudrun e Brand. Mais adiante, ao norte, há um local que em sua língua era chamado de terra dos ursos do gelo, o lar da família de Forni. Ache-o, embora seja longe. Acredito que lá encontre respostas para suas perguntas.

– Não posso voltar para casa, para minha mãe?

– É provável que o caminho ainda a leve para casa. Nas ruínas, há uma biblioteca e, nela, uma pintura, que não deixará de encontrar. Em frente à pintura, há um baú, do qual poderá levar o que quiser. Você deve ser minha única herdeira. Contudo, há algo especial no baú, que decerto achará. Quando partir, descobrirá o caminho para a terra dos ursos do gelo. Depois disso... saberá mais.

– Poderei voltar para cá?

– Claro que pode. Sempre será bem-vinda. – Skafloc não revelou nada, ele sabia que a partir daí tudo mudaria. Aquele sentimento, por outro lado, era um grande alívio. Skafloc sentiu um rochedo enorme sendo tirado de cima de seu coração, um peso que o oprimira por tempo demais.

Nonna bocejou. Após o medo e a excitação terem passado, ela se sentiu mais cansada do que já se sentira, havia muito tempo.

– Agora você tem de ir dormir. Se ficar aqui, ainda teremos muito tempo para conversar, nos próximos dias.

Skafloc se levantou, pôs a pata enorme ao pé da torre destruída, empurrou a unha junto à lateral da rocha, que deslocou. Ouviu-se um estalo quando pegou uma corrente jogada sobre a neve. Puxando-a, abriu uma porta robusta que estava escondida sob a rocha. Nonna viu uma luz fraca brilhando debaixo dela.

Após alguns passos cansados e desengonçados em direção à luz, ela viu que havia uma escada íngreme descendo a partir da porta.

– É um caminho alternativo, o único para baixo, lamento. As escadas levam a um corredor com quatro portas. Abra a do lado oposto, a do fim do corredor. É uma biblioteca, o lugar mais agradável por aqui agora, com certeza. Ao menos há travesseiros e é quente. Com esta chave poderá abrir a porta e entrar. Não deixe o guarda assustá-la.

Ela não teve forças para perguntar quem era o guarda, apenas pegou a pequenina chave oferecida por Skafloc e a colocou em um bolso na parte de baixo da saia. Usando todas as forças para bocejar, começou a descer as escadas, com Fenris logo a seguir.

– Boa noite, Skafloc – disse Nonna em meio a bocejos, aceitando uma vela que Skafloc acendera e desaparecendo no corredor, guiada pela luz.

O dragão olhou para as escadas, suspirou com felicidade e se retirou para dentro da escuridão que o cercava.

Pequenas pedras crepitavam sob as botas de Nonna, enquanto descia as escadas circulares íngremes. Ela ouviu as unhas de Fenris arranhando os degraus de pedra, atrás dela. A chama tremulante da vela que segurava iluminava o piso arredondado pelo tempo e as paredes de pedra cobertas de gelo reluzente. Nonna contou os degraus e tentou prestar atenção neles, embora a cera da vela começasse a correr por sua mão. Estava frio no corredor e, no entanto, o ar era denso e se aquecia aos poucos, à medida que desciam. Havia teias de aranha empoeiradas no canto das escadas e das paredes. Elas estavam cobertas por uma camada de gelo similar ao resto do lugar, como se o gigante do gelo ou o filho do frio houvessem posto a boca na porta de entrada das escadas e soprado, revestindo o corredor com uma cobertura de gelo que se aderira a tudo. O teto das escadas não podia ser visto, a pequena chama da vela não alcançava tão alto, mas, julgando pelo eco que os passos faziam, ela concluiu que as escadas eram muito altas. E não eram largas, pois Nonna podia tocar ao mesmo tempo em ambas, sem dificuldade. Por um instante, ela se questionou se Skafloc, algum dia,

conseguiu chegar no ponto do qual se aproximava. Ao que tudo indicava, o dragão tinha os próprios métodos, porém a ideia a deixava confusa.

Após alcançar uns 350 degraus, pela sua contagem, Nonna chegou em um espaço um pouco mais largo do que a escadaria, com quatro portas. Com os pés cansados graças à descida, ela olhou para uma porta sob a luz tremulante da vela. Era feita de madeira sólida, em frente da qual havia uma pilha horrível de esqueletos, cobertos de gelo. Imaginou que se tratasse de um bando de ladrões que, há tempos, havia chegado só até aquele ponto em sua exploração. Skafloc não falara nada sobre o destino reservado aos aventureiros. Por curiosidade, ela decidiu perguntar ao dragão sobre isso, mais tarde. Por hora, mordida os lábios e chutava as carcaças. Ossos e armaduras bateram contra o chão de pedra, com ruído.

A trava da porta era maior do que sua mão e em seu centro havia um buraco de uma pequenez ridícula, diante do restante, para a chave.

Nonna soprou a trava para se livrar do pó que se acumulara em seu interior e pegou em seu bolso a chave que Skafloc lhe dera. Com um som áspero, ela escorregou para dentro do buraco da fechadura e, sem esforço, abriu a trava, que aparentava falta de uso de anos e anos.

A porta fora construída para suportar tentativas de arrombamento, razão pela qual abria para fora, em dobradiças que a menina considerou muito estranhas, semelhantes a ganchos em forma de mãos, presos à parede. O ranger da madeira indicou sua abertura.

De imediato, supôs que os aventureiros haviam conseguido abrir a porta e logo viram aquilo que causaria seu fim. Agachada diante de Nonna, havia uma criatura escurecida, quase em sua totalidade, que um dia fora um ser humano, e que agora era apenas uma lembrança assustadora disso. A criatura-esqueleto enegrecida estava protegida por escuros pedaços de armadura e segurava um machado de duas pontas em uma mão e, na outra, um escudo redondo com rachaduras e cortes de espada na lateral.

Paralisada no lugar, olhando a criatura, Nonna ouviu o rugido de Fenris às costas. A cabeça da criatura pendia sobre o peito, sem qualquer movimento. Porém, apesar da ausência de vida, Nonna sentiu algo familiar. Era aquele sentimento relacionado aos espíritos que assombravam

velhos campos de batalha. Olhando pelos buracos do capacete da criatura, ela pensou ter visto um brilho fraco vindo do lugar em que deveriam estar os olhos. Com arrepios na espinha, ao ter a impressão que a criatura a observava, falou:

– Aham... você me deixaria entrar?

A criatura permanecia agachada, sem dizer uma palavra e Nonna não ousava dar um único passo em direção à porta. Não queria acabar na pilha à frente.

– Skafloc disse que poderia entrar, mas parece que você é que está guardando o lugar, não é?

A cabeça não se moveu, a mão continuou segurando o machado, com firmeza. Vindo do recinto, uma rajada de ar embolorado, abafado, pesado e cheio de poeira voou direto para o rosto de Nonna. Com a cabeça latejando, ela encostou um dos pés na entrada da porta.

Assustada, recuou. Assim que tocara a entrada, algo explodiu dentro do capacete. Ouviu-se um rangido e a mão da criatura segurou com mais força o cabo do machado.

Um sentimento desafiador explodiu na cabeça de Nonna. Se seu ancestral havia lhe dado permissão para entrar na sala, ninguém poderia impedi-la. Além disso, estava cansada e no fim da área iluminada pela chama da vela, podia ver grandes travesseiros. Respirando o ar abafado, concentrou-se para afastar o medo e entrou, desejando estar tomando a decisão correta. Fenris a seguiu.

Como se puxado por alguém, a criatura se levantou, rangendo e trapejando, com pó e pequenas pedras voando pelo ar. Os olhos, no capacete, relampejaram e a lâmina do machado raspou o chão de pedra, com um guincho. Levantando-se diante de Nonna, mais rápido do que ela poderia imaginar, ergueu a mão segurando o machado e se preparou para o golpe, a cabeça cerca de um metro acima da menina, encarando-a com ira.

– Sou Nonna, herdeira de Skafloc e você, com certeza, não me atingirá!

O desafio pareceu abalar a criatura, fazendo a mão que segurava o escudo balançar. Refletindo a luz lampejante da vela, a lâmina do machado tremeu, sem se mover, hesitante.

– Pode guardar o local, contanto que me deixe em paz, agora e sempre.

A criatura moveu a cabeça como a observá-la. O peito inflou como se não respirasse mais e, enfim, cedeu a passagem. O machado foi abaixado, só o olhar observador não desapareceu. Apesar de tão ameaçadora quanto antes, ficou parada, vendo a garota magra, até dar um passo e se afastar de Nonna.

– Bom, não deixe ninguém mais entrar, por favor. Venha Fenris!

Nonna seguiu em frente e ouviu o urso lançar um rugido feroz para o guarda.

Ao passar pelo guardião, que se agachou ao lado do vão da porta, Nonna entendeu o cheiro abafado que a cercava. De qualquer forma, não foi a primeira coisa que notou e, mais do que ver, ela sentiu que estava na escuridão, em um lugar cujo ar não se movera por uma eternidade. Ele estava tão pesado e antigo que nem parecia se mover, através da porta que ficara aberta. O pó havia assentado e formado uma grossa camada sobre o chão, iluminada pela vela, sob a qual podiam ser vistas figuras de mosaico apagadas. Os passos de Nonna eram ouvidos como sussurros no silêncio sonolento e, não importava o quanto ela tentasse, a luz da vela não iluminava qualquer uma das paredes, os cantos ou o teto. Estava no meio da escuridão. Olhando para trás, a única coisa que vislumbrava era o brilho dos olhos do guarda, como brasas que se apagavam.

Interessada em saber o tipo de sala em que entrara, ela perdeu para o cansaço, que venceu sua curiosidade. Juntando os travesseiros para formar um monte, quase sem conseguir se manter acordada, achou uma posição confortável. Fenris caminhou com as patas molhadas para seu lado. Sem apagar a vela, Nonna caiu em um sono profundo e tranquilo.

Quando acordou, a vela ainda queimava, iluminando somente uma pequena área em volta. Sentindo-se muito melhor e mais revigorada, espreguiçou e começou a examinar a sala, com Fenris ainda mergulhado em um profundo sono de urso.

Para sua surpresa, notou que o teto arqueado, ao contrário das paredes do corredor, não estava coberto por gelo. Após uma curta procura, encontrou alguns candelabros, acendendo-lhes as velas, que estalaram com a umidade e o pó. Uma após a outra, as flamas se acenderam pela sala e Nonna pôde ver o lugar que seu ancestral indicara. Fenris sonhava ao lado da pilha de travesseiros, enquanto suas patas se moviam como se quisesse correr.

O local era uma biblioteca, sem dúvida, com cerca de 10 metros de largura, 20 metros de comprimento e, de forma surpreendente, baixa. As paredes se curvavam em um teto abobadado com poucos metros de altura, de forma que a luz dos candelabros o alcançava muito bem. Em todas as partes, com exceção da parede mais distante, havia grandes prateleiras talhadas, cheias de livros, rolos de pergaminho e uma enorme quantidade de folhas soltas. Em frente às prateleiras, mesas firmes, todas com pilhas de livros e papéis e aqui e acolá, sobre o chão, banquinhos de diferentes tamanhos, cadeiras, candelabros e baús espalhados – todos cobertos por uma camada grossa de pó cinza, um tanto amarelado.

A parede do fundo era diferente das demais. Nenhuma prateleira fora entalhada sobre ela, que, ao contrário, estava coberta por uma tapeçaria, do chão ao teto. Diante dela, repousava uma mesa, cujos pés lembravam grossos troncos de árvore. Eles pareciam crescer das frestas entre as pedras do chão. Como tampo, uma pedra, atrás da qual se situava uma cadeira estofada, em que duas meninas do tamanho de Nonna poderiam ter se sentado, juntas. Seu encosto era de cerca de um metro de altura e continha uma decoração semelhante a asas. Embora parecesse ter um estofamento confortável, Nonna não quis se sentar, pois seria grande demais para ela.

Sobre aquela mesa, descansava um livro grande e fechado, com duas velas grossas e uma xícara que, para surpresa dela, brilhava, sem qualquer

traço de pó.

Nonna olhou tudo com calma. Ao tocar no primeiro objeto, o grande livro sobre a mesa, percebeu que logo iria necessitar de muito ar fresco. O simples resvalar em sua capa levantou uma nuvem leve e fosca de pó que a fez espirrar. Embora o espirro tivesse limpado a capa, a nuvem de poeira se espalhou pela sala. O barulho acordou Fenris, que não se deu ao trabalho de levantar, esticando-se no chão e pondo a cabeça de volta na pilha de travesseiros, suspirando. Quando a nuvem chegou nele, fez seu focinho coçar e ele chacoalhou a cabeça, fungando.

Nonna levantou a capa pesada com certa dificuldade e leu em voz alta o texto da primeira página. As letras eram elaboradas e difíceis de ser lidas.

“Skafloc e sua família”, falou em voz baixa, sentando-se sobre a cadeira, impressionada com a facilidade com que entendera as runas nas quais foi escrito.

Estudou com cuidado, página por página, lendo trechos isolados, seguindo os eventos de seus ancestrais. O tempo se movia em torno dela, que mergulhou nos eventos descritos por Skafloc, 2000 anos antes. A linguagem era difícil e o texto muito detalhado, embora interessante. Em determinado momento, ela chegou em uma página que, no entanto, diferia de todas as outras.

Antes dela, todo o texto fora escrito em tinta vermelha, sem decorações. Já aquela página dava início a uma nova parte do livro e também, com clareza, da vida de Skafloc. Pois ele descrevia seu primeiro encontro com Gudrun, a futura esposa. Nonna sorriu com a mudança que ficara evidente. Cada palavra parecia emanar forte alegria e amor, como se Skafloc, hoje um espírito de dragão negro em uma montanha fria, houvesse afogado a negritude e impresso todo seu contentamento ali. Gudrun e Skafloc haviam se encontrado seis anos antes do fim da Guerra dos Deuses. Na época, quase tudo ao sul daquele forte era um campo de batalhas aterrorizador. O encontro e o posterior casamento foram um momentâneo alívio para as incertezas de Skafloc e Nonna sentiu que durante aqueles anos o forte fora um adorável e seguro abrigo de alegria em um mar negro, em cujas ondas espreitava a catástrofe inevitável.

Embora soubesse disso, ele se recusara a escrever sobre o fato, restringindo-se a só contar coisas boas para seus descendentes. Nonna notou que duas páginas haviam sido arrancadas e passou por elas, irritada. No dia do festival do solstício de verão, do ano 5031, segundo o calendário dos dragões, ou seja, quatro anos antes do fim da Guerra dos Deuses, Brand, o filho de Skafloc, nasceu. Algo, porém, obscurecia a alegria do pai, era mais fácil notar do que a presença do guarda pendente, junto à porta.

O assunto se esclareceu quando ela virou a página. No fim daquele ano, durante os primeiros dias de inverno, quando Brand completara quatro rotações da lua de vida, a última nota do livro foi escrita e, por instinto, Nonna a leu em voz alta:

“Sabia que este dia chegaria, senti este momento se aproximando há muito tempo, mas não queria admitir. À noite passada, recebi a informação da Longa Muralha que as tropas de Nawyr haviam derrotado o exército de Bariadia e estavam se movendo para o norte, com rapidez. Todos os dragões negros deviam se encontrar junto à Longa Muralha daí a três dias, com suas tropas. Não posso mais adiar minha partida para a batalha, enviei as tropas para montanhas há uma semana e meu amigo mais íntimo, e aliado, Valgard, disse que elas já estão em posição e prontas para a luta. Temos de proteger o território, embora tema me unir às tropas do Senhor do inferno.

Esperava o pior. Há apenas duas coisas importantes em minha vida e não quero que a linha de descendentes acabe. Gudrun não quer deixar nossa casa, mas não há outro jeito. O inimigo destruirá o forte sem hesitar, se conseguir chegar aqui, embora esteja tentando impedi-lo, com todas as forças. Entretanto, não quero correr riscos e mandarei Gudrun e Brand para um lugar em que estarão seguros. A família do grande Forni veio para levá-los e caminhará com eles – Forni prometeu sempre estar lá para proteger Brand, de uma forma ou de outra, e confio nele mais do que em qualquer outro. Sua promessa o obriga.

Estou pensando muito no que escrever aqui, pois estas notas podem bem ser as últimas da minha vida. Nunca deixarei este lugar, isto decidira há muito tempo. Assim, para esta sala, garanti a inviolabilidade de minha

amada biblioteca abrindo o túmulo de Hildegard e ordenando que ele a guardasse para sempre. Enquanto escrevo estas palavras, tenho um estranho pressentimento. Acredito com força que, uma vez que feche o livro, a próxima pessoa a abri-lo será muito importante para mim. Tenho de lhe deixar apenas uma lembrança deste momento.

Tudo que foi relatado até agora está contido no símbolo abaixo desta nota. Sou feliz pelos anos passados com Gudrun e meu coração está cheio de ódio pelo fato de que o tempo está chegando ao fim.

Garantirei que o governante de Nawyr e suas tropas sintam meu ódio. Se qualquer outra pessoa, exceto aquela para quem esta nota é dirigida, a ler, também sentirá meu ódio.

Skafloc

O arquimago de Noridium”

Nonna olhou para as últimas palavras com a pulsação acelerada. Skafloc havia posto todo o coração e a alma no texto. Aquele sentimento só era tornado mais forte pelo espaço vazio abaixo da escrita, no meio do qual havia um símbolo vermelho escuro. Sob três estrelas e um arco, semelhante a uma lua crescente que as cercava, feridas vermelhas haviam sido desenhadas por três unhas afiadas, alcançando até a alma do papel.

Com o peito aos pulos, Nonna olhou para o símbolo. Não o reconhecia nem sabia o que significava, porém mal esperava para descobrir o que continha. Ela pousou a mão sobre ele, sem pressa, e as pontas de seus dedos sentiram as raízes de uma árvore seca que encontrara água fresca.

Um calor se espalhou a partir da ponta dos dedos ao longo de seu corpo, fazendo-a sentir falta de ar e fechar os olhos. Durante um curto período, ela sentiu como se fosse uma espécie de criatura enorme. Imaginou estar crescendo, uma força enorme fluindo por todo o corpo e, ao abrir os olhos, tudo estava diferente.

Não havia mais pó na sala, que estava clara, com luzes azuladas ardendo por todos os lados. Todas as coisas estavam nos lugares de antes, e diante de Nonna havia uma adaga decorada com joias e uma caixa aberta,

revestida por dentro com cetim. Ela viu sua mão, a manga azul-escuro, os dedos fortes com unhas pretas, segurando uma linda pena de escrever. A seu lado, viu Hildgard, em uma armadura brilhante. Ele não balançava mais, estava reto e firme. Contudo, mais claro do que qualquer outra coisa, vivenciou como Skafloc se sentira cerca de mil anos antes, sentado naquela cadeira, escrevendo suas últimas palavras. Nonna foi tomada de uma alegria incomensurável, lutando com uma dor sem-fim, gerando-lhe um sentimento agridoce. Ela viu sua enorme mão colocar a pena de volta à garrafa, cheia de um líquido vermelho, e fechar o livro.

Em seguida, a sensação desapareceu, assim como surgira. Nonna voltou a si, tremendo e gemendo, e abriu os olhos, notando tudo como antes – um livro aberto, a mesa sem a adaga nem a caixa.

Permaneceu sentada, imóvel, pensando e quase sem respirar por tanto tempo que as pernas perderam a sensibilidade. A cabeça latejava e ela sentia falta de ar com todo aquele turbilhão de emoções.

Nonna olhou a criatura oscilante junto à porta e disse seu nome, baixinho:

– Hildgard...

Ao ouvir a palavra, a criatura reagiu com voz ríspida, como se duas pedras tivessem raspado uma contra a outra. Ele melhorou a postura e Nonna viu que suas mandíbulas se moviam. Não formava qualquer palavra possível de ser entendida, porém o que queria dizer era claro. Hildgard parecia tentar cumprimentá-la. Como se estivesse juntando todas as forças, aos poucos caminhou até Nonna. Fenris se levantou também e observou atento o que a criatura estava prestes a fazer, pronto para defender Nonna. Hildgard se aproximou, rangendo com a armadura tilintando, de leve. Diante dela, estendeu a mão que segurava o escudo e a abriu.

Uma chave caiu sobre a mesa. De imediato, Hildgard voltou para seu lugar. Nonna pegou a chave e se perguntou o motivo de Skafloc não ter mencionado nada daquilo e o que ela abriria.

A seu redor, algumas velas já estavam quase queimadas, mostrando que ela estivera acordada por horas. Apesar de o estômago roncar de fome, ela queria saber para que serviria a chave. Havia baús sobre o chão, alguns

abertos e outros com chaves, e um deles estava apenas fechado. Sobre ele, uma pintura coberta de pó. Nonna a limpou e viu o retrato, pintado com muito esmero, de uma mulher trajada com um vestido preto brilhante, sentada em cima do baú diante do qual Nonna estava em pé. Limpando sua tampa, viu que era bastante simples, sem desenhos.

A chave cabia na fechadura e usando muita força ela a fez virar. A fechadura teimosa abriu com uma batida estranha e Nonna levantou, ou melhor, empurrou a tampa, abrindo-a.

Uma caixa que lhe parecia familiar, envolta em um pano azul, jazia dentro do baú. Ao abri-la, encontrou a adaga que vira sobre a mesa, em sua visão. Ela nunca havia visto uma arma assim, as adagas em seu vilarejo natal eram cegas e feias, e esta era bela, em toda sua simplicidade. Os dois lados da lâmina eram muito afiados. Sua mãe poderia cortar presunto com facilidade, pensou Nonna, rindo, até um pão recém-assado terminaria em fatias, sem desperdício. Ela pôs a adaga na caixa ao lado e examinou o resto do conteúdo do baú. Não havia muito mais sob o pano azul. Para sua surpresa, no entanto, Nonna encontrou roupas, destinadas a uma garota muito jovem. Jamais vestira roupas assim e se levantou para admirar o vestido azul-celeste, que tinha uma faixa decorativa em sua barra, semelhante à aurora boreal. O tecido era grosso, embora parecesse macio e leve. Ela decidiu colocá-lo, antes de voltar para cima. As botas, debaixo do vestido, também poderiam ser de seu tamanho. Além de tudo, havia um cinto dourado para o vestido, com um lugar para se afixar a adaga.

Nonna sorriu, orgulhosa, virou-se e mostrou o vestido para Fenris.

– O que você acha, Fenris? Serve muito bem, só que não deve ser muito quente. Bem, e se deixar a anágua por baixo? – Ela estava muito feliz e não parava de girar na frente do confuso urso, as velas tremulando com seu movimento.

De fato, Nonna se esqueceu de todo o resto e voltou a ser ela própria, como fora havia muito tempo em casa, no verão, quando partira para colher flores. O gelo pareceu ter-se derretido em sua mente e, é bem possível, naquele instante algo nasceu dentro de si, algo que não morreria com facilidade.

As tempestades mais fortes do início do inverno varriam com ferocidade a área montanhosa descampada. O vento batia nos muros e torres durante as noites, a neve lembrava uma sucessão de facas afiadas, em meio à escuridão. Nonna passava o tempo no interior da biblioteca do forte de Skafloc. Por trás da tapeçaria, encontrara uma sala repleta de instrumentos usados para a fabricação de livros, couros, pergaminhos, tinta e papéis em branco. Para sua alegria, encontrou também uma grande pilha de velas. Em primeiro lugar, dispôs os travesseiros da biblioteca em uma pilha, no meio da sala, deixou os candelabros em redor e mergulhou na leitura. Ela devorou as frases das páginas, livro após livro. O tempo fora suspenso no círculo iluminado por velas e não parecia haver mais nada fora dele. Até Hildgard retornara para um estado de hibernação, após o primeiro dia, e Nonna via só um brilho muito fraco dentro de seu capacete, quando apagava as velas para ir dormir.

O que mais lhe interessava eram as coisas a que Skafloc fizera referência. Ela juntou todos os livros que lidavam com encantamentos e se concentrou neles. Todos os dias, entretanto, passava parte de seu tempo lendo sobre a história local, aprendendo coisas de que jamais ouvira falar. Tanto conhecimento parecia fazer com que quisesse aprender cada vez mais e, todos os dias, enquanto os olhos permanecessem abertos, ela lia, até que se fechassem de modo involuntário.

Os dias se passaram, agradáveis. Apenas o som suave das velas e das páginas viradas quebrava o silêncio. Lá fora, os ventos da tempestade uivavam e a respiração constante de Fenris também podia ser ouvida.

Uma vez por dia, ela subia, sem saber a hora. Se o tempo permitia, saía das ruínas. Em geral, encontrava só o vento da tempestade e, algumas vezes, havia momentos em que o céu de azul profundo estava claro e calmo, com as estrelas, a aurora boreal e a lua a iluminá-lo. Em noites assim, Nonna caminhava na montanha, com Fenris, para admirar a vista, à distância. O urso passava a maior parte do tempo fora da montanha e, às vezes, ela nem sabia o que ele fazia, apesar de vir encontrá-la muitas vezes durante o dia e sempre passar a noite a seu lado.

Ela tinha muito tempo para explorar as ruínas, em paz. Caminhava com cuidado e cheia de curiosidade pelos velhos corredores que encontrara dentro dos muros. Achava salas e passagens que, sob a luz da vela, davam a impressão de ter tido o tempo suspenso por algum espírito. A maioria das coisas fora destruída, sempre sendo possível, no entanto, descobrir um canto em que um vaso frágil desafiava o tempo ou até um copo ou caneco com o conteúdo conservado em um gelo eterno. Nonna tocava nos objetos, cuidadosa e, talvez graças a Skafloc, tinha visões sobre a situação em que foram utilizados pela última vez. Ela podia observar o passado de 1000 anos antes e passava por experiências que a faziam se sentir privilegiada e orgulhosa. Quando a noite caía, fazia questão de conversar com Skafloc, notando uma ansiedade crescente no dragão negro.

O controle de Skafloc sobre as ruínas estava enfraquecendo.

Ao que se deduzia, até um espírito como ele tinha seus limites. Talvez a chegada de Nonna liberara o cansaço e a espera de mil anos. Ele se apagava e sentia que já fizera o bastante, tendo estado por lá o tempo necessário. Aquela determinada menina e seu urso haviam chegado. Assim, dentro dele, crescia o desejo de partir para junto dos parentes e contemporâneos que já haviam ido, havia tempos. Só não estava certo se daria à Nonna tudo o que podia, antes disso.

O espírito escuro do dragão negro ficava sentado por dias nas sombras da floresta, desafiando a tempestade. A natureza sofria com sua inquietude. Por fim, tomou uma decisão e, em uma noite escura, quando as estrelas, a aurora boreal e a lua estavam adormecidas, concentrou todos os pensamentos e tudo que ainda queria contar para Nonna, transformou-os em um sonho e o enviou por magia para as profundezas da biblioteca.

Após um derradeiro olhar para as montanhas e suas ruínas, levantou-se com suas asas de sombra, alçou voo e partiu para sempre.

Ao acordar, na manhã seguinte, Nonna pressentiu que ele a havia deixado. Ela sabia que as coisas estavam diferentes e que Skafloc deixara tudo em sua mente, como um sonho que não se pode lembrar após acordar. A biblioteca e as ruínas pareciam diferentes, sem espírito. Ela

entendeu que Skafloc era a força que mantinha as ruínas no lugar. Como que aproveitando aquilo, o tempo acelerou e tudo começou a ficar velho, diante dos olhos de Nonna. Já naquele dia, a superfície das pedras ancestrais começou a rachar sob seus dedos. O olhar brilhante de Hildgard se apagou e a antiga armadura caiu no chão. Ela sabia que o momento chegara, guardou as coisas e o que considerava mais importante e decidiu deixar o forte no dia seguinte à partida de Skafloc. Pôs o diário do dragão negro, junto de alguns outros manuscritos, em uma grande sacola sobre as costas de Fenris, apertou o cinto em torno do vestido, colocou ali a adaga e saiu das ruínas para dentro de uma manhã enevoada de inverno.

– Fenris, vamos continuar nossa viagem!

O urso se moveu com alegria em direção ao norte. Embora Nonna tentasse ao máximo se deter, olhou para trás ao chegarem ao pé da montanha. Sob a luz forte alaranjada do sol, que nascera ao leste das ruínas ancestrais, o forte de Skafloc parecia ter adormecido.

Com satisfação, ela se encorajou, desviou o olhar e começou a caminhar.

Praia perdida

Início do mês de Invernã de 815

Firme, Gunhilde parou com as mãos na cintura, diante da cabana de Thorgil.

Ele não era chamado de “duro como ferro” à toa, pois de fato o era. Poucos ousavam falar com o guerreiro endurecido por tantas batalhas como fazia Gunhilde, porém o homem continuava sentado, com impaciência, enquanto a mulher ralhava com ele.

Era longo e robusto. O cabelo era como o ferro, um pouco acinzentado e a barba, cheia de nós. A pele do rosto estava repleta de cicatrizes e desgastada pelo sol, mantendo os olhos brilhantes e claros sob as sobrancelhas brancas. Apesar de ter pouco mais do que 40 anos, Thorgil estava mais forte do que nunca e governava o pequeno vilarejo e arredores com mão de ferro.

Quando Gunhilde chegara com a filha e um urso do gelo para seu vilarejo, havia um ano, pedindo por uma cabana ou algo similar para morar, Thorgil ficou surpreso com a força de vontade e a teimosia da mulher. Quando Gunhilde contara que seu marido fora originalmente daquela região, ele lhe deu uma pequena cabana em mau estado, que estava vazia, no fim do vilarejo, perto do mar. Não levou muito tempo para todas as crianças começarem a ir lá durante o dia em seus horários livres. Ele notou que em Gunhild e Nonna, além do urso do gelo, havia algo de especial que as seguia e amplificava o sentimento. Gunhilde não contara muito sobre si nem o nome do marido, ainda assim Thorgil gostara da mãe, de sua teimosa e da misteriosa filha. Acima disso, Thorgil acreditou

que o urso do gelo era um tipo de sinal dos deuses e que protegeria o vilarejo, de uma forma ou de outra.

A cabana do urso do gelo logo se tornou o quartel-general de todas as crianças, no entanto, por alguma razão, a filha de Gunhilde partira sozinha havia algumas semanas. Thorgil soube do fato logo que o urso e Nonna deixaram a região. Como ouvira algo sobre a garota, gostaria de dividir com Gunhilde. Um de seus homens lhe contou sobre uma garota e um urso visitando Cinovila.

– O que você quer, Gunhilde? Nonna pode estar em qualquer lugar, por que a deixou partir? Você devia cuidar melhor de sua filha.

– Havia uma boa razão para tal... Você não pode enviar pelo menos um homem atrás dela?

– Ouça, Gunhilde. A garota está a caminho dos Montes do Dragão. Não se pode cavalgar lá. A área é grande e levaria muito tempo para encontrá-la. Ela recebeu conselho de um adivinho, como você diz, e tem um urso do gelo ao lado. Em nome dos deuses, se isso não a mantiver segura, o que a manterá?

– Você não pode fazer nada?

Thorgil olhou para a mulher por um longo tempo. Ele gostava de sua aparência e gostaria de ajudar Gunhilde, se pudesse.

– Farei o que puder, espalharei a notícia e se alguém vir a garota, você saberá. E se isto lhe é conforto, se surgir uma situação em que sua filha precise de ajuda, então meus guerreiros certamente a ajudarão. Está feliz? Ou quer pegar um cavalo e ir sozinha atrás de sua filha?

– Quem sabe, talvez queira.

– Ah, pelo amor de todos os deuses, Gunhilde... você é estranha. Posso acreditar que iria atrás de sua filha até nas chamas do inferno – Thorgil fez uma breve pausa, fitou-a nos olhos e continuou. – Gunhilde, sei que está preocupada com Nonna, mas seria uma total loucura ir procurá-la nos Montes do Dragão. A área é tão grande que talvez me perdesse por lá. Quando ela voltasse, encontraria apenas sua cabana vazia.

Embora sentisse que teria de fazer algo, sabia que Thorgil tinha razão. Ela não estava acostumada com a neve como Fenris. O que faria caso se

perdesse nas áreas selvagens? Ela suspirou e Thorgil viu-lhe a determinação desaparecer.

Levantando-se, segurou Gunhilde nos ombros:

– Prometo-lhe isto. Se não ouvirmos falar de Nonna até o primeiro dia do ano, irei me juntar a você para procurá-la.

Os olhos de Gunhilde brilharam ao responder ao olhar firme de Thorgil. Embora estivesse com medo, dentro de seu coração sabia que era a única solução.

– Mulher, é o máximo que lhe posso prometer. Não posso fazer mais nada.

– Você promete?

Thorgil cerrou o punho e o colocou em seu peito.

– Pelos nomes de todos os deuses, prometo.

– Está bem, Thorgil, esperarei até lá, mas na madrugada do primeiro dia do ano nós partiremos, se não tivermos notícias.

Com os cabelos vermelhos voando no ar, Gunhilde saiu apressada da cabana de Thorgil, mas permitindo que ele a visse. Ao sentar do lado de fora, na escuridão da noite, ela contou os dias e desejou com ardor ter tomado a decisão certa.

NORTE DOS MONTES DO DRAGÃO, NORIDIUM

Início do mês de Invernã de 815

Uma fumaça cinza subia contra o céu límpido e as montanhas altas, à distância, e Nonna notou que por instinto caminhava em sua direção. Aquilo era um sinal de que ali havia habitações humanas e ela decidiu descobrir quem eram. Não tinha qualquer razão para evitar pessoas e, em um dia ensolarado como aquele, os trolls não poderiam ter feito um fogo tão visível quanto aquele. Fenris andava sobre a neve, sem ligar muito para a vista, virava-se distraído e pensava sobre isto ou aquilo, enquanto marcava o passo contínuo ao lado de Nonna.

Ambos estavam cansados, após dias caminhando sobre as colinas. Agora as montanhas já estavam à frente, altas e poderosas. O vento que batia no alto jogava a neve para os lados e Nonna pensou ter visto águias e falcões voando. Olhá-los deslizar no ar era muito apaziguador.

O alto da montanha refletia a cor dourada do sol, que se punha.

Se dissessem que ouviria música no meio de uma região deserta e selvagem ela não teria acreditado, contudo, para sua surpresa, a música que ouvia vinha da direção da fumaça que subia. Virando-se para Fenris, notou que ele também levantara a cabeça para localizar a origem das estranhas notas que os ouvidos captaram. Tratava-se de uma música muito alegre. Com facilidade, Nonna podia distinguir as notas agudas de mais de um apito de lata, flautas tocando sons mais graves, tambores e chocalhos manuseados com animação. Apesar de não conseguir ouvir vozes, a melodia se fixou na mente de Nonna, embora não lhe fosse familiar. O som era contagiante e ela estava certa de que não se tratava de uma música tradicional de Noridium. Isso fez com que se apressasse.

Logo um brilho de luz se tornava visível, muito próximo, em meio a uma paisagem que escurecia e, como Nonna imaginara, a fogueira estava ao pé de uma montanha gigante.

As chamas eram até grandes e não havia tentativa alguma de escondê-las ou cobri-las. Em volta delas, viam-se figuras animadas se movendo. Um pouco além da luz, havia barracas pretas e, sobre elas, uma longa flâmula preta que voava, serena. À medida que se aproximava, ela identificava ao menos três grandes trenós e, mais ainda, um insuspeito e grande rebanho de renas atrás do acampamento, mais próximo das elevações. Sabia que as montanhas eram um lugar perigoso. As pessoas diziam que por todos os montes de Noridium havia trolls, bestas e rebanhos de outras criaturas da escuridão. O período mais escuro do ano estava se aproximando e era de seu conhecimento que poderia haver todo tipo de criatura se movendo no breu. Os viajantes sempre tentavam montar seus acampamentos na escuridão próximo às montanhas, pois tinham medo de bestas, trolls e do

louco deus Hoggvandill, vagando pelos montes. Dizia-se que Hoggvandill matava todas as criaturas perdidas que passavam por seu enorme machado.

Nonna ficou admirada por conseguir caminhar à beira do acampamento sem que ninguém a notasse. Não se observavam guardas em nenhum lugar e a música alegre ficava cada vez mais alta. Ela podia distinguir cada instrumento e via aqueles que os tocavam se movendo, encantados pelo som, bem próximos do fogo.

Aproximaram-se com cautela, mantendo-se de propósito protegidos por um dos grandes trenós. Ela teria tempo de observar tudo, antes de se tornar visível. Era estranho que sua chegada não fosse vista e a de Fenris, ainda mais. As barracas pretas tinham linhas decorativas em vermelho-sangue. Em volta da fogueira, havia pessoas sentadas e vestidas em cores bem escuras, couro preto, tecidos marrom-escuro, roupas verde e vermelho-escuro. Estavam acomodadas em couros de rena e lobo. Havia meia dúzia de músicos, que tocavam com velocidade e destreza. A animação era enfatizada pelos sinos na saia de uma mulher de pele escura, que dançava. Nunca vira uma pessoa com a pele tão escura. A cor era realçada pelos cabelos amarelo-ouro, longos e grossos.

Em meio aos homens, Nonna também reparou em algumas figuras diferentes. Um homem pálido, vestido de preto, cuja aparência era bastante magra e, segundo Nonna, semelhante à de alguém de Wyr. A maior parte das pessoas de Wyr era composta por assassinos e ladrões, e vê-los sempre a assustava. No grupo escuro, a única pessoa com roupas coloridas era um homem magro, do tamanho de Nonna, que tinha calça xadrez azul, camisa amarela e por cima de tudo uma capa leve, cinza e de pele. Os olhos do homem se moviam de um lado para outro e ele tinha um sorriso festivo. Hiitti, Nonna disse em voz baixa para si, uma criatura ligada às fadas. Hiittis eram criaturas rápidas, exímias vendedoras, que iam pelo mundo comercializando todo o tipo de mercadorias. Havia cerca de um ano, Nonna vira muitas hiittis, suas lamparinas e grandes navios mercantes no porto de Águas Cinzas.

Os homens pareciam iguais aos outros passageiros, Nonna não vira muitos carregando armas e ficara impressionada com o fato de todos

parecerem tão felizes. Ninguém se comportava como os homens quase sempre se comportavam, com escândalos e causando confusão, embora parecessem ter bebido muito. Em geral, ela era cautelosa com tais grupos, porém, lá a atmosfera era, de alguma forma, mais leve e agradável.

De repente, ela reparou em um homem sentado atrás da fogueira, ao lado daquele que parecia ser de Wyr. Ele se levantou e caminhou para uma barraca redonda com uma flâmula preta. Nonna o seguiu com os olhos. Cada passo que ele dava emanava grande autoconfiança. O homem estava totalmente vestido de preto, e em sua calça havia listras vermelho-sangue idênticas às das barracas. Sobre os ombros, peles em diferentes tons de preto e cinza e cabelos pretos brilhantes se misturando com elas. Tinha uma barba bem cortada e bigode, a pele parecia irregular e cheia de cicatrizes. Nonna perdeu o fôlego ao vê-lo caminhar com uma espada preta pendurada na cintura. Embora o resto do grupo parecesse rico e educado, aquele parecia ser o mais nobre. Nonna engasgou, sufocando-se, enquanto de algum lugar atrás da fogueira dois cachorros pretos e marrons ofegantes correram atrás do homem para dentro da barraca.

Nonna esperou. A música continuava a tocar e ela hesitou, por alguma razão não queria sair de seu esconderijo antes que o homem voltasse. Era claro ser ele o líder. Enfim, retornou, com os cães a segui-lo. Nonna viu que carregava um travesseiro de veludo, um pedaço de couro e uma taça de lata brilhante. Depois disso, para sua total estupefação, dirigiu os olhos negros na direção de Nonna:

– Aqui você estará mais confortável do que se escondendo atrás do trenó.

Ela se assustou e se voltou para Fenris. Como a se perguntar o que estava acontecendo, pareceu ter levantado os ombros. Nonna tomou coragem e saiu dali.

A música não parou, apenas ficou mais baixa, com alguns músicos deixando os instrumentos para uma pausa. Todos olhavam para Nonna e Fenris, que saíam de trás do trenó. O acampamento estava sorrindo.

– Você acha que uma criatura como essa não é vista à distância? Seja bem-vinda a nosso acampamento – disse o homem, devagar, confiante e

com clareza.

Nonna estava impressionada com tudo o que via, enquanto caminhava em direção à fogueira. Os cachorros ao lado do homem eram enormes. Suas mandíbulas eram quase tão grossas quanto as de Fenris, as bocas estavam desprotegidas e eles tinham em seus pescoços coleiras pontiagudas afiadas. Mais além, viam-se duas bestas do gelo, da Terra do Gelo. Nonna jamais vira aquilo tudo. Sobre o fogo, havia todo tipo de comida, com ótimo aroma, o acampamento inteiro parecia estar cheio de odores diferentes. Pessoas conversavam, falando baixo entre si, e a bela mulher de pele escura estava em pé, com os braços cruzados, diante de Nonna, sorrindo. Até aquele homem de Wyr parecia feliz, embora Nonna sempre os vira como nada além de sérios e sedentos de sangue.

Os cães se mantinham à distância de Fenris e ele e Nonna se acomodaram ao lado do homem. Quando os raios mornos e amarelos do sol que se punha refletiram contra os abetos, os músicos começaram a tocar suas canções alegres de novo. Desta vez, o homem com a voz ríspida se juntou à música, cantando-a. Ela era rítmica e contagiante.

O homem ao lado de Nonna se apresentou como Sigwulf, dizendo ser de um lugar longínquo, ao leste de Caldia, e que estava em uma expedição de pesquisa. Ele formara seu grupo durante a longa viagem, parte se juntara de forma espontânea e o restante fora contratado ou ele pedira que se juntasse. Nonna se apresentou e, pela primeira vez, pôde dizer, com orgulho, que era da família de Skafloc. Ela notou um estranho brilho nos olhos de Sigwulf, que logo foi esquecido em meio à música e à conversa. No início, Nonna hesitou para contar sobre sua viagem, a fuga do espírito maléfico, o forte de seu ancestral e a caminhada para Unha do Dragão. Sigwulf perguntou detalhes sobre a região e as pessoas que encontrara, e Nonna ficou feliz em responder. Só foi resoluta de não mencionar a localização do forte de Skafloc ou seus maiores segredos, e Sigwulf também não fez perguntas sobre eles. Ela não queria que nenhum aventureiro encontrasse o local e o roubasse, apesar de não restar nada além de ruínas.

O entardecer foi rápido e se transformou em uma noite nublada e sombria, antes que Nonna quisesse. Gostou de ficar lá e cantarolar, acompanhando a música. Ela não conhecia as canções e, embora os músicos insistissem para que cantasse, sentia-se tímida e não ousava acatar o pedido. Foi-lhe oferecido um pouco de comida e a menina passou a olhar para o grupo com algo mais do que simples curiosidade. Ela perguntou a Sigwulf sobre a mulher de pele escura e ele lhe contou que vinha do reino distante de Bazastar. Sigwulf se acomodou e lhe contou sobre os teshagars, que eram a raça dominante no sul de Bazastar. Dizia-se que tinham a habilidade de se transformar em criaturas semelhantes a gatos, quando queriam. A mulher, Alhena era seu nome, era daquela raça, mas viera para Caldia ainda menininha, como escrava de um mercador rico. Mais tarde, havia cerca de um ano, Sigwulf a comprara, depois de vê-lo dançar e cantar. Ele lhe dera a liberdade, só que ela se juntou ao grupo.

Nonna perguntou a razão pela qual Alhena estava com ele, embora não fosse mais uma escrava. Sigwulf contou que, entre os teshagars, rezava uma lenda sobre uma heroína que fora morta em Caldia, antes da Guerra dos Deuses. Desde então, foram muitos os que viajaram até o norte, em busca do túmulo e da urna da heroína, que eram considerados sagrados. Alhena ficara com Sigwulf para viajar pelas terras do norte, na esperança de, talvez, encontrar algo relacionado à história.

A noite tinha o hábito de trazer consigo o sono, e Nonna se deparou com aquele momento, em torno da meia-noite, em que não mais conseguia esconder os bocejos. Fenris já estava roncando e resmungando em seus sonhos, atrás dela. Na manhã seguinte, o acampamento seria desmontado e todos continuariam para o oeste. Nonna poderia se juntar a eles, se quisesse, todavia teve dúvida, pois não sabia como chegar à estrada que os levaria ao Forte da Unha do Dragão. O próprio Sigwulf não sabia de nada sobre o assunto, argumentando que alguém na próxima parada poderia saber. Embora tivesse medo de ir na direção errada, ela concordou em se juntar ao grupo de Sigwulf.

VALE DO FERRO, MONTANHAS SETENTRIONAIS DE NORIDIUM

O Vale do Ferro estava situado bem junto às montanhas do norte, na fronteira setentrional dos Montes do Dragão. A estrada norte da capital de Noridium, Barra do Ferro, acabava lá e em torno do pequeno forte do Vale do Ferro se erigiam algumas habitações, na maioria de ferreiros e mercadores. Os primeiros se aproveitavam dos minerais que extraíam das montanhas e usavam suas habilidades para criar objetos valiosos e armas duradouras. Os outros vendiam os objetos que compravam de outros lugares e levavam a produção dos ferreiros por todo o reino e além deste. Próximo ao forte, havia segurança para praticar qualquer profissão, livre dos ladrões que, com frequência, escondiam-se próximo às montanhas. Em respeito às leis de Noridium, o crime era punido com severidade, razão pela qual os criminosos tendiam a se esconder nas periferias, evitando a captura. De acordo com Sigwulf, com o tempo eles tinham se organizado em gangues criminosas que roubavam viajantes e mercadores. A batalha pela sobrevivência nas regiões isoladas e selvagens era dura, motivo de haver tantas habitações concentradas em torno de fortes ou acampamentos militares.

A viagem para o forte de Steinarr Calvo, o líder da família do Vale do Ferro, levou mais de um dia. Embora Sigwulf tivesse oferecido à Nonna um lugar em um grande trenó puxado por renas, ela recusara com polidez e fora por todo o caminho no dorso de Fenris, ao lado de um dos trenós. O urso não tinha qualquer dificuldade de acompanhar o passo e Nonna ganhou a oportunidade perfeita para observar os membros do grupo, enquanto caminhavam sobre a planície sem estrada. Alguns pareciam bastante normais para ela, outros, no entanto, emanavam uma diferença misteriosa. Os amigos mais próximos de Sigwulf, Alhena, Fahd, um assassino de Wyr, Ferenck, um hiitti, e Havard, um cantor de voz áspera, pareciam já se conhecer por toda a vida. Estavam sempre juntos, relaxados, faziam piadas em uma língua incompreensível e davam a sensação de confiar por completo uns nos outros. Os homens transmitiam tamanha

autoconfiança e liberdade que a deixavam atônita. Pareciam não ter medo de nada, eram interessados em tudo – inclusive nas coisas contadas por ela – e se comportavam com tamanha sabedoria e prudência que Nonna começou a crer que não se preocupavam com nada.

Embora já tivesse encontrado pessoas ricas e confiantes antes, as que a cercavam, agora, eram diferentes. Havard podia, de repente, começar a cantar alto alguma canção, fazendo as pessoas rir e ninguém tinha medo de ladrões e bandidos. Dois cachorros corriam pelo grupo com suas coleiras pontiagudas brilhando ao sol e, bem atrás, as bestas do gelo da Terra do Gelo marchavam com suas peles brancas brilhando e grandes tacos nas mãos. A superfície lisa dos tacos trazia espinhos afiados presos a ela. Nonna deduziu que o grupo se movia de forma tão destemida, que ninguém ousaria atacá-los, visto que havia criaturas como essas com ele. Ela, entretanto, sentia que o motivo era outro e que havia, de fato, algo mais por trás daquele destemor.

Todos falavam com Nonna quando tinham oportunidade. Perguntavam sobre sua família e o que acontecera em suas viagens, sem serem inconvenientes. Amaldiçoaram Gerhard como seu próprio inimigo e Sigwulf, em particular, teve especial interesse na aparência do espírito maléfico.

Uma vez que o forte do Vale do Ferro podia ser visto na elevação da montanha, Nonna se sentiu triste por talvez ter que se separar daquele grupo, com o qual ela sentira tamanha alegria de conviver.

O Forte do Vale do Ferro foi, de alguma maneira, desapontador para ela, que esperava algo mais grandioso do que uma torre quadrada de pedra, sobre um pequeno monte. Em volta da torre, havia um muro de pedra e, do lado oeste, um grupo de construções diferentes, bem próximas umas das outras. A maioria delas era composta de cabanas tradicionais de toras e casas de madeira, havia, dentre elas, algumas mais sólidas, com o andar térreo feito de pedra e o andar acima, de toras de árvores. Nas ruelas, apenas algumas pessoas andando, com uma fumaça grossa subindo dos buracos de muitas casas. Era possível ouvir martelos contra bigornas por

toda parte e, aqui e ali, junto às casas, ver cavalos de trabalho, grandes e muito fortes, assim como carroças pesadas e trenós destinados ao transporte de pedras. Um pouco adiante, homens gritavam e árvores tombavam na floresta e, mais além, ela viu fortes cavalos puxando trenós, repletos de rochedos, rumo ao forte. Muitas das cabanas tinham pilhas de toras contra as paredes.

A simplicidade do forte chamava a atenção. Seu portão estava aberto, enquanto os guardas relaxavam nas proximidades. Nonna reparou na presença de dois robustos cavalos brancos no pátio do forte, ao passar pelo portão, em direção do grande prédio de pedra. Em cima do muro, um guerreiro nada fazia e os observava com indiferença.

– Steinarr Calvo não parece estar muito preocupado com inimigos, – disse Sigwulf, rindo para seus amigos.

– Seria porque não há nada a ser roubado aqui, – disse Havard com sua voz áspera.

– Devíamos tentar descobrir? – retrucou Ferenck.

– É melhor você se comportar, Ferko. O Calvo provavelmente não é um alvo ideal para o seu humor – disse Fahd com um tom sério e todos caíram na risada enquanto o pequeno Hiitti enrubescia. Nonna ouvira que Ferenck tinha o hábito de fazer brincadeiras, às vezes, em situações completamente inadequadas. Pelo que ela sabia, Sigwulf tivera de salvar seu amigo em muitas ocasiões assim. Parecia que Ferenck estava interessado demais nos pertences dos outros.

Nonna se inclinou para beliscar as bochechas de Fenris e falou com admiração sobre os cavalos brancos como a neve que ela vira no pátio do forte. Ela nunca vira cavalos como aqueles antes.

O grupo levou um tempo enorme para se acomodar. Uma das grandes casas era uma estalagem e o entardecer caía antes que as renas e os trenós estivessem em ordem e o grupo pronto para entrar. O dono da estalagem deixou os cachorros de Sigwulf entrarem um pouco, contra a sua vontade, e não aceitava a ideia de deixar o desengonçado do Fenris fazer isso, tentando impedir sua entrada. No fim, após conversar com o homem em

particular e lhe dizer algo que o deixou embaraçado, Sigwulf o convenceu e Fenris recebeu boas-vindas calorosas. Nonna não teria deixado Fenris sozinho por nada no mundo. Enfim, todos subiram as escadas largas e sólidas para o primeiro andar, para chegar aos cômodos.

O andar térreo, feito de pedras, era apenas um estábulo e armazém. Já o saguão central da taverna era esplêndido. Suas paredes eram feitas de toras grossas e robustas. Todas as paredes tinham sacadas com escadas de madeira largas levando a elas. Contra a parede que dava para o exterior, uma grande lareira de pedra fora construída e lá o fogo ardia. Na parede oposta à lareira, estava o balcão do dono da estalagem, cercado de barris de cerveja e uma grande pilha de copos, canecos, utensílios de cozinha e comida. Atrás do balcão, havia um forno de pedra, junto ao qual três mulheres jovens e gordas assavam pães e tortas. O aroma vinha até o nariz de Nonna, que o achou delicioso e tentador.

Havia mesas e bancos de madeira no saguão, com diferentes tipos de peles sobre eles. Sigwulf ocupou duas das mesas com os companheiros. As bestas do gelo haviam ficado lá fora e desaparecido sozinhas. Elas não gostavam de ficar dentro de casas lotadas por humanos e Nonna suspeitava que haviam montado um acampamento em algum lugar fora do vilarejo. Ela os vira levar um barril de cerveja de troll do trenó e ir embora com ele.

Sigwulf pediu uma quantidade generosa de comida, suficiente para que todos pudessem comer e beber o quanto quisessem. O dono da estalagem trouxe canecos e mais canecos de cerveja para os homens. Para Alhena e Nonna, trouxeram suco de amora-ártica. Logo, o grupo de músicos tomou os instrumentos nas mãos e em um piscar de olhos o saguão estava repleto de música alegre. Uma vez que o rumor sobre os músicos se espalhou pelo vilarejo, muitas pessoas começaram a vir. Comiam, bebiam, dançavam e cantavam. No fim da noite, um homem robusto e careca em uma túnica e luvas de pele entrou. Era Steinarr Calvo e com ele vieram pessoas de seu forte.

Alhena e Nonna haviam se tornado amigas durante a viagem e, embora a mulher falasse muito pouco das línguas que a menina entendia, davam-se bem. Nonna gostou de se sentar ao lado de Alhena durante a

noite e admirou as joias da mulher, as roupas de cores vivas, o perfume exótico e o modo sensual com que se movia. Nonna observara, também, os movimentos de Fahd e admirara a perfeição do que viu. Ele andava como se cada passo fosse planejado. Não fazia nenhum gesto a mais e isso de alguma forma chegou a assustá-la.

A antiga escrava, por seu lado, movia-se de uma maneira diferente. Era muito confiante, só que seu caminhar lembrava o de uma gata. Quando percebeu, Nonna estava tentando imitá-la, sempre que esta não estivesse notando. Fenris se divertia seguindo a cena e ria quando Nonna tropeçava nos próprios pés e no novo vestido bonito. A mulher, para completar, sempre segurava a menina antes que ela caísse no chão e Nonna se impressionava com aquele tempo de reação.

Enquanto a música tocava e os visitantes da estalagem se divertiam com plenitude, Nonna se sentou ao lado de Alhena, que a envolveu com os braços. Naquela noite, Alhena cuidou de Nonna como se fosse sua própria filha e a menina jamais esqueceria aquela sensação.

Dentre as tantas coisas para refletir, Nonna notou os convidados de Steinarr Calvo. O resto das pessoas na estalagem dera espaço para o líder em uma mesa ao lado dos músicos, e este se sentou com um pequeno grupo. Fahd, Ferenck e Sigwulf riam até as lágrimas sobre algo a respeito de Steinarr, que Nonna supôs ser sua cabeça careca. Steinarr olhou os homens com raiva, após uma risada um pouco mais alta de Ferenck, só desviando o olhar assim que reparou em Sigwulf.

Ela estava certa que os convidados de Steinarr haviam cavalgado até a estalagem nos cavalos brancos que estavam no pátio do forte. Mais próximo de Steinarr, sentava um homem grande com cabelos vermelhos e a barba idem. Vestia roupas vermelho-escuro e parecia muito rico, talvez até nobre. Ao lado, estava uma jovem ruiva, que a seu modo era muito bonita. A mulher tinha olhos verdes vivos, que brilhavam com nitidez na penumbra da estalagem. A pele era muito branca e um dos braços era destinado a duas crianças próximas dela. Eram meninos, gêmeos, muito mais novos do que Nonna e com cabelos vermelhos e finos. Todas as

peças daquele grupo se vestiam em diferentes tons de vermelho e Nonna se perguntou por um longo tempo quem eram. As crianças gracejavam ao lado da mãe, enquanto as pessoas se moviam ao redor.

Nonna ficou surpresa ao reparar que o homem, que devia ser o pai das crianças, aparentava ser muito mais velho do que a mulher. Como um raio nos céus, ela se lembrou das palavras de Skafloc e estava convicta de sua conclusão quando percebeu um estranho tom cintilante na pele do homem, como se estivesse coberto com a mais leve das purpurinas. O brilho era muito difícil de ser notado, ela só conseguiu quando a luz de uma lamparina refletiu em sua pele do modo correto. Nonna olhou e franziu a testa e acordou de seus devaneios ao reparar que a esposa do homem a encarava de forma misteriosa. Então sentiu vergonha de sua atitude e não ousou olhar mais para o pequeno grupo, com exceção de rápidos relances. Pediu a Sigwulf que perguntasse para algum habitante local o caminho para Unha do Dragão. Talvez pudesse saber também quem eram os convidados de Steinarr. Sigwulf já perguntara e podia responder as duas perguntas de Nonna de uma vez.

Ela fizera a coisa certa juntando-se a eles, pois a estrada para Unha do Dragão era mais curta a partir de lá. Ela não seria fácil de se encontrar e passava por um vale perigoso, sem qualquer habitação. A viagem para Unha do Dragão levaria muitos dias para Nonna, dependendo do clima. Sigwulf lhe perguntou se tinha absoluta certeza de que queria ir. Quando respondeu que sim, Sigwulf prometeu que a acompanharia o mais longe possível com seu grupo. Saber disso a acalmou, pois temeu o modo como a estrada deserta fora descrita e não queria que Fenris acabasse tendo de se envolver em batalhas por sua causa outra vez. O espírito maléfico ainda a assustava, fora as criaturas escondidas nas montanhas.

Para a outra pergunta, Sigwulf respondeu que os visitantes de Steinarr eram de Thurian, do outro lado do mar. O nome do homem era Vermgard e a mulher, que era agora sua esposa, Katerina. As crianças eram seus filhos gêmeos e ninguém sabia seus nomes. Os convidados tinham chegado havia muitos dias da direção de Barra do Ferro, em um trenó puxado por cavalos

brancos. Ninguém sabia a razão de sua visita. O que se sabia era que Steinarr estava muito nervoso de recebê-los.

Pouco antes de dormir, Nonna viu Vermgard andando ao lado de sua mesa. O homem parou em frente de Sigwulf e lhe estendeu a mão. Ela notou as cicatrizes nas mãos, assim como as unhas afiadas e o enorme anel de ouro no dedo médio. Parecia um dragão em volta daquele dedo. O homem falou com Sigwulf em uma língua que ela não entendia. Sigwulf se levantou, sério e com boa postura, tomou a mão do homem e a apertou firme. Eles trocaram algumas palavras e Nonna pensou estar diante de uma conversa imposta pela educação, não a de dois amigos que se reencontravam. No fim, o homem balançou a cabeça de modo afirmativo, piscou o olho para Nonna enquanto se sentava e levou o dedo indicador aos lábios.

Ela achou a língua emocionante, assim como quando aprendera a dizer o nome de seu ascendente, Skafloc.

O barulho acordou Nonna de um sono profundo. Estava deitada sob cobertores de pele quentes em um canto escuro do último andar da estalagem. Quando abriu os olhos, viu apenas um fogo brilhando à distância, na direção do saguão. Ainda com sono, espreguiçou e refletiu sobre o que teria sido aquele som. Ela tentou e só o que ouviu foi a respiração de pessoas adormecidas e um ou outro roncar. Virando a cabeça, reparou na janela ao lado, que batia de leve quando o vento soprava contra ela. Um grito alegre de criança podia ser ouvido de algum lugar à distância. Nonna se perguntou qual a origem daquilo, pois tinha certeza de que estava no meio da noite.

Levantou-se com o máximo de cuidado possível e o chão lhe pareceu frio, apesar das meias de lã. Escorregando os pés para dentro das botas de pele, caminhou até a janela com vagar, para não acordar Fenris, que roncava a seu lado.

A janela se abriu, sem qualquer ruído e Nonna pôs a cabeça para fora no ar frio. Estava tudo escuro. A luz fraca da lua crescente era forte suficiente apenas para identificar algumas silhuetas na escuridão. Nonna

reconheceu as linhas sólidas do forte e uma ou outra vela a se queimar. Olhando para baixo, Nonna reparou que uma luz no estábulo brilhava contra a neve recém-caída e que havia pegadas nela. Esticando-se ainda mais tentou ver em que ponto chegavam. Daquela direção, na escuridão completa, ouviu de novo os gracejos alegres de uma criança e pensou ter visto alguma luz. Tentou pensar. Pegadas de uma criança no meio da noite. O vilarejo era seguro o suficiente para uma criança desacompanhada caminhar à noite? A curiosidade começou a dominá-la e ela queria saber o que estava ocorrendo. Como não queria acordar ninguém, refletiu por alguns instantes se deveria ou não acordar Fenris. Pensou que, ao caminhar pela estalagem, Fenris decerto despertaria outras pessoas e, assim, decidiu ir sozinha ver do que se tratava. Colocou seu vestido com pressa, pegou as luvas e, após um breve instante, pôs a adaga em seu cinto. Todo o resto foi deixado na cama.

Com a ponta dos pés chegou até a entrada da estalagem e pulou os cães adormecidos. Um deles levantou a cabeça sonolenta ao sentir um movimento no meio da noite e, sem alarde, colocou-a de volta entre as patas e voltou a dormir.

Nonna virou a maçaneta, em total silêncio. Tanta neve caía durante a noite que era difícil empurrar a porta para abri-la. Com esforço, ela conseguiu sair e desceu a escada, correndo. Sabia que não precisaria de uma lamparina. Ficou parada na escuridão por um tempo e, depois de os olhos se acostumarem, checou em torno e começou a ir em direção ao local em que vira as pegadas.

O vilarejo adormecido parecia misterioso. As janelas estavam fechadas, portas travadas e ninguém se mexia em lugar nenhum. Até a neve que caía era mais sentida do que vista. Tocando seu rosto, os flocos de neve a livravam de qualquer desejo de continuar a dormir. O vento estava bem leve e o ar fresco. Nonna logo encontrou um estábulo e pegadas à frente, provenientes do forte. Olhando para cima, notou, para seu desespero, que esquecera de fechar a janela. O vento seguia a batê-la. Ela torceu para que ninguém acordasse com o barulho.

Nenhum ruído mais foi ouvido e, em pouco, Nonna viu que saíra do vilarejo. De vez em quando, a lua crescente com pontas afiadas aparecia por entre as nuvens e lhe revelava os arredores. Já estava em um campo aberto, vendo à distância as montanhas e a floresta e, mais próximo dela, montes e colinas cobertos por neve. Os passos a levavam até lá. Antes de a lua se cobrir de nuvens, observou algo que a assustou muito. Sobre a neve, em volta dos montes, sombras no formato de cães deslizavam, suaves. Nonna supôs que se tratava de lobos. Estava acostumada de vê-los em áreas selvagens, perto de habitações. Agora tinha certeza de que nenhuma criança desacompanhada estaria segura. Pedindo proteção à deusa dos lobos, Ylva, sacou a adaga, segurando o grande cabo com força, e correu em direção às pegadas.

Notando uma luz brilhando em um ponto indefinido, ouviu o ruído de algo cair em uma pequena fenda entre duas pequenas elevações. Não sabia como reagir ao que veria. Uma lamparina tombara sobre a neve, iluminando um menino em pé diante dela e, ao lado dele, uma estranha criatura. Tratava-se de um lagarto vermelho-escuro com asas longas e frágeis, cauda e pescoço longos e uma cabeça de cobra com dois chifres curtos, pontiagudos. Estava em pé, sibilando de modo ameaçador para uma alcateia, enquanto o menino olhava para o que acontecia com uma mistura de medo e surpresa no rosto. Nonna viu também algo que eles não haviam notado. Ela sabia que os lobos eram ardilosos, a criatura-lagarto, porém, não parecia ter conhecimento disso, sem ver um lobo à espreita, aproximando-se do monte, esgueirando-se com a cabeça e os ombros baixos em direção ao menino.

Observando a situação, paralisada, via o lobo se aproximar do menino, enquanto o lagarto se defendia dos ataques provocativos dos outros animais, que o cercavam por todos os lados. Cada vez que o lagarto tentava acertá-los, eles pulavam para trás. Nonna sabia que os lobos estavam apenas chamando a atenção do lagarto para si. Embora a criatura-lagarto fosse, de fato, assustadora e talvez pudesse vencer a luta, caso se levantasse com as asas, a menina percebia que ela não podia se mover mais, pois estava protegendo o menino.

Nonna olhou para o lobo e torceu para que o lagarto o notasse, para que ela não tivesse de interferir. Porém, logo viu que isso não aconteceria e que teria de intervir. Olhando para a grande adaga que portava, percebeu que as mãos tremiam, no entanto, de imediato, recordou de tudo o que passara e decidiu que um único lobo não a assustaria. Agarrando a arma, começou a correr na direção do lobo, que já estava a apenas alguns saltos de distância do menino. Nonna notou que o lobo abaixara a parte dianteira do corpo, dobrando as pernas traseiras, preparando-se para um salto. Concentrando toda a atenção no menino, ele iniciava a manobra quando ela gritou, jogando-se contra ele com toda velocidade.

Muitas coisas aconteceram de uma só vez. O lobo desistiu do bote e se voltou, rosnando e mostrando os dentes para Nonna. O menino gritou de horror e a criatura-lagarto virou a cabeça. O lobo, que aprendera a ter medo de metais brilhantes, assustou-se com a adaga e tentou saltar para o lado, não conseguindo, pois Nonna o cortara na parte traseira. Embora a ferida não fosse profunda, algo estranho aconteceu, surpreendendo até Nonna. Por instinto, ela pensara em uma palavra desconhecida e a pronunciara em voz alta, fazendo a mão ficar quente, de forma estranha. O calor fez a adaga brilhar e o local tocado por ela na pele do lobo pareceu queimado, como se tocado por ferro em brasa. A criatura-lagarto teria sido atacada pelos outros lobos, se estes também não se assustassem, perdendo a coragem. Os lobos viram uma nova ameaça, uma lâmina reluzindo sob a luz da lanterna. O próximo ataque sibilante do lagarto foi o suficiente para afugentá-los e, após um momento de dúvida, começaram a se afastar e, por fim, a correr uivando na escuridão atrás de seu companheiro ferido.

Caída sobre a neve, Nonna se levantou, pensando no que acontecera e temendo o que se daria a seguir. A primeira coisa que viu foi a cabeça de cobra da criatura-lagarto a uma distância de apenas um palmo de seu rosto. Podia sentir o cheiro sulfurado de seu hálito, enquanto mirava seus olhos amarelos profundos e brilhantes. A criatura a observou, virou a cabeça e caminhou deslizando em direção ao menino, que congelava nas proximidades, sentando-se diante dele. Só então Nonna percebeu que a criança vestia apenas uma roupa leve e botas finas. Ele tremia de frio,

batendo os dentes com ruído, sem saber o que fazer ou dizer, olhando para o lagarto e para Nonna com a expressão de quem estava prestes a chorar, a qualquer momento.

Era um dos gêmeos que ela vira na estalagem e não podia aguentar o som de crianças pequenas chorando. Sem notar as roupas cheias de neve, guardou a adaga e caminhou resoluta na neve profunda até ele.

– Não chore, irei levá-lo para casa, está bem? – disse Nonna, com a maior calma possível, enquanto observava as reações do lagarto, que, no entanto, ficou sentado sobre a neve, reparando na cena.

O menino parecia não entender as palavras de Nonna, que decidiu não se importar com isso. Levantando do chão a lamparina, segurou a mão do garoto e verificou se ele viria com ela ou não. A criança hesitou por um momento e disse algo, apontando para o lagarto, só que ela decidira levá-lo consigo. O animal poderia se defender, já o garoto ficaria doente se não fosse para um local quente.

– Não, iremos para casa e não discuta... – disse Nonna, com o tom firme e maternal que sabia fazer. E funcionou. Aos tropeços, com passos cambaleantes, ele começou a andar com Nonna, de volta para o forte. A criatura-lagarto os seguiu e Nonna continuou olhando ao redor, atenta aos lobos. Estavam em algum lugar nas proximidades, pois ouvia uivos e rosnados abafados. Se fosse rápida, eles não teriam tempo de renovar a coragem e os deixariam em paz.

Pouco a pouco, o menino passou a caminhar com mais facilidade, os dentes deixaram de bater tão forte e ele até começou a falar. Ela não entendia uma única palavra que ouvia e apenas respondia, assentando com a cabeça. Subitamente, ele parou e se soltou de sua mão. Quando Nonna se virou para ele, o menino lhe respondeu com um olhar triste e ela notou que a criatura-lagarto não estava mais ali. Havia chegado à entrada do vilarejo e achou que ficara para trás, protegido pela escuridão.

– Ele está lá... não irá para lugar nenhum. Venha para casa agora, quero dizer, para o castelo – disse Nonna, suspirando. Em sua opinião, menininhos eram, às vezes, pirralhos irritantes e tudo o que queria era

entregá-lo aos cuidados da mãe. Tomou-lhe a mão fria e ele, com olhos de súplica suspirantes, juntou-se a ela.

A abertura do portão do forte fora suficiente para que o menino pudesse passar. Como conseguira sair do castelo sem que ninguém notasse, Nonna não podia entender. E também não sabia como levá-lo de volta dessa maneira. Ela se sentia muito embaraçada de voltar ao castelo, por isso empurrou o portão apenas para o corpo entrar. Havia apenas uma luz fraca no pátio do forte, com tochas espalhadas só nos cantos mais escuros, um costume que impedia que os espíritos que se moviam pela noite lá se acomodassem.

Diante dela, podia-se ver a porta da torre fechada junto às escadas, com outra tocha a queimar, o fogo quase morrendo. Ela teria de ir até a porta fechada e bater. Por um momento, Nonna pensou que seria o suficiente deixar o menino à porta, sem conseguir fazê-lo. Além do que, ele poderia sair outra vez. Achou melhor levá-lo para a estalagem e, talvez, acordar alguém, explicando tudo. Virou-se para fechar o portão, segurando a mão do garoto todo o tempo, para que não fugisse.

Impaciente, ele se soltava de sua mão, repetidas vezes. Quando tentou impedi-lo, ele gritou. Foi o suficiente para mudar tudo.

– Quem está aí? – Nonna se virou em direção à voz de um homem que gritava atrás dela. Um guerreiro veio correndo da escuridão e viu Nonna em luta com o portão do forte, segurando a mão de um dos filhos dos nobres convidados. Ouviu a porta da torre se abrir e, como em um sonho, via o que ocorria, sem nada conseguir ouvir, salvo o som do sangue correndo dentro dos ouvidos. O guerreiro arrancou-lhe o menino das mãos e começou a levá-lo para dentro, no instante que outro a agarrou com firmeza pelos ombros, gritando tão alto que seus ouvidos apitaram. Quando se deu conta do que acontecia, ele lhe tirava a adaga e a carregava para um lugar escuro, do outro lado da torre.

Aterrorizada, tentou explicar o que acontecera para o guerreiro que a levava e o homem não lhe deu ouvidos. Segurando-a com tanta força que chegou a machucá-la, seguiu sua marcha, abriu uma porta e a empurrou para dentro de um cômodo, seguindo-a e fechando a porta. Ela viu que estava em um minúsculo ambiente, com um banquinho e uma pequena mesa, com uma vela acesa. Havia uma escadaria em caracol, estreita, que levava ao andar inferior.

– Desça agora – disse o homem com uma voz muito severa, agarrando seus ombros e começando a empurrá-la pelas escadas. Ela bateu a cabeça no teto das escadas tão forte que lágrimas lhe encheram os olhos. Tentando ficar em pé nos degraus escorregadios de pedra, deslizava e tropeçava, e o homem a segurava, com firmeza. Cada vez que ela estava prestes a cair, ele aumentava sua força, causando-lhe ainda mais dor. Tudo aconteceu tão rápido que ela não tivera tempo de pensar. Só sentia que a cabeça sangrava e uma dor tilintando seus olhos.

Após uma rápida descida, chegaram em uma área, com cheiro de porão. Mais uma vez, uma única vela iluminava todo o espaço e Nonna notou que estava em uma pequena sala com uma sólida porta, que tinha uma trava de ferro. O guerreiro a soltou por um momento e esticou a mão para pegar uma chave pendurada em um prego, atrás de uma cadeira. Foi quando ela decidiu escapar. Embora tonta, correu para subir as escadas. O homem soltou palavrões. Nonna o ouviu vindo atrás dela e se voltou, chutando-o direto no rosto, virando-se de novo para continuar sua fuga, enquanto o homem caía para trás, gritando de dor. Subindo apressada, notou que o homem se levantara e corria em sua direção. Ao chegar ao topo da escada, tentou abrir a porta com os dedos nervosos. Os olhos cheios de lágrimas e a pouca luz a impediram de conseguir seu intento, antes de o homem a capturar. A última coisa que sentiu foi uma forte pancada na cabeça e a escuridão.

Nonna acordou com uma dor latejante e o rosto contra um monte de feno frio, cheirando a bolor. Abriu os olhos e, por um momento, sentiu o mundo todo rodar. Uma sensação nauseante lhe subia à garganta e ela

precisou lutar contra aquilo, tentando olhar ao redor. Estava completamente escuro e nada podia ser visto, nem sombras, apenas a perfeita penumbra por todos os lados. De início, ficou sentada, ouvindo. O silêncio era tão concreto que era possível tocá-lo, sendo quebrado apenas por ruídos discretos de ratos e camundongos e por algo que se assemelhava a uma respiração pesada. O cheiro do local era aterrador. O ar frio e a umidade do porão estavam soterrados sob o bolor e, além disso, ela distinguia outra forma de cheiro, ainda mais horrível, o que a fez se sentir nauseada.

Aos poucos, moveu a cabeça, com cuidado, tentando imaginar em que lugar estaria. Suas memórias se assemelhavam a sonhos, tornando-se mais claras de modo gradual. Por fim, teve uma ligeira lembrança do que se passara e concluiu estar em uma masmorra, o que a assustou. Já ouvira histórias sobre masmorras e celas de prisão. Todas tinham algo em comum, o fato de apenas muito poucos serem libertados após o aprisionamento. Governantes jogavam pessoas que acreditavam ser criminosas em masmorras e, às vezes, quando se lembravam e se davam ao trabalho, ordenavam que fossem trazidas diante deles para que lhes fosse lida uma sentença e depois fossem jogados de volta na cela. Fatos eram narrados por pessoas que haviam penado por anos em calabouços, até que alguém se lembrasse delas. O medo começou a se espalhar como fogo selvagem e ela começou a chorar.

– Hum...

As lágrimas secaram de imediato, como se sufocadas. A voz grossa soara a seu lado. Paralisada, ouviu que o som de respiração lhe era claro e que se movia.

– Hum... uma garotinha...

A voz era grave e vibrava de forma densa. Seu dono era um homem e Nonna percebeu que ele acabara de acordar. Ele tentava encontrar uma posição melhor, resmungava e murmurava para si:

– *Tus* não tem coragem de responder, certo? Estamos na mesma caverna, então *tus* pode muito bem falar... Por outro lado, não temos nenhuma pressa aqui. *Mim* tem muito tempo, assim como *tus* tem.

Nonna engoliu em seco:

– Quem é você – perguntou, insegura.

– Hum... o que *tus* sabe... Bem, quem é *tus* então?

– Nonna.

– E *mim* sou Kartu. Quantos anos *tus* tem?

– Tenho 12 e você? – perguntou, antes de ter tempo de pensar no que o homem dissera. Ele respondeu com uma risada grave, sem demonstrar qualquer traço de medo.

– Bem, se *tus* realmente quer saber, *mim* tenho 53, é o que consegui contar.

Estava amedrontada. Os rumores sobre masmorras eram reais, o homem tinha penado lá por tanto tempo que perdera a certeza de sua própria idade.

– Por que razão o careca doido jogou uma menina de 12 anos na masmorra, se *mim* ousa perguntar?

Ela explicou tudo o que ocorrera. O homem escutou sem interrompê-la. No fim, Nonna desabou em prantos. Ouvindo um novo movimento, assustou-se ao sentir que ele estava do seu lado. Porém, ela foi segura pelos ombros por uma mão calosa e apertada de um modo reconfortante. O prisioneiro estava confuso com sua nova companhia e parecia não saber o que fazer.

– *Tus* ainda vai sair daqui, tudo o que *tus* precisa é que o menino conte o que aconteceu.

– E se ele não contar?

– Alguém sabe que *tus* está aqui, alguém pode vir a procurar *tus* aqui?

Nonna parou para pensar. Ela não contara nada a ninguém, a neve logo cobriria seus passos e, a não ser que os convidados ou o governante do local dissesse algo, ninguém saberia de seu paradeiro. Tudo dependeria dos outros. Talvez, nem Fenris pudesse chegar lá, sob o solo e por trás de paredes e portas.

– Não...

O homem sorriu, zombeteiro.

– Por que você está aqui? – perguntou Nonna.

– *Mim* espanquei um dos guerreiros do careca, até a morte, na estalagem. O velho me jogou *qui*.

– Há quanto tempo está aqui?

– *Mim* não sei, o sentido de tempo desaparece... Ainda bem que *mim* se acostumou com o escuro. Alguns meses, suponho.

– Por que você matou o homem?

– Há muito tempo ele queria lutar, desde que *mim* chegara *qui*. Então, ele agarrou minha mulher na estalagem. *Mim* perdeu a cabeça e o arrastei para fora para uma briga. Foi uma disputa honesta que custou sua vida. Seus amigos não podiam aceitar a derrota. Eles vieram e me trouxeram para a masmorra. O próprio careca veio dizer que não me deixaria sair vivo d'*qui*. *Mim* sei que a briga não é a verdadeira razão...

– O que é, então?

– O careca não gosta de nós, bárbaros. *Mim* sou um mercenário, nada mais. Sou pago para lutar batalhas e fiquei *qui* após uma viagem. *Mim* sabia muito bem que não seria fácil *qui*, pelo menos me diverti.

– Bem, ninguém sente sua falta ou procura por você?

Kartu riu tão alto que ecos reverberaram pela cela:

– Nem uma alma, o que me perturba horrores, pois *mim* poderia ainda ter feito mais coisas. Por que não me conta o que *tus* faz em uma região dessas?

Mais uma vez, Nonna contou sua história. O mercenário escutou com atenção e gostou do que ouviu, soltando um ou outro resmungo, como se estivesse tomando parte nos eventos. Por toda noite e na manhã seguinte, Nonna conversou com Kartu na cela escura, até o cansaço vencer sua dor de cabeça e ela adormecer sobre os fenos molhados.

Quando a manhã nasceu, Fenris acordou e não encontrou Nonna. De início, caminhou pela estalagem, com calma, e quando ela não foi vista em nenhuma parte, destruiu a porta da estalagem e saiu. Nevara a noite toda e o urso reagiu logo após o nascer do sol. As pessoas ficaram assustadas com aquela conduta ameaçadora, enquanto ele corria para todos os lados, farejando o ar e o mundo espiritual. Fenris não encontrou vestígio de

Nonna, embora sentisse sua presença sutil. Traços da garota podiam ser sentidos no ar, em volta de Fenris, e o levaram primeiro para fora do vilarejo, para os campos e montes desertos e, depois, de volta ao vilarejo em direção ao forte. Fenris seguiu seus vestígios com cuidado.

A porta do forte estava fechada e a neve à frente intocada. Os guardas sobre o muro, temerosos, gritaram para que o animal fosse embora. Ele, entretanto, sabia que Nonna estava dentro daquelas paredes, sentia o medo dela em algum lugar próximo e tinha um mau pressentimento. Tinha consciência de que não teria chance de entrar ali. Ele vira o chefe do forte e sentira um espírito duro fluando a seu redor. Pressentiu que não conseguiria adentrar na construção sem ajuda.

Sigwulf acordou com o tremendo barulho que Fenris fizera ao quebrar a porta da estalagem. Quando o urso enfim retornou, foi recebido por um furioso dono de estalagem e pelos homens de Sigwulf, que tomavam o café da manhã. Todos estavam surpresos de vê-lo desacompanhado.

O grupo se entreolhou por um momento e, em seguida, voltou a vista para Fenris. Todos pensavam que Fenris e Nonna estivessem juntos, no entanto, vendo-o só, entenderam que havia algo errado. Alhena, pela manhã, notara a ausência da menina, a janela aberta e os pertences de Nonna junto à cama em que a colocara, à noite. Estava certa de que algo acontecera e falava com Sigwulf com rispidez, como se lhe desse ordens.

Sigwulf se virou para Fenris:

– Fenris, onde está Nonna? – perguntou. Naquele momento, Fenris sentiu algo que lhe confundiu os pensamentos e repassou o que acontecera pela manhã. Durante todo o tempo, Sigwulf mantinha o olhar fixo e intenso sobre si.

Levantando-se, absorto em seus pensamentos, ele deu um tapinha na cabeça de Fenris e se virou para seu grupo:

– Ferenck, parece que você terá uma oportunidade de visitar o forte – disse para o habilidoso ladrão, que lhe respondeu apenas com um sorriso feliz.

Steinarr provou ser um homem frio. Assim que Fenris voltara, Sigwulf fora ao forte fazer perguntas e, depois de insistir por muito tempo, conseguira falar com o arrogante líder. O tal careca, segundo rumores, era melhor no campo de batalha, com uma arma, do que como diplomata ou governante. Quando Sigwulf se pôs cara a cara com Steinarr, este afiava a lâmina de um machado de açougueiro. Estava vestido em roupas de lã toscas e logo deixou claro para Sigwulf de que não era bem-vindo. Fez questão de colocar o machado perto dos pés, para que ele o visse, ordenando-lhe que falasse rápido. Outros dois guerreiros que estavam na sala lançaram um olhar ameaçador para Sigwulf, que fingiu não notá-los.

– Você viu uma menina de cerca de 12 anos? Ela é minha amiga e parece ter desaparecido.

– E o que o faz pensar que esteja aqui?

– Sei que ela está aqui e exijo vê-la.

Steinarr riu com escárnio.

– Você não exige nada aqui! – disse, com aspereza. Ele era acostumado a ganhar e tinha o apoio de seus convidados nobres. Steinarr tomara sua decisão. – De fato, ela está aqui e aqui ficará e nem você nem ninguém mais poderá visitá-la.

– Em que canto você a colocou e por que não posso vê-la? Como você pode ter poder sobre o assunto? Tenho certeza de que ela quer me ver!

– Rá! Ela pode querer, só que não estou nem um pouco interessado nela. Aquela pirralha está na masmorra e lá ficará.

A informação fez com que os olhos de Sigwulf brilhassem, com fúria.

– Em uma masmorra? Por quê? O que aconteceu? – perguntou, com a voz bastante elevada. Os homens de Steinarr se mexeram, pegando suas armas.

– Isto não é da sua conta. Quem você pensa que é para vir aqui dando ordens em meu forte? A garota é uma ladra e sequestradora maldosa e colocou meus convidados em risco. Está na masmorra e lá ficará.

– Quero encontrar com seus convidados e com a garota. Há algo de errado nisso e quero descobrir.

– O assunto será tratado quando chegar a hora, até lá a garota vai penar na masmorra, com um assassino.

– O assunto será tratado agora!

– Saia! – gritou Steinarr, com o rosto vermelho de raiva. Sigwulf fez tudo o que pôde para se controlar. Sabia que tinha um modo próprio de lidar com o assunto. Olhou direto nos olhos de Steinarr:

– Fique sabendo, Steinarr. Se você cortar um único fio de cabelo da cabeça da menina, irá se arrepender para o resto da vida! Aguarde-me, porque voltarei!

Marchou para a estalagem e se juntou a Ferenck e Fahd, que o aguardavam.

– Sei que não é bom, mas você terá de comer algo, e rápido, antes que os ratos venham – disse Kartu.

Alguns restos de comidas haviam sido trazidos para eles. Nonna acordara com o barulho da pequena escotilha na porta se abrindo e antes de se acostumar com a luz fraca que vinha de lá, ela fora fechada. Kartu deixara as melhores partes para Nonna, pois estava acostumado a comer quase qualquer coisa. Ela engoliu, contra sua vontade, muito pouco e se recusou a continuar. Até a água para se beber não era fresca, e sim bolorenta e com mau cheiro.

– Acho que, de fato, você deve ter machucado o guarda, pois a água era melhor antes de você chegar.

– Desculpe, Kartu...

– Rá, não importa. Foi bom que ele tenha levado uns sopapos. Espero que você o tenha chutado forte.

A masmorra era sempre escura não importando a hora do dia. Não possuía qualquer janela ou buraco por onde a luz pudesse entrar. Assim que terminou de se alimentar, Nonna gritou, com algo se mexendo sobre seus pés. Os ratos haviam sentido o cheiro de comida e atacavam o prato com selvageria, deixando só migalhas. Ela se sentou ao lado de Kartu, que voltou a pôr as mãos em seus ombros, passando a contar histórias do seu povo e suas próprias aventuras. Logo, em pensamento, ambos estavam

longe da pequena masmorra abafada e, pela primeira vez, ela aprendeu sobre os bárbaros do norte.

Fahd jamais se importara com a legalidade de seus atos, se eram corretos ou não. As coisas mais importantes para ele eram os objetivos. Ele fazia os trabalhos bem, com eficiência e sem dó. Raro se ver alguém como ele. Os homens de Steinarr não estavam preparados para o fato de, um dia, seu líder pisar nos pés do homem errado e ganhar um adversário como Fahd, uma verdadeira praga.

Na noite seguinte à captura de Nonna, Steinarr precisou pagar por tê-la posto na masmorra.

Uma figura negra pulou do muro para a neve, como um gato. Pareceu se fundir às sombras e, em seguida, em meio à penumbra, deslizou para o estábulo e, de lá, para a porta. Steinarr aumentara o número de guardas no forte, após notar o interesse em sua prisioneira.

A sombra deslizou pela porta do estábulo. O prédio era dividido em duas partes, com uma para os cavalos e outra para os guerreiros. Sob as ordens de Steinarr, havia cinco guardas acordados ao lado dos guerreiros, naquela noite. No andar de cima, mais de dez soldados dormiam, vestidos, e o restante estava em outro prédio, assim como no forte. Cinco homens, sentados em uma pequena mesa, jogavam dados, falando alto e nenhum notou a criatura-sombra deslizar da lateral do estábulo para a sala.

A tarefa de Fahd era descobrir o local da masmorra do forte e, como não havia ninguém em cima do muro, teve de entrar para conseguir a informação.

Dois dos homens sentados à mesa, de repente, despencaram. Antes que alguém notasse o ocorrido, Fahd, vestido de preto e com o rosto pintado de carvão, surgiu no fim da mesa, com sabres de Wyr em ambas as mãos. Os sabres brilharam e mais dois homens caíram sobre a mesa. O último dos cinco homens não sabia o que fazer, tendo Fahd às costas e uma lâmina de sabre afiada na garganta:

– Onde é a masmorra? Há acesso por fora?

O guerreiro estava com medo demais para virar a cabeça, apenas seus olhos se moveram, enquanto, aterrorizado, sussurrou a resposta para Fahd.

Ferenck esperava por Fahd, do lado de fora do prédio. A partir daí, eles se moveriam juntos. Quietos, seguiram para o lado direito da torre, no qual havia uma alcova e uma porta baixa e sólida. A porta estava trancada, com uma barra de metal atravessada do lado de dentro, então Ferenck se abaixou à altura da trava, enquanto Fahd, no escuro, mantinha guarda. Ferenck colou o ouvido na porta e, ouvindo os sons no interior, examinou a trava. Em seguida, pegou uma ferramenta em seu cinto e a abriu. Com uma lâmina, semelhante a uma faca, levantou a barra que estava do lado de dentro. Uma vez que a porta estava entreaberta, Fahd entrou e Ferenck ouviu uma batida, seguida da queda do guarda que se sentava atrás da porta. Ferenck entrou, sorrateiro, e fechou a porta.

Kartu acordou com uma mão em sua boca e uma lâmina em sua garganta:

– Não faça nada e você sobreviverá, faça o menor dos movimentos e cairá morto – sussurrou a voz em seu ouvido. Kartu não se moveu, sentindo suas mãos serem removidas dos ombros de Nonna e a menina ser levantada, ainda dormindo.

– Não a machuque! – disse Kartu, quando a mão foi retirada de sua boca. A única coisa que ouviu foi uma batida seca, antes que as duas sombras deixassem a cela e fechassem a porta.

Ele estava só na escuridão, outra vez.

Nonna sonhava que estava dormindo no colo de Fenris. O sonho parecia tão real que, quando acordou, pensou sentir o cheiro do pelo de Fenris. Ela não acreditou ser verdade e temia mais uma vez abrir os olhos para a escuridão e o cheiro mofado. Embora a companhia de Kartu fosse agradável e o guerreiro esfarrapado tentasse ao máximo confortá-la, o sonho era muito melhor. O medo da realidade impediu que Nonna

acordasse. Logo, porém, ela notou que algo mudara. Ela não sentia o chão frio de pedra, e sim um piso de madeira. Os cheiros não voltavam, ao contrário, eram substituídos pelo aroma de pão recém-assado. Nonna abriu os olhos e percebeu que dormia ao lado de Fenris.

– Fenris! – gritou e o grito foi seguido por muitas vozes e passos vindo correndo em sua direção. Olhando em volta, notou que estava de novo na estalagem. Ela dormira no chão, ao lado de Fenris, e não sabia se tinha tido apenas um pesadelo. A verdade foi revelada ao tocar na cabeça. Alhena colocara uma gaze limpa sobre o corte inflamado, além de musgo sob o curativo, que ajudaria a cicatrizar a ferida mais rápido. Para sua felicidade, Nonna também notou que sua adaga estava a seu lado.

Abraçada a Fenris, começou a contar a Sigwulf e os outros o que ocorrera.

Sigwulf não precisou ir falar com Steinarr, seus homens asseguraram que o contato fosse feito, invadindo a estalagem, logo no início da tarde. Alhena e os homens que haviam se reunido em volta de Nonna se levantaram, com calma, para observar os guerreiros correndo com armas e as armaduras tilintando ao subir as escadas para o primeiro andar. Fahd estava prestes a tirar as duas armas de debaixo da capa e foi detido por Sigwulf, com um sinal:

– Agora não, Fahd – disse ele, enquanto o primeiro dos homens de armadura corria para o quarto de Nonna. Os guerreiros mostraram as armas e um deles parou na frente de Sigwulf. Embora tentasse esconder a ansiedade, até Nonna percebeu que ele estava nervoso.

– Temos ordens de levá-los ao forte.

– Para a masmorra ou para conversar?

– A ordem é para levá-los para o saguão, diante do chefe... sem armas.

Contrariado, Sigwulf sorriu, de galhofa:

– Sem armas... E a garota? Ela está ferida.

– Ela também, agora!

Sigwulf respirou fundo, olhou fundo para o guerreiro e se virou para o grupo:

– Vocês ouviram o que o homem disse, deixem as armas e vamos até lá.

Sigwulf e o restante de seu pessoal desceram as escadas, guiados pelos guerreiros. As pessoas reunidas no salão da estalagem se viraram para olhar para eles, com extrema curiosidade. Os homens que haviam feito parte das tropas de Sigwulf estavam prestes a pegar as armas ao ver o líder apreendido e, outra vez, um pequeno sinal dele lhes avisou de que ainda não seria preciso. Então, ficaram em pé, esperando que os homens de Steinarr e seus prisioneiros saíssem e, já armados, seguiram o grupo para perto do forte, ficando junto ao portão. Um deles tomou um cavalo emprestado do estábulo e galopou para fora do vilarejo, para pegar o grupo que se escondia fora, as bestas do gelo, sempre prontas para lutar.

Nonna se sentiu deprimida ao reentrar pelo portão do pátio do forte. Ele foi fechado com um enorme estrondo. Havia mais pessoas no pátio do que antes. Todos os homens estavam armados e olhavam para eles, em ameaça. Nonna procurou conforto na mão de Alhena e no pelo de Fenris.

Eles foram levados pela porta principal da torre central, aquela na qual Nonna pretendia levar o menininho em segurança, dias antes. Entraram em um corredor pouco iluminado que se ramificava em uma passagem que levava para a torre e mais dois caminhos. Ela sentiu um cheiro sombrio ao redor, um odor que a fazia lembrar da masmorra e, também, da lareira de sua casa. Portas duplas se abriram e adentraram em um saguão quadrado, no meio da torre.

O saguão estava bem iluminado. Havia mesas longas, bancos empurrados contra as paredes e, do lado oposto da porta, uma enorme lareira acesa. Nonna podia sentir o calor da lareira da porta, apesar de ela estar a uma dezena de metros.

Steinarr estava em pé, ao lado da lareira, com armadura de cota de malha e, para o horror de Nonna, havia um machado de terrível aparência encostado contra a parede, com um cabo longo que lembrava um utensílio de um lenhador, só que com a lâmina muito mais larga. Uma das mãos de Steinarr estava sobre o objeto.

Dois homens ladeavam Steinarr, sendo um deles um velho magro com uma capa preta e um pentagrama, o símbolo do inferno, pendurado no pescoço. O sacerdote de negro olhou para todos, em especial para Nonna, com explícito desprezo, como se estivesse dizendo com os olhos que Nonna já estava condenada a um terrível destino e à perdição eterna. Sacerdotes que adoravam o Senhor do inferno eram raros tão ao norte, pois, em geral, ficavam em torno da região de Caldia, pregando sua severa religião da escuridão. O povo de Noridium não gostava da mensagem sem esperança daquele tipo de religião. Por isso, vários deles haviam sido mortos ao ousar sair de seus fortes, insistindo com suas pregações. Quase sempre, o povo sabia dos poderes sobrenaturais que eles possuíam, com os quais podiam prejudicar um adversário de forma terrível, o que era assustador. Ao que parecia, Steinarr do Vale do Ferro, deixando aquele sacerdote entrar para pregar, talvez tivesse ele próprio se convertido para aquela religião.

Ao lado do homem de negro, havia outra pessoa, mais nobre, vestida de roupas vermelho-sangue. Tratava-se de Vermgard, que estivera na estalagem com a esposa e os filhos gêmeos, duas noites antes. O homem olhou sem expressão para Nonna, que começou a ficar ansiosa e assustada, com Alhena a apertar mais sua mão, encorajando-a.

As portas se fecharam, com força, e todos ficaram em pé em frente à lareira.

Sigwulf foi o primeiro a falar. Nonna pensou que a atitude seria atrevida e que, por alguma razão, havia poucas coisas que ele não ousaria fazer:

– Sim? – perguntou Sigwulf, dirigindo-se direto para Steinarr.

Este não deixava de tocar no cabo de seu machado. Transportando o olhar de Nonna para Sigwulf, começou a falar com voz agressiva e rangendo os dentes:

– Sete de meus homens foram feridos e você é responsável por isso. Você invadiu meu forte e deixou minha prisioneira escapar. Somente pela invasão posso pedir que suas cabeças culpadas rolem...

Steinarr respirou fundo e olhou devagar para Vermgard e para o sacerdote, com demasiada calma. Era claro que ele tivera de fazer algo contra sua vontade:

– É verdade que a garota foi aprisionada... sem necessidade, só que agora é culpada de fuga e você por auxiliá-la e ferir meus homens. Embora meus convidados solicitem que a garota seja solta, exijo que você me mostre quais dentre vocês invadiram o forte ou que o líder do grupo assuma responsabilidade pelo ato.

O sacerdote segurou seu cetro com as mãos, assumindo uma postura ainda mais arrogante. Nonna olhou para Sigwulf e notou que ele escondia um sorriso. Levou um tempo até que este falasse de novo:

– Então você percebeu que cometeu um erro? As consequências da captura de Nonna serão tratadas mais tarde. No que se refere a ferir seus homens, nego que algum de nós seja culpado de algo ilegal. Você é culpado de ter capturado uma pessoa inocente – nós apenas tomamos um dos nossos de volta. Você não tinha direito algum de aprisionar Nonna em sua masmorra fedorenta e lhe dei uma oportunidade de resolver o assunto, sem usar força. Você, meu querido Sr. Steinarr, não deu ouvidos à razão na ocasião, ao contrário, negou tudo e foi por isso que invadi seu forte.

– Como ousa? – Steinarr agarrou o cabo do machado e sons frios de armas tilintando foram ouvidos em volta do grupo.

– E agora está preparado para levantar as armas em seu próprio forte contra meus convidados desarmados. Tsc, tsc. – disse Sigwulf, em tom irritante de repreensão, sem traço de nervosismo. E virou os olhos para o visitante de Steinarr:

– Vermgard, Nonna salvou seu filho do frio – o agradecimento é este? Sei que você tem poder de intervir de maneira mais acintosa no assunto. Ou não?

Após hesitar um pouco, Vermgard esticou a mão para a arma de Steinarr e, com calma, abaixou-a:

– Deixe que a garota conte sua própria versão dos eventos – disse ele, com uma voz tão tranquila quanto a de Sigwulf.

Nonna não tinha medo de nada, exceto dos olhares de ódio de Steinarr e do sacerdote, quando Alhena a fez ir para a frente. Vermgard cruzou os braços e ouviu Nonna contar o que acontecera duas noites antes. Quando ela chegou à parte da criatura-lagarto e dos lobos, o sacerdote sorriu, virando os olhos em descrença. Steinarr suspirou com raiva quando ela terminou. Falar sobre os acontecimentos fora um pouco demais para Nonna, que se sentia tonta e com extremo cansaço. Alhena puxou-a para perto e Fenris colocou o focinho debaixo de seu braço.

Embora Steinarr não parecesse acreditar em nada que ouviu, ficou calado.

– Meu filho está com febre alta e, portanto, não pôde contar o que se deu na própria noite em que a garota foi aprisionada. Hoje, porém, explicou à mãe alguns eventos que parecem inacreditáveis, e que são exatamente os que você contou.

Vermgard falou com voz séria, tirando o sorriso do rosto do sacerdote e de Steinarr. Fez uma curta pausa contemplativa e se virou para falar com Steinarr:

– Peço-lhe, com seriedade, que a liberte e retire todas as outras acusações.

– Mas... a soltura de um prisioneiro... e meus homens...

Vermgard interrompeu as objeções de Steinarr com um gesto com a mão. O olhar no rosto de Steinarr era um misto de descrença, ódio e desespero:

– Está certo. Vocês estão livres das acusações, porém nunca mais quero ver qualquer um de vocês depois disso – disse, com desgosto. O sacerdote estava prestes a abrir a boca para ir contra sua opinião, entretanto, engoliu as palavras.

– Você não precisa se preocupar com isso, Steinarr, sua hospitalidade não nos motivaria a ficar mais – comentou Sigwulf, com tom rude e indiferente.

Havia algum tempo, Nonna refletia sobre a conversa e os acontecimentos. Concluía que Steinarr havia se comportado como uma criança e estava irritada com o machado em sua mão e com a arrogância

do sacerdote. Uma ideia lhe viera à cabeça. E, em determinado momento, não escutava mais o que os outros falavam, juntando coragem para expressar a própria opinião. No fim, não pôde se conter e, soltando a mão de Alhena, dirigiu-se a Vermgard:

– Sr. Vermgard... – disse-lhe, desajeitada. O homem olhou para Nonna e fez um gesto com a cabeça, como alguém que questiona. Todos se calaram e o sacerdote a olhou, torcendo o nariz, com desprezo. Ela pediu permissão para lhe falar a sós e eles se afastaram dos outros.

– Teria sido meu o prazer de falar com você, Nonna. Quero lhe agradecer por ter salvado meu filho e contar algo que deve ser mantido em segredo, concorda?

Nonna assentiu com a cabeça e o grande Vermgard se agachou diante dela, dirigindo-lhe as palavras para que fossem ouvidas apenas por ela:

– A criatura-lagarto que você viu é o animal de estimação e guardião de meu filho, Aelferd. Ele é um wurm muito jovem e é provável que nos tenha seguido em segredo, desde Thurian. Ele não ousaria vir ao forte, porém Aelferd parece ter sentido que estava próximo e foi semiadormecido procurá-lo, sem saber o que fazia. Se você não tivesse notado, Aelferd teria congelado até a morte. Sinto muito pelo modo como as coisas se deram, mas agora está tudo bem. Serei eternamente grato a você, então, se houver alguma coisa que precise, fale-me, por favor.

Nonna duvidava que conseguiria algo que quisesse, no entanto, por alguma razão, só uma coisa lhe parecia importante naquele momento:

– Bem... de fato, pode haver uma coisa. Quando estava na masmorra, havia outro prisioneiro, chamado Kartu. Suspeito que ele também seja inocente. Gostaria que ele fosse libertado.

Vermgard olhou para Nonna, sem acreditar:

– Quer dizer que a única coisa que você deseja é que aquele prisioneiro seja libertado? Você não quer nada para si?

– Bem, gostaria que explicasse o que é um guardião, quando falamos de um animal de estimação.

Vermgard parecia confuso:

– É um animal, ou ainda, uma criatura com uma conexão profunda e íntima com alguém. A conexão pode ser tão íntima que a pessoa em questão pode viver a experiência do animal e até usá-lo como olhos e ouvidos, para enxergar e escutar aquilo que acontece perto dele.

– Ouvi dizer, há tempos, que Fenris, o urso do gelo, seria meu guardião.

Vermgard se virou para ele por um instante e, em seguida, retornou:

– Pode ser, ursos do gelo são criaturas extraordinárias, pelo menos aqui. A conexão se aprofunda com o tempo e há também meios de reforçá-la, como magia. Bruxas usam encantamentos para se conectar com um animal ou uma criatura, há coisas estranhas assim. O melhor, porém, é quando a conexão é inata.

Atrás deles, podiam-se ouvir tosses impacientes. Vermgard tirou um anel de seu dedo e o deu à Nonna. O anel era de seu dedo médio e tão grande que ela não conseguia mantê-lo nos dedos.

– Você pode, por exemplo, colocá-lo em uma corrente em volta do pescoço. Bem longe ao sul, além do mar, há o reino de Thurian. Se um dia estiver por lá, eles reconhecerão o símbolo e você poderá nos encontrar. Será bem-vinda a qualquer hora. Em relação à soltura do prisioneiro, prometo que cuidarei disso hoje. Na verdade, não entendo o motivo disso, porém você deve ter suas razões. Agora, vá.

Nonna agradeceu, tomou o anel em sua mão e se virou para partir, mas Vermgard a segurou pelo ombro:

– A propósito... Sigwulf, ele é um amigo seu?

– Acho que sim. Encontrei-o há apenas alguns dias. Por quê?

Vermgard pareceu contemplativo e surpreso:

– Acho que você tem um amigo muito especial. Fale para ele, em algum momento, que é ótimo que tenha voltado. Vá agora, seus amigos estão esperando.

Vermgard empurrou Nonna e se levantou. Por um instante, seus olhos encontraram os de Sigwulf. Vermgard fez um gesto silencioso com a cabeça e Nonna compreendeu que os homens dividiam algum tipo de segredo. Contudo, ao ouvir Alhena chamando, esqueceu o assunto.

Ela caminhou sem pressa, segurando o anel, na direção de Fenris e Alhena. As portas foram abertas e, liderados por Sigwulf, todos saíram com calma do salão rumo às escadas e ao corredor, acompanhados pelos olhares frios de Steinarr e do sacerdote. Tochas fracas ainda iluminavam o corredor. Nonna se sentia aliviada e tinha tempo de olhar um pouco em sua volta.

O corredor parecia sombrio e algo nas escadas do lado direito chamou a sua atenção, quando estavam prestes a sair para a noite fria e azul. Nonna se virou para a escadaria e ouviu uma mulher chamar por Aelferd, de algum lugar à distância, no andar superior, vendo, em seguida, o rosto estreito do menininho atrás do corrimão. Um garoto com a aparência cansada se sentou no canto da escada e olhou para Nonna, com o rosto sonolento. Ele havia sido vestido em roupas grossas de lã e parecia mais um boneco de neve do que uma criança. Notando o olhar de Nonna, o menino levantou a mãozinha e acenou, sorrindo.

Ela sorriu, respondeu o aceno e saiu com Fenris para a noite congelante.

Uma jovem no andar superior interrompeu a busca por seu filho febril, abriu um pouco a janela para o corredor e tentou olhar para baixo. Do alto, ela viu sair um grupo com um urso do gelo e uma garota ao lado. Algo a fez sorrir e, enquanto se perdia em pensamentos, não notou que o marido e o filho haviam se aproximado.

– Katerina, a garota é exatamente como você era...

Ela se virou, sorriu e fechou a janela. Olhou o filho e lhe acariciou o cabelo:

– O homem era aquele que você pensou ser?

Vermgard concordou com a cabeça e a mulher respondeu com um suspiro:

– Então tudo irá mudar. Espero que para melhor.

– Certamente.

O homem, com roupas vermelho-sangue, segurou a esposa pela cintura, levou o filho ao colo e os três subiram para o quarto e o outro

gêmeo, que acordava.

Pelas montanhas

SERRA SETENTRIONAL DE NORIDIUM

Mês de Invernia de 815

Em meio às poderosas montanhas, no dorso de Fenris, Nonna tinha o anel de Vermgard pendurado em seu pescoço, em um saquinho de couro, sob uma capa de peles. O trenó de Sigwulf deslizava a seu lado e, atrás dela, era possível ouvir os passos silenciosos das bestas do gelo e daqueles que marchavam sobre a neve macia. A paisagem ficava cada vez mais montanhosa e as últimas habitações haviam sido passadas, já fazia algumas horas.

O grupo deixara o forte de Steinarr naquela mesma manhã e foi rumo ao oeste, em direção a um vale, a partir do qual Nonna encontraria o caminho para Unha do Dragão. Ela perguntara a Sigwulf sobre o local e recebera informações pouco precisas e misteriosas, que a assustaram. Agora que as encostas acentuadas das montanhas estreitavam a estrada e até o sol no céu límpido parecia entregá-los para as sombras do vale, ela passava a pensar sobre o lugar em que ia – e a razão.

Sabia-se muito pouco sobre o Forte da Unha do Dragão. Muitos conheciam sua existência, ainda assim, poucos podiam lhe dar qualquer outra característica. O forte existia havia muito tempo, acreditava-se que seus fundadores tinham sido os dragões do gelo ou, em outras histórias, as bestas do gelo. Era governado – e sempre o fora – por uma mulher tida como uma bruxa assustadora e poderosa e ninguém ousava entrar em seu território sem um bom motivo. Daí a região em seu entorno ser um território desconhecido. Sigwulf dissera que o forte sempre fora importante

para Noridium. Disse que a Bruxa do Gelo, a governante de Unha do Dragão, era uma das feiticeiras mais poderosas de toda Noridium, cujo rei, Eymund, considerava suas opiniões e seus atos com muita seriedade. As bestas do gelo haviam dito que a Bruxa do Gelo era a única pessoa com quem concordavam negociar e que, por isso, o Forte da Unha do Dragão era o único ainda intocado na fronteira de Noridium e da Terra do Gelo. Além de tudo, por lá havia ursos do gelo gigantescos, considerados seres sobrenaturais. De fato, as tropas mais temidas do rei de Noridium eram o pequeno exército de Unha do Dragão, cujos atrozes guerreiros eram ajudados por ursos do gelo arreados. Aquele exército jamais desistiu de uma batalha.

Nonna estava com medo de um rumor sobre o desaparecimento de pessoas naquela área, sem deixar vestígios e ninguém saber o porquê. O lugar e seu poder eram temidos. As crianças tinham pavor de histórias sobre a Bruxa do Gelo e não houve alguém no forte de Steinarr que estivesse certo do caminho até lá. Falou-se apenas que ao norte, em volta de um vale escuro, íngreme e estreito, talvez houvesse uma estrada que levasse a Unha do Dragão. Apesar de poucos terem tido a audácia de colocar os pés naquele caminho, se visto, ele seria reconhecido.

Sabendo que precisaria de coragem para enfrentar aquela estrada com Fenris, Nonna deu um suspiro profundo. Sigwulf a levaria para o início da trilha, seja onde fosse, e continuaria sua viagem em direção ao oeste de Noridium e Barra do Ferro. Ela, por seu lado, teria de iniciar uma viagem que não podia nem imaginar o quanto longa seria.

O último raio de sol se manteve escondido detrás dos penhascos que ascendiam ao lado do grupo. A temperatura caía com rapidez e o frio sombrio atingia a todos no rosto. Afinal, eles haviam chegado ao vale.

Sua melhor descrição era a de um simples corte entre montanhas. De cada lado, penhascos cinza-escuro retos, que ofereciam um caminho de uma dezena de metros de largura – ou quase isso, no qual se podia andar. Ao pé das encostas, cresciam abetos robustos, alguns muito curvados em direção ao centro do vale e outros que pareciam cair diante deles. Por todos os lados, neve cobrindo rochedos afiados, entre os quais, Sigwulf andava

em zigue-zague em um trenó puxado por renas. Dois outros trenós o seguiam e alguns homens marchavam a seu lado.

O vento uivava entre os abetos. Ele parecia ganhar força e rodopiava aqui e ali, balançando velhas árvores com tanta força que seus troncos estalavam e gemiam com o movimento. Do alto, gritos em baixa frequência dos corvos eram ouvidos, fora isso, silêncio total. Nem os membros do grupo conversavam. Quando Nonna olhou para os outros, notou que todos fitavam os precipícios, atentos. As bestas do gelo haviam tomado espetos de gelo nas mãos, prontos para uso, e até Fahd tirara seu arco-curto e o equipara com a flecha de caça. Nonna também notou a atmosfera opressiva e pensou ouvir algo caindo do alto. Pequenas pedras voavam para o fundo do vale. Fenris levantou a cabeça para cima.

– Hurgs ou trolls – sussurrou Sigwulf, diminuindo a velocidade do trenó.

O medo dela aumentou. A escuridão crescera e logo ficou tão escuro que Sigwulf parou o grupo, ordenando que se acendessem grandes tochas e que outras, pequenas, fossem colocadas de cada lado dos trenós. Logo, podiam-se ouvir os ruídos feitos pelas tochas das bestas do gelo. As chamas iluminavam o vale ao redor. As bestas do gelo seguiram na frente.

Sigwulf sussurrou para Nonna que um grupo muito pequeno de hurgs e trolls não teria coragem de atacá-los, desde que as bestas do gelo estivessem com eles, havendo o risco de serem alvo de flechas e pedras arremessadas pelos inimigos.

Ela, porém, não imaginava o que esperava por eles e o que teriam que enfrentar a seguir. A reputação da região acabou se tornando realidade.

O primeiro sinal de perigo surgiu após cerca de duas horas no vale. Atrás do grupo, à distância, ouviu-se um gemido trêmulo, seguido por um estrondo. Sigwulf ordenou que todos parassem e que um de seus homens voltasse para ver o que acontecera. Este regressou rápido e disse que a estrada fora bloqueada por vários abetos caídos e que em volta deles havia pegadas de hurgs. Seria impossível contornar os abetos e levaria horas para limpar a estrada. Sigwulf sabia o que isso significava. Alguém os forçava a ir

adiante e, era muito provável, uma batalha os aguardava, mais cedo ou mais tarde.

Insegura, Nonna viu os homens colocarem seus elmos. Alguns agarraram espadas ou machados e escudos de formatos diferentes, enquanto outros deixaram seus arcos e arcos-cruzados prontos para ser usados. Sigwulf ordenou que Nonna descesse das costas de Fenris e andasse, pois se algo acontecesse, seria melhor que o urso estivesse sozinho e, portanto, em melhor condição de defendê-la. Nonna ficou surpresa quando Alhena tirou um pacote colorido do meio de outras coisas no trenó e, de debaixo dele, uma espada curvada afiada, pulando do trenó, em seguida, para ficar a seu lado. A mulher portava um escudo amarelo-vivo, que parecia ser leve o bastante para carregar. Ela o segurava no braço esquerdo, ao lado de Nonna. Mais adiante, viam-se as chamas azuis das tochas das bestas do gelo. Após analisar a situação por um momento, Sigwulf ordenou que prosseguissem, com cautela.

Nonna estava chocada com o fato de que estavam a apenas algumas horas de viagem do forte de Steinarr e, ainda assim, já se deparavam com um território tão hostil e ameaçador. Alhena andava devagar, com passos leves, entre ela e Fenris. Nonna percebeu que Ferenck havia desaparecido do grupo.

Seus temores logo se tornaram verdade. Mal haviam andado alguns minutos quando a estrada foi bloqueada por um enorme tronco de árvore. O silêncio predominava, apenas os corvos podiam ser ouvidos, ao longe.

Sigwulf sabia que devia esperar por um ataque e reagiu rápido.

– Coloquem fogo! – gritou para as bestas do gelo, que, de imediato, jogaram as tochas sobre os galhos. Ouviu-se um som parecido com um enxame.

Flechas pretas surgiram das árvores, algumas atingindo as bestas do gelo e, outras, as renas. Alhena puxou Nonna para trás e levantou o escudo na hora exata. Duas flechas entraram no escudo com tanta força que suas pontas o atravessaram. Para seu horror, Nonna percebeu que uma das flechas atingira Fenris e que duas das renas haviam caído em frente ao

trenó. Depois disso, tudo pareceu tamanho caos, que Nonna não conseguiu acompanhar o que acontecia.

Criaturas negras, com braços e pernas compridos e cabelos longos trançados, pularam de detrás das árvores. Seus olhos brilhavam sob a luz das tochas, alguns seguravam arcos e, outros, sabres de lâmina curvada. Alguém gritou:

– Hurgs!

Cerca de vinte deles haviam aparecido em frente às bestas do gelo, no instante em que flechas começaram a cair sobre eles, por trás. Alhena empurrou Nonna contra o penhasco e a protegeu com o escudo de mais algumas flechas, embora os hurgs as dirigissem para outro alvo. As bestas do gelo receberam a maioria delas que, para a decepção dos hurgs, ricocheteavam em uma pele grossa e dura. Em um piscar de olhos, as bestas ergueram tacos cheios de espinhos. Os homens que antes seguravam arcos e arcos-cruzados atiraram flechas, derrubando alguns hurgs do grande tronco de árvore para o chão coberto por neve. Jogando os arcos no chão e agarrando machados e lanças com rapidez, eles formaram um círculo de defesa em torno do trenó. Alguns hurgs passaram rolando pelas bestas e Nonna viu que pelo menos uma dezena daquelas criaturas corria atrás deles. O medo dela pareceu se transformar quase em pânico. Ela se lembrou de um medo similar quando fora capturada pelos homens de Gerhard, sentindo que não conseguiria fazer nada. Retirou a adaga da cintura e viu que Fenris rugia diante dela, com uma flecha no pelo. O animal nem dava atenção para a ferida, apenas parecia não saber qual hurg atacar primeiro. E não precisou esperar muito tempo.

Atrás de Alhena, Nonna observava o que acontecia. A antiga escrava não se aproximava, ao contrário, mantinha-se um pouco afastada, pronta para defendê-la.

Hurgs lutavam com ferocidade com as bestas do gelo enraivecidas, que não conseguiam se equiparar a eles. Toda vez que os tacos cheios de espinhos das bestas do gelo acertavam um hurg, cinco outros saíam voando.

Apesar do terror, a menina admirava a habilidade que os homens de Sigwulf mostravam. Estava impressionada com a ausência de medo dos homens, que não hesitavam por um segundo. Fahd lutava com uma espada em cada mão, movendo-se rápido e com agilidade. Ele se defendia com uma espada e atacava com a outra. Nonna viu que Ferenck havia subido no penhasco e de lá atirava flechas com um pequeno arco e, um por vez, muitos hurgs caíam sobre a neve. Sigwulf andava com passos confiantes e vigorosos, golpeando a espada como um homem ensandecido, mais rápido do que o olhar podia acompanhar. Seus cães lutavam ao lado do dono, pulando e mordendo os hurgs. Não havia sentido em acertar os cães, eles eram rápidos demais. Apesar da superioridade numérica, os hurgs logo estavam perdendo e a batalha começou a esmorecer.

Quando estava prestes a respirar aliviada, Nonna viu três estranhas criaturas saltando através do fogo.

Tinham a aparência suja, eram muito maiores do que os hurgs e traziam nas mãos grandes tacos de metal com espinhos. Não eram do tamanho das bestas do gelo, entretanto, eram maiores do que um homem grande. Seus corpos estavam cobertos por pedaços enferrujados de armaduras e os escudos contavam com símbolos coloridos, que faziam com que parecessem ainda mais misteriosas. Duas atacaram Sigwulf, com ferocidade e, para seu pavor, uma delas começou a correr em sua direção, com os olhos brilhando. Ferenck atirou uma flecha que acertou a armadura e ricocheteou para o alto e a criatura o alcançou, seguida de dois hurgs, que foram na direção de Fenris.

Ato contínuo, Alhena a empurrou ainda mais e partiu na direção da criatura.

Nonna ouviu as armas tilintarem umas contra as outras, assim como rugidos violentos de algum lugar muito longe, como se viessem além da névoa. A única coisa que viu foi Fenris e Alhena lutando com criaturas assustadoras.

Com excessiva confiança, dois hurgs atacaram Fenris, que rugiu, furioso, deu um passo para trás e pulou para a frente com as patas traseiras, no momento em que o primeiro hurg dava o bote. Fenris agitou a pata

dianteira e um dos hurgs voou para longe, caindo sobre a neve e gritando de dor. O outro golpeou Fenris com uma espada, acertando a parte superior de seu membro e cortando a flecha que lá estava cravada. Nesta hora, Fenris rugiu tão alto que o vale pareceu tremer, jogando o outro hurg para o chão.

A grande criatura verde e suja golpeava Alhena pela primeira vez. O bastão acertou com enorme força o escudo amarelo-vivo. Ela o chacoalhou e viu espetos do bastão atravessá-lo e pedaços voando para todos os lados. Apesar da força do golpe, Alhena saltou para o lado, com agilidade, levando a criatura a cair de cara. Porém, levantou-se rápido e se virou para um novo golpe. A seu lado, Nonna a viu, incrédula, erguer o taco diante de Alhena, que já não mais tinha seu escudo.

O bastão cheio de espinhos começara sua trajetória na direção de Alhena, quando algo parecido com uma tocha voadora acertou a criatura na cabeça.

A bola de fogo, de uma estranha cor vermelha, brilhava em torno da cabeça da criatura, ofuscando-a. Ouviu-se um estalo e ela, presa ao chão, balançou por um momento, despencando com um baque sobre a neve.

De imediato, Nonna viu Sigwulf erguido, ao lado do trenó, com duas criaturas negras e muitos hurgs mortos a seus pés. Ele esticou a mão na direção do adversário de Alhena e, por um curto instante, faíscas pretas, azuis, avermelhadas e raios emanavam dela. Ela percebeu que Sigwulf fora o responsável pela bola de fogo que destruíra a criatura.

Quando os poucos hurgs ainda capazes de lutar viram o que acontecera, fugiram sem um segundo de dúvida, desaparecendo do outro lado do tronco de árvore. A batalha havia acabado e Nonna sentia o coração batendo rápido. Alhena recuperou a espada da neve e olhou para Sigwulf, que já havia se virado para examinar as duas criaturas sobre o chão, virando uma delas com o pé.

– Trolls... – disse, com um tom condescendente, agarrando a garganta do que estava deitado à frente e arrancando uma corrente e um amuleto.

Nonna não estava interessada no amuleto e sim em Fenris, que caminhava para ela. Ao abraçá-lo e acariciar sua cabeça, viu o pedaço de

flecha enfiado em seu ombro. Por sorte, apenas um pouco de sangue corria do ferimento.

– Isso tem de ser retirado.

Alhena fora até Fenris e Nonna e colocara a capa. Ela se agachou ao lado do urso e examinou o toco de flecha com os dedos.

– Devemos tentar fazê-lo. Ele não vai ficar bravo? – perguntou Alhena, com sua linguagem fragmentada.

A menina concordou com a cabeça e agarrou o pescoço de Fenris. Ela sabia que ele não ficaria bravo com isso, porém se assustou com seu rugido quando a mulher arrancou a cabeça de flecha negra do ombro do urso. Alhena caiu sentada na neve, empurrada por Fenris, que a olhou como a dizer que isso não se repetisse.

– Bem, está feito – ela falou, jogando a flecha fora. Nonna suspirou, aliviada.

O fogo ardia, iluminando todo o vale. O tronco de árvore que bloqueava a estrada estava pegando fogo e uma fumaça preta grossa subia alto até o vento a agarrar, rodopiá-la um pouco no lugar e depois levá-la.

Ferenck, Havard, que estava com um ferimento leve, Fahd e o resto do grupo se reuniram em volta dos trenós para falar sobre o que acontecera. Alguns dos homens se sentaram sobre a neve, fatigados, tiraram os capacetes e enxugaram o suor de suas testas. Nonna ouviu a conversa, exausta com o medo que sentira e percebeu que tremia de frio, que entrava nela. Sentiu nojo ao ver as criaturas negras sobre a neve e não queria nada vindo delas grudado no pelo de Fenris. Por isso, começou a limpar seu pelo, focinho e patas com a neve, para se livrar dos sinais de batalha, enquanto a conversa dos homens se perdeu em sua concentração.

Tudo de valor, embora não houvesse muito, foi coletado dos hurgs. Sigwulf ordenou que os amuletos fossem retirados de seus pescoços e atirados no fogo, repetindo o ato com a corrente que saía do pescoço do troll. Enquanto isso, outros estavam preocupados em recolher os objetos e acalmar as renas assustadas. Sigwulf veio até Nonna e se agachou diante dela.

– Sigwulf, o que foi aquilo? – perguntou, confusa, olhando para a mão de Sigwulf, de novo coberta por uma luva de batalha.

– Magia, minha garota...

– Não se tratava de fogo comum, não é?

– Não um fogo comum e, sim, um fogo negro...

– Não sabia que você conhecia magia, embora devesse ter adivinhado.

– Precisei fazê-lo e estou feliz que tenha conseguido em tempo. No entanto, prefiro não usar tal artifício.

– Por que não?

– Ela assusta as pessoas e não é bom mostrar tudo o que se sabe fazer. Às vezes, é melhor manter algumas das nossas forças em segredo, para que nem todos saibam sobre isso.

– E o que é aquilo, fogo negro? O que é?

Sigwulf riu:

– Hum... não sei como explicar, é frio e destrói tudo o que toca – Sigwulf pensou, antes de continuar. – Quando dragões do fogo, vermelhos, usam tal fogo, ele é chamado de fogo comum, os dragões negros usam seu oposto, negro. Alguns magos usam sua magia para invocar poderes similares, como fogo, gelo e demais poderes naturais.

Nonna parou para pensar no que ouvira. Ela lera sobre isso nos livros de Skafloc, agora tivera a chance de ver aquilo pela primeira vez:

– Posso usá-lo?

– Por que não? Se você quiser trabalhar para isso. O aprendizado leva tempo e você poderá queimar seus lindos cabelos com a prática. É pena que agora não tenhamos tempo para falar mais disso. Quando chegar ao seu destino, por que não pergunta mais sobre o assunto para a Bruxa do Gelo? Que tal?

– Elas conhecem o fogo negro? E os adivinhos?

– Adivinhos não o dominam, só lidam com espíritos. Bruxas... bem, depende da bruxa. O fogo negro está ligado à escuridão, então pode até ser que alguns consigam usá-lo, de fato. Suponho que a Bruxa do Gelo de Unha do Dragão saiba mais, pelo menos vale a pena perguntar, não é?

Agora vamos embora, o tronco já se queimou e a noite está chegando. Vamos tentar encontrar sua estrada antes de armarmos acampamento.

Nonna concordou com a cabeça e suspirou ao vê-lo se afastar. Então, lembrou-se de algo que Vermgard dissera para ela:

– Sigwulf!

Ele se virou e retornou até Nonna.

– Vermgard disse que você era uma pessoa especial para ser meu amigo. O que ele quis dizer?

Um sorriso largo surgiu no rosto de Sigwulf, que a olhou com ternura e se abaixou ao lado de seu ouvido:

– Só Vermgard sabe o que ele quis dizer.

– Vocês se conhecem? Vocês falaram a língua dos dragões na estalagem, não foi? Vermgard é do clã dos dragões, não é?

Sigwulf escancarou seu sorriso e tocou de leve nos cabelos da menina.

– Ora, ora, ora, você é observadora! Sim, Vermgard é do clã dos dragões, mas não conte para ninguém. Se nos conhecemos? Hum... Digamos que conheça o amo de Vermgard. E, de fato, falamos a língua dos dragões.

– Como você a aprendeu? Ela não é falada somente pelo povo-dragão?

– Em geral, sim.

– Então você é do clã dos dragões???

Sigwulf apurou o olhar sobre ela, fazendo-a sentir penetrar o caminho até sua mente, como se perguntasse se podia confiar nela:

– De certa forma, sim, sou. Nonna, deve haver algo de muito especial em você. Estou realmente feliz de tê-la encontrado, só que precisamos seguir em frente, não precisamos?

Ela concordou, com expressão séria, pensando no que Sigwulf quisera dizer.

A noite caiu antes que o grupo conseguisse encontrar a estrada para o Vale da Unha do Dragão. Na noite já escura, Nonna e alguns outros se questionavam se haviam, em dado momento, passado pela encruzilhada.

Sigwulf decidiu montar acampamento, crendo que a estrada seria encontrada na manhã seguinte.

Todos temiam acampar em um vale estreito e escuro, com penhascos de ambos os lados com centenas de metros de altura a impedir que a luz da lua e das estrelas chegasse em seu fundo. Quando o céu ficou escuro como a noite, eles se fixaram em um local que consideraram o mais seguro. Os trenós foram empurrados sob uma saliência, junto com as renas, e Sigwulf ordenou que uma besta do gelo ficasse de cada lado do grupo. As bestas do gelo, cujos nomes ela, enfim, pudera compreender como Ubarc e Uruth, enxergavam à perfeição no escuro, assim, ficaram de guarda, afastadas do acampamento. Os guerreiros derrubaram um pequeno abeto, cortaram-no em pedaços e, em um piscar de olhos, havia um enorme fogo aceso no vale, em torno do qual o grupo se juntou para aproveitar um jantar simples e conversar sobre tudo que ocorrera. O vento acalmara e os ruídos do fogo só eram quebrados pelos sussurros dos homens conversando e, à distância, pelo uivo de lobos e o som de algumas corujas solitárias, piando.

Havard afinava seu alaúde. Ele começou a compor uma canção para heróis sobre a batalha ocorrida naquele dia. Enquanto todos o ouviam, em silêncio, ele reviu a música e a letra em sussurros e, às vezes, cantarolando.

Fenris se deitava ao lado de Nonna, satisfeito e cansado. Ela lhe dera todo o conteúdo da sacola que havia recebido dos gnomos, que (foi difícil acreditar!) estava cheia de peixe seco naquela noite. O urso adorou. Naquele momento, ele olhava as pessoas sentadas junto do fogo e as escutava conversando em voz baixa. Sentia-se um pouco estranho. Algo de muito tranquilizador entrara em sua mente pela primeira vez, desde que chegaram ao vale. Sempre que fechava os olhos por mais tempo, via lembranças distantes e sensações, como se já tivesse estado em um lugar parecido antes. Aquilo ia ficando cada vez mais forte, como se algo estivesse chamando para se aproximar ou para ir adiante. Calmo e satisfeito, Fenris aninhou a cabeça sobre a neve entre as patas e fechou os olhos.

A noite se passou, sem sustos. Nonna dormiu em um trenó, sem acordar nenhuma vez e, pela manhã, não se lembrava dos sonhos que tivera.

Ela acordou Alhena, sacudindo-a com delicadeza, e abriu os olhos para a madrugada escura, que nem parecia manhã. Podia-se sentir o odor da fumaça da fogueira que se apagava, por todas as partes. Nonna cheirou o próprio cabelo e constatou que estava impregnado daquilo.

– O sol está nascendo – disse Fahd, às costas de Nonna.

– Alguma coisa aconteceu durante a noite? – perguntou ela, virando-se para o homem de capa preta.

– Na verdade, não. Uruth capturou um hurg que se aproximara do acampamento e mais adiante parece haver uma alcateia. O dia será frio.

Ela se espreguiçou e bocejou, pulando, em seguida, do trenó e aceitando uma xícara de chá servida por Alhena. Fazia dias que Nonna vinha tomando bebidas quentes feitas pela mulher, que a faziam pensar o quanto era estranho conseguir tantos sabores diferentes a cada dia. Ela sabia que o equipamento para fazer o chá estava escondido no trenó, pois o aroma atravessava os couros, chegando aos bancos. As tarefas da manhã foram feitas com rapidez e, logo, o grupo inteiro estava se movendo adiante, no vale sombrio e silencioso.

A encruzilhada passaria despercebida, se Fenris não a notasse.

O urso do gelo caminhava absorto em seus pensamentos e em seu próprio ritmo na primeira porção do grupo, com Nonna caminhando a seu lado. Sonhos confusos da noite anterior não paravam de se repetir na mente do animal, como o de estar correndo em um campo de gelo com um grande bando de ursos do gelo. Um deles lhe pareceu a figura mais incomum e, também, a mais poderosa e Fenris sabia que tivera, pela primeira vez, um sonho com sua mãe.

Perdido em seus devaneios, ele caminhava sem prestar atenção no resto do grupo, quando, de súbito, suas ideias foram interrompidas. Ele tomou um susto tão grande que acabou parando para observar.

A reação de Fenris foi tão estranha que Ferenck, que vinha logo atrás dele, percebeu. Alerta, ele olhou em volta e viu um enorme abeto caído que escondia um canal aberto.

– Parem! Há algo aqui! – gritou, pulando o tronco de árvores, mais rápido do que nunca. O resto do grupo ficou parado em seus lugares e os homens seguiram Ferenck. Nonna e Fenris ficaram esperando, à parte.

– Com certeza há algo aqui... um cânion, o abeto caiu à frente – disse Ferenck, arrastando-se entre os galhos cobertos por neve para subir no tronco e desaparecer por trás dele. Após alguns instantes, os outros ouviram alguns ruídos, seguidos de uma batida e de Ferenck praguejando com raiva. Os homens eram grandes demais para seguir e ficaram esperando na lateral do vale. Nonna notou que eles haviam pegado as armas e que um deles examinava as raízes do abeto.

– A árvore foi cortada há cerca de um ou dois dias – disse o guerreiro que examinava as raízes, voltando para os outros e calçando as luvas. Sigwulf fez um sinal com a cabeça e todos esperaram o retorno de Ferenck. O abeto era colossal, grosso e denso, e seu tronco estava contorcido após ter crescido em um penhasco quase vertical. Era impossível ver o que havia atrás dele sem se olhar por cima, para checar se algo indicaria uma possível trilha.

– É aqui! A estrada para Unha do Dragão! – anunciou a voz feliz de Ferenck detrás do tronco. O coração de Nonna saltou. De imediato, Sigwulf ordenou que cordas fossem amarradas à árvore e, logo, o grupo, incluindo as bestas do gelo e as renas, estava puxando o tronco para fora da beira do cânion. Por fim, o tronco caiu com um estrondo e a neve voou para todos os lados. Atrás da nuvem de gelo estava um feliz Ferenck, no meio de um cânion estreito, com poucos metros de largura, impossível para um trenó, e escuríssimo. As paredes se pareciam com uma rachadura, embora sua entrada parecesse ter sido trabalhada havia tempos.

Nonna estava prestes a perguntar a Ferenck como sabia que o cânion levava a Unha do Dragão, quando este apontou para algo, mais abaixo.

Todos caminharam para o local apontado e viram duas colunas, pouco depois da entrada do cânion. Eram feitas de pedra, muito antigas e tinham

vários metros de altura. Seus corpos estavam decorados com sulcos verticais e cada uma terminava em uma estátua. Olhando por baixo, elas se assemelhavam a pequenos dragões, similares àquele que Nonna vira quando salvara o filho de Vermgard. Do alto, as estátuas pareciam observar a todos.

– Acredito que seja – disse Sigwulf, tocando as colunas. – Devem ter sido feitas há muito tempo e já tiveram um portão, que não existe mais... As estátuas parecem indicar que a estrada leva para um lugar. Espero que seja a Unha do Dragão e não um cemitério antigo. Estranho não haver qualquer tipo de símbolo.

Fenris passou empurrando os homens até o cânion e farejou o ar. Ele fechou os olhos. A sensação que tinha era a mais forte que já tivera. Sem abrir os olhos, percebeu o local, que lhe parecia familiar. E rugiu baixinho.

– É a estrada certa, pelo menos Fenris acredita que seja – disse Nonna, alegre, e também triste, pois isso significaria sua separação daquele grupo para uma viagem solitária da qual não sabia a duração.

Alhena, Ferenck, Havard e Fahd se aproximaram de Nonna e Sigwulf se agachou próximo dela:

– Pode haver todo tipo de coisa por lá. Você tem coragem de ir sozinha ou quer que um de nosso grupo vá com você?

A menina mordeu os lábios e pensou no assunto, enquanto sentia a mão de Alhena em sua cabeça:

– Terei coragem de ir, com Fenris... É meio assustador, mas estaremos bem.

Sigwulf esticou a mão fechada para Nonna e a abriu. Havia uma pequena estatueta na palma de sua mão:

– Leve isto. Se algum perigo a ameaçar, jogue na direção de seu adversário e diga em voz alta “ataque” ou “defenda”. Se disser ataque, ela irá atacar os que a ameaçam e se disser defenda, ela ficará e vai defendê-la, compreende? Não tenha medo, pode ser um pouco... assustador – sussurrou, em seu ouvido.

– O que é?

– Bem, é um objeto muito antigo e poderoso. Você pode usá-lo uma só vez, então, não o desperdice. E não diga as palavras por acidente quando o tiver em sua mão ou as consequências poderão ser... arrepiantes.

Nonna tomou a estatueta e a apreciou. Era muito lisa e se assemelhava com um cachorro sentado. Ela agradeceu Sigwulf e a pôs na bolsa pendurada em seu cinto, na qual guardava todas as coisas importantes e o pouco dinheiro que possuía.

– Muitos costumam carregar, bem próximo deles, algo que os lembrem dos deuses e dos espíritos e de sua presença ou um amuleto. Você tem um?
– questionou Sigwulf, já em pé.

Parando para pensar, ela sentiu o anel que ganhara de Vermgard em seu pescoço e o tirou para mostrar:

– Ganhei isto de Vermgard.

Sigwulf tirou as luvas e tocou o anel. Nonna notou que ele o fazia, enquanto pensava em algo:

– É bonito, só que não é um exemplo do que me referi. Falei de um amuleto relacionado aos deuses.

Desapontada, Nonna balançou a cabeça e voltou o anel de Vermgard para baixo de seu lenço:

– Minha mãe tem um amuleto do Deus da Natureza...

Sigwulf tirou algo do bolso, segurou a mão de Nonna e depositou um objeto, pendurado em uma corrente preta e fina, semelhante a uma unha ou um dente:

– Você decerto vai receber um desses, mais tarde, enquanto isso, já pode dizer que tem... E é um pouco diferente dos outros.

– É lindo! – Nonna admirou o pingente, que brilhava no escuro. Havia runas sobre ele, similares às que vira nos livros de Skafloc.

– São runas na língua dos dragões?

Sigwulf concordou com a cabeça:

– Mantenha-o escondido quando estiver em outro lugar. Uma pessoa que carrega tal símbolo não é bem-vista em todos os lugares. Aqui, no entanto, ele a faz lembrar dos deuses e dos espíritos em sua volta... e vice-

versa. Quando você o colocar em seu pescoço, ninguém mais pode tirá-lo de você, e...

Sigwulf se curvou de novo, próximo ao ouvido da menina:

– É um símbolo de uma religião antiga, o dragão negro está sempre com você, quando o usar. Apesar disso, sempre acredite em si, Nonna, você pode fazer qualquer coisa que quiser.

Ela pendurou o pingente no pescoço e o empurrou para debaixo das roupas. Sigwulf a abraçou com força e se levantou. Alhena foi a próxima a se despedir, com tanto carinho que Nonna sentiu os olhos se encherem de lágrimas. A mulher lhe deu um pequeno anel de ouro, que até servia em seu dedo indicador. Nonna viu que os olhos de Alhena estavam molhados e esta se virou, rápida. Por fim, Ferenck, Havard e Fahd vieram se despedir. Ferenck tirou as sacolas de Nonna do trenó de Sigwulf e as colocou sobre Fenris, fazendo-a respirar de alívio, pois quase as esquecia e os textos valiosos que carregavam. Fahd se inclinou diante de Nonna e lhe deu uma garrafa do tamanho de um polegar, cuja tampa tinha um selo azul:

– Leve isto, talvez possa precisar algum dia. Ele remove todos os efeitos de qualquer veneno. Teria alguns desses para você, também, porém algo me diz que sua natureza é diferente da minha. – Fahd tentou sorrir, deu-lhe um abraço hesitante e desejou uma boa viagem. Havard repetiu o gesto e disse que logo comporia uma música sobre ela e Fenris e a tocaria em todos os lugares.

– Foi muito bom conhecê-la, Nonna! Todos lhe desejamos uma boa viagem e a ajuda dos deuses. Espero que nossos caminhos se cruzem de novo e que tenhamos tempo para mais histórias e para nos divertirmos – disse Sigwulf, sério.

Nonna olhou para todo o grupo e, sem saber o que dizer, balbuciou:

– Obrigada a todos vocês, em nome de Fenris. Torço para que nos vejamos de novo, algum dia.

– Agora vá, Nonna, e não olhe para trás... – disse Ferenck, sorrindo.

A menina constatou que Alhena chorava, deu um profundo suspiro e se virou para Fenris. Segurando em seu pelo, pulou em suas costas.

E não olhou para trás ao mergulhar no frio solitário do cânion escuro...

Forte da Unha do Dragão

VALE DA UNHA DO DRAGÃO, FRONTEIRA SETENTRIONAL DE NORIDIUM Mês de Invernã de 815

Assim que Nonna saiu do cânion para um campo aberto, precisou fechar os olhos contra a luz. A neve branca imaculada refletia o sol e o campo aberto parecia continuar até a capacidade da vista. Junto aos limites mais longínquos do horizonte, ela podia ver os picos pronunciados das montanhas, ainda muito distantes. Diante de si, havia uma planície descampada, coberta por uma neve resplandecente e macia e, sobre ela, algumas pedras e blocos de gelo espalhados. Nada de árvores nem arbustos, montes ou colinas, apenas o vale de uma claridade esplendorosa, cujo relevo só era quebrado por uma construção.

O Forte da Unha do Dragão estava localizado no meio de uma planície de gelo. Para Nonna, ele não lembrava uma unha, e sim várias delas, brotando da neve. Parecia ter sido criado pela natureza. Era grande e irregular, como montanhas de picos pontudos com muros e torres. As partes mais altas quase atingiam o céu e as nuvens e, em volta das torres e picos altos, havia bandos de criaturas negras voando. Ela não sabia se eram corvos ou outra coisa, só via que eram muitos.

A distância até o forte era de cerca de dois quilômetros, por isso Nonna não conseguia enxergar nada bem definido. Era quase certo que não houvesse humanos, animais ou outras criaturas se movendo no entorno. Estava tão silencioso que os únicos sinais de vida eram as numerosas linhas de fumaça que subiam de dentro. O ar tinha cheiro de clima congelante e

de neve e, passado o cânion, o sol aquecia o rosto de Nonna de um modo quase maravilhoso.

Pelos últimos dois dias, eles haviam caminhado em silêncio pelo cânion escuro e sombrio, no qual apenas o grasnado dos corvos ecoava. Ela já sentia falta de Sigwulf, Alhena e dos outros e a última noite fora pesada e sem sono. Por outro lado, a saudade se tornou menos dolorosa após um sonho com a menina com a qual já sonhara tantas vezes antes. Desta vez, contudo, ele fora mais forte dos que podia se lembrar, poderia jurar ter visto a garota, na escuridão da noite. A cobertura intocada de neve pela manhã, no entanto, atestou que aquilo não era verdade. Fora apenas uma fantasia maravilhosa.

Nonna olhou para Fenris, com dúvida. De um lado, a atmosfera era leve e haviam chegado ao destino, por outro, tudo se mostrava deserto, vazio e assustador. Ela não estava certa se aquilo era o que desejava, afinal. Além da dúvida que crescia, mais do que nunca, multiplicava-se a saudade de casa. Não tinha certeza alguma se aquela estrada a levava mais perto ou ainda mais longe de sua mãe. Nada conhecia sobre a Bruxa do Gelo, fora seu nome, que a assustava. Fenris, claro, estaria lá para lhe apoiar, em uma região que parecia agradá-lo muito.

Dando um passo para trás, mexeu no pelo de Fenris, sem saber se deveria voltar para o cânion escuro e repensar o assunto. Como se os deuses tivessem sentido sua insegurança e tomado uma decisão, naquele preciso momento, ela notou algo no forte que lhe chamou a atenção.

Fenris também, soltando um rugido de alerta.

Ela parou, forçou a vista, inclinando-se para a frente com o coração batendo mais rápido. Alguma coisa deixara o pé da montanha e vinha na sua direção, em velocidade. De início, tratava-se apenas de um ponto, que desaparecia por trás dos blocos de gelo ao se movimentar. Quanto mais próximo chegava, porém, mais claro era para Nonna que três cavaleiros vinham a seu encontro. Bufando alto, pois não tinha mais a oportunidade de desaparecer de vista, Nonna arrumou as roupas e penteou os cabelos desgrenhados e cheios de nós, para ficar apresentável. Logo os cavaleiros estariam ali e não se sabia o que aconteceria.

A neve voava sob os cascos dos enormes cavalos negros. O cavaleiro central era o maior deles e ela pôde observar como sua capa preta balançava, acompanhando a velocidade feroz do cavalo. Nas laterais, vinham figuras um tanto menores, ambas segurando lanças com uma das mãos, com pontas que refletiam ao sol. Os cabos das lanças tinham pequenas bandeiras pretas estreitas, cujos sons ao vento eram fáceis de ser ouvidos. O trio se vestia de preto, com elmos ocultando os rostos. O do cavaleiro do meio parecia ter dois chifres curvos e pretos.

Quanto mais próximo chegavam, mais Nonna se encostava contra o pelo quente de Fenris. Ela sentia o coração disparado, porém, o profundo cansaço a impedia de ter medo de verdade. Resolveu apenas esperar que os cavaleiros viessem até ela para ver o que iria acontecer. Procurou pela estatueta dada por Sigwulf na bolsinha e decidiu pedir por “ataque” se fosse preciso. Em sua mão, ela começou a ficar quente, surpreendendo-a.

Os cavaleiros desaceleraram antes de chegar. As figuras que seguravam lanças pararam com os cavalos um pouco mais distantes do que o central. O cavaleiro maior e mais assustador trotava devagar e com nobreza, com o animal impaciente e ofegante. O cavalo era enorme, ela jamais vira algo como aquilo. Os pelos pretos brilhavam no sol, a crina densa estava trançada e o rabo cortado curto, ainda assim balançando à medida que se aproximava. Ele não parava de jogar a cabeça para a frente e para trás e de relinchar alto, deixando enormes nuvens de vapor para trás. Quando chegou perto de Nonna, ela notou seu olhar furioso e penetrante. Foi então que entendeu que ele não estava excitado de alegria, e sim pronto para uma batalha e o cavaleiro tentava, ao máximo, acalmá-lo.

Desviou os olhos do cavalo para o cavaleiro, que parara a poucos metros.

O homem vestia botas de couro reforçadas com cota de malha, calças de couro pretas com lâminas de metal como proteção. Na parte de cima, estava coberto por uma armadura de cota de malha preta e um elmo que cobria toda a cabeça. Apenas uma pequena fresta em frente dos olhos quebrava a superfície de ferro, porém ela não conseguia ver os olhos. Ele segurava as rédeas do cavalo rebelde com uma luva pesada de cota de

malha e Nonna reparou que em sua cintura havia a maior espada que já vira. Enquanto admirava a espada, deparou com outra coisa que a fez engasgar de medo. Sobre a sela do cavaleiro havia crânios lisos em correntes pretas, com um deles anexado em sua parte frontal.

O homem virou a cabeça no elmo e examinou a garotinha e o urso do gelo:

– Pronuncie seu nome para mim e o que está fazendo aqui – falou o homem de dentro do elmo, com uma voz que não deixava dúvida alguma.

– Sou Nonna, filha de Gunhilde e Radulf, descendente de Skafloc. Este é Fenris, meu guardião e amigo – disse Nonna, mais calma do que podia. Entretanto, notou que sua voz tremia.

– E qual a razão de sua vinda... Nonna, da família de Skafloc? – Ela ouviu um leve tremor, como um titubeio, naquela voz.

– Vim ver a Bruxa do Gelo, tendo sido aconselhada pelo espírito de Skafloc.

O cavaleiro aprumou a postura na sela. Colocou a mão na frente da sela e de detrás do elmo Nonna ouviu um som semelhante a risadas.

– De onde você é, garota?

– Do vilarejo de Praia Perdida, na costa.

O homem voltou a observá-la em silêncio, apertando a sela com as luvas. O momento foi desconfortante, com Nonna sentindo que estava sendo examinada. Apenas um leve vento trazia o granado de corvos à distância para seus ouvidos. As bandeiras nas lanças dos cavaleiros que esperavam adiante tremulavam ao vento.

– Você vem de longe. Bem-vinda ao forte da Unha do Dragão, Nonna e Fenris. Venham comigo – disse o homem, com uma mudança na voz para um tom caloroso que a surpreendeu.

Era como se ela tivesse chegado em sua casa.

Um portão de ferro se fechou com grande alarde e as travas voltaram trincando para seus lugares.

O cavaleiro negro lhe oferecera um lugar em sua sela, porém Nonna preferira caminhar com Fenris. O caminho até o forte levava pouco tempo,

chegando em um buraco no fim da ponte, no qual o portão começou a se abrir, com lentidão, à medida que se aproximavam. Ele era enorme e o mecanismo que o operava rilhava e rangia, enquanto chegavam a um salão iluminado por tochas.

Se fora do forte tudo era deserto e silencioso, seu interior movimentado e barulhento era o completo oposto. Os primeiros a vir dar as boas-vindas foram cães pastores, em grupo, que Fenris afugentou com um único rugido, fazendo-os se acalmarem para depois cheirarem e lamberem a menina. Um deles arrancou uma de suas luvas e saiu em disparada. Os cães eram enormes e os pelos cinza e grossos tinham um forte cheiro de fumaça.

Nonna e o urso estavam em um salão de dimensões razoáveis, que havia sido construído dentro de uma montanha. As paredes eram lisas e possuíam imagens e runas talhadas, que ela não conseguia decifrar. Havia grandes alças para tochas nas paredes, acesas com fogo estalando e soltando fumaça, criando uma luz agradável e quente. O chão era liso com lajotas e seco e, mais além, havia outro portão, que se encontrava entreaberto. O cachorro que levava a luva de Nonna correu pela porta com outros cães a segui-lo.

Do lado oposto ao que estava, havia um estábulo, com cavalos menores relinchando, ladeados por trabalhadores vestidos com roupas quentes. Mais perto, Nonna viu homens mais bem-vestidos com roupas de cores vivas, impressionantes. Eles não usavam armaduras e seus cintos tinham espadas de diferentes tamanhos. Os rostos eram cobertos de cicatrizes e todos traziam barbas bem feitas e cabelos loiros, trançados. Reparavam nela com estranhos sorrisos nos lábios. De algum lugar, ela ouviu mugidos e pensou também ter ouvido o balir de ovelhas, ao longe.

O maior dos cavaleiros desceu do animal, ainda bem agitado, e pisou no chão de pedra. Um tinir metálico foi ouvido quando as botas de ferro encontraram as lajotas. Um assistente logo recolheu o cavalo e Nonna o observou ser levado para algum lugar nos estábulos.

Quando o guerreiro retirou o elmo, ela atentou para seus olhos negros. Era o rosto mais rude que já havia visto em um combatente. Ele parecia ter

cerca de 50 anos. O rosto estava repleto de cicatrizes. Julgando pela aparência, o nariz fora quebrado diversas vezes. A barba preta esbranquiçada fora cortada em um pequeno cavanhaque e os cabelos brancos eram mais curtos e arrumados do que ela teria imaginado, pelo resto da aparência do homem. Os olhos pretos como carvão se dirigiram, brilhando, para Nonna, que reparou nas rugas naquela parte de sua face. Sobre a pele, olhando de perto, ela estranhou a presença de um leve lustro.

O homem se agachou em frente à Nonna e a bainha da espada arranhou o chão, fazendo um barulho desagradável. Tirando as luvas de guerra, colocou a mão no ombro de Nonna:

– Bem, não teria acreditado que tal dia chegaria ou que veria esse vestido de novo – disse o homem, caloroso e com um largo sorriso.

– O vestido... como você pôde reconhecê-lo?

– Ah, como sou mal-educado, só estou muito feliz. Deixe que me apresente. Meu nome é Asbrand, também conhecido como Cinza ou Unha de Urso. Você não deve reconhecer meu nome, talvez só tenha ouvido o nome de meu pai, Brand.

Nonna foi tomada por surpresa:

– Brand? Só conheço uma pessoa com tal nome. Mas...

– Imagino que também conheça meu avô ou pelo menos seu espírito.

Nonna não podia acreditar no que ouvia. Se o homem diante dela era o filho de Brand, então... Uma imagem de Skafloc partindo para a batalha, levando a mulher e seu filho, Brand, para longe do forte, cerca de mil anos antes, veio-lhe à mente.

– Skafloc era seu avô?

– Sim e você é, portanto, minha parente... De fato, não podia crer que o dia chegaria. Bem-vinda a meu lar! – O homem lhe deu um abraço apertado, levantando-a com alegria. Depois de muito tempo, Nonna se sentia segura como se estivesse com seu pai. Ela apertou a cabeça contra a armadura de ferro gelada.

Atrás da pequena porta do enorme portão havia um salão bem iluminado, com um buraco na parede alta que deixava entrar luz natural.

O sol forte iluminava o local e o salão fora construído de forma magnífica. As paredes eram cercadas por colunas finas que se curvavam no alto para segurar um teto luminoso. Nonna não sabia se o teto estava coberto de gelo ou de outra coisa, só que a luz solar cintilava sobre ele como estrelas no céu de uma noite clara. Partículas de pó dançavam nos raios largos de sol, flutuando, como se o ar não quisesse perturbar a atmosfera calma com seu movimento. As cores azul e cinza do salão lembravam paisagens de neve. Ela caminhou atrás de Asbrand para a outra extremidade do salão silencioso, passando por um grande pedestal, no qual havia um trono.

Asbrand a alertou de que o lugar que estavam prestes a entrar era um pouco assustador e que teriam de atravessá-lo, pois o caminho usual estava em um momento de manutenção. Nonna quis saber o rumo que tomavam e Asbrand lhe pediu somente que fosse paciente, dizendo que tudo seria revelado na hora certa. Asbrand socou a porta robusta.

– Não tenha medo, Nonna, apesar de tudo, somos seus amigos.

Ela ficou aterrorizada com a criatura que abrira a porta. Fenris rugiu, feroz, e somente o acalento de Asbrand conseguiu acalmar a fúria do urso.

Um hurg armado até os dentes olhou para ambos com os olhos vermelhos brilhantes. Era a segunda vez na vida que ela via um monstro como aquele e, sem aviso, teria se assustado de um modo terrível, ainda mais depois da experiência da noite anterior. A pele irregular, verde e marrom, estava coberta por peles, couros e diferentes pedaços de armadura e uma espada e duas adagas estavam penduradas em seu cinto. Com uma mão forte e enorme, mantinha a porta aberta e, com a outra, segurava um martelo incandescente. Nonna viu que a criatura tinha unhas tão afiadas quanto facas. O rosto, entretanto, era o que havia de mais assustador. Ele tinha um grande nariz, em forma de gancho, a testa baixa e um queixo muito robusto. A abertura da boca era preenchida por uma fenda estreita sob o nariz de falcão e quatro dentes afiados saíam de seus lábios. De cada lado do nariz, olhos vermelhos ardentes fitavam Nonna. Tinha uma cabeleira de um negro profundo, grossa e cheia de nós, trançada de cada lado da cabeça e um estranho sorriso:

– Asbrand, que bom ver você, entre. Quando vão consertar as escadas?

– Logo, Goyr. Esta é Nonna, uma parente minha. O urso é seu amigo, então, recomendo-lhe que tome cuidado com ele.

– Seja bem-vinda, Nonna. Belo urso... É da família do Focinho de Sangue?

– Focinho de Sangue? – exclamou Nonna, impressionada com a pronúncia clara do hurg. A voz da criatura era áspera, embora contivesse um tom educado, até amigável. Ela sempre considerara os hurgs como grandes inimigos, monstros, por isso estava confusa. Após o ataque no cânion, era ainda mais difícil associar o comportamento amigável com a criatura ali, e ela fez um esforço, por Asbrand.

– Nonna e Fenris terão a oportunidade de conhecer Focinho de Sangue, há tempo para isso. Acho que ficarão aqui por bastante tempo. Nonna, Goyr é um hurg ferreiro. Ele pode criar qualquer coisa com o ferro. Se você precisar de alguma coisa, peça para ele, mais tarde. Goyr, estamos indo agora, voltaremos quando tivermos mais tempo.

O hurg rugiu e saiu, arrastando os pés pela sala, deixando-os entrar.

Nonna entrou após Asbrand. O salão era grande e tinha a altura um pouco acanhada. Havia estátuas e colunas espalhadas junto às paredes e, no meio delas, mais hurgs sob uma luz laranja. Alguns faziam armas, usando foles de ferreiro, outros carregavam pedras e toras ou faziam outros serviços. Mais adiante, havia criaturas similares em torno de beliches e mesas. Umás ficaram paradas, outras vieram cumprimentá-los. A sala inteira estava muito quente por causa das chamas vermelhas. Asbrand se virou, agachando-se diante de Nonna:

– Os hurgs são nossos aliados. De fato, quase todos os guerreiros do forte são hurgs. Aqui é o local destinado a guerreiros em serviço e ferreiros. O alojamento fica, na verdade, em outro lugar, mais alto. Os hurgs não gostam muito de luz e é por isso que não saem durante o dia. As armas feitas aqui são vendidas para muitos lugares e são famosas, por isso eles trabalham quase dia e noite. Esteja certa que as melhores armas ficam aqui e são de nosso uso.

– Os hurgs não são monstros maus?

Asbrand respirou fundo:

– Nonna, há pessoas que são muito mais maldosas e monstruosas do que qualquer hurg poderia ser. Não é a espécie que os faz pior, criaturas más de verdade apenas os usaram para seus maus atos. Eles gostam do escuro, são belicosos e é fácil fazê-los lutar contra humanos, é só isso. A explicação foi útil?

Nonna concordou, absorta em seus pensamentos e olhou para os hurgs em volta por um momento, antes de seguir em frente com Asbrand.

Ele explicou todo tipo de coisas para Nonna, enquanto atravessavam o salão. Por alguma razão, ninguém olhava para Fenris com curiosidade como em outros lugares e ele podia caminhar tranquilo. Ela olhou para as armas e armaduras nos cantos e sobre as paredes, todas bastante assustadoras. Sentiu um cheiro forte de ferro, fogo, fumaça e couro, por toda parte. A forja do ferreiro em Praia Perdida parecia grande para ela, agora via um lugar em que armas para um exército de verdade eram feitas.

Eles saíram do salão, entrando em uma sala redonda, com diversas portas. Asbrand os guiou por meio de uma delas, chegando até uma escadaria larga e limpa. Nonna podia ouvir martelos batendo à distância.

– Alguns dos degraus haviam rachado e foi decidido que fossem consertados. Por isso não pudemos usar a escadaria lá embaixo, daqui até o fim, podemos usá-la. A escadaria será consertada logo, talvez amanhã.

Nonna olhou com admiração. A escadaria tinha ao menos seis metros de largura e o dobro de altura. Os degraus eram de mármore branco, tornados lisos e translúcidos pelo uso e as paredes eram de granito cinza. Colunas robustas iam até o teto e cada uma tinha uma criatura talhada ao pé, dando a impressão que estas as seguravam. As criaturas não eram humanas, só semelhantes, porém mais robustas. A iluminação vinha de velas grossas. Alguns dos candelabros eram da cor do ouro, com a maioria de prata antiga e, supôs ela, todos muito valiosos.

– O forte foi construído há muito tempo. Ele foi destruído por completo durante a Guerra dos Deuses, só a área do subsolo ficou intacta, tanto como partes do salão central. É o motivo de haver partes diferentes aqui e ali, novas e antigas – explicou Asbrand enquanto caminhava,

tocando nas paredes e colunas. Cada um de seus passos emitia um tinido metálico sobre a escadaria.

Os degraus eram longos e baixos e, às vezes, chegavam até áreas com uma ou mais portas. Podiam-se ouvir barulhos por detrás das portas e Nonna viu que o forte era bastante habitado. Ouviu, com clareza, o som de algumas crianças próximas e, quanto mais subiam, latidos de cachorros.

Fenris seguia com calma a seu lado e ela percebeu que apertava seu pelo com tanta força que a palma de sua mão estava toda suada. Tudo indicava que o urso não se importava com aquilo, ao menos era o que parecia. Nonna estava ansiosa pelo que ainda iria encontrar.

No fim, chegaram em um setor em que, pela primeira vez, havia uma janela. Coberta de gelo, estava entreaberta e permitia a entrada do ar fresco do exterior. O frio intenso parecia se espreitar pela janela e através das paredes, até a porta, como uma nuvem estreita que se espalhasse em leves toques sobre a pele da menina. Dali, apenas se via que tudo estava branco e coberto de neve e gelo.

A porta diante deles estava fechada e Asbrand a abriu sem bater. Antes de entrar, virou-se para Nonna, olhando de um jeito profundo e uma expressão séria:

– Seja honesta em tudo que diz, não minta ou tente agradar. Seja sempre você, porém, lembre-se de seus ancestrais e os respeite, tendo orgulho do que é. Bem, está pronta?

Nonna ficou surpresa com a abordagem direta do velho guerreiro e, não tendo tempo de dizer nada, apenas balançou a cabeça, concordando. Asbrand abriu a porta, deixando-os entrar.

O salão era enorme. Tudo que Nonna pôde fazer foi ficar parada olhando ao redor, em deslumbramento.

A parede à esquerda tinha belas janelas altas e curvadas. O sol brilhava sem obstáculo dentro do salão, através das janelas cobertas de gelo, de forma tão intensa que reluzia em vários objetos metálicos, fulgurando e cegando. No meio do salão havia duas fileiras de colunas que suportavam o teto abobadado suspenso a mais de dez metros de altura. À direita, e entre

as janelas, havia cortinas amarelas, brancas e azuis. Elas tinham brasões e outras imagens que Nonna não conseguia enxergar direito, à distância. O fogo queimava em uma lareira, acima da qual havia um grande escudo de bronze, coberto por cortes e pó. O ar era fresco e tinha cheiro de gelo. Sobre o chão, coberto de tapetes macios de diferentes cores, cadeiras, bancos e mesas estavam espalhados. Sobre as mesas, pratos, talheres e xícaras que pareciam ter sido cortados do gelo.

Havia meses Nonna não via tantas pessoas bem vestidas como aquelas, sentadas nas cadeiras e bancos, ocupadas com seus afazeres. Todas estavam vestidas em roupas coloridas. A maioria era de mulheres e crianças com sua idade, algumas liam livros, outras brincavam com jogos, e a maior parte das mulheres costurava ou tecia, passando o tempo em grupos pequenos nas partes mais iluminadas. O chão de pedra estava coberto por couros, peles e tapetes e, em alguns locais, entre as cadeiras e, em especial, junto aos pés das pessoas sentadas, calmos e robustos cães cinza se deitavam.

Todos olharam para Nonna, Fenris e Asbrand, que entravam. Uma das mulheres que costurava levou a mão à boca e apontou, extasiada, para o vestido de Nonna, que agora parecia brilhar de um modo muito diferente de antes. O tecido azul reluzia e refletia sua cor por todas as partes sobre o mármore branco. As chamas similares à aurora boreal na barra do vestido pareciam se mover e flamejar.

Havia uma tapeçaria branca como a neve, na parede oposta à porta. No meio dela, havia um símbolo amarelo-dourado, que Nonna já havia visto, três estrelas dentro de um círculo, semelhante à lua crescente, o símbolo da família de Skafloc. Em frente à tapeçaria, ao lado da lareira, estavam uma mulher e algumas meninas mais jovens, com três cachorros cinza. Para sua surpresa, ela viu a mulher segurando sua luva suja e molhada. O cachorro em frente à mulher olhou para Nonna, arfando com expressão malandra.

Sua dona vestia um vestido azul, curto, debaixo do qual trajava calça brancas e botas de couro que iam quase até os joelhos. Em seu cinto grosso de couro, trazia uma adaga, cujo cabo tinha a forma de uma mão,

segurando um crânio. Quando ela lhe dirigiu o olhar, Nonna notou que a pele era quase branca. A brancura era amplificada pelos cabelos amarelos da cor de feno, que brilhavam sob a luz do sol. Ela não sabia, na realidade, o que deveria esperar, porém os traços rudes daquele rosto a surpreenderam. Não se podia descrevê-los como furiosos ou cruéis, deduzindo que, quando nervosa, ela devia ser cheia de autoconfiança e força. A mulher levantou a luva:

– Isto é seu, imagino – disse, com um tom de voz que parecia ricochetear nas paredes, como um sussurro congelante nos ouvidos de Nonna. Pensando consigo, que aquela voz poderia congelar até água fervente, arrepios gelados subiram-lhe pela espinha.

A mulher deixou o pequeno grupo e começou a andar em direção à Nonna e Fenris, com passos longos e calmos. Nonna viu que as meninas, paradas, olhavam para ela, parecendo confusas, fazendo com que se sentisse tímida e insegura.

Quando começou a andar, os cães correram atrás dela, em direção à Nonna e lhe deram boas-vindas, a seu modo. Desta vez o cão ladrão se contentou só em morder a outra luva, que era segura com força. Ela empurrou o focinho do cachorro para afastá-lo, para que pudesse se concentrar no que acontecia ao redor.

A mulher parou diante de Nonna com uma mão na cintura e a outra ainda segurando a luva. Ela notou que um de seus olhos era verde e o outro cinza, como alguns cães do norte que ela vira, às vezes, nos limites dos vilarejos. A mulher os levou às janelas, pôs uma almofada no batente, para Nonna, e se sentou ao lado:

– Asbrand, este vestido é conhecido por nós dois, presumo.

– É verdade, minha senhora. Deixe que lhe apresente Nonna, ela é minha parente, ainda não sei ao certo o quanto distante. De qualquer maneira, ela é da família de Skafloc.

– E está usando o vestido que minha própria avó fez como um presente para Skafloc. Como você conseguiu o vestido, Nonna?

Ela levou um tempo para entender o que ouvira e ser capaz de responder:

– Estava nos Montes do Dragão, visitando o espírito de Skafloc, ele o deu para mim assim como a adaga. – Nonna mostrou a arma que encontrara nas ruínas de Skafloc. A mulher devolveu a luva para Nonna, tomou a adaga em suas mãos, olhando-a com um sorriso:

– Se você tem tais objetos, é um sinal evidente que você é quem diz que é. Skafloc não daria seus tesouros tão fácil para qualquer outra pessoa. Sou Astrid, conhecida como a Bruxa do Gelo, a senhora da Unha do Dragão.

Astrid devolveu a adaga e tocou Fenris. O toque da mulher lhe pareceu pleno, fazendo com que lembrasse do gelo e da neve e de tudo mais que considerava bom. O toque alcançou sua alma, visitou-a brevemente e retornou.

– Fenris... Há algo para você que irá gostar. Voltaremos a isso mais tarde. Vocês devem estar cansados, então vão se lavar e descansar. Retornem aqui quando o sol cair, para que possa analisar tudo o que aconteceu e o que ainda virá. Você também, Nonna, deve ter numerosas perguntas. Você é bem-vinda para ficar e aqui estará a salvo de tudo.

Astrid tocou de leve no rosto de Nonna, sorriu e pediu que uma das jovens lhe mostrasse o quarto e a ajudasse com tudo o que fosse preciso. A garota se abaixou, fazendo uma reverência, e deixou o livro que estava lendo, parecendo feliz em completar a tarefa a que fora submetida.

Freydis era só um pouco mais velha do que Nonna. Tinha cabelos castanhos e era uma menina alta. Mostrou um dos aposentos vagos para Nonna. Ficava na torre, um pouco abaixo do Salão Branco, o grande salão em que haviam estado antes. Nonna tirou as sacolas de Fenris e as pôs em uma mesa, com organização. Gostaria de dar o livro de Skafloc para Asbrand tão logo tivesse uma oportunidade.

Enquanto o quarto de Nonna era preparado, Fenris a guiou para as escadas em espiral da torre. Frustrado, não parava de rugir e Nonna teve de acalmá-lo várias vezes enquanto desciam.

Freydis era a primeira menina de sua idade com quem Nonna falava, havia muito tempo. As crianças de Praia Perdida eram mais jovens e ela

não conversava com muitas delas. Apesar de se sentir tímida perto da garota, a presença de Fenris e a admiração que Freydis mostrava para ele – e para Nonna também – traziam-lhe confiança. Ela tinha a impressão de que pertencia a uma família muito maior do que previra e percebeu que seu ancestral distante fora mais importante do que pensara.

– O que é este lugar, Freydis? Fortes normais têm vilarejos e outros habitantes nas proximidades, porém aqui não há nada.

– O Forte da Unha do Dragão... Bem, este não é um forte comum, pode ter certeza disso.

– Você é daqui?

– Sim, nasci e moro aqui com minha mãe. Meu pai teve de ir para a guerra, há muito tempo, e nunca retornou. O Forte da Unha do Dragão é o único em toda a região e é governado pela Bruxa do Gelo. Há apenas alguns habitantes, quero dizer, há poucas pessoas vivendo nesta região. Não muitas pessoas vivem na área da Unha do Dragão. O vilarejo mais próximo está a 30 quilômetros de distância e de lá se leva pelo menos um dia para se chegar ao seguinte. Porém, no extremo norte, até bem próximo daqui, há outras criaturas não humanas vivendo e o Forte da Unha do Dragão já as governa há séculos.

– Que criaturas?

– Bestas do gelo, trolls da neve, hurgs, dragões, gigantes. E ursos do gelo.

– Ursos do gelo também, como Fenris?

– Este é o centro do território dos ursos do gelo. É provável que você logo encontre Focinho de Sangue, que já deve ter ouvido falar de Fenris e não tem paciência para esperar mais do que até a noite.

– Quem é Focinho de Sangue?

– Isso logo se tornará claro para você, estou certa. Acredite em mim, você sempre poderá se divertir aqui. Bem, cá estamos.

Nonna não sabia dizer o quanto haviam descido até Freydis abrir a porta. Elas entraram em um cômodo grande, que parecia ter sido talhado de uma rocha. Em uma parede de cerca de dois metros de altura, havia

pequenos buracos, que serviam como janelas, através dos quais a luz do sol brilhava dentro do quarto.

– Bem, é claro que não há ninguém aqui, espere um momento. Voltarei em um minuto. Não vá a lugar nenhum, para não se perder – disse Freydis para Nonna, atravessando o quarto correndo até uma porta na outra parede, desaparecendo.

Naquele lado da parede, o das janelas, havia uma enorme lareira, que fora construída com grandes rochas pretas. Dentro, uma barra com um gancho e um caldeirão pendurado jaziam. Um brilho vermelho e quente ardia nas cinzas. A seu lado, uma respeitável pilha de toras, baldes e barris de água. No meio do cômodo havia três banheiras grandes de madeira e bancos altos. O ar era úmido e quente.

Ela caminhou mais para o interior do cômodo. Fenris estava feliz por poder ficar na área mais fresca. Nonna fechou a porta entre eles.

Freydis logo voltou com duas mulheres um pouco mais velhas. Uma delas jogou lenha e casca de bétula, enquanto a outra começava a encher o caldeirão com água. O fogo logo aumentou, o quarto começou a resplandecer graças às chamas que dançavam. Freydis se voltou para Nonna:

– Você tomará um banho. Será, com certeza, muito agradável depois de sua viagem. O normal seria nos banharmos daqui a três dias, essa é uma exceção.

Surpresa, Nonna recebeu as orientações de Freydis e logo estava se ensaboando, sentada em uma banheira com água quente. A garota ficou sentada a seu lado o tempo todo e contou histórias sobre o Forte da Unha do Dragão, seus habitantes e arredores. Nonna ficou sabendo sobre câmaras funerárias sob o forte e sobre o feiticeiro que vivia por lá e que praticava magia negra. Também ouviu sobre Flok, o misterioso bardo do forte, os ursos do gelo, cuja caverna se situava do outro lado do forte, e como era o reino de Astrid. A região da fronteira de Noridium e a Terra do Gelo eram silenciosas e misteriosas. Seus picos cobertos de neve tinham ruínas, muros e montes funerários congelados havia muito tempo. A Bruxa do Gelo já tinha enterrado segredos, conhecidos apenas por ela, sob a neve

e o gelo. Ela os mantinha em segredo graças a seus poderes. Freydis falou ainda das habilidades da bruxa e Nonna percebeu que o que havia ouvido antes era apenas uma amostra – a Bruxa do Gelo de fato controlava o frio e suas criaturas com a magia que conhecia.

Freydis falou tanto que a cabeça de Nonna girava. Ela se lavou e, em seguida, secou-se com a toalha que uma das criadas lhe deu. Estava quente dentro do cômodo, uma fumaça cinza flutuava no teto alto e saía por algum buraco oculto. Nonna pulou sobre o chão gelado, vestiu uma anágua e voltou para a escadaria da torre. Freydis carregou as outras roupas de Nonna.

Nonna se sentia tão cansada que poderia ter adormecido em pé. O banho quente lhe tirara todas as forças, porém a sensação de limpeza era deliciosa, enquanto voltavam para o quarto que a esperava, já arrumado.

O aposento de Nonna ficava na torre grande do forte. Ele tinha a forma de uma fatia de bolo e em sua extremidade larga e curva havia duas janelas, com o vidro irregular coberto de gelo. Fora, esfriava cada vez mais e àquela altitude sempre era frio, de qualquer modo, daí as janelas estarem quase todo tempo cobertas de gelo.

O piso do quarto estava coberto por tapetes grossos coloridos. Contra a parede alta havia uma cama com diferentes tipos de cobertores, grossos e finos, coloridos e brancos, sobre ela. No fim da cama, um enorme travesseiro e, a seu lado, o chão desocupado para que Fenris pudesse dormir bem, sobre o piso de pedra frio. Para alegria de Nonna, havia uma pequena lareira no canto do quarto, com uma tela de proteção de ferro, atrás da qual o fogo queimava, silencioso. Ao lado da cama, uma travessa cheia de frutas secas levou Freydis a comer, logo após se sentar ao lado de Nonna, no pé da cama. Ela pôs o vestido da hóspede sobre o leito e escovou com cuidado sua superfície:

– Seu vestido é muito bonito. Você sabia que ele é idêntico ao de uma das pinturas nas paredes do forte?

– Verdade? Em que parte do forte?

– Você própria poderá encontrá-la, só a vi uma vez. Não é fácil achá-la
– respondeu Freydis, rindo e rolando de costas sobre a cama.

Nonna admitiu que tinha tantas perguntas a fazer que não sabia como começar, ainda por cima depois de tudo que Freydis lhe contara no banheiro. Então, a garota decidiu lhe contar outros fatos sobre o Forte da Unha do Dragão.

– Sua vinda foi algo muito divertido. Astrid sabia que uma pessoa estava chegando. De uma hora para outra, no meio de um jogo, ela se levantou e ordenou que Asbrand fosse trazido. Ouvi-a dizer para o Unha de Urso que ele tinha de ir ao vale do leste, pois alguém chegara.

– Como ela sabia?

– Astrid é uma bruxa, sua boba, uma feiticeira... Você nem pode imaginar o quanto velha e poderosa ela é. Bem, fico pensando na expressão de Asbrand, ao encontrá-la. Não o vi partir, só sei que ele carregou todas as armas que tinha.

– Por quê?

– É um guerreiro, um caçador de crânios, um lorde-dragão e não arriscaria sua vida por qualquer coisa. Depois de várias tentativas, não houve jeito de deduzir o que estava se passando aqui e ninguém soube dizer quem estaria chegando ao vale. Ou, quem sabe, Astrid já tivesse conhecimento de alguma coisa...

– Asbrand me pareceu bastante assustador, com os crânios e tudo mais.

– Ele é um dos nossos guerreiros mais fortes. De fato, aqui temos apenas um lorde-dragão, que sabe voar em um dragão e...

Nonna se engasgou de horror:

– Voar em um dragão? Um de verdade?

– Sim, é maravilhoso de ver. Agora nenhum dos dragões está presente, só na torre setentrional é que há dois wyrms. Você já viu um?

Nonna balançou a cabeça:

– Um muito pequeno, e estava escuro.

– Wyrms são menores do que dragões e mais bobos. Perdoe-me por falar desta maneira, nunca lhes diga isso... eles ficam bravos e, acredite em mim, você não deve enraivecer um wyrm. Eles se parecem um pouco com

dragões, são menores e mais rápidos. São criaturas ferozes, de fato, apesar de não saberem soprar gelo. Como são brincalhões e arteiros, fazem todo o tipo de acrobacias estranhas e ninguém pode controlá-los, com exceção dos dragões, é claro.

– E os ursos do gelo, e o Focinho de Sangue?

– Sim, é claro que você tem interesse neles. Bem, podemos ir vê-los mais tarde, se quiser, ou amanhã, se tivermos tempo. É provável que Astrid tenha coisas a lhe dizer, não sei, talvez possamos olhar o lugar juntas.

– Há ursos do gelo aqui?

– Claro, Focinho de Sangue é o líder, seu bando mora aqui. No limite setentrional da Unha do Dragão, há uma caverna gelada, na qual, dizem, habitam ursos do gelo desde o início dos tempos e, ao norte, mais deles. Focinho de Sangue é uma criatura curiosa. Não quero falar mais, para não estragar a surpresa.

– O que os ursos do gelo estão fazendo aqui?

– Ora, morando, o que mais? Eles sempre estiveram aqui – antes até dos mares do norte terem congelado por completo. E são bem cuidados. Se houver uma guerra, Focinho de Sangue irá para a batalha com as bestas do gelo e os hurgs. Todos têm medo deles, em todo lugar.

O cansaço deixava as pálpebras de Nonna pesadas, Fenris cochilava a seu lado no chão, emitindo grunhidos de satisfação. Era bom conversar com Freydis e Nonna se sentia segura e quente. A única coisa que a incomodava era a saudade cada vez maior da mãe. Pareceu-lhe errado se sentir assim, sabendo que ela deveria estar sempre preocupada com seu paradeiro.

– Freydis, como poderia enviar um recado para minha mãe? Gostaria de lhe dizer que estou bem – perguntou Nonna com preocupação, disfarçando o bocejo.

A garota franziu a testa, pensando, preocupada, e logo um sorriso surgiu em seu rosto. Com um brilho nos olhos, contou-lhe que teve uma ideia muito boa:

– Acho que posso ajudá-la, se esperar. Descanse um pouco e virei acordá-la antes do jantar. Trataremos da mensagem para sua mãe depois

disso, está bem?

Nonna tentou protestar, em vão: Freydis não lhe falou nada mais. Dizendo que voltaria, deixou-os sozinhos no quarto.

Despertando, Fenris olhou com alegria para a menina, pois sabia que agora estavam salvos. Não precisaria mais ficar de guarda e alerta, o tempo inteiro.

– Querido amigo, durma... além de necessário e merecido, amanhã você encontrará outros ursos do gelo, pense nisso.

O animal balançou a cabeça, colocou-a de volta entre as patas e suspirou com uma espécie de rugido, adormecendo em seguida. Nonna se deitou em um travesseiro gigante, puxou para cima dos pés o primeiro cobertor que alcançou e caiu no sono antes que sua mão pudesse voltar para o travesseiro.

Acordou, sem ter sonhado, com o leve balançar de Freydis. Tinha a impressão de ter dormido por alguns minutos, porém a escuridão era grande do lado de fora. Por trás das janelas cobertas de gelo, havia estrelas brilhantes, um azul misterioso e a luz branca da lua. O cheiro de tochas e velas flutuava por toda parte, trazendo uma sensação de conforto.

O fogo na lareira havia apagado e Fenris roncava, dormindo de lado e de modo tão profundo que nem percebera a chegada de Freydis. Nonna viu que, atrás dela, havia duas meninas e um menino, junto à porta. Estavam todos vestidos com roupas de inverno e esperavam, ansiosos.

Freydis lhe pediu que se levantasse e pusesse roupas quentes. Ela trouxera uma capa e novas botas, de pele, além de luvas melhores.

– Vamos sair?

– Teremos tempo suficiente para enviar uma mensagem para sua mãe. O jantar está quase sendo servido, porém, foi permitido que fizesse isso antes. Acorde Fenris, precisamos nos apressar – estava tão entusiasmada que mal se continha.

Nonna acordou o urso, que bocejou até as mandíbulas estalarem, vestiu meias de lã secas e botas de pele, pôs o vestido e a capa de pele e saiu do quarto, seguindo Freydis. No corredor, conheceu Halgeir, um

menino menor do que ela, que tinha um rosto arteiro e olhos negros perfurantes. E também Isrid e Kara, amigas de Freydis. Isrid se ajoelhou diante de Fenris e se recusou a tocá-lo antes que ele o fizesse primeiro – ela vinha do norte, de um povo que considerava ursos do gelo criaturas divinas e sagradas. Kara, por sua vez, era uma menina pequena e forte, que agia com autoconfiança e se movia como um gato. Depois de poucos passos, Nonna teve certeza de que ela sabia manejar armas tão bem quanto meninos ou homens e notou que havia algo de Alhena em seu jeito de se mover. Enquanto Isrid era tímida e quieta, Kara era seu oposto, um tanto reticente e pouco comunicativa. Contudo, ficou óbvio para Nonna, era muito segura de tudo o que fazia.

O grupo subiu com pressa as escadas em espiral, chegando em um longo corredor, no fim do qual havia uma porta-forte com uma grade de ferro à frente. Freydis abriu as complicadas travas e trancas da porta e a puxou, provocando a entrada de um vento congelante que bateu nos rostos de todos.

– Está muito frio lá fora, vamos nos apressar – disse Freydis. Todos saíram.

Nonna olhou em volta sem acreditar no que via.

Estava em pé em um dos muros do forte, ao menos a 50 metros do chão coberto de neve. Estrelas e a lua crescente cintilavam no céu de um azul profundo, iluminando tudo com diferentes tons de azul-escuro. Nas montanhas, podiam-se ver poucos pontos de luz. A paisagem era impressionante. O vento sibilava nos ouvidos de Nonna, com rajadas geladas que faziam os olhos lacrimejarem.

A superfície do muro estava coberta de gelo e era escorregadia, portanto, todos seguiram Freydis com extrema atenção e cuidado. À direita, via-se um muro de pedra, que se alternava com um penhasco de gelo translúcido, assim como torres. Ninguém falou durante o caminho, pois a temperatura era tão baixa que tornava o ato difícil de ser executado. Nonna sentiu o rosto congelando e o frio penetrando sob as roupas grossas.

Continuaram andando sobre o muro por um longo tempo, passando por um ponto de vigia com dois guerreiros mantendo guarda, ao lado de

um caldeirão com um líquido bem quente. Afinal, chegaram à extremidade setentrional da Unha do Dragão e até uma porta no muro da torre curvada. Freydis bateu na madeira, com força, e um homem robusto a abriu para dentro.

– Boa noite, Raudolf. Viemos enviar uma mensagem.

– Entrem, está frio para diabos aí fora. Por favor, entrem! – disse, esperando que todos o fizessem e logo fechando a porta.

– Urso do gelo... ouvi falar de você. O nome é Fenris, certo? Você é grande, hein? Hum... E parece que esteve envolvido em um número razoável de lutas – o homem o examinou com uma rápida olhada, notando suas cicatrizes. – Freydis, a situação mudou, Skald chegou.

– O quê? Skald? Quando ele veio?

– Há um momento atrás, você pode ir vê-lo.

– O Sr. Godmund nos dará permissão?

– Pergunte para ele, está na sacada superior.

Freydis abriu um sorriso largo para os outros, fingindo não estar com medo e hesitou, por um breve momento. Lembrando-se da promessa que fizera à Nonna, apesar da aparente timidez, criou coragem.

Fungando e resmungando de uma forma estranha, Raudolf tirou uma chave enorme da parede e fez um sinal para que todos o seguissem. Eles subiram as escadas da torre e, ao final, chegaram ao topo. Raudolf colocou um chapéu e um casaco de pele que estavam pendurados, enfiou a chave na fechadura e a virou, abrindo a trava com um rangido.

– Agora você verá algo fantástico! – Freydis empurrou Nonna para o lado e esta reparou que a garota estava com medo.

– Ela nunca viu um... – perguntou Kara, gracejando, sem crer. Freydis se virou para ela, furiosa, deixando-lhe a frase pela metade.

– Nunca vi o quê? – perguntou Nonna, sem conseguir uma resposta.

Raudolf já esperava, à porta. Todos saíram.

Eles pararam na encosta da montanha, em uma enorme área feita de pedra e cercada por um muro de um metro de altura, junto às escadas. O luar refletia nas rochas cobertas de gelo e montículos de neve. As crianças

seguiram, devagar, atrás Raudolf. Ao sair da torre, Nonna pressentiu algo assustador e excitante a lhe tomar a mente.

Ao chegarem em um espaço ainda maior, em volta do canto da torre, e ao verem o que estava diante deles, Nonna e os outros perderam o fôlego.

Um dragão branco, gigante, estava sentado ali, banhando-se sob a lua, olhando para as montanhas, à distância. A seu lado, havia um homem vestido em peles cinza brilhante. O dragão era de um tamanho inacreditável, bem maior do que Nonna podia ter imaginado ser possível. O espírito de Skafloc tinha uma forma incompreensível em toda sua escuridão, não permitindo que Nonna o percebesse por inteiro. Só agora ela via um dragão de verdade diante dela, e vivo. Era branco como a neve, coberto por escamas que cintilavam como gelo. Uma cauda pontiaguda e afiada estava enrolada em volta da parte inferior do corpo e asas gigantes e brilhantes se dobravam contra as laterais. O homem próximo dele era minúsculo em comparação e um objeto semelhante a uma sela estava a seus pés. O luar brilhava e ofuscava no peito do dragão quando este virou a cabeça em direção às crianças. Encantada, Nonna soltou um suspiro de admiração e medo. As pontas dos chifres lampejavam com o movimento de sua cabeça.

Seu movimento fez tremer toda a área a seu redor. Nonna entendeu estar diante de um focinho nobre, do qual uma névoa saía e, acima do qual, olhos de um profundo azul, quase sem movimento, fixavam-se nela. A expressão do dragão era encantadora. Era como se um fogo incolor, queimando sob o gelo, penetrasse na alma e nos ossos de Nonna.

Sem que ela notasse, o homem que conversava com o dragão veio até eles. Parecia-se um pouco com Asbrand, também robusto e forte, limpo e bem arrumado, no entanto, deformado e assustador.

– Sr. Godmund, perdoe-nos se o perturbamos – disse Freydis, curvando-se para o guerreiro, enquanto Isrid tocava Nonna para que repetisse o gesto. Kara e Helgeir já o faziam, com educação.

– Hum... Freydis? Ouvi dizer que você tem algumas mensagens para enviar.

– É verdade, senhor.

– De que mensagem estamos falando?

– Nonna gostaria de enviar uma mensagem para sua mãe, para dizer que está bem. Pensei que talvez um dos wyrms... – Freydis apontou para Nonna e se afastou. Em segundos, Fenris e ela eram os únicos em pé, à frente do dragão.

– Então, você é Nonna. Bem, foi o que deduzi ao vê-la com seu urso. Raudolf me contou um pouco sobre ambos. Ficarei satisfeito em lhe fazer um favor, assim como os wyrms. Tenho alegria de poder conhecer um parente de Asbrand. Venha, vamos primeiro até Skald. – O homem a segurou pelos ombros e começou a levá-la para mais perto do dragão. Ela estava com medo, a boca seca e tremendo, sem saber se de frio, medo ou exaustão.

– Skald, esta é Nonna – disse o homem, aproximando-se do dragão. Ela ergueu os olhos e só conseguiu avistar uma superfície com escamas brancas, percebendo que o punho do animal era quase de seu tamanho. Skald levou a cabeça até a altura de Nonna e a estudou, erguendo a cabeça aos poucos.

– Não tenha medo. – Tocada no rosto com uma de suas unhas, Nonna limpou a garganta, tossindo.

Os olhos de Skald brilharam:

– Pois você é do clã dos dragões! – a voz de Skald ecoou de forma suave e fria na mente de Nonna.

– Sim, sou. Skafloc era meu ancestral.

A enorme boca se abriu em sorriso, revelando dentes claros como sincelos.

– Skafloc? Neste caso, você foi aguardada por muito tempo...

Ficou surpresa ao ouvir as palavras do dragão:

– Aguardada?

– Você não veio para cá por acaso. Talvez o momento tenha sido assim, exceto isso, já se sabia de sua chegada há muito tempo. De fato, você se parece com uma menina da família de Skafloc.

– Como assim? – perguntou Nonna, franzindo a testa.

Skald riu com voz baixa. Pôs o nariz bem à frente de Nonna e a fitou:

– Você tem sua marca, profunda, dentro da alma. Como posso ajudá-la?

– Gostaria que minha mãe soubesse que estou bem. Freydis disse que alguém poderia lhe levar uma mensagem.

– Onde ela está?

– No vilarejo de Praia Perdida, na costa. Seu nome é Gunhilde. Nossa casa é bem na praia, ao lado de um morro. Há uma pequena floresta...

– Acho que é o bastante, olhe-me nos olhos e pense no que você quer lhe dizer – disse Skald, levantando o queixo de Nonna para cima com a unha gelada.

De início, ela não compreendeu e, quando pensou ter entendido, Skald a deteve. Um pensamento conseguiu entrar em sua mente, porém, fora tímida demais para dizê-lo em voz alta. Os olhos do dragão relampejaram e ele pareceu sorrir.

– Você não poderia dizer de melhor forma. Um wyrm levará a mensagem. Eles são rápidos enquanto sou muito perceptível para ser um mensageiro. Vá agora, está frio demais para garotinhas aqui. Nós nos veremos de novo, tenho certeza.

Skald levantou a cabeça e olhou para o céu por um momento. Ao se afastar do dragão, Nonna tentou identificar algo naquela direção.

Como do nada, por entre as estrelas, surgiu um wyrm branco e rápido. Ele veio de muito alto, com as asas junto às laterais, como uma flecha em um arco cruzado. O luar refletiu em suas escamas e, mais veloz do que os olhos puderam acompanhar, abriu as asas, desacelerou e aterrissou no braço esticado de Skald. Embora do tamanho de um cavalo pequeno, naquela posição lembrava um falcão de caçador. Nonna viu que ele era dócil e um pouco assustado. Como seria se Skald não estivesse lá para controlá-lo?

Com a boca aberta de deslumbramento, ela observou Skald fitar o wyrm por alguns segundos e, em seguida, levantar o braço. Ele abriu as asas, levantou-se dali, flutuou no ar por um instante, soprando a neve da sacada, e decidiu a direção a tomar, deixando a área com celeridade. Foi

cada vez mais para baixo, com velocidade crescente, desviando dos penhascos afiados da montanha. Pouco antes do fundo do vale, corrigiu o rumo, batendo as asas, acelerando mais e desaparecendo na direção da serra, com uma velocidade inacreditável, próximo à superfície do solo, com o luar brilhando nas laterais.

– Bem, é isso, Nonna. Ele voltará no início da manhã e você terá notícias de sua mãe, quando acordar. Agora vão, crianças! – disse Skald, empurrando-a de leve com uma pata.

– Muito obrigada, Skald – sussurrou Nonna. Sentia-se explodindo diante de tudo que vira. Ela se virou para Freydis e as outras crianças, que se entreolhavam e, de uma vez só, toda a excitação foi descarregada. Gritando, empurrando-se, esbarrando umas nas outras e rindo com histeria, elas correram de volta para dentro, seguindo para o quarto de Nonna, sem sentir frio. Todos jogaram as roupas pesadas sobre a cama de Nonna e, agitados, correram em direção ao Salão Branco.

Nonna se sentiu aliviada. Sabia que o dragão ouvira seu pensamento mais importante, embora não o dissesse em voz alta.

Chegaram ao Salão Branco bem a tempo. Era ainda mais belo na escuridão do que sob a luz. Duas mesas longas haviam sido dispostas junto às janelas e, além de comida, velas foram colocadas nelas, as chamas queimando com serenidade. Estava quente ali dentro e havia um cheiro forte de comida condimentada. Coberto por estrelas e pela lua crescente, um céu muito azul resplandecia por trás das janelas. Entender que estavam no topo de uma montanha alta e de que, sob as janelas, havia apenas um muro e, ao seu lado, um penhasco quase vertical fez Nonna sentir uma agitação estranha, olhar para cima e ver o teto sustentado por colunas grossas.

Quando ela e o urso entraram, todos pararam de falar. Algumas pessoas estavam sentadas em volta das mesas, o restante estava em pé, espalhado pelo salão, sentado em banquinhos e cadeiras, conversando e jogando ou bebendo algo quente. Criados carregavam grandes recipientes, cheios de comida e vinho. A mãe de Freydis, Asta, sentava-se na extremidade da mesa

junto à janela e Nonna foi em sua direção, seguida da amiga. Fenris também o fez e ela podia ouvir o som de suas unhas arranhando o chão, a cada passo. Halgeir, que parecia acostumado a brincar com cachorros, correu para o meio do grupo de cães, que o cumprimentaram com entusiasmo. Kara e Isrid se sentaram no parapeito da janela, olhando para fora, esperando que fossem chamadas para vir à mesa. Isrid, perdida em seus devaneios, não parava de brincar com o avental de seu vestido branco, enquanto Kara apenas se sentia feliz de poder estar ali. Nonna decidiu que perguntaria sobre ambas para Freydis, tão logo tivesse tempo.

Ao percorrer o trajeto, nervosa, Nonna olhou em volta e reparou nas figuras.

Primeiro, notou Astrid, que estava em pé, perto da mesa, observando as criadas e lhe sorriu de modo amigável. Um pouco afastado de todos, em frente à lareira, sentava-se um homem de cabelos prateados e um alaúde, em uma cadeira de estofado vermelho. Ele tocava uma música calma com o instrumento e cantarolava, fazendo-a concluir que era Floki, o bardo do forte.

Três homens se destacavam da multidão. Asbrand estava no meio do salão com o senhor de Skald, Godmund, a seu lado. Vestiam roupas cinza-claro, carregavam adagas largas e portavam canecos de cerveja nas mãos. Asbrand a viu e cumprimentou com alegria, e Nonna atentou na terceira pessoa do grupo.

Tinha mais de dois metros de altura, ombros largos e um pescoço grosso, e trajava uma camisa branca amarelada e calça, além de botas de pele. Seus cabelos, brancos com faixas cinza, eram longos e estavam soltos em volta do rosto largo. Sua face era robusta como o resto do corpo, o queixo parecia ter sido cortado de uma pedra e se cobria com uma barba longa. O nariz era amassado como se tivesse sido esmagado por um martelo. Ele se virou para Nonna e a examinou com os olhos azuis-claros. O lábio superior trazia uma grossa cicatriz, assim como o queixo, as maçãs do rosto e a testa, e segurava um caneco enorme feito de ossos com as mãos calejadas.

– Focinho de Sangue... – sussurrou Freydis para Nonna. Antes que Nonna tivesse tempo de dizer qualquer coisa, Astrid puxou uma cadeira, fazendo barulho e o jantar começou.

Quando Nonna ia se sentar ao lado de Freydis, Astrid a tomou pela mão:

– Sente-se a meu lado, será mais fácil para Freydis estar próxima, assim. Ela terá mais espaço. – Antes, fria e profissional, Astrid agora era calorosa e calma.

Ficando entre as duas, Asta deu a impressão de ser uma boa mulher e Nonna se sentou, suspirando. Fenris se pôs ao lado, rugindo, com a parte inferior sobre o chão de pedra.

Enquanto os outros se sentavam, ela viu que suas roupas, de fato, pareciam cintilar, sendo discretas, no entanto, se comparadas com as dos outros. Para seu desconforto, o homem grande e truculento se postou em frente dela, ladeado por Asbrand e Godmund. Todos encheram as canecas com a bebida favorita, o que, no caso dos homens, significou um tipo de cerveja com cheiro de malte. Nonna concluiu que nunca comera em um grupo tão grande e que a confiança de todos apenas exacerbava sua própria insegurança.

No fim, deu de ombros, agarrou uma jarra de água e se serviu. Durante as últimas semanas, ela vivera apenas com comida seca e um lanche ocasional, daí todas aquelas iguarias diante de si serem maravilhosas, fazendo a fome crescer cada vez mais. Havia muitas travessas com seus pratos favoritos, como cozido de batata doce, carne grelhada, pickles e outros legumes, pão de castanhas e integral, pedaços de queijo, manteiga bem amarela e, acima de tudo, panqueca e geleia de amora ártica. Ela estava com água na boca.

Astrid se levantou:

– Recebemos hoje visitantes maravilhosos. Todos nós damos alegres boas-vindas para Nonna e Fenris. Eles vieram de longe e sua viagem foi dura, espero que possam ficar conosco por muito tempo.

Astrid se virou para Nonna, colocando a mão em seu ombro:

– Nonna é parente de Asbrand, é do clã de dragões e seu ancestral, Skafloc, é conhecido por todos nós. Ela tem muito que nos contar e haverá tempo para isso, mais tarde. Hoje não deixaremos que façam qualquer esforço e compreenderemos que, após o jantar, desejem ir dormir. E, Nonna, não há dúvidas que logo você ficará sabendo de todo o resto. Na sua frente está sentada a pessoa que será um dos seus amigos mais íntimos, assim como de Fenris.

O enorme homem se levantou e se curvou diante dela.

– Nonna, por favor, deixe-me lhe apresentar Jarnskegg, também conhecido como Focinho de Sangue – disse Astrid.

– É um prazer conhecê-la. – A voz combinava com a aparência. Até Fenris levantou a cabeça ao ouvir aquele timbre que parecia reverberar até os ossos. O urso pensou ter ouvido a voz de um lugar distante e olhou para o homem, confuso. Jarnskegg olhou para Fenris e sorriu:

– É um prazer conhecê-lo, Fenris.

Este respondeu com um rugido que assustou a maior parte das pessoas à mesa. A voz de Jarnskegg parecera alta, só que o rugido fez as janelas trepidarem.

– Prazer em conhecê-lo, em nome de Fenris – disse Nonna com bravura e a voz mais cerimoniosa possível, o que fez alguns homens caírem na risada.

Acompanhados por um agradável e confortável falatório, todos começaram a comer. Em seu prato, Nonna colocou uma pilha grande de cozido de batata doce, carne, pickles, queijo e pão. O pão tinha rodela verdes em seu interior, que Asta disse ser azeitonas. Ela também recebeu outro prato, reservado para Fenris. Nonna encheu-o com carne e todos os tipos de arenque em conserva e o pôs junto ao banco. O urso se sentou, comeu e repetiu, um prato após o outro. Satisfeito, repousou a cabeça cheirando a arenque no colo da menina, que percebeu como Asta a acariciava ao longo do jantar, enquanto conversava com os outros.

Nonna ouvia todo aquele falatório e se divertia por estar ali, sentindo a força do que a ligava àquele lugar. Embora sentisse saudades da mãe e de casa, parecia-lhe que o sentimento estava lhe dando uma oportunidade

para relaxar, como se tivesse sido movido um pouco para longe do coração. A sensação de unidade, a segurança e o desaparecimento do medo a encheram com um ardor que lhe fez o rosto corar. A comida era mais deliciosa do que nunca e, olhando os homens conversando exaltados a seu redor, sentiu-se como se estivesse sonhando. Eles riam alto, batiam os punhos contra a mesa e apertavam os braços uns dos outros. As mulheres eram mais quietas e, de vez em quando, interrompiam o barulho masculino. Nonna percebeu que todos eram amigos próximos.

Do outro lado da mesa, Kara olhava para ela e lhe dava várias piscadelas. Nonna notou que era ainda mais selvagem ao devorar a comida, enquanto Isrid se mantinha quieta e reservada, como sempre. Kara, entretanto, não deixava Isrid em paz, provocando-a de todos os modos. Além delas, Halgeir era a única criança sentada à mesa.

Tomando coragem quando Jarnskegg a olhava, curioso, ela disse:

– Ouvi dizer que há ursos do gelo no forte. Seria ótimo vê-los com Fenris.

O homenzarrão sorriu por trás da barba, mastigou a comida com barulho e tomou um gole de cerveja:

– Nonna, minha querida, terei grande prazer de dar as boas-vindas a Fenris no Salão dos Ursos, amanhã logo cedo, após o nascer do sol. Temos, sim, ursos do gelo e eles são os maiores e mais fortes do mundo. O bando de Focinho de Sangue da Unha do Dragão é conhecido por todo o norte e não é por menos.

– O velho Barba de Prata tem razão – interrompeu Godmund, batendo o punho fechado sobre a mesa. – Não acredito que existam criaturas aqui por perto que deixem de abaixar as armas diante deste bando de ursos do gelo.

– Há pouco tempo, Fenris matou Grol, que havia escapado dos gnomos! – disse Nonna, com orgulho. Os homens pararam de comer.

– Você está falando a verdade? – disse, surpreso, Asbrand.

– Sim, é a pura verdade. – Nonna contou sobre o evento acontecido na floresta dos gnomos, talvez tendo sido até direta demais. Foi bom ver a mesa toda parar de falar para ouvi-la contar a história. Quando terminou,

Jarnskegg se encostou na cadeira e começou a gargalhar tanto que o riso se tornou contagiante, fazendo todos os outros rirem.

– Bem, temos aqui um urso do gelo de verdade! – disse Jarnskegg. – Aqui também ouvimos falar sobre Grol. Não deve ter sido um adversário fácil, malditos gnomos, eles inventam todo tipo de coisa. Se pudesse dar um apelido a Fenris, ele seria Matador de Grol. Só de ouvi-lo, tais criaturas dariam no pé de medo.

– Isso não é tudo... – disse Nonna. – Fenris lutou contra o espírito maléfico, nas ruínas de Skafloc... Ou estava prestes a lutar, quando ele teve tempo de intervir.

Houve uma pausa silenciosa, enquanto muitos se engasgavam. Pensativo, Asbrand encorajou-a a continuar. Desta vez, Nonna estava se divertindo. Ela fez uma curta pausa, bebeu um gole de água e olhou em volta. Todos prendiam a respiração, aguardando a história, os homens se inclinavam para a frente, colocando os canecos sobre a mesa.

Nonna soube como contar a história com mais confiança e os rostos entusiasmados faziam com que ela desse a ênfase devida nos momentos certos.

– Bem, descreva aquela criatura mais uma vez – pediu-lhe Godmund, depois da história ter acabado. Jarnskegg se levantou da mesa e caminhou até Fenris. O urso levantou a cabeça do colo de Nonna quando o homem gigantesco se agachou a seu lado. Jarnskegg o segurou nos ombros, fitando-o bem fundo.

– Ele era inteiro preto. Tinha olhos ardentes, assim como seu cavalo. As roupas rasgadas davam a impressão de que quase não lhe serviam, como se estivesse explodindo dentro delas. O cavalo era tão preto como seu elmo de ferro. O espírito maléfico não tinha mais nada, exceto as roupas e espada.

– Ele tinha asas? Chifres?

– Não, não tinha – disse Nonna, a se lembrar.

Pensativo, Godmund olhou para Astrid:

– Faz muito tempo que não ouvimos falar de um espírito maléfico tão poderoso por Noridium, não faz?

Astrid concordou com a cabeça, em silêncio, voltando-se para Fenris.

Jarnskegg examinou o urso com cuidado, balançou-o e se sentou.

– Você tem aí uma criatura de fato magnífica! Aposto que vocês dois têm um segredo, não têm, Nonna? – disse Jarnskegg. – Tendo dito que será um prazer receber a visita de Fenris amanhã, falo agora com ainda mais veemência.

– E digo que Nonna teve uma bela aventura. Até amanhã à noite ela terá conseguido descansar e espero que possamos ouvir mais – falou Asbrand, bebendo uma cerveja.

– Ficarei feliz em contar para todos vocês, se quiserem ouvir.

Assim, inspirado pelas histórias de Nonna, um falatório animado e caloroso sobre gnomos e outras coisas interessantes tomou o salão. As histórias eram fascinantes e Nonna percebeu ter vindo para um lugar em que ouviria muitas delas, além de contos e lendas. Apesar de tudo aquilo, ela começou a ter sono após comer, embora lutasse contra. Quando a cabeça caiu de exaustão, só pôde ouvir passos pesados se aproximando e sentir que alguém estava próximo. E a voz de Asbrand, como se viesse de longe, do meio de uma névoa:

– Jovem convidada, parece que é hora de você ir para cama agora – sussurrou-lhe no ouvido. Ele a segurou e levantou com facilidade no colo. Nonna ouviu pessoas lhe desejando boa noite em volta e adormeceu ainda nos braços do caçador de crânios, antes de deixar o salão.

PRAIA PERDIDA, COSTA OESTE DE NORIDIUM

O leve esplendor da aurora boreal iluminava a neve com fraqueza, em torno do vilarejo de Praia Perdida. Fazia um frio terrível, tudo estava calmo e tranquilo. O céu estava límpido, azul e infinito, estrelas brilhavam nas profundezas. De vez em quando, podiam-se ouvir estalos no mar, à medida que a cobertura de gelo se movia na superfície da água. Blocos de gelo se chocavam entre si, quebrando-se. Próxima à costa congelada, em um pequeno monte, estava a cabana calma e escura de Gunhilde e, à frente,

uma pequena lamparina solitária com uma chama tremulante. Desde que Nonna partira, Gunhilde acendia a luz, todas as noites, para que ela pudesse enxergar o caminho de casa.

Os corvos que dormiam nas árvores perto da cabana acordaram, de súbito. Assustados, olharam ao redor, sentiram algo misterioso e passaram a grasnar. Voando próximo ao chão coberto de neve, desapareceram nas sombras da floresta.

As estrelas estavam encobertas quando uma sombra passou por elas, no céu. Ela era mais rápida do que um corvo, maior do que as águias que eram vistas sobre a costa e tão escura, que seu movimento no ar só deixava um vestígio ao encobrir as estrelas. Após chegar às alturas de Praia Perdida, começou a voar em um grande círculo em volta do vilarejo, parando por fim sobre a cabana solitária de Gunhilde. Em seguida, dirigiu-se para lá. Um pouco antes de chegar à superfície do solo, coberta de neve, abriu as asas e desacelerou, antes de iniciar o mergulho. O tamanho das asas causava turbulência, soprando uma grande nuvem cintilante que brilhou sob a luz das estrelas e da aurora boreal.

Do meio dela, aterrissou um wyrm branco da Unha do Dragão. Suas pernas afundaram muito na neve e, sem ligar para isso, ele esticou as asas pontudas por um momento e as dobrou nas laterais. Os olhos grandes, brilhantes e negros examinaram a área à procura de sinais de perigo. Tudo estava silencioso, nenhuma pessoa ou criatura se movia. Só uma lamparina solitária o perturbava junto aos pés.

Com um rugido, o wyrm a derrubou. Ele sentiu cheiro de fumaça, de cera queimada e do ferro quente da lamparina. Por um instante, pensou se deveria apagar o fogo, decidindo não fazer nenhum truque desta vez. Seu senhor, Skald, dera-lhe uma tarefa e ele iria realizá-la. O wyrm deu alguns passos, tropeçando na neve e mantendo o equilíbrio com a ajuda das asas e, enfim, chegou à porta da cabana, bufando e resmungando, batendo-lhe com o focinho.

Gunhilde acordou de um sonho. Ela ouvira um som vindo dele e, ao abrir os olhos para a escuridão de sua cabana fria, percebeu que vinha da porta. O medo lhe correu por dentro, enquanto retirava os cobertores e se

levantava da cama. Quem seria àquela hora, quem mais além de Nonna e Fenris ou alguém trazendo más notícias? Os passos ressoaram nos tacos do chão ao correr para a porta. Gunhilde tirou a trava e a abriu.

Ela gritou ao ver o que estava diante de si.

Gunhilde nunca vira um dragão, havia apenas ouvido falar sobre wyrms e não sabia qual dos dois era aquele. A lamparina, tremulando sobre a neve, iluminava uma criatura coberta por escamas brancas, com um pescoço comprido e cerca de um metro mais alta do que Gunhilde. Ela a olhava com os grandes olhos em sua cabeça de cobra. A luz da lamparina refletida nos olhos parecia infinita quando a criatura trouxe a cabeça para mais perto da mulher, que não sabia se estava sonhando ou se a criatura era real.

– Você é Gunhilde? – perguntou a criatura com uma voz sibilante, que mal se podia entender.

Gunhilde não sabia o que fazer. Ela levou uma das mãos à boca e procurou por apoio na parede com a outra. Não sabia se devia fechar a porta na cara daquele monstro, acertá-lo ou gritar por ajuda. Não importa o que fizesse, a criatura decerto teria tempo de detê-la.

– O quê? Sou... – Gunhilde conseguiu dizer só isso, com uma voz trêmula, porém o wyrm a parou, rosnando como um cachorro. Ela sentiu arrepios na espinha.

– Tenho uma mensagem de meu senhor, Skald, da Unha do Dragão.

– Unha do Dr...

– Esta é a mensagem: sua filha está segura, assim como seu guardião, Fenris, o urso do gelo. Eles estão bem e sua filha tem muitas saudades de você. Ela está a salvo, não há nada com que se preocupar.

Embora falasse com palavras confusas e atrapalhadas e sua voz fosse horrível de ser ouvida, Gunhilde sentiu um grande alívio dentro dela, o que lhe fez encher os olhos de lágrimas. O wyrm percebeu e virou a cabeça para ver melhor.

– Isso pode ser verdade? Eles estão a salvo? Quando os verei?

– Não sei quando verá sua filha, as palavras de Skald são verdadeiras e é isso que deveria lhe dizer. Ah, além disso, Skald pediu que esperasse, só

isso.

O wyrm deu um passo para trás, soltando rugidos e batendo as pálpebras, abriu as asas e decolou. Uma nuvem de neve foi soprada no ar ao subir, veloz, para o alto. Ele desapareceu na escuridão em silêncio e deixou Gunhilde estupefata à porta, com a neve caindo em seus cabelos e ombros e até dentro da cabana.

Gunhilde ficou imóvel por um longo tempo. O frio penetrou em sua pele e deixou a cabana gelada, mas ela continuou paralisada. Fechando os olhos, repetia as palavras da criatura. Embora a dúvida e o medo tentassem apagar a mensagem, Gunhilde sabia que era verdade. Ela abriu os olhos, os passos sobre a neve haviam desaparecido. A lamparina caíra e o fogo se apagara e ela ficou em dúvida se estivera sonhando. Encolhendo os ombros, deu um suspiro. Não lhe importava se uma criatura estivera diante dela há instantes ou se estivera sonhando. De qualquer maneira, recebera uma mensagem e ficara sabendo que Nonna estava bem.

Ela tinha que dividir a notícia com alguém. Gunhilde correu para dentro da cabana, calçou as botas e a capa de pele e correu para fora.

Thorgil quase se engasgou com a cerveja doce e forte que bebia, quando alguém começou a bater à porta robusta de sua cabana, no início da manhã. Pensando ouvir uma voz de mulher, reconheceu ser a de Gunhilde.

– O que raios... – disse Thorgil, passando a mão nos cabelos, em frente à lareira. Embora fosse muito cedo, ele não era o único acordado na cabana. Algo havia acordado aqueles que dormiam, um sentimento estranho, que todos sentiram juntos. Eles só não sabiam que a chegada do wyrm causara inquietação no sono de todo o vilarejo e que muitas pessoas já estavam acordadas ou tentando voltar a dormir. Thorgil se levantara e ordenara Katra, sua sobrinha teimosa, a fazer o café da manhã e acender as luzes da cabana. E começara a reacender o fogo que morria na lareira e a colocar cerveja do barril em seu caneco, como fazia todas as manhãs.

Thorgil bateu com o caneco sobre a mesa, balançou a cabeça e pôs os cabelos compridos para trás, enquanto caminhava até a porta, que recebia

socos furiosos de pequenas mãos.

– Mulher, você... – Thorgil teve apenas tempo para começar a frase, antes de ver a expressão e a alegria no rosto de Gunhilde. A garota deve ter retornado para casa, pensou. – Entre e não fique parada aí.

Gunhilde entrou correndo na cabana. Seu cabelo estava desganhado e ela apertava a capa de pele contra si para mantê-la fechada:

– Recebi uma mensagem. Nonna está bem e Fenris também!

Gunhilde olhou em volta. Katra parara no lugar e a fitava, com expressão confusa. A garota era boa, porém muito teimosa e levava um pouco de tempo para entender as coisas. A cabana estava escura, iluminada apenas por velas. Gunhilde viu o irmão de Thorgil se vestir e sua mulher segurando um pão redondo. Os sobrinhos estavam dormindo, agitados, do outro lado da cabana.

– Por que estão acordados? – perguntou Gunhilde, mudando de assunto.

– Não importa, quem lhe trouxe a mensagem? O adivinho?

Thorgil se sentou na ponta da mesa, terminou a cerveja e esperou.

– Bem... isso não é importante. De qualquer maneira, recebi a mensagem que eles estão seguros no Forte da Unha do Dragão, você sabe onde é?

A cerveja espirrou da boca de Thorgil e ele tossiu, engasgando-se com o líquido que fora pelo caminho errado. Katra correu para bater nas costas do tio. Thorgil limpou a garganta e mandou a menina voltar ao trabalho.

– Na Unha do Dragão?

– Foi o que me falaram. Em que lugar fica, é longe?

Ele fez um sinal para que Gunhilde se calasse por um instante. Limpou a boca e se serviu com mais cerveja, pondo um pouco para ela também. Colocou o caneco de Gunhilde sobre a mesa e fez um sinal para que se sentasse. Sem pressa, ele bebeu metade de sua cerveja, antes de começar a falar:

– Unha do Dragão é longe. Ao menos uma semana de viagem, se é que o lugar ainda existe.

– O que você quer dizer?

– Gunhilde, só se fala da Unha do Dragão em histórias, ninguém vivo já esteve lá ou sabe o lugar exato. Em alguma parte do norte, na fronteira da Terra do Gelo, no meio das montanhas, é o que dizem.

– Que histórias são contadas sobre o lugar, por que Nonna estaria lá?

– Unha do Dragão é o lar da Bruxa do Gelo. Dizem que ela se aliou com o Deus do Frio e as bestas do gelo – uma bruxa cruel e imortal que controla o gelo e o frio. Ninguém que conheça já a viu e nem ouvi falar de alguém que a teria visto. Unha do Dragão é o último lugar que imaginaria que sua filha estivesse. Embora, é possível imaginar isso vindo dela, se ela for parecida com você.

– Disseram que ela está lá, como saberia o nome do lugar de outra maneira? – perguntou Gunhilde, sem ao menos experimentar a cerveja que lhe fora servida.

– Quem lhe trouxe a mensagem?

Gunhilde olhou com cuidado para Thorgil e decidiu que não seria uma boa ideia falar a verdade. Ele pensaria que ela enlouquecera, pois talvez ali ninguém poderia ter visto um dragão ou um wyrm, havia muito tempo – ou nunca.

– O mensageiro, ora, isso não é importante.

Encolhendo os ombros, ele passou a mão na barba e deu um grande bocejo:

– Gunhilde, se Nonna de fato está no Unha do Dragão e alguém enviou uma mensagem de lá, deve haver algo em sua filha que nenhum de nós notara antes. Ou você não nos contou alguma coisa.

Thorgil se esticou na cadeira, respirou fundo e terminou a cerveja. Gunhilde, sentada à frente, tocou nos dedos, com nervosismo, sorrindo com alegria.

– Bem, seja o que for, sua filha está bem e todos podemos ficar felizes com isso. É um bom sinal. Diga o que quiser, temos uma razão para comemorar o festival de inverno em uma atmosfera ainda mais alegre. – Thorgil a segurou pela mão e abriu um largo sorriso. – Fique para o café conosco, não há sentido em ir dividir tanta alegria com ninguém em sua cabana – disse com a voz calma.

Gunhilde sorriu e tirou a capa com um suspiro.

UNHA DO DRAGÃO, FRONTEIRA SETENTRIONAL DE NORIDIUM

Nonna acordou aos poucos, abriu os olhos e tentou ficar sem se mexer sob os cobertores grossos de pele. Seu aposento estava escuro, exceto pelo pequeno brilho das brasas na lareira, suficiente apenas para iluminar o pelo de Fenris sob a luz avermelhada.

Ela sentiu uma brisa fria no rosto, espreguiçou-se sem fazer ruído sob o cobertor e parou para ouvir.

O silêncio quase perfeito foi quebrado por vozes abafadas atrás da porta robusta. Nonna ouviu os passos e tentou adivinhar quais eram de homens ou de mulheres. Alguns eram leves e rápidos, outros, pesados e lentos. Além deles, de vez em quando podia ouvir conversas em voz baixa, notando que algumas pessoas paravam em frente à porta, como se hesitassem, e depois se afastavam até que ela não podia mais ouvi-las.

O som do fogo vindo da chaminé da lareira era audível e, ao fundo, Nonna ouvia a respiração grave e tranquila de Fenris.

Quando estava prestes a voltar para um sono quente e calmo, ouviu passos pesados a se aproximar, parando à porta. Por alguma razão, deram-lhe arrepios.

Sons metálicos do lado de fora, semelhantes aos de uma armadura, fizeram-na se lembrar dos guardas guerreiros de Gerhard, durante o tempo de sua prisão. E congelou de medo.

Alguém bateu à porta, de leve. A batida não combinava com os passos.

– Entre! – Nonna se pegou dizendo. Naquele instante, Fenris rugiu e levantou a cabeça. Não importa qual fosse seu sonho, ele não compreendeu de imediato o que o acordara nem o lugar em que estava, agitando a cabeça como se tentasse jogar o sonho para fora, pelos ouvidos.

Uma luz forte entrou no quarto quando a porta se abriu e Nonna viu que Freydis vinha junto com ela e mais duas pessoas, o robusto Asbrand e

uma mulher, não tão forte, que segurava um cesto coberto por uma toalha de mesa.

– Bom dia, Nonna! – disse Freydis com alegria, correndo para abrir a janela, com cheiro de tempo frio. – Está um escuro terrível aqui, tenho certeza de que você não se incomodará se abrir a janela. Olá Fenris! – disse, quase caindo sobre ele.

Freydis levantou a trava da janela, abriu-a e se esticou para empurrar as persianas de madeira por trás dela:

– Brrr... está frio lá fora – disse Freydis, enquanto o ar congelante entrava. Ela fechou a janela quase de todo, deixando uma fresta, agachando-se para acariciar o urso do gelo, ainda deitado.

Asbrand a cumprimentou e guiou a mulher rechonchuda para dentro. Em seguida, ele próprio entrou, com os sapatos tinindo. Caminhou até o lado de Nonna e se sentou à beira da cama. Ela notou que Asbrand parecia aliviado quando ele levantou e acariciou sua cabeça:

– Tenho boas notícias, Nonna.

Asbrand falou com uma voz baixa e séria. O aroma de pão fresco e mingau, que a mulher rechonchuda trouxera, ficou ainda melhor após ouvir essas palavras. Ela adivinhou o que Asbrand iria falar e não pôde esperar. A mulher deixou a cesta e foi embora. Freydis se sentou do outro lado de Nonna, também à beira da cama.

– O wyrm voltou de sua viagem, de manhã. Ele encontrou, com facilidade, a Praia Perdida e a cabana de sua mãe e, para surpresa de Skald, completou a tarefa sem grandes problemas.

Nonna se levantou, entusiasmada:

– Ele conseguiu passar a mensagem? Conte-me!

Asbrand riu:

– Sim, sua mãe sabe que você está bem e segura aqui. Skald pediu que ela esperasse. O que acontecerá depende de você.

– O que quer dizer?

Por um momento, ele ficou sentado, pensando. Pessoas andavam pelo corredor, com seus afazeres, e Nonna já queria deixar o quarto, estando tão animada. Gostaria de fazer naquele dia tudo o que fosse possível, pois a

alegria levava embora todas as preocupações que tinha, dando-lhe mais forças. Fenris espreguiçava no chão e farejava o ar frio que vinha da janela entreaberta.

– Godmund e Skald poderiam ir pegar sua mãe, se você quisesse. Só que teriam de ter muito cuidado para o dragão não ser visto.

– Por quê? – perguntou Nonna. Freydis se espreguiçava e bocejava junto à janela. A luz do sol refletida sobre a neve iluminava o quarto.

Asbrand sorriu de um jeito matreiro:

– Eles não estão acostumados a ver dragões em seu vilarejo e a presença de Skald poderia causar todo tipo de problema. As pessoas ficariam com medo e preocupadas sem motivo. Talvez Astrid possa ajudar no assunto.

– Você não poderia ir? Você também tem um dragão, não tem?

Asbrand virou os olhos para as janelas e suspirou, saudoso:

– Para minha tristeza, Nereid ainda não veio. Desta vez, Skald poderia ajudar, desde que você fale com Astrid sobre isso.

Ele se voltou para Nonna e passou a mão em sua cabeça:

– Nereid gostará de você, tenho certeza, mal posso esperar que se conheçam. Por enquanto, você já pode respirar aliviada e ir explorar lugares com Freydis. Seus outros amigos estão esperando, também. Freydis, ande pelo forte, conte para Nonna tudo o que ela quiser saber. Vá ver até os ursos do gelo.

Asbrand se levantou da cama para partir. A seu lado, Freydis, que comia pãezinhos, concordou, murmurando. De repente, Nonna se lembrou de algo:

– Asbrand, espere! – Nonna pulou da cama e abriu uma das duas sacolas sobre a mesa, retirando o grande livro branco. – Trouxe isto comigo, da biblioteca de Skafloc. Acho que você gostará de ler, é a história da família dele – disse, entregando-o para o homem surpreso.

Ele segurou o livro e sentiu a superfície antiga com a mão. Nonna percebeu uma expressão feliz e curiosa surgir em seu rosto.

– Lerei com prazer. Muito obrigado, Nonna, esta foi uma ótima surpresa. – Asbrand tocou de leve no rosto de Nonna e abriu um largo

sorriso, enquanto ela voltava a se sentar sobre a cama.

– Venham ao Salão Branco após o meio-dia, Astrid quer falar com Nonna – disse Asbrand, feliz, caminhando para a porta. Ele parou e olhou de novo, sorrindo, um pouco melancólico, antes de seguir pelo corredor. Assim que saiu, passos leves trouxeram Kara e Isrid, que deviam ter esperado todo o tempo no corredor.

Os próximos minutos foram cheios de ação. Kara e Isrid entraram rápidas. Isrid veio logo para o lado de Freydis e Kara, com seu grande apetite, atacou os pãezinhos. Freydis se jogou ao lado de Nonna, sobre a cama, e Kara se acomodou ao pé dessa, comendo pãezinhos.

Encorajada por Freydis, Nonna pegou a tigela de mingau com mel e comeu com grande apetite, enquanto as meninas conversavam animadas. Ela notou que falavam sobre alguma raposa e decidiu perguntar sobre isso depois, se lembrasse.

Quando terminou o desjejum, a bandeja estava vazia. Depois de a luz forte do sol, que brilhava na janela, ter levado embora seu sono, ela se levantou e olhou melhor para as meninas.

Freydis trajava um vestido de lã verde-claro e tinha os cabelos longos trançados, Kara vestia calça de lã cinza e pusera uma túnica avermelhada. E tinha também um cinto fino de couro, no qual uma pequena espada estava pendurada. Isrid, com uma saia de lã branca, estava no chão, ao lado de Fenris, falando baixo com o urso do gelo e o acariciando. Fenris parecia se divertir com gosto.

As garotas passaram um tempo conversando e gracejando de uma maneira que Nonna ainda não tivera a oportunidade na vida. Pela primeira vez, sentia que tinha amigas de verdade. Embora estivesse em um lugar estranho, no meio de pessoas desconhecidas e novas, sentia-se relaxada e livre. Parte disso graças a Freydis, que a tomara como amiga, fazendo-a se sentir aceita e querida de verdade. Kara mostrava a amizade e a proximidade de uma forma diferente, e Nonna sentia que recebia dela – e da quieta Isrid – calorosas boas-vindas a Unha do Dragão e seus mistérios.

Depois que comeram, um grupo de criadas um pouco mais novas entrou em seu aposento, trazendo uma leva de roupas. Nonna logo

percebeu que todas tinham diferentes tons de azul. Algumas eram de um azul tão claro que mal se podia notar a cor. Os enfeites existentes eram nas cores amarelo e laranja. Enquanto as meninas admiravam aquilo, notaram que elas eram muito antigas e bem preservadas. Nonna também recebeu sapatos e botas, assim como instrumentos para escrita, pilhas de papéis feitos à mão, tinta e canetas, velas e todo tipo de coisa que as pessoas achavam que ela precisava. Uma vez que tudo fora guardado pelas meninas, Nonna se vestiu e deixou o quarto com as amigas e Fenris.

O Forte da Unha do Dragão fora construído a partir de uma montanha inteira, havia muito tempo. Três picos da montanha tiveram de ser reconstruídos após a guerra. As três alas foram interligadas por paredes e corredores e, no meio delas, havia uma torre pontiaguda que se assemelhava a uma unha, junto à qual estavam o Salão Branco e os outros cômodos de Astrid. A ala do forte em que Nonna, Freydis, Kara e Isrid viviam era a mais próxima da torre. Em outra ala semelhante, estava o espaço dos dragões e wyrms e, em uma terceira, o local dos adivinhos. Nos térreos, havia cômodos para os criados, ferreiros, cavalos e guerreiros.

As garotas passearam pelos salões e corredores do forte, durante a manhã. Nonna admirava os muros e paredes de pedra robustos, grandes abóbadas e janelas altas com vidraças coloridas, através das quais o sol quente de inverno brilhava. Em alguns cômodos, a luz iluminava tapeçarias e outros enfeites, porém, nos corredores labirínticos e escadas escuras, tochas tinham de ser acesas. Nonna não deixava de admirar as estruturas do forte e as pessoas que nele viviam.

Partículas de pó dançavam sob os raios de luz que entravam pelos vidros e a pequena espada de Kara tilintava em sua bainha, de vez em quando, enquanto caminhavam pelo forte, guiadas por Freydis. Fenris as seguia ao lado de Isrid e a olhava intrigado. Achando que havia algo muito estranho na garota, sem saber o motivo da cisma, Fenris deu um suspiro profundo, enquanto andava. Ele gostava daquele lugar fresco e iluminado. Os pisos de pedra frios eram confortáveis e a alegria trazida pela luz do sol era só uma pequena fração da alegria que sentia em um lugar que parecia

ser seu lar. Era como se sempre – e também nunca – tivesse estado lá. Além disso, intuía que estava próximo de algo muito importante.

Freydis vivera em Unha do Dragão por toda a vida e, dentre todas as meninas, era quem o conhecia melhor. Após visitar um andar, elas sempre desciam para o de baixo para continuar a exploração. De vez em quando, paravam em canhoneiras de janelas, ou áreas junto às escadas, para descansar e conversar, quando Freydis contava mais histórias do lugar. Ela falava sobre trolls das montanhas que cortavam pedras e hurgs que traziam pilhas enormes de metal em seus carrinhos fortes e barulhentos. E sobre as bestas do gelo da Terra do Gelo, que, às vezes, eram vistas perto do forte. Contou sobre os bárbaros do norte, que lhes vendiam peles e alimentos. E, em especial, sobre o que havia no forte, o que acontecia por lá, cada figura importante, o que gostavam ou não etc. Quando chegaram ao fim do piso inferior mais labiríntico, Nonna começou a perceber a que tipo de lugar chegara e que estava em um forte cheio de segredos e possibilidades. Ela jamais teria acreditado que um lugar como aquele existisse.

Tudo em sua volta parecia tão grande e inacreditável que era difícil de compreender. Até se sentia tonta, enquanto descia para o piso inferior, no qual trabalhadores e guerreiros executavam suas tarefas.

Além de uma enorme cozinha, o andar continha grandes depósitos, oficinas e estábulos. Junto dos cavalos, havia renas, ovelhas de pelo grosso e vacas que eram levadas para pastos distantes de Unha do Dragão, durante o verão. Os salões ancestrais tinham alojamentos para soldados e criados e um grande salão em que podiam descansar e passar o tempo. Os cômodos apertados, escuros e frios cortados na pedra faziam Nonna se sentir em um mundo novo. Eles eram tratados como aristocratas em toda parte e Nonna não estava acostumada com isso.

Na cozinha, Nonna conheceu Elrny, uma matrona que, com seu tamanho, parecia encher o salão inteiro no qual se elaboravam as refeições. Apesar da aparência, a mulher loira tratava as garotas de maneira amigável e tentava não ficar no caminho de Fenris, que esbarrava, por acidente, nas grandes mesas do espaço apertado, ao andar pelo chão de pedra. Freydis terminou a exploração na cozinha, de propósito. Elas se sentaram em uma

das mesas e Elrny lhes trouxe uma jarra de leite e um bolo de frutas que fora curtido na despensa, por muito tempo. Ele tinha um sabor intenso de alguma especiaria que Nonna não conseguiu reconhecer. Kara disse que o sabor provinha de uma bebida forte, feita pelos trolls da montanha, que os guerreiros às vezes bebiam quando festejavam. Pura, teria um gosto terrível, embora no bolo gerasse um sabor refrescante.

Fenris se acomodou, deitando-se ao lado de um saco de farinha, enquanto as garotas repassavam o que haviam visto e planejavam o que fariam a seguir.

Nonna perguntou sobre o belo salão decorado, com portas duplas, que haviam visto no primeiro andar. Nelas, vira estranhas runas. Uma grande estaca as mantinha fechadas e ela quis saber o que havia atrás.

– Ali estão as velhas criptas e as masmorras. As portas só são usadas durante as festas. São tão grandes para que um dragão passe por elas. Há outra entrada para as criptas, por um corredor menor de um salão pequeno. Na verdade, as criptas são proibidas e pelo salão menor só é possível ir às masmorras e porões.

– Você já entrou lá? O que existe ali?

– Só há pó, cinzas, teias de aranha e muitas salas escuras, vazias e sombrias. É provável que não exista ninguém nas masmorras no momento, então não há motivo para se ir ali. Quando era bem pequena, colhi aranhas lá dentro e apanhei por causa disso, pois dizem que pode haver coisas perigosas também.

– Perigosas? – Por alguma razão, aquilo logo aguçou a curiosidade de Nonna. Até ela se perguntou como é que tudo que fosse perigoso a atraía tanto.

– Se você acabar no lugar errado, poderá cair em uma armadilha. Por serem lugares proibidos, as criptas e as câmaras do tesouro ainda têm armadilhas. Portas que se abrem no chão, flechas envenenadas, armadilhas de lobo e, parece, fantasmas e aranhas venenosas escondidas nas sombras. Naquele dia, minha mãe me falou que jamais poderia voltar lá, a não ser que alguém que conhecesse o lugar fosse junto. Depois, nunca mais fiz isso. E há mais uma coisa...

Freydis deu uma grande mordida no bolo, mastigou-a por um tempo e então tomou um gole de leite quente.

– Runolf está lá.

– Quem?

Ela colocou o rosto bem perto de Nonna e sussurrou.

– Runolf, o mago da morte... Ele é muito pouco visto. Dizem que à noite ele se espreita pelos corredores do forte, sozinho. Mal o vi, até hoje. É um velho adivinho, assustador. Sempre se veste de preto, tem pele pálida, olhos vermelhos e unhas cinza compridas e carrega uma vara comprida com uma caveira no topo.

– O que é um mago da morte? – perguntou Nonna, com a boca cheia de bolo. Ela não estava com medo, embora Freydis, pensando por um momento antes de dar a resposta, tentasse falar com o tom mais assustador possível.

– Magos da morte lidam com o espírito dos mortos. Ao que parece, ele convive com fantasmas ocultos, como pessoas mortas que se mexem nas criptas. Dizem que é tão velho quanto o forte e sabe tudo sobre os mortos. Fica sentado lá, sozinho, em algum lugar e não sei do que se ocupa. Às vezes, vem para o forte durante o dia, sem aguentar a luz do sol. Já ouvi que ele pode matar qualquer pessoa com uma única palavra.

Nonna pensou bastante sobre o assunto. Dado que o mago da morte sabia de tudo sobre os mortos, ele devia conhecer muito os espíritos, de modo geral, inclusive os maléficos. Um plano começou a se formar em sua cabeça, enquanto bebia as últimas gotas de seu delicioso leite cremoso.

Naquela hora, Isrid sugeriu, tremendo de medo, que elas parassem de falar sobre aquelas coisas horríveis e que, afinal, fossem ver os ursos do gelo. Kara disse que não iria com elas, pois iria aos ferreiros trabalhar no próprio projeto, que mantinha em segredo, levantando-se e saindo correndo. As outras decidiram ir ver os ursos do gelo antes que levassem Nonna até Astrid.

Como preparo, elas pegaram capas e luvas e atravessaram o corredor que começava no piso inferior, indo para o outro lado do penhasco de

Unha do Dragão. No fim, chegaram em uma porta congelada que dava acesso a uma maravilhosa gruta de gelo. Nela, havia um brilho azulado e, por suas grandes entradas, a luz do sol atravessava com força, tornando tudo translúcido.

Havia um grande número de ursos do gelo no local. Até Fenris nunca vira tantos de uma única vez. Ele estava muito animado. No meio dos grandes animais, havia pequenos filhotes brincando, que correram para Fenris assim que o viram. Ele rugiu, empurrando e mordiscando aqueles que se amontoavam em volta, com as patinhas presas em seu pelo. Estava explodindo de alegria, enquanto os focinhos curiosos o cheiravam, fazendo cócegas.

As garotas entraram em uma caverna grande, no meio dos ursos do gelo e Nonna reparou em algo estranho. Fenris não era de maneira alguma o maior urso de gelo ali. Na caverna, ela viu criaturas ainda maiores do que o amigo. Algumas até assustavam pelo tamanho, as cicatrizes, as áreas peladas, os dentes enormes e os olhos, tão ameaçadores e destemidos que Nonna teve certeza que eram os ursos de guerra da Unha do Dragão. Apesar da aparência, todos trataram Fenris com cordialidade, cumprimentando-o com jeito de boas-vindas e parecendo respeitá-lo.

Quando Jarnskegg chegou, confirmou a suspeita de Nonna, ao lhe dizer que Fenris trazia algo muito forte e especial, que apenas ursos do gelo sentiam. Ele mostrou a caverna e os mais sublimes ursos. Contou que muitos filhotes haviam nascido na última primavera e, no fim, levou as crianças para fora. Nonna parou em uma planície coberta de neve, ofuscante de tão clara, que parecia não ter fim. Por toda parte só havia montanhas, exceto no norte, em que se via uma fresta que, segundo ele, levava à Terra do Gelo. Nas direções norte e oeste era um mar de gelo, sempre coberto de branco, nos quais também havia outros ursos do gelo. O único grupo unido, no entanto, era o de Focinho de Sangue da Unha do Dragão. Os ursos do gelo do extremo norte não gostavam de viver em grupos.

Encantada, Nonna olhou para o vale infinito e brilhante. Um pouco adiante, observou alguns ursos do gelo caminhando na direção oposta à

deles e um falcão branco, que deslizava no ar, nas alturas do céu azul. Ouviu rugidos baixos atrás de si, na caverna, e o cochichar de Jarnskegg com as meninas, sentindo o calor do sol esquentar o rosto. O ar frio tinha um cheiro fresco e adorável e Nonna começou a se sentir extasiada. Apesar do frio e do aspecto desolado, Unha do Dragão era um lugar belo e seguro. Naquele instante, ela pensou que jamais iria querer deixar o local – e que gostaria de sentir aquele êxtase maravilhoso para sempre.

Freydis a lembrou do encontro com Astrid e elas voltaram para o forte. Nonna estava animada e feliz com tudo o que vira e percebeu que Fenris estava sorrindo. Ela o abraçou e lhe prometeu que sempre poderia voltar aos ursos do gelo, quando quisesse.

Embora estivesse feliz, vendo tantos ursos do gelo, sabia que seu lugar não era com eles, não ainda, pelo menos. Fenris tinha consciência de que era ao lado de Nonna o seu posto, no qual se sentia melhor do que em qualquer outro local.

Profecia

FORTE DA UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM Mês de Invernã de 815

Freydis e Isris guiaram Nonna e Fenris ao Salão Branco, no qual Astrid se sentava, sozinha, cercada apenas de seus cães-lobos. As meninas as deixaram para que conversassem em paz e disseram que iriam à biblioteca estudar alguns escritos que não haviam terminado no dia anterior. A porta do Salão Branco se fechou devagar e a conversa das meninas desapareceu por trás dela.

Astrid estava sentada na beira de uma canhoneira, com um vestido branco brilhante, sob a luz forte que vinha de fora. Tudo estava silencioso e calmo, à exceção apenas dos estalos sutis da lareira e as unhas dos animais a arranhar o piso ao andar. Ela limpou um pouco de gelo da janela a seu lado e, de maneira distraída, espalmou os dedos que haviam ficado úmidos.

– Venha e se sente aqui, Nonna.

A menina a obedeceu e se sentou na canhoneira a seu lado. Astrid segurou suas mãos nas dela e Nonna sentiu como elas eram frias.

– Skald me contou sobre sua mãe, agora ela sabe que você está aqui e a salvo. Isso deve fazer você se sentir melhor, não?

Nonna concordou com um aceno, sem nada dizer. Ela sentiu que a Bruxa do Gelo tinha algo importante a dizer:

– Estamos todos felizes com sua vinda para cá, com Fenris, e desejamos que queira ficar em Unha do Dragão. Você não precisa responder agora, se decidir ficar, será por sua própria vontade.

– Por que todos estão tão felizes? Às vezes parece que fomos esperados...

– Todos estão felizes que uma menina, parente de Asbrand e Skafloc, tenha vindo até aqui. Você saiu de longe e viajou um longo caminho para chegar ao lar de seus ancestrais e é muito provável que sua chegada tenha um significado.

– Significado? Qual?

A mulher virou os olhos para a janela. Nonna tentou acompanhar o gesto e viu montanhas cobertas de neve pelo buraco feito no gelo, com o vento soprando forte no cume das montanhas.

– Nonna, você é do clã de Skafloc e isso a faz muito poderosa aqui. Você pertence a este lugar, sempre pertenceu. As raízes de sua família estão naquelas montanhas, nos vales e no fundo deste solo congelado... não lá longe ao sul, nas várzeas e campos verdes.

– Bem, na verdade, sinto-me melhor aqui. Fenris também prefere a neve e não precisa fugir do tempo quente, como antes. E todos são tão bons comigo!

– É bom saber que você gosta daqui – disse Astrid, sorrindo e feliz.

Absorta em suas ideias, Astrid se calou por um tempo, durante o qual os olhos de Nonna vagaram e notaram a tapeçaria branca e o símbolo que trazia.

– Aquele é o símbolo de Skafloc?

Sem virar a cabeça, Astrid sorriu e assentiu com a cabeça:

– É o poderoso símbolo da família de Skafloc. Sua esposa o manteve como o símbolo da Unha do Dragão, após vir para cá. A lua crescente simboliza o amor de Skafloc pela escuridão da noite.

– E as estrelas?

– Simbolizam a família de Skafloc, o clã de dragões inteiro e seu deus Cerbiurus... as três coisas mais importantes na vida dele e de Gudrun.

Nonna olhou com admiração para o símbolo, que brilhava sob a luz do sol contra o fundo totalmente branco. A tapeçaria se movia com leveza no ar da sala. Ela se lembrou das palavras de Astrid e se virou para ela, franzindo a testa:

– Estava destinada para vir aqui? Por que, além de estar procurando por minha irmã?

– Às vezes, alguns eventos em nosso destino são deixados inacabados. Somente os deuses sabem o motivo, porém, tempos como os de guerras abreviam muitas histórias de vida. O Senhor do inferno começou a Guerra dos Deuses, embora não tivesse permissão para fazê-lo. Algumas coisas nunca voltarão a ser como eram, enquanto algumas histórias encontram modos de continuar o caminho que lhes estava destinado.

Astrid falava com um tom sério e Nonna gostava de ouvir sua voz gentil. Ela acariciava um dos cães-lobo sentados a seus pés, ao lado de Fenris:

– Diz-se que Skafloc estava destinado a um dia ter uma filha e o destino dela seria importante para o reino do norte ou pelo menos para seu clã. O Senhor do inferno impediu isso e o clã dos dragões quase foi destruído na Guerra dos Deuses. Sua família foi dividida em duas, depois de Brand e, por alguma razão, seu ancestral deixou esta área. Gudrun, a esposa de Skafloc, enterrou a velha crença, deixando alguns poucos a conhecerem. Segundo ela, um dia, uma menina viria para cá. Ela terminaria o destino inacabado da forma como ele deveria ter sido. E, antes de você, nenhuma menina da família de Skafloc esteve aqui.

– Se a filha de Skafloc era tão importante, por que não nasceu antes?

– Quem sabe, talvez alguém tivesse medo de que ela fosse morta em uma guerra, como tantas coisas o foram quando as tropas dos reinos do sul barbarizaram quase tudo por aqui, no norte. Eles até tentaram dizimar os dragões negros e, felizmente, não conseguiram – apesar de terem matado Skafloc, o que foi uma grande pena. Ele nunca esteve ao lado do Senhor do inferno, só queria proteger as próprias terras da destruição. Apesar disso, os exércitos de Nawyr destroçaram os fortes dos Montes do Dragão e de todo o reino. Por anos e anos o espírito de Skafloc dormiu nos Montes do Dragão, esperando, talvez, por você.

– Bem, não teria conseguido encontrar o lugar sem a ajuda de um adivinho de Praia Perdida – disse Nonna, brincando com a barra de seu vestido e pensando como o destino podia ser complicado e por quanto

tempo ele a impulsionara. Quem sabe o espírito maléfico fora enviado para impedir que ela chegasse em Unha do Dragão, ideia que a enfureceu.

– O que devo fazer, o que Skafloc gostaria que fizesse?

Rindo, Astrid alisou o cabelo de Nonna:

– Skafloc teria desejado que você ficasse por aqui. Que descobrisse tudo o que se deu no passado, estudasse a história da família e, mais ainda, aprendesse mais coisas sobre si.

– Sobre mim? O quê?

– Nonna, você é do clã dos dragões, possui poderes que apenas alguns têm. É muito provável que ocorram situações nas quais o destino de Skafloc e o seu estejam em suas mãos e você possa entrelaçá-los. Antes disso, terá de aprender a usar tais poderes.

– Magia?

Ela concordou, com um meneio.

– Que tipo de magia?

A bruxa arranhou a janela coberta de gelo e este escorregou da superfície lisa como areia branca cintilante, parando, porém, com um movimento de sua mão. Astrid sussurrou uma palavra e Nonna sentiu uma brisa congelante quando uma nuvem de geada passou em frente de seu nariz, indo até a mesa. A nuvem, que brilhava na luz, acertou um cesto de maçãs, espalhando-se sobre a superfície das frutas, que congelaram em um instante.

Nonna olhou para o que acontecia, em estupefação.

– Como posso aprender algo assim?

– Há muitas pessoas e criaturas à volta que podem lhe ensinar. O mais importante é que queira aprender por você e não porque um ancestral espere por isso. A razão pela qual o destino a trouxe aqui será revelada no devido tempo.

– É claro que quero, porém...

– Sim?

– Não quero ficar longe de minha mãe.

– Ah, sim. Você gostaria que ela viesse para cá?

Ela concordou, em silêncio.

– Não tenho dúvida de que ela gostaria de vê-la, também. O que acha da ideia de Godmund e Skald irem buscá-la?

Entusiasmada, Nonna pulou da canhoneira:

– É claro que quero! Asbrand disse isso de manhã. Ah, seria possível?

– Sim. Skald e Godmund já foram para o leste, procurar Nereid. Assim que voltarem, podem trazer sua mãe para cá. Quero muito conhecê-la.

A menina saltou para dar um abraço em Astrid.

– Eles talvez não voltem já esta noite. Você será avisada quando chegarem. Daí, veremos o que farão.

Astrid se ergueu e explicou o caminho para a biblioteca, na qual as amigas a estariam esperando. Nonna agradeceu, com uma reverência, e saiu, sussurrando animada para Fenris.

Feliz, quando Nonna e Fenris partiram e fecharam a porta, Astrid se sentou outra vez na canhoneira. Chamou os cães em torno de si e soprou a janela em que o gelo derretia com o calor do sol. O sopro cobriu o vidro com belas figuras geladas.

Após a conversa com Astrid, Nonna foi à biblioteca do forte. Ela fora construída dentro da montanha, em uma grande e profunda cavidade abobadada e, segundo Freydis, era um dos espaços originais que haviam sobrevivido à destruição da Guerra dos Deuses. Havia, claro, outras cavidades no forte que também mantinham livros e pergaminhos. Aquela, no entanto, era a maior e a mais antiga.

Tapetes escuros e grossos cobriam o chão. Suas imagens tinham se desbotado, havia muito. Aqui e acolá, no entanto, era possível se distinguir antigas runas e imagens de animais, pessoas e dragões. Nas paredes da biblioteca, havia prateleiras de madeira, que escureceram com os anos, assim como baús e gavetas, com livros de diferentes tamanhos espalhados, caídos ou apoiados na diagonal. Em certos pontos, viam-se pilhas de pergaminhos de diferentes tamanhos, ou de papéis, pedaços de couro com escritos e desenhos, além de vários tipos de mapas. Pó, silêncio, cheiro de papel, de couro seco e de tempo flutuavam no ar. No meio do piso, uma grande mesa, cujos pés imitavam patas de animais, foi disposta. Ela tinha

quase uma dezena de metros de comprimento e outros dois, de largura, ladeada por bancos que se tornaram lisos pelo uso, com almofadas diferentes entre si. Sobre o tampo, havia dois enormes candelabros e uma grande folha de couro que Freydis e Isrid estavam estudando, cochichando com entusiasmo. Atrás da mesa, Nonna viu algo inédito.

– Ei, o que é aquilo? – gritou Nonna. Ela apontava para uma pequena coluna, com uma grade de metal em seu topo, que lembrava duas mãos. Lá se encontrava o maior livro que ela já vira. Ele tinha mais de um metro de altura e, aberto, cerca de dois metros de largura, com grossura proporcional ao tamanho. Cada página parecia conter runas misteriosas.

– O livro de feitiços – gritou Freydis como resposta, correndo até Nonna.

– Aqui é uma grande biblioteca. Há todo o tipo de coisa: feitiços, canções, contos, histórias e mapas. Nos baús e gavetas há livros e pergaminhos que não podem ser lidos sem permissão – explicou Freydis, caminhando em torno da amiga com os braços abertos, como se dançasse.

– Que tipo de livro é esse, afinal? – Nonna andou até o volume gigante e reparou que estava repleto de runas na língua dos dragões. Ela tocou de leve com os dedos na superfície áspera e antiga.

– É um livro de dragões. Um dos muitos poucos da era dos dragões que sobreviveram. Em outras palavras, ele foi escrito por um dragão. Ao que parece, eles escrevem com as unhas.

Para Nonna, o que Freydis dizia devia ser verdade, com base no tamanho do livro. Ele era esplêndido e ela decidiu que o examinaria melhor, mais tarde.

– O que vocês estão estudando?

– O mapa de Noridium.

Nonna foi até a mesa e ficou de joelhos sobre o banco. Diante dela, havia um pedaço enorme de couro, com montanhas, florestas, rios e outros detalhes pintados com habilidade. Havia nomes de lugares espalhados e ela começou a procurar por aqueles que conhecia.

– Já encontramos Praia Perdida. É na região do Cabo de Hiite.

Mais uma vez, Nonna se lembrou de Tiira. Ela olhou para o nome de Praia Perdida, sob o dedo de Freydis.

– Agora estamos aqui. – Isrid apontou para a torre sobre o nome da Unha do Dragão. Nonna mostrou às garotas toda sua rota de Praia Perdida, via Cinovila, até os Montes do Dragão. Ela indicou a floresta dos gnomos, o Bosque dos Ursos e o lugar das ruínas do forte de Skafloc. De lá, moveu o dedo até o forte do Vale do Ferro e no fim, para o aterrador vale no qual os hurgs os haviam atacado.

Ela via um mapa de Noridium pela primeira vez, reparando em lugares em que nunca havia estado ou dos quais jamais ouvira falar. O reino ia do enorme Vale Frio, no sudeste, e da serra em Unha do Dragão, até o mar, no oeste.

– Você gostaria de falássemos sobre as regiões de Noridium? – perguntou Isrid, em voz baixa. Fenris não parava de andar pela biblioteca, farejando. No fim, sentou-se, no lugar mais fresco, junto de uma porta e se acomodou, deitado.

Encantada, Nonna concordou com a cabeça. O mapa estava cheio de figuras emocionantes e nomes que ela gostaria de conhecer tudo a respeito. Assim, todas se curvaram sobre o material. Isrid e Freydis se alternavam, indicando os locais e contando para ela o tanto do reino do norte que o tempo permitiu.

A luz amarela morna do candelabro tremulava sobre aquela superfície antiga e logo a biblioteca estava repleta de cochichos entusiasmados e gracejos. O tempo passou rápido, o sol do lado de fora do forte descia e o curto dia chegava ao fim.

Após saber da existência de Runolf, Nonna começou a ficar interessada no que ele teria para contá-la. O espírito maléfico não deixava seus pensamentos em paz, espreitando-se nos momentos em que estava entre o sono e o estado de alerta. Nessa hora, uma criatura negra, ameaçadora e assustadora lhe vinha à mente, esgueirando-se por lá até ela dormir e os sonhos a vencerem. Skafloc talvez pudesse ter destruído o espírito maléfico, ela sabia disso, e o assunto a incomodava.

Ela passara a tarde e o início da noite com as meninas, na biblioteca. Na maior parte do tempo, explorara o mapa e, depois, todas encontraram um local confortável, em grandes cadeiras, para passar os olhos em contos. À noite, as meninas foram ao pátio interno do forte, que era frio e cercado por penhascos. Após isso, deliciaram-se com um jantar no quente e seguro Salão Branco, junto de todas aquelas pessoas conhecidas. Assim que as outras haviam ido dormir, Nonna, sorradeira, deixou o quarto com Fenris, para pôr seu plano em ação. Ela tinha um assunto a ser resolvido com o mago da morte.

Era raro que Runolf entrasse no forte da Unha do Dragão. O mago da morte era tão recluso e misterioso que algumas pessoas até duvidavam que ele, de fato, existisse ou achavam que tudo que se falava sobre ele eram apenas histórias e lendas. Dizia-se que o homem vivia nos pisos inferiores de Unha do Dragão, no subsolo, junto às criptas e às masmorras.

Impaciente, acelerada e com o coração batendo rápido, Nonna parou para pensar no saguão de entrada do prédio principal de Unha do Dragão. Trajava botas de pele e o vestido que ganhara de Skafloc e carregava uma pequena lamparina. Fenris a seguia, fiel, no saguão frio, escuro e vazio, local quase redondo, com o piso composto de pedras pretas ásperas e com paredes lisas, cortadas na própria montanha. Um enorme pilar, no meio do saguão, segurava o teto, que era alto e sustentava grandes candelabros com grossas correntes. Havia tapeçarias penduradas na parede, com cheiro de bolor. Uma leve brisa se arrastava sob as portas, atravessando o piso com força, apenas para passar sobre os sapatos de pele de Nonna e tocar suas pernas nuas com os dedos pequenos, e gelados.

Ela olhou ao redor. A luz que vinha de debaixo da porta iluminava as linhas do saguão de entrada de leve, porém Nonna sabia o lugar em que queria chegar. Seus passos criavam um discreto eco ao caminhar em direção a um corredor à esquerda, que podia ser visto como uma abertura escura.

Fenris ia atrás dela, com as unhas riscando o chão de pedra, enquanto emitia rugidos baixos. Ele não tinha ideia do lugar que ela procurava e o guerreiro dentro dele o lembrou de sua existência, fazendo-o ter um

pressentimento. Estava um pouco excitado e se sentia ficando mais tenso, os músculos retesados e o sangue correndo mais rápido e quente. O urso deduziu que caminhava para um lugar no qual se sentiria mais forte.

O curto corredor terminava em uma porta-forte, muito pouco utilizada. Nonna assentou a lamparina sobre o chão poeirento, segurou a argola de metal da porta com ambas as mãos e puxou. Com um rangido alto, a madeira pesada cedeu um pouco. Fenris rugiu de satisfação e Nonna terminou de abrir, com esforço.

Um ar bolorento e cheio de poeira flutuava em torno da luz da lamparina, enquanto desciam a escadaria de pedra circular. A luz que Nonna carregava clareava os degraus de pedra ásperos e as paredes robustas. De tempos em tempos, havia seguradores de metal para tochas e resquícios de tapeçarias pendurados. Ela começou a sentir medo, pois a escadaria, de fato, parecia não ter sido usada havia muito tempo. A única luz vinha de sua lamparina e, ao olhar para a chama, notou que a vela não era grande o suficiente para durar a noite toda. Ficou assustada com a possibilidade de se perder para sempre nos porões de Unha do Dragão, pois não havia contado para ninguém, nem Freydis, o que pretendia fazer.

No fim da escada, chegaram em um espaço muito pequeno, em que Fenris mal cabia. Diante deles, apenas uma porta, que Nonna logo percebeu se tratar de algo especial, pois era muito antiga. A roda do tempo havia pesado sobre suas tábuas grossas e as dobradiças de metal estavam enferrujadas e ásperas. Sua superfície parecia seca e dura. Ela ganhou coragem e pediu que Fenris se afastasse. Segurou a argola de metal e, com muita luta, conseguiu abri-la.

Estavam em uma sala abobadada com o teto baixo, mantida intocada por muito, muito tempo. O chão estava coberto por um pó semelhante ao do forte de Skafloc. Havia muito pó e diversas teias penduradas nos arcos e a eternidade sussurrava para ela, das sombras. Grandes aranhas pretas correram da luz ofuscante da lamparina. Ao lado das colunas dos arcos repousavam estátuas, todas representando pessoas, com diferentes poses e roupas. Três outras portas levavam para fora da sala, todas similares àquela que acabara de usar para entrar. Nonna sabia que embaixo estavam as

câmaras do tesouro, as criptas, as masmorras e a residência de Runolf, o mago da morte. Esse era o piso mais antigo do forte e Freydis dissera que as pessoas contavam histórias assustadoras sobre ele. Ela e Kara haviam insistido para que jamais fosse até lá sem um guardião e agora Nonna percebia que estava naquele lugar atípico, sozinha, com Fenris. Ela suspirou:

– Devemos voltar, afinal? É bem assustador aqui embaixo, hein?

Ele empurrou as costas de Nonna e rugiu. Só então, ela percebeu que devia se afastar e deixar o urso entrar na sala abobadada.

– Em qual devemos entrar? Parecem todas iguais...

Fenris andou pela sala, com destemor. O pó subia no ar, enquanto suas patas peludas tocavam o chão e ele examinava a sala, lento e cuidadoso, com Nonna a segui-lo. Ela tentava achar algum sinal e, sem ter encontrado nenhum, agarrou a argola da primeira porta e estava prestes a puxá-la, quando algo ocorreu.

Ele não era o explorador mais delicado que existia, embora fosse curioso. Ao notar um detalhe em uma estátua de canto, enfiou o focinho atrás dela. Farejou e olhou em volta, sentindo em meio ao pó um aroma que lembrava castanha. Quando empurrou o focinho no dorso da estátua, ela se moveu e ele tocou em algo metálico.

O próprio Fenris se assustou com o alto estalo e se afastou rápido dali. A estátua balançou e quase caiu sobre ele, que soltou um rugido alto.

Nonna tirou a mão da argola da porta e olhou para ele, parado na sombra escura, no momento em que erguia o focinho empoeirado para ela. Sua expressão dizia que não fizera nada de errado.

– O que aconteceu? – sussurrou Nonna, andando até ele, que se afastava da estátua. Então, Nonna viu uma rachadura na parede:

– Fenris! Você encontrou uma porta oculta... que assustador!

Olhou em volta, temendo que alguém os tivesse visto e, claro, não havia ninguém exceto eles e as aranhas que os encaravam com olhos negros.

– Ela leva até...?

Empurrada a porta secreta, que se moveu com surpreendente facilidade, revelou-se um corredor descendente, com cerca de dois metros de largura e de altura. Nonna pôs a lamparina para dentro e viu que não era muito longo. Tremendo de medo, entrou no corredor e se voltou para o urso:

– Fenris, mantenha a porta aberta, fique aqui para que ela não feche...

Fez-lhe um carinho e começou a caminhar para o fim da passagem.

No final, havia uma parede de pedra e uma argola presa a ela, semelhante às demais. A seu lado, uma barra de metal, que Nonna começou a empurrar para baixo. Ouviu-se outro estalo e aquela parede se moveu um pouco. Ela puxou a argola e abriu a segunda porta do corredor oculto.

A lamparina iluminava apenas uma cortina muito grossa, azul-escuro.

– Fenris, venha aqui – sussurrou Nonna, tocando a cortina com os dedos. O tecido era grosso e se estendia de ambos os lados. Nonna se agachou e levantou a cortina mais alto. O pano era muito pesado, ela o sustentou o máximo que pôde e pediu que Fenris fosse para o outro lado. Ele olhou para ela por um segundo, empurrou o focinho e a cabeça sob o tecido e se arrastou para o outro lado. Nonna teve de se arrastar de costas sob a cortina, segurando a lamparina e se chocou com o urso. Estava prestes a lhe dizer que ele era bobo de ficar tão próximo, quando se virou e percebeu o lugar ao qual conseguira chegar.

Ambos estavam em uma sacada, no fim de uma galeria longa e alta. Nonna estava sem ar, pois nunca vira nada tão magnífico. Fenris parecia paralisado.

Diante deles, abria-se uma sala abobadada, que deveria contar com mais de uma dezena de metros de altura. Era banhada em uma luz azulada e fraca. O piso era de mármore preto e brilhante e entre cada ladrilho havia um friso dourado, reluzente. As paredes de pedra haviam sido alisadas e eram decoradas com gravuras, em toda parte. Colunas lembrando troncos de árvore subiam das paredes e se juntavam no ar, formando o arco da abóbada, que segurava o teto cortado da montanha.

Junto a cada coluna, havia uma estátua de dois metros de altura de um dragão. Em cada extremidade da galeria via-se uma estreita porta dupla.

A galeria resplandecia de claridade. A menina não conseguia identificar a origem de toda aquela luz, que apenas parecia estar lá. Uma luz calma e morna que tingia tudo de azul. Nonna e Fenris pararam sob ela, deslumbrados, olhando para os caixões, ricamente decorados, encostados nas paredes. Ela teve tempo de contar dezesseis deles. Ambos permaneceram na sacada, que era uma espécie de altar e Nonna se virou para olhar para a cortina de onde viera. Ela respirou fundo quando, para sua surpresa, deparou-se com a figura de um dragão negro, com uma grande coroa preta sobre a cabeça, na tapeçaria azul-escuro da parede.

Fenris rugiu alto. Ouviu-se um rangido estranho na pedra.

– Olhe, é tão maravilhoso, tão belo. Esta deve ser a cripta funerária!

Ele rugiu de novo. Nonna, então, percebeu novo rangido e se virou.

– O que foi, Fenris? – perguntou Nonna, confusa. Ela olhou pela sala, sem entender o que ele vira. Entretanto, tremores gelados subiram em sua espinha e ela ficou arrepiada, pois entendeu que todas as estátuas de dragão a fitavam, com os olhos brilhantes.

– Ops...!

Elas estavam imóveis. Apenas doze pares de olhos brilhantes nas pequenas cabeças de pedra dos dragões pareciam vivos.

– Olá... – disse Nonna, virando-se com a intenção de agarrar a cortina.

– É melhor voltarmos, Fenris...

Estava prestes a levantar o tecido, quando ouviu um som muito estranho e alto, seguido pelo rugido de Fenris. Sentiu uma brisa mexer seus cabelos e ouviu algo batendo os pés, muito próximo. Parecia que duas pedras muito pesadas estavam sendo batidas uma contra a outra. Ela parou de erguer a cortina e se virou, devagarinho. Fenris rugiu de forma ameaçadora, apertando-se contra Nonna.

– Imagino que não iremos a lugar nenhum... – disse Nonna, mais para si do que para qualquer pessoa.

Um dragão de pedra estava em pé, bem em frente a Fenris, com o focinho pronto para um ataque. Seus olhos azuis ardiavam e suas asas

estavam abaixadas. Nonna deduziu que, se tentasse, talvez tivesse tempo de entrar debaixo da cortina, antes de o dragão atacar, só que Fenris não teria chance igual.

O urso manteve a cabeça abaixada e lançou um rugido poderoso para o dragão de pedra, que nem ligou. Até ele não teria qualquer chance contra uma criatura como aquela. Nonna pensou nisso, enquanto praguejava por ter ido àquele lugar. Quando Astrid descobrisse, ela talvez ficasse de castigo pelo resto do ano, sem contar outras punições. Era evidente que não era qualquer um que podia visitar a cripta funerária do forte.

Ela se levantou e mirou os olhos ardentes do dragão:

– Desculpe-me por perturbá-lo, viemos para cá por engano. Sou Nonna, da família de Skafloc.

O dragão levou a cabeça um pouco para trás e, com exceção disso, permaneceu impassível. Ele parecia muito ameaçador, sentado à beira do altar, com a cabeça pontuda virada na direção deles. Os olhos azuis brilhavam, embora estivesse imóvel.

Nonna teve uma ideia e desviou o olhar do dragão na direção da cripta funerária. Ouviu-se um rangido na pedra, quando o dragão virou a cabeça e a seguiu com os olhos, sem mexer mais nada.

Ela tomou da lamparina, ergueu-se e bateu nas costas do urso, que rosnava:

– Venha, Fenris, ele não fará nada. Acho que só quer que saiamos daqui.

Com doze dragões de pedra olhando para eles, com olhos ardentes, Nonna e Fenris desceram do altar para o chão da cripta funerária. O urso permanecia nervoso, sentindo o velho guerreiro dentro de si em alerta total. A cripta o fascinava. Dizia-se que as almas dos enterrados na cripta de Unha do Dragão ainda estavam lá e que nunca deixariam o local. Aquela era a razão pela qual os mestres-dragões a protegiam da forma que podiam, para que ninguém pudesse profaná-las.

Parada para examinar o primeiro caixão, Nonna colocou os pequenos dedos sobre a superfície brilhante. Ela a limpou e tentou interpretar as

palavras escritas.

Sigurd Unha Negra foi sepultado naquele caixão, no ano de 2801, segundo o calendário dos dragões, leu Nonna, movendo os dedos sobre as runas de dragão pontudas. Ela teve uma sensação estranha tocando naquelas letras, como se algo dentro dela sentisse falta de uma pessoa que jamais conheceria.

Virando-se, notou que a chama da lamparina tremulava de forma nefasta:

– Ah, não! A vela está quase acabando, vai se apagar logo. Fenris, vamos!

Nonna correu para as portas enormes da cripta funerária, que ascendiam, sublimes, diante dela. Ficou atemorizada ao ver que não podia agarrar as alças. As entradas haviam sido construídas por uma criatura muito mais alta. Nonna empurrou a porta, com frustração. Olhou para trás e viu que todos os dragões a encaravam.

– Fenris, tente abrir, empurrando – pediu Nonna ao urso do gelo. Ele fez o que lhe fora mandado, colocando os ombros contra a madeira e a empurrando. A porta não se moveu um centímetro sequer e Nonna apenas ouviu um metal tinindo contra outro. Estava trancada.

Os dragões não permitiram que Nonna saísse pela porta secreta e agora a olhavam sem expressão, imóveis. Ela viu sua lamparina e constatou que a vela já havia quase se apagado, o pavio já boiava na cera derretida e se extinguiria a qualquer minuto. Voltando a ter medo, pensou se não estariam vindo os fantasmas de que Freydis falara.

Fenris empurrou a porta com mais força, com um barulho imenso, para nada.

Nervosa, Nonna chutou a madeira, a lamparina balançou e a chama da vela piscou pela última vez, apagando-se.

Estavam no meio da penumbra azulada da cripta funerária e ela não sabia o que fazer. De alguma maneira, sentia que caíra numa armadilha, que ninguém deveria deixar a cripta vivo, que talvez os dragões estivessem lá por aquela razão, para impedir que curiosos saíssem e contassem aos

outros sobre os tesouros que ela talvez contivesse. Nonna deu um suspiro profundo e se sentou contra a porta.

O urso não sabia o motivo de Nonna se sentir tão desolada, entretanto, deitou-se aos pés da garota. Ele abaixou a cabeça sobre um dos pés e olhou para ela, sem parar. Gostava que Nonna colocasse a mão em seu focinho para acariciá-lo.

– Bem, imagino que eles irão procurar por nós, alguma hora. Alguém deve ter poderes mágicos o suficiente para nos encontrar, não acha, Fenris?

Um tinido metálico interrompeu sua fala.

Eles se assustaram. Alguém estava do outro lado da porta e o som parecia com o de uma chave sendo enfiada na fechadura da enorme porta e sendo virada. De um pulo, ela se levantou, derrubando a lamparina que se quebrou no chão de pedra. Fenris o fez sem pressa.

Arrumando o vestido, Nonna se afastou das portas. Ela ouviu algo ocorrer às costas e os dragões que pareciam se mover e não teve coragem de olhar.

A trava se abriu e as portas começaram a se abrir, devagar. Nonna tremia de medo, enquanto esperava para ver quem vinha para a cripta e estava envergonhada, pois sua exploração não autorizada seria revelada. E, além de tudo, havia feito uma tremenda bagunça no chão, com o vidro quebrado.

Uma luz dourada e morna começou a brilhar do outro lado das portas e, quando os olhos de Nonna se acostumaram, pôde ver uma figura parada.

Runolf era, a seu modo, tão assustador quanto diziam, sem exageros. O velho era magrelo, com a pele translúcida e pálida, o rosto moldado por cabelos brancos, que iam quase até os quadris e se misturavam com a longa barba branca. Ele a encarou, de forma dura, com olhos vermelhos assustadores. Vestia uma capa tão preta que não permitia revelar qualquer coisa sob ela e, em uma das mãos, carregava uma lamparina, que brilhava forte. Para confusão de Nonna, na outra mão, segurava uma guia fina de couro, presa a um gato de pelos pretos e brilhantes.

O animal se eriçou diante do urso e Runolf fitou Nonna, imóvel, como a examiná-la. Quando falou, sua voz era áspera, seca, baixa e muito calma:

– Hum... vejamos, o que temos aqui?

– Desculpe-nos... Entramos aqui sem querer, não fizemos nada de errado.

Nonna respondeu com dificuldade e as palavras presas na garganta.

– E os cacos de vidro? – perguntou o homem, com um tom de repreensão.

– Uma lamparina se quebrou. Pode deixar, que limpo tudo.

– Se não se importar, apenas os empurre para o lado de cá da porta, com cuidado, para não se machucar.

Ela obedeceu, pegou os cacos de vidro maiores e os restos da lamparina, movendo-os para o outro lado da porta, em um corredor escuro, iluminado apenas pela lamparina do homem. Nonna logo viu que o corredor era limpo, sem nenhum pó e com bela decoração, bastante largo e, à esquerda, levava para baixo.

Levantando-se, ajeitou a saia. Fenris viera ao corredor e olhava, surpreso, para o gato que sibilava para ele.

– Mova-se um pouco para que possamos fechar as portas – disse o homem. Ambos foram para o corredor. O homem esticou a mão que carregava a lamparina, tocou as portas e elas começaram a fechar. Ouviu-se uma batida e, depois disso, o som de uma chave se virando e da trava sendo trancada. Não havia qualquer chave, apenas o som foi ouvido. De fato, a porta nem dispunha de um buraco de fechadura. Só a figura de um dragão negro com uma coroa na cabeça.

– Siga-me e fique na luz – disse ele, começando a descer por um corredor largo, puxando o gato teimoso e agressivo, que olhava para Fenris com os olhos ardentes. O urso rugiu para ele que, assustado, correu para os pés do dono.

Fenris e Nonna se entreolharam e começaram a caminhar.

A lamparina carregada por Runolf não iluminava de verdade o corredor, embora fosse possível, em alguns pontos, ver decorações talhadas nas paredes e no piso, tapeçarias rasgadas e burilados seguradores de

tochas, vazios. Eles passaram por um cruzamento, viraram para um corredor mais estreito e desceram escadas. Nonna estava com medo, pois, nos lugares em que a lamparina não iluminava, pensava estar vendo criaturas semelhantes a sombras, fazendo ruídos ao se mover. Elas se retiravam para a penumbra como se sentissem medo da luz, e Nonna conseguiu vislumbrar um braço ossudo, coberto de bolor. À medida que desciam, as paredes iam mudando. Não eram mais lisas e, sim, de rocha bruta. As escadas também se tornavam mais rudes. Enfim, chegaram em uma sala semelhante a uma caverna. A água caía do teto, formando um pequeno lago. Havia apenas uma porta, que Runolf abriu, fazendo sinal para que eles entrassem.

A menina ficou impressionada com o cheiro dali. Uma mistura muito estranha de odores continha traços de especiarias, mofo, bolor e umidade.

Foram até um aposento baixo, pouco iluminado e desorganizado. O piso estava coberto de tapetes de vários tamanhos e cores. Havia diferentes tipos de coisas jogadas no chão. Baús de madeira empilhados uns sobre os outros, alguns abertos, outros fechados. Enormes pilhas de livros com pergaminhos entre eles. Distintos tamanhos e formatos de castiçais jaziam no chão e sobre pilhas de baús e livros. Sobre o piso, estavam misturados vasos, caixas, estátuas, banquinhos, cadeiras e pequenas mesas; uma quantidade inacreditável de bagulhos. Para seu horror, Nonna viu ossos de animais e de humanos, assim como crânios e jarras com líquidos de diversas cores, em que algo, que nem pôde reconhecer, boiava.

– Deveriam arrumar este lugar... – resmungou Nonna, para si.

O aposento dispunha de uma lareira e de uma mesa robusta, uma em frente da outra. Atrás do móvel, havia uma cadeira estofada com encosto alto e, a seu lado, uma cama. Um monte de coisas repousava sobre a mesa e, entre dois castiçais, um livro grosso e aberto esperava, com muitos frascos de tinta – alguns deles secos – e penas de escrever.

Ouviram-se um rangido e uma batida, assim que Runolf fechou a porta.

– Bem-vindos a meus aposentos. Sente-se, lá, por favor. – Runolf apontou um banquinho perto da lareira, que parecia ser o único lugar livre

para fazê-lo. Ao lado, outra pilha de livros e Nonna teve a impressão de que o homem os havia tirado de cima, como se esperasse por um visitante.

– Oddi, por que você não vai fazer barulho em outro lugar? – disse o homem para o gato, soltando-o da guia. Nonna se assustou quando o gato sibilou mais uma vez e pulou na direção de uma pilha de livros, transformando-se, no caminho, em algum tipo de criatura negra e pequena, parecida com um morcego. A criatura voou batendo as asas de couro para uma grade de metal e se sentou. Virou-se para Nonna com os olhos ardentes e se acalmou.

– Não tenha medo, Oddi é um tenebroso. Ele pode, porém, tomar uma forma muito assustadora que você, é quase certo, nunca verá.

Nonna se sentou no banquinho e explicou para Runolf quem era. Fenris se deitou ao lado, grunhindo. O velho se acomodou em sua cadeira estofada em frente dos dois. Ela ficou sabendo que ele, de fato, era um mago da morte e que quase não saía de seu aposento. Runolf ouvira o barulho feito por Fenris na cripta funerária e fora ver quem poderia estar lá. Disse que eles haviam tido muita sorte por isso, pois, em geral, ninguém passava pela cripta.

Além do próprio trabalho, Runolf cuidava dos porões e disse para Nonna que mostraria um caminho mais fácil para lá e de lá. Ela viera por uma rota perigosa, pois se tivesse escolhido outra das portas na câmara, no fim do corredor secreto, poderia ter acabado em masmorras labirínticas, habitadas por perigosas criaturas. E o que é pior, poderia ter sido morta por uma das numerosas armadilhas que haviam sido construídas naqueles corredores, para deter intrusos.

Ela respirou fundo e contou sua história para Runolf. Ela sentia o tempo passar e que estava ficando exausta de contar as coisas assustadoras pelas quais haviam passado. Runolf não fez perguntas ou interrompeu. Apenas a deixou falar.

Quando ela terminou, Runolf limpou a garganta, encostou-se, coçou a barba e levou os olhos vermelhos até Nonna:

– Parece que um vingador estava atrás de você, um espírito maléfico.

– O que é isso?

– Alguém o conjurou para que a localizasse e ele tem apenas uma tarefa, destruí-la. Ele não pode voltar ao inferno antes que complete a missão, é uma criatura muito chata. Conjurar tal espírito é muito perigoso, pois ele sempre destrói aquele que o conclamou.

– Como é possível se livrar dele? Skafloc não o matou?

– Fazê-lo partir é muito difícil, Skafloc matou seu corpo, porém o espírito continua e já deve ter encontrado um novo corpo com o qual a está seguindo.

– Seguindo? Como?

– Ele fareja o rastro deixado por sua alma no mundo espiritual, como um cachorro. Sem um corpo, no entanto, não pode se mover rápido. O assustador é que há lugares próximos aos Montes do Dragão, que estão escondidos há tempos, em que criaturas como espíritos maléficos eram adoradas no passado. Se ele encontrar um desses lugares, poderá se fortalecer e se tornar ainda mais perigoso. O espírito maléfico tem de ser capturado, aprisionado e, depois disso, ser exilado de volta ao inferno, do qual veio. Ele sempre a perseguirá, até conseguir destruí-la.

– Por que alguém o conjurou, pois não fiz nada de mal para ninguém?

– Suspeito que a pessoa não soubesse o que estava fazendo. Alguém que ficou enfurecido com você e queria vingança conjurou o espírito maléfico, sem saber ao certo o que fazia. É raro, devo dizer, que qualquer um consiga fazer isso, quase sempre só magos poderosos têm êxito, embora haja alguns textos com instruções claras de como fazer um ritual. Pode-se fazer um deles se assim desejar... porém, poucas pessoas o ousariam.

– Skafloc disse que não devo ter medo... Que todos têm os próprios espíritos maléficos e medos que os perseguem.

– Sim, de fato, temos. Em geral, estão em nossas cabeças... medos e pesadelos que tentam nos enfraquecer. Ter medo diminui a pessoa e aqueles que têm medo do futuro nunca conseguem tentar nada. Acho que é isso que Skafloc quis dizer. Se você começasse a ter medo, não ousaria fazer nada. O principal é que você viva sem medo e encare o espírito se ele a pegar. Embora... – Runolf fez uma breve pausa. – Este espírito maléfico

não é apenas um medo ou uma sombra em sua mente. Ele veio do inferno de verdade e a persegue, sem descanso.

– O que posso fazer?

Runolf parou para pensar, desta vez por mais tempo:

– Bem, em primeiro lugar, aqui você está mais segura do que poderia estar em qualquer outro lugar. Seria muito improvável que o espírito maléfico ousasse entrar aqui, seja na forma que for, ao menos enquanto Skald e Neired estiverem aqui. Nenhum espírito maléfico pode machucá-la, desde que você esteja com um dos dragões, eles podem destruí-lo independentemente da forma que assumir. Por outro lado, expulsar um espírito maléfico para o inferno é muito mais difícil. É aí que reside sua força. Se ele vier aqui, talvez pudesse destruí-lo, ou Neired também, não tenho total certeza... Hum, ele pode muito bem ser capaz.

Nonna suspirou e abaixou a cabeça:

– Espero nunca ter de vê-lo, de novo. Runolf, também preciso de seu conselho sobre outro assunto.

Então ela contou sobre a irmã e sobre os sonhos que tinha. Runolf ouviu com muita atenção antes de responder:

– Ah, é isso? O tempo todo venho pensando que há algo de estranho com você. Não quis perfurar seus pensamentos, pois, de certa forma, somos parentes. Enfim, supus do modo certo. – Aparentemente absorto em seus pensamentos, Runolf olhou para Nonna e enfiou os dedos nas profundezas da barba. – Você tem uma marca de algo muito misterioso, sinto isso até sem magia. Talvez seja por causa de sua irmã.

– Como posso encontrá-la?

– Não acredito que irá encontrá-la em nosso mundo, porém...

Nonna se surpreendeu. A tristeza entrou em seu coração e a dominou:

– O quê?

– Perdoe-me por ter dito de um jeito tão abrupto, é que, de certo modo, esta é a verdade. Conheço o mundo espiritual e o Mundo dos Mortos melhor do que muitos outros e sei que a marca que você tem está ligada a eles, de modo íntimo.

As lágrimas correram no rosto de Nonna e ela não pôde dizer nada.

– Isto não significa de maneira alguma que você a perdeu. Há algo muito estranho nisso.

– Bem, onde ela está? Por que sonho com ela? – disse Nonna, com a voz impaciente e dolorida.

– Ela mora em outro lugar.

– Outro lugar? O que você quer dizer com isso? – soluçou Nonna, nervosa. Fenris se levantou e colocou o focinho em seu colo. Nonna o acariciou à procura de conforto.

O velho Runolf segurou Nonna pela mão, fechou os olhos e resmungou algumas palavras estranhas. Nonna estava tonta e, por um momento, não conseguia respirar. Ela viu sombras, bolorentas e assustadoras, movendo-se em sua mente. Um suor frio brotou em sua testa, desaparecendo assim que ele lhe soltou a mão. Nonna não percebera que fechara os olhos. Quando ela os abriu, viu que Runolf tinha uma expressão ainda mais estranha no rosto.

– O quê, agora? – perguntou Nonna, hesitante. O silêncio no aposento parecia tão profundo que ela pensou ter ouvido as chamas das velas tremulando. As sombras em sua mente haviam desaparecido atrás das pilhas de coisas de Runolf.

O velho se inclinou para a frente e limpou os olhos, antes de responder:

– Meu professor, Thaenor, tomou-me como seu aprendiz quando tinha seis anos. Desde então, vi e experimentei muitas coisas, muitas... Quase morri diversas vezes, mais do que posso me lembrar, estudei almas perdidas, levantei cadáveres de seu descanso, em seus túmulos, para assombrar os vivos, lutei contra espíritos maléficos e o demônio, passei décadas na escuridão e gostei dela e da proximidade com o Mundo dos Mortos, mais do que o calor dos vivos ou a luz ofuscante do sol.

Runolf tornou os olhos para Nonna e a fitou com firmeza:

– Quando examinei, agora, as profundezas mais obscuras de sua alma, tive uma sensação que só vivi em raras oportunidades. Senti o que a maioria das pessoas não percebe. A profundidade interior, às vezes, revela-se quando dormimos e, então, estamos à mercê dos deuses e espíritos. A

marca em sua alma é do mundo espiritual e não é comum, pois tem um significado muito poderoso.

– Que significado? O que significa, então?

– Isso você descobrirá por si só. Já não me pergunto mais a razão do espírito maléfico ter se grudado em seu caminho de um jeito tão teimoso, a marca está ligada nisso, também. Ela atrai criaturas malélicas.

– Bem... e minha irmã? Runolf, não entendo o que você quer dizer, não tudo. Minha alma tem uma marca de minha irmã e ela está no mundo espiritual. Ela está lá, então... morta? Por que sou capaz de sonhar com ela?

– Morta, não. No mundo espiritual, vivem pessoas que, às vezes, revelam-se aos outros, em casos muito raros. Acho que seu elo tem algo a ver com essas pessoas. De qualquer forma, acredito que alguém a guiou para cá, de propósito. Pode ser que alguém queira ser encontrado por você.

– Por quê? Por quê? – Nonna não podia acreditar no que ouvira. Ela sabia que os mortos se mudavam para o mundo espiritual, para o descanso eterno, ninguém jamais seria libertado de lá. E também ouvira falar do povo que vivia escondido no meio caminho do mundo espiritual. Um povo misterioso, que fazia tanto bons quanto maus atos e era chamado de povo divino, o qual, dizia-se, vivia antes por toda parte, como os humanos e dragões.

– Tudo não é sempre o que parece ser.

O velho se inclinou mais para perto de Nonna. A cadeira sob ela rangeu alto. O cansaço era visível em seus olhos e ela respirou fundo.

– Você é parente de Skafloc. Dizem que, enquanto vivo, ele fez um trato com o deus urso Forni, que prometeu cuidar daquele clã. Todo descendente recebeu um espírito guardião um tanto estranho, na forma do respeitado urso do gelo. O único membro vivo do clã é Asbrand, ou era, antes de você aparecer. Dizem que seu ancestral deixou o lugar natal, abandonou o clã e se negou a ter um espírito guardião – e, acredita-se, que seu ancestral tenha morrido há muito tempo. Esta região sempre foi o lar do clã de Skafloc e de Forni. Acho que era seu destino voltar para cá. Sua irmã a guiou para cá... ou seu espírito.

– Poderei encontrá-la em algum lugar? Preciso encontrá-la, Runolf, quero ver minha irmã.

Runolf segurou sua vara com as mãos, levantou-se com dificuldade e se apoiou em uma coluna, que subia até o teto do aposento. Pensativo, começou a falar baixo, como se estivesse refletindo:

– Vou lhe contar um segredo e espero que não o divida com qualquer um.

Virou-se para escovar um crânio que fora talhado, ou encrustado, no pilar.

– Há sete portões para o Mundo dos Mortos, sendo que um deles foi construído pelas antigas bestas do gelo, há muito, muito tempo. Elas cavaram muito fundo dentro da montanha de gelo, encontraram uma estrada para lá, construíram uma ponte sobre o rio negro, e adquiriram, assim, todos os poderes com os quais, um dia, tomaram o norte. Alguns sabem que a estrada é ao norte, poucos, o lugar exato. Thaenor sabia.

Nonna tremeu, sua mente não estava mais cansada.

Ele bufou com raiva e amargor:

– Um dia, disse que sairia de viagem e deixou seu diário, cuja última página só li quando já era tarde demais. Quando o fiz, ele já havia atravessado o portão. E jamais retornou. Arranquei a última página e a queimei, no entanto, já havia lido e memorizado o que estava escrito, nas profundezas de minha mente.

– E o portão? Pode-se voltar do Mundo dos Mortos? – perguntou Nonna.

– Não, nunca. Ir até lá é difícil, voltar é impossível. Além dessa informação, Thaenor também encontrara outra. Ele reclamou que próximo do portão haveria uma das raras habitações do povo divino. Acho que você terá de encontrar o lugar. Talvez você encontre a resposta lá, não sei. Ou possa contatar sua irmã de lá.

– Como posso encontrá-lo? – Fenris notou que o tom de voz de Nonna era determinado, como se desse ordens ou tivesse readquirido a confiança.

Com um sorriso largo em seu rosto, Runolf se virou para Nonna:

– Há um bosque a pouco mais de 20 quilômetros para o leste, conhecido como Floresta da Raposa. Ele é enorme e denso e, mais adiante, estão altos montes, que contêm corredeiras, cachoeiras e cânions, além de criaturas bastante estranhas. O lugar que você procura, segundo Thaenor, é próximo de um lago que brilha no escuro. No fundo dele, está o corpo de um dragão que protegia a floresta, há muito tempo. Próximo dali está um dos portões do Mundo dos Mortos, que é guardado por uma besta verde gigantesca. Em volta do local, cobertos de musgo, jazem centenas de corpos dos que foram mortos pelo bastão da besta, cujas almas atormentadas ela mantém na floresta e impede de entrar no Mundo dos Mortos. O lago se localiza em um vale pedregoso profundo, perto do qual há uma cachoeira barulhenta. O som deve guiá-la até lá, pois ela não congela durante o inverno.

– Mais uma coisa, Nonna. O bosque é governado por Enna, a Fada da Floresta da Raposa. Você terá de lhe pedir permissão para se movimentar por ali, caso contrário, jamais encontrará o lago e se perderá, como muitos que o fizeram. Além disso, é ela que tem de encontrar você. Ainda tem coragem para tentar?

Nonna mordeu o lábio inferior. Encontrar a besta, decerto, não era o que ela gostaria e almas atormentadas também não soavam muito atraentes, só que sabia que precisava ir à Floresta da Raposa. Resignada, ela respirou fundo:

– Tenho de ir. Levarei Fenris comigo, mais ninguém. Se minha irmã quis que viesse para cá, talvez ela me ajude por todo o caminho.

Runolf soltou uma risada seca.

– Com certeza, você é parente de Asbrand, é teimosa como ele. Terá de ir pela manhã, quanto mais esperar, mais perigoso ficará. Espíritos ficam mais fortes e corajosos com o tempo e os obscuros e maléficos atingem o máximo da força.

– Obrigada, você foi de grande ajuda. Espero não tê-lo incomodado demais.

O velho fungou e sorriu:

– Nem um pouco, minha querida. É muito raro receber visitas que me lembrem da vida. Às vezes, em noites escuras, espreiro-me pelo forte. Vou lhe contar outro segredo, se me prometer não contar para ninguém.

– Prometo.

– Às vezes, espiono o sonho das pessoas. Eles me contam coisas que há muito esqueci. Sou tão cego por meus próprios espíritos e pela escuridão do Mundo dos Mortos que esses sonhos e o ar fresco e escuro da noite, para mim, são como a luz do sol deve ser para você.

– Por que você não sai quando está claro, não seria ainda melhor?

– Não posso sair na luz do sol. Não aguentaria. Tenho de viver na penumbra e escolhi esse caminho, no entanto, posso contar às pessoas coisas que elas não percebem quando se movem na luz. O dia é um mistério tão grande para mim quanto as noites e os sonhos são para vocês. Falando nisso, Nonna, logo será manhã. É melhor você voltar e dormir o máximo que ainda puder.

Nonna se levantou e espreguiçou. Fenris acordou e bufou.

– E minha visita à cripta? Os cacos de vidro... Alguém vai ficar bravo?

Outra vez, Runolf riu:

– Conheço a cripta funerária. Se você tiver tocado em algum caixão, pode ter certeza que os espíritos e as almas aproveitaram, e estão aproveitando, enquanto falamos, a vida momentânea que você levou para lá. Ninguém ficará bravo com sua visita, pelo contrário. E Estranho pode limpar os cacos de vidro, isso fica sendo nosso segredo, certo?

Estranho grunhiu em desaprovação da tarefa que lhe fora incumbida, enquanto Nonna concordou e sorriu com alegria.

O velho respirou, levantou-se e a agarrou pelos ombros. Juntos, subiram uma escadaria larga até uma pequena porta que levava ao salão festivo. Chegando à porta, ele desejou boa sorte para ela e disse esperar vê-la, de novo. Melancólica, Nonna foi, sem parar de bocejar, até seu quarto e adormeceu assim que fechou os olhos em sua cama. Seu último pensamento foi que logo iria à Floresta da Raposa.

Runolf se sentou em uma cadeira barulhenta e pôs sua vara contra a grande mesa empoeirada. Pensando, em silêncio, olhou um livro que havia acabado de carregar para a mesa, colocou as mãos sobre ele e, com cuidado e delicadeza, limpou o pó da cama vermelha decorada com cordões de bronze finos e um pouco manchados. Passou um longo tempo batendo a poeira, resmungando palavras para si próprio que até Estranho não conseguia entender, embora estivesse sentado em uma cadeira que estava sobre a mesa, com as garras nos buracos dos olhos.

Por fim, abriu a trava que mantinha o livro fechado, depositou-o sobre a mesa e, seguindo o texto com a unha preta comprida de seu indicador, leu em voz alta o curto texto na primeira página do livro:

– “Livro dos clãs. Inverno de 574 – Thaenor Obscuro, mago da morte de Unha do Dragão”. Hmph... Está certo, era um dos invernos mais frios de que você falara. Pergunto-me se você enfiou em sua cabeça, naquele inverno, deixar tudo em minhas costas... – pensou em voz alta. – Obscuro, está certo – resmungou, enquanto virava as páginas. – Isso você era, às vezes. Porém, deu boas lições e tinha uma ótima memória, rá... É isso, cadê?

Ele virou as folhas até uma página amarelada, com uma única palavra bem no meio, abrir-se diante dele. No topo havia um símbolo apagado, cercado por três estrelas e uma lua crescente, o símbolo da família de Skafloc.

– Skafloc, está bem...

O restante do livro estava relacionado à família de Skafloc. Runolf não sabia como o pai juntara toda a informação, que acreditava ser bem precisa.

Murmurando para si, Runolf moveu uma caneta preta em volta das palavras em arabesco, linha após linha, virando páginas e voltando para trás quanto mais lia. Afinal, chegou à época em que Skafloc ainda estava vivo. Arrepios subiram por sua espinha, pois sabia que estava prestes a revelar algo que havia muito tinha esquecido. A sensação subiu para a pele ao virar a página. Então, ele se assustou.

À margem da página, Thaenor desenhara, em cores apagadas, algo que ele sabia ser uma das masmorras da Unha do Dragão. Uma pintura de uma mulher loira em um vestido azul. A roupa era conhecida, pois Nonna chegara em Unha do Dragão com ele. Com a voz tremendo, Runolf começou a ler as palavras, que suas unhas pareciam conjurar da escrita à mão.

– “No dia do festival do equinócio de verão, quatro anos antes do fim da Guerra dos Deuses, um menino nasceu na família. O fato apagou a dor da mente de Gudrun, dor que ela sofria há anos...” Dois anos de dor, por quê? Hum...

Continuou a leitura, com resmungos, olhando o livro de frente para trás até os dedos pararem e ele silenciar. Sentiu um tremor e juntou forças para continuar:

– “Todos haviam esperado que o nascimento ocorresse por volta do Ano-Novo, porém a gravidez de Gudrun continuara após a passagem. Quando o dia 20 de janeiro chegou, ela deu a luz uma criança, que toda a família aguardava, mas...”

Runolf sabia que Thaenor sempre escrevia notas e diários breves e resumidos. Talvez por causa disso sua boca tenha ficado seca:

– “... a criança morreu logo após nascer. Skafloc tentou impedir que seu espírito escapasse, sem sucesso. Uma grande dor cobriu todo o reino, por anos. O próprio Skafloc levou o bebê para o arvoredo e ninguém pôde segui-lo. Lá, acredita-se, ele fez um juramento para os deuses. Nunca revelou sua promessa para ninguém, porém Hilgard – seu amigo mais próximo – disse tê-lo ouvido conversando com Gudrun, mais tarde. Ele tentava consolar a esposa desolada dizendo que...”

Sua voz morreu. Fechando o livro, taciturno, passou a mão sobre sua capa, como se estivesse saboreando as palavras que acabara de ler e olhou para o nada.

Deu um longo suspiro. Ele tinha de dizer as palavras com cuidado, sentia que elas continham algo de muito significativo e, como se as tornasse reais, pronunciou-as de forma solene. Toda hesitação desaparecera de sua voz:

– “... juro que um dia o espírito de nossa filha renascerá.”

Os segredos da Floresta da Raposa

VALE DA UNHA DO DRAGÃO, FRONTEIRA SETENTRIONAL
DE NORIDIUM
Mês de Invernã de 815

O som de um corvo solitário quebrou o silêncio espectral quando Nonna e Fenris pisaram no solo, sob a cúpula das primeiras árvores da Floresta da Raposa.

Um vento silencioso fazia velhos e grossos troncos suspirarem. Em dados pontos o som crescia, tornando-se uma lufada tenebrosa e, logo em seguida, um mero sussurro, enquanto as sombras conversavam entre si.

Nonna se sentou no dorso de Fenris e olhou para aquilo. Era tentadora e, também, assustadora e escura, como uma parede no meio de um alvo campo de neve. À esquerda e à direita, até o limite da vista, árvores robustas de casca rugosa ascendiam da neve, orgulhosas, em uma linha quase perfeita. No local em que o bosque tinha início, o bonito brilho do dia de inverno terminava.

A menina passara o início da manhã com Freydis e Isrid, estudando aquele grande mapa, na biblioteca. De outro, menor, Freydis lhe mostrara a localização mais precisa da região à qual pretendia chegar. Astrid lhe dera permissão para fazer aquela exploração, pedindo-lhe que pegasse provisões na cozinha e tomasse cuidado. Se encontrasse pessoas próximas de seu destino, deveria deixar a área, para não se colocar em perigo. Nonna queria ir sozinha com Fenris e precisou explicar o desejo para as amigas, que entenderam e ficaram aguardando o retorno.

Ela tentou olhar mais para o meio da floresta, por trás das árvores, e o máximo que viu foi a escuridão das sombras, tentando adivinhar o que a aguardava. Apertando o pelo de Fenris, com nervosismo, aspirou o ar frio de inverno em busca de forças e coragem e olhou para frente, com incerteza. Sabia que chegara muito perto de seu próprio segredo, pois sentia que algo parecia chamá-la para adentrar ali. Se a floresta pudesse lhe dar alguma resposta, teria de ter coragem e procurá-la.

Quando estava prestes a ordenar para que Fenris entrasse na mata, foi alertada por corvos, que grasnavam. Ela levantou os olhos para ver.

Muitos metros acima, em um galho coberto de neve de uma árvore frondosa, havia um corvo com expressão séria, encarando. Pedacos de casca de árvore bicados flutuaram ao vento, caindo sobre a neve, como penas. A ave estava sentada em seu galho, sem se mexer, observando-os.

Ela se lembrou que corvos, em geral, são mensageiros dos espíritos dos mortos, que trazem recados do outro lado e vice-versa. Então, deduziu que a presença do corvo era um sinal. Se ao menos soubesse de que... Tossindo e limpando a garganta, falou para o pássaro negro:

– Caro corvo, mostre-me o caminho para a fada da Floresta da Raposa. Tenho um assunto para tratar com ela.

Fenris levantou o focinho, absorto, questionando-se com quem Nonna falava. Ele olhou para cima e viu um pássaro, que movia a cabeça ouvindo.

Havia um brilho nos olhos da ave quando apontou o bico para ambos. Ele se aprumou, como se refletisse, inclinou a cabeça e entreabriu o bico para um grasnar alto e grave, que se assemelhou a um trovão distante. Depois, levantou os ombros, pulou no ar e, com algumas batidas de asas, desapareceu na escuridão da mata.

Nonna podia ouvir o som das asas, embora o corvo já tivesse sumido.

– Bem, Fenris. Imagino que estejamos no caminho certo. Vamos!

Ele rugiu e, com passos leves, penetrou por entre as árvores.

A floresta merecia aquele nome, pois era um terreno difícil de ser percorrido. Fenris fez o melhor que pôde, encontrando caminhos entre troncos enormes, raízes que saltavam do chão, toras caídas e rochedos. O

ar estava congelante no interior do bosque, pois a luz do sol e o calor trazido por ela haviam sido deixados bem para trás e Nonna sentiu o frio a se espreitar sob sua pele. Um cinza azulado cobria tudo em volta e apenas um ou outro raio de sol solitário ousava chegar ao solo, coberto de neve. Os troncos, rochedos e tudo mais estava recoberto por uma camada de gelo cintilante e o único som que se ouvia era a respiração pesada do urso e o som macio de suas patas no solo branco. De vez em quando, uma rajada fantasmagórica de vento batia no rosto de Nonna, como o toque de um espírito distante e, toda vez que ela o sentia, assustava-se e olhava em volta.

A Floresta da Raposa era um lugar sinistro e só o que a encorajava era o fato de que Runolf já havia lhe precavido. O mago da morte dissera que era aterradora para manter visitantes não convidados distantes dela e de seus moradores, pois um rumor sobre raposas de pele brilhante que viviam ali se espalhara por toda parte e poderia atrair caçadores indesejados.

Independentemente da atmosfera ser real ou imaginária, Nonna tinha medo. O toque do ar congelante podia ser sentido em sua espinha, o silêncio e a escuridão pareciam lhe envolver e ela começava a temer ter sido atraída para uma armadilha, pelos espíritos da floresta, que a impediria de achar o caminho de volta.

Além de tudo, não tinha ideia do rumo tomado pelo corvo, parando de repente ao ouvir aquele som grave de novo, em algum lugar no interior da floresta.

– Vamos, Fenris, siga o som do corvo. Preste atenção – sussurrou, com medo de acordar algo que seria melhor que continuasse adormecido.

O urso prestava atenção, como sempre. Não sabia se, como ele, Nonna também via os espíritos que flutuavam em torno de ambos. Muitas vezes, sentira ossos e crânios na neve, sob as patas e, em alguns lugares, vira figuras deformadas agachadas atrás de árvores e rochedos. Os trolls e gnomos da floresta não ousavam se aproximar, por enquanto, escondidos nas sombras. Alguns corriam, acompanhando-os pelas laterais, desviando de obstáculos no solo e, de vez em quando, esticando-se para tocar o rosto da menina. E se recolhiam assim que Fenris virava o focinho para elas. Tinham medo da profundidade azul de seus olhos e, com suspiros,

retornavam para seus esconderijos. Ele sabia que se tratava de espíritos de pessoas que haviam morrido na floresta e queriam o calor da alma de Nonna. Fenris estava alerta, pois este também era o reino de Berenhard. Os espíritos que lá viviam eram tão fortes que a alma de Berenhard viera até sua mente e caminhava junto dele no reino dos mortos.

O grasnado do corvo ecoava na floresta toda vez que os dois paravam sem saber para que lado seguir. Havia enormes troncos de árvores caídas no caminho, cujos galhos ascendiam como mãos que davam as boas-vindas a um estranho. Em alguns pontos, a passagem estava obstruída por grandes rochedos de forma indefinida, alguns com velhos desenhos e esculturas. Eles também viram nascentes profundas, cobertas apenas por finas camadas de gelo. Estalos estranhos ecoavam pela floresta, como alguém se esticando. Batidas e estrondos misteriosos também podiam ser ouvidos.

A floresta bloqueara o vento e, logo, até os raios mais fracos de sol se extinguíam, tornando-se mais tênues e, enfim, desaparecendo, restando somente a escuridão. A noção das horas ficava nebulosa e o tempo perdia seu significado. A camada de neve sobre o solo, no entanto, não estava imaculada, havendo pequenas pegadas, algumas ainda frescas. Ela suspeitou que fossem de raposas, porém esses animais eram tão cuidadosos que não haviam se revelado para os dois em nenhum momento.

O corvo continuou guiando Nonna e Fenris até tão ao centro da floresta que, quando anoiteceu, a menina não tinha a mínima ideia do local em que estavam. Só desejava, do fundo do coração, que seu guia de penas pretas fosse amigável, quem sabe um animal de estimação da fada que queria ver e não o espírito de algum guerreiro morto havia muito tempo que os levaria para um fim apavorante.

Afinal, ouviram o grasnado cada vez mais próximo e, após curto período de tempo, viram algumas pegadas diferentes das anteriores. Sobre a superfície da neve, havia rastros de ursos do gelo.

Deslumbrado, Fenris as verificou com o focinho, farejando-as e começou a segui-las, encorajado por Nonna. Os sons do corvo se tornaram mais baixos, como se estivesse resmungando perguntas e, então, ela viu uma luz fraca diante de si.

Morna e dourada, ela tremulava entre as árvores, enquanto eles seguiam em frente. As pegadas de urso também levavam na direção daquela luz. Nonna sentiu um cheiro fraco de fumaça no ar ainda mais frio e imaginou estar ouvindo sons, que poderiam vir de algum tipo de habitação.

Quando menos esperavam, chegaram em uma pequena clareira quadrada, não muito maior do que o quarto em que ela dormira, na curta noite anterior. Nas laterais havia velhos carvalhos, baixos e deformados, com algumas folhas marrons, secas e teimosas, ainda penduradas. Do lado oposto ao que estavam, a apenas alguns metros, depararam-se com uma estranha cabana de pedra.

Velha, com cerca de três metros de altura, era construída de grandes rochas, com colunas de pedra a segurar as paredes. As beiras do telhado coberto de neve eram decoradas com estátuas de animais e na parede de frente para a clareira quadrada havia uma porta robusta. Uma luz cálida brilhava através de uma janela, junto à entrada. As molduras de ambas eram trabalhadas. Nonna não sabia o que achar da construção, apenas uma sensação de estranheza. Era como se tivesse sido construída por uma criatura de algum lugar muito distante, sem se parecer com qualquer outra que ela vira antes.

Era tão próxima das árvores que parecia se apoiar nelas e não era possível afirmar em qual ponto a floresta terminava e as paredes da cabana começavam.

Bem ao lado, via-se um velho poço, com aspecto muito usado. Alguém o consertara, fazendo-o parecer quase novo. Dali, a visão da floresta trazia enormes rochedos e, entre eles, cavernas de gelo e troncos de árvores caídas cobertos de neve. Assim que a vista se acostumara à escuridão crescente, Nonna julgou ter notado olhos brilhantes entre os troncos e ter ouvido ruídos vindos daquela direção. Ela teve a certeza de que grupos de raposas de pelos vermelhos se escondiam nas sombras, embora não pudesse vê-las.

O rangido feito pela porta, ao ser aberta, acordou-a de seu devaneio. Ela se assustou e virou a cabeça em direção à cabana.

Havia um homem em pé contra a luz que vinha de dentro. Tinha os cabelos longos e pretos, moldando o rosto pálido e o cavanhaque bem feito. Sua altura era média, parecia ser forte e vestia uma camisa verde-escuro, com calça branca e botas de pele. Sobre tudo isso, uma grossa capa de pele. Em sua mão, portava uma lamparina acesa. Ele olhou para Nonna e Fenris, virou-se de volta e disse algo, permitindo que outra pessoa aparecesse, pondo a mão em seu ombro.

A mulher era um pouco mais baixa e tinha o cabelo mais vermelho que a menina já vira. A luz de dentro da cabana parecia refletir naqueles cabelos, deixando-os ainda mais vivos e realçando a pele branca e os olhos marrons-amarelados, como os de uma raposa. Era magra e trajava um vestido vermelho-escuro de mangas longas, largas e decoradas. A roupa fulgurava e Nonna teve quase certeza de que se tratava da fada que procurava. Ela trazia uma estranha expressão reflexiva em seu rosto.

– Você? – disse a mulher, com voz suave, como se não acreditasse no que via. Nonna ficou tão surpresa com o timbre e com o que ouvira que não pôde responder. Jamais a vira na vida, ainda sim, ela falava como se a conhecesse e estivesse surpresa de encontrá-la.

– Como você pode estar aqui? – perguntou a mulher, saindo da cabana, ainda mais surpreendida. Como se tivesse recebido uma ordem para se calar, o corvo voou até ela, pousando na porta. Das sombras, surgiram raposas de pelos tão vermelhos que pareciam brilhar no escuro. Elas vieram aos pés da mulher, movendo-se em silêncio pela neve, cercando-a com evidente satisfação. Os pelos eram brilhantes e limpos, as caudas eram enormes e grossas e tocavam o solo, enquanto andavam de um lado para outro. Os animais tinham olhos semelhantes aos da mulher, brilhantes e marrom-amarelados. Uma luz misteriosa brilhava na neve e, só então, Nonna notou que a aurora boreal estava no céu que escurecia. Ela não sabia que todos em Unha do Dragão acreditavam que o fenômeno ocorresse cada vez que as raposas daquela floresta saíssem de suas cavernas.

– Vim de Unha do Dragão e procuro pela fada da Floresta da Raposa, Enna.

O rosto da mulher ficou ainda mais perplexo e, de imediato, ela olhou para o homem. Abaixando a cabeça, veio até Nonna, franzindo a testa enquanto andava:

– De Unha do Dragão ? Não entendo, como você pode estar vindo de lá?

A menina começou a ficar irritada com aquele comportamento, sem entender o motivo de sua chegada à floresta ser tão estranha:

– Estou morando em Unha do Dragão, cheguei lá há alguns dias.

– De que local?

– Do sul, do vilarejo de Praia Perdida, na costa. Estou procurando...

A mulher se aproximou mais e, com a mão pálida, tocou de leve no focinho de Fenris e no corpo de Nonna, que notou um anel com uma grande pedra verde em um dos dedos, além de sentir sua delicadeza, apesar das roupas grossas. O urso, por seu lado, apenas gostou do carinho e suspirou.

– Se estava procurando pela fada da Floresta da Raposa, acaba de encontrá-la. E você, quem é?

– Sou Nonna e este é meu amigo, Fenris.

Ela não conseguia parar de fitar os profundos olhos amarelos da fada, que lembravam gotas congeladas de mel. A mulher não parecia surpresa, e pensava:

– Você já esteve aqui? – perguntou.

Nonna ficou surpresa com a pergunta, decidindo ser honesta por inteiro.

– Não, por quê?

– Nem em seus sonhos?

– A menos que tenha esquecido, nunca.

– Venha, vamos entrar, você deve estar com frio. Aquele, junto à porta, é meu marido, Hildur. Também temos um urso do gelo, Bjarni, que chamamos apenas de Ursinho, e que está em outro lugar, agora. Fenris pode entrar, se quiser.

A mulher guiou os viajantes até a porta, Nonna tirou a neve das botas e entrou. Hildur lhes deu boas-vindas e fechou a cabana. As raposas voltaram

para seus buracos, embora algumas tenham se esgueirado, marotas, e entrado. O corvo reclamou, com um grasnado, ficando do lado de fora. É provável que lá se sentisse melhor, de qualquer forma.

Enna os levou para perto da lareira e ajudou Nonna a tirar a capa. Hildur deixou o recinto e voltou com um caldeirão. Ele disse que esquentaria uma bebida e posicionou a grande panela para aquecer em um gancho sobre o fogo.

A menina olhou em volta, atônita. Se a cabana não era alta, era maior do que imaginara. A parede do fundo, de pedra, parecia ficar no meio da floresta, pois a construção prosseguia naquela direção, por uma grande distância.

As demais paredes também eram compostas por pedras e o piso fora feito de tábuas grossas, tornadas lustrosas com o passar dos anos. O chão estava coberto por couros e tapetes grossos espalhados. Havia objetos pendurados nas paredes e no teto, ferramentas, escudos, estranhos chifres, candelabros brilhantes e lamparinas, assim como uma quantidade inacreditável de flores secas de cores fortes, além de ervas, cujo odor podia ser sentido em todo o ambiente.

Em frente à lareira, havia duas cadeiras de madeira muito forte. Enna retirou um livro de uma delas e a desocupou para que Nonna se sentasse, enquanto se acomodava na outra. Hildur mexia no fogo e misturava a bebida no caldeirão.

– Bem, Nonna. Você veio de longe, do sul, para Unha do Dragão e de lá, para nos visitar. Há alguma razão para estar aqui.

– Sim. O mago da morte de Unha do Dragão, Runolf, disse-me que aqui poderia encontrar uma conexão com minha irmã.

– Sua irmã?

Nonna mordeu o lábio inferior. Ela tinha tantas coisas na cabeça que não sabia como começar, embora tivesse pensado nisso por tanto tempo. A impressão era a de que algo em sua mente houvesse desaparecido pela chaminé, junto com a fumaça da lareira e ela começou a falar, sem saber o que dizer:

– Disseram-me que tenho uma irmã, que só vejo em sonhos. Sinto que algo me falta, sinto falta de casa e também de algo mais, que não sei o que é. Skafloc disse que a coisa mais importante é que procurasse minha irmã. E Runolf disse que poderia encontrá-la perto do portão do Mundo dos Mortos, com o povo divino.

Nonna falara olhando para as mãos o tempo todo. Quando parou, reparou no silêncio, quebrado somente pelo movimento da concha de Hildur e pelo ruído calmo do fogo. Levantando a cabeça, notou que Enna levava às mãos à boca.

– E agora?

A fada respirou muito antes de abaixar as mãos:

– Uma irmã gêmea?

– Foi o que me disseram.

Enna olhou para o marido por um momento e pôs uma das raposas no colo.

– Entendo. Sim, você pode muito bem ter uma irmã, gêmea, pois já a vi.

Surpresa, ela aspirou o ar com alegria:

– Onde?

– Pensei que você fosse ela, por isso perguntei por que você viera para cá. Pelos deuses, agora entendo. Relaxe, irei lhe contar tudo! – E riu, com satisfação.

Embora fosse difícil se acalmar, ela recostou em sua cadeira e aceitou uma xícara oferecida por Hildur, contendo uma bebida fervente com cheiro de canela. Hildur se sentou no chão, ao lado de Enna, pegou uma das raposas e a pôs entre as pernas, escutando a história da esposa, em silêncio. Olhando para ele, com rapidez, Nonna notou algo assustador sob seu ar amigável e gentil.

– Esta floresta sempre foi peculiar, muito peculiar. Vim para cá há centenas de anos. Na época, ela era protegida por um grande dragão verde, Hardi. Ele foi morto em uma batalha com outro dragão e caiu sobre o solo com um enorme estrondo. Quando cheguei ao local, Hardi, à beira da morte, fez com que jurasse cuidar da floresta para sempre e, assim, tornei-

me sua fada. Moro aqui há centenas de anos, possuo segredos que não revelarei para você, por enquanto, pelo menos. Um deles é o ponto exato em que o dragão caiu. Uma sepultura profunda se formou ali e, com o tempo, encheu-se de água, que emite uma luz fraca quando congela. Sua beleza é extraordinária e encontrei Hildur perto de lá, há alguns anos. Aquele lugar possui algo de muito misterioso, assim como outros da floresta. Costumo visitá-lo com frequência, lembrando-me de muitas coisas e contando meus pensamentos ao espírito do dragão, que jaz no local.

Enna levou a xícara à boca, com ambas as mãos, e se deliciou com a bebida quente. Nonna já tomara metade da sua, sem perceber.

– Não faz muito tempo, por volta das primeiras neves do ano, quando mais uma vez visitava o lago de Hardi, em uma noite de lua cheia, fiquei atônita com o que vi. Sobre um rochedo, junto ao lago, havia uma menina vestida em uma capa de pele branca, cantarolando uma canção para si, uma música que não reconheci. Sua língua me era familiar e, como todo o ser era tão nebuloso e obscuro, pensei ser um espírito ou um fantasma de algum lugar distante, não ousando incomodá-la. Fiquei observando a cena dela, passando mais um momento a sós no lago, até que partiu como se o vento houvesse feito com que ela desaparecesse, sem deixar vestígio. Depois daquela noite, de vez em quando, tornava a vê-la sentada junto à pedra, sempre cantarolando uma canção e sozinha. Quando a lua fica menor, ela desaparece. E, minha querida, ela é sua cópia exata... sua cópia exata!

A noite jogara seu cobertor sobre a Floresta da Raposa quando Nonna e Fenris caminhavam silenciosos em meio às sombras. A aurora boreal dançava no céu, formando cenas de estranhas cores sobre a superfície cintilante do solo coberto de neve. O ar gelado e o espírito do tempo frio apertaram seu impacto sobre a floresta que os cercava. Nonna teve de fazer um esforço para que os dentes não batessem de frio ao se sentar no dorso de Fenris.

Seguindo as instruções de Enna, eles caminharam pela Floresta da Raposa. Uma fina lua crescente brilhava fraca sobre a camada macia e

branca, quebrada sem cessar pelas patas de Fenris. Ela admirou a cena sob o luar azulado e a névoa que emergia de sua própria respiração e logo desaparecia no ar frio. De algum lugar, à distância, podia-se ouvir o uivo de lobos e Nonna dedicou um pensamento à Ylva, a deusa dos lobos, pedindo que os mantivesse afastados. Os ganidos aterradores perfuraram a mata, persistiram por um tempo e perderam a força, aos poucos, para seu alívio.

Apesar de a viagem não ser longa, em seu decorrer, houve tempo para Nonna refletir bastante. Entretanto, algo a impediu de se concentrar e todos seus pensamentos giraram em torno do que estava prestes a acontecer. Ela apertava o pelo de Fenris que seguia em frente calmo e alegre. Quanto mais avançavam, mais nervosa ela ficava. A ansiedade era crescente, beirando o pânico, sobre o que iria acontecer se, de fato, encontrasse a irmã.

O terreno se tornou mais difícil. Os penhascos em torno dos dois ficaram mais altos e as sombras mais escuras, até se sentirem em completa escuridão. O medo voltou a se espreitar em sua mente e, para exacerbá-lo, um uivo aterrador de um lobo solitário foi ouvido de algum lugar nas proximidades. Nonna murmurou o nome de Ylva em voz baixa, imaginando a proximidade dos lobos. E pedindo para que Fenris fosse mais rápido.

Naquele instante, ela se sentiu tonta, quase caindo do corpo do urso, achando que ele tombara um pouco para o lado. Ao olhar em torno de si, não pôde notar nada suspeito. Porém, podia sentir dentro de si que algo mudara, como se tivesse caído de algum lugar alto em seus sonhos.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo rugido de Fenris e ela balançou a cabeça, sem acreditar.

Um clarão fraco brilhava de um lugar próximo, forte o suficiente apenas para iluminar o tronco das árvores e os galhos cobertos de neve. A fraca luz esverdeada era mais intensa entre os rochedos e as árvores que cresciam junto deles. Dava a impressão de vir de dentro da neve, embora, uma vez acostumada, Nonna a visse como a luz da lua e não mais a distinguisse com clareza.

– Fenris, vamos em direção da luz. – Nonna se inclinou em direção ao ponto. Fenris se virou e começou a seguir em frente, sem pressa.

O terreno mudara muito. Havia sincelos frágeis pendurados nos galhos das árvores em alguns pontos e a superfície da neve sobre o solo parecia cintilar ainda mais do que antes, como se estivesse coberta por uma névoa repleta de estrelas.

Um ruído vindo da floresta quase a fez gritar de horror. Ela olhou para a direita e viu, apavorada, uma pequena sombra negra se mover, rápida, entre as árvores e desaparecer na escuridão, além dos olhos brilhantes e do grunhido suave.

– Ah, não, lobos! – disse Nonna para si própria. Ela tirou as luvas, colocou a mão dentro do saquinho pendurado em seu cinto e agarrou a pequena estatueta parecida com um cão, dada por Sigwulf. O ar congelante cortava sua pele nua, ainda assim, ela não pôs as luvas de volta. E encorajou Fenris a seguir adiante.

Ao se aproximarem de um local banhado pelo luar, ela olhou para cima. O caminho passava por dois grandes rochedos. Em cima deles, pairava um enorme lobo, tão branco como a neve, sentado, encarando-os com os olhos amarelos reluzentes. A aurora boreal e o luar pareciam refletir mais forte do que deveriam em seu pelo, dando-lhe uma aparência esfuziante. Havia sombras, que agora faziam barulho, movendo-se por toda a parte. Rosnados baixos eram ouvidos em alguns pontos, quando, enfim, Nonna se decidiu. Ordenou que Fenris passasse pelos rochedos, com cuidado, pedindo permissão à Ylva.

Quase sentiram a respiração do lobo em suas costas, ao passarem por ele. A cabeça do animal se virou para eles, enquanto seguiam em frente, já esquecidos de sua existência.

Adiante, encontraram uma clareira plana com um lago congelado no centro. O luar refletia sobre o gelo que o cobria, emanando um brilho verde e glacial. Apesar de toda beleza do local, a atenção de Nonna se voltava para um rochedo do outro lado do lago e para a figura sentada nele.

A figura estava de costas. Ela se sentava com os joelhos dobrados sob o queixo, vestida em um casaco de pele branco e cinza, cantarolando uma

canção impossível de ser reconhecida. Embora a garota estivesse olhando para baixo, foi possível Nonna ver que não usava qualquer tipo de chapéu e se admirou como a luz fraca do luar fazia aquele cabelo amarelo-claro brilhar, de modo mágico. A aurora boreal dançava no céu, criando sombras em torno da figura e Nonna não ousou se mover. Ficou parada, o olhar fixo na cena. Seu coração batia forte de excitação e terror. Ela respirou com leveza, receosa de assustar a pessoa que observava. Por alguma razão, sabia que a menina sobre a pedra era sua irmã e notou que estava com medo. Aguardara aquele instante desde que sentira algo faltando dentro dela. Agora que o momento se realizava, percebeu que o medo dominava sua mente e que se apavorava com o que iria acontecer, em seguida.

Ela hesitou. A ideia de partir veio à cabeça. Então, Fenris rugiu e chacoalhou seu pelo, abaixando a cabeça e o pescoço para que Nonna escorregasse para a neve. Recuperando o equilíbrio, com dificuldade, ela se voltou para dar uma bronca no urso, calando-se rápido ao lembrar do que fazia. Ela parou e virou a cabeça.

A menina sobre a pedra olhava aterrorizada para ela, as mãos no rosto.

Ao ver seu rosto, as dúvidas caíram por terra. Ela era idêntica à Nonna, com exceção dos olhos também verdes, porém com um brilho muito mais intenso.

Nonna engoliu em seco, nervosa. Não podia fazer mais nada além de olhar sem parar para a outra, que devolvia o gesto, silenciosa. Por várias vezes, esteve prestes a abrir a boca, sem encontrar palavras. Sentia a estatueta de cão de Sigwulf na mão nua e o ar congelante em sua pele e não dava a menor atenção ao fato. Viu lobos andando junto às árvores, à beira da floresta, e não sentiu medo. A única coisa que ocupava sua atenção era a imagem da irmã, sentada sobre a pedra.

Fenris empurrou Nonna com o focinho, fazendo-a acordar.

Assim que deu o primeiro passo, a garota pulou da pedra e correu a toda velocidade em sua direção. Sem dizer nada, pulou sobre Nonna e a abraçou o mais forte que pôde.

– Tenho lhe esperado há tanto tempo!

Seu coração disparou ao ouvir sua voz. Ela tinha um tom espectral, como se ecoasse em todos os lugares. Nonna não teria sido capaz de dizer a origem e a distância dela, se a menina não estivesse diante de si.

– Também tenho! – respondeu, abraçando a irmã e se esquecendo de tudo.

Elas se sentaram juntas sobre a pedra, uma ao lado da outra. Nonna voltou as mãos para suas luvas quentes e Fenris se acomodou diante delas, olhando com deslumbre para o lago, que ainda brilhava.

As meninas se apresentaram com timidez e, pela primeira vez, Nonna ouviu o nome de sua irmã, Erna. Aprendendo que o nome significava filha da águia, soube, em seguida, de algo que custou a acreditar:

– Sou do clã do povo Fey, Nonna, você sabe o que isso significa?

Ela estava horrorizada:

– Fey? Os deuses? O povo divino?

Erna sorriu, encabulada:

– Imagino que é assim que os chamam, porém não há nada a temer... só não conte para ninguém, está bem?

– Claro que não! Mas, como... você é minha irmã, certo?

– Foi estranho para você vir aqui?

Nonna se lembrou da tontura quando a floresta se tornou mais pedregosa e balançou a cabeça de modo afirmativo, com um tanto de hesitação.

– Você está em nosso mundo, no território do povo divino. Se não tivesse parentesco conosco, não teria conseguido chegar aqui. – Erna se inclinou ao lado de Nonna e sussurrou com um sorriso maroto. – Você teria ficado presa na floresta, perdida, e jamais encontraria a saída. É o que acontece a todos os humanos que chegam aos limites de nosso mundo. Isso se passou com muitos, não com você. A mulher de cabelo vermelho consegue vir aqui, porque é a fada da floresta.

Olhando em volta, sem reparar em alguma diferença entre seu mundo e o do povo divino de Erna, nada lhe interessava tanto quanto a próxima pergunta:

– Por que você partiu ou desapareceu? Para qual lugar foi?

Erna olhou para baixo e suspirou:

– Este é o lugar em que sempre estive. Fui criada aqui com meu pai e minha mãe por toda a vida. Eles dizem que fui um presente do mundo dos humanos e que vim para cá de longe, recém-nascida. Você tem de entender que aqui algumas coisas são... um pouco diferentes.

Nonna sabia. Haviam lhe contado tanto coisas horríveis quanto belas sobre os divinos. Ela se lembrava de uma história assustadora sobre como os divinos raptavam bebês humanos recém-nascidos para criá-los como deles.

– Erna, como podemos ser irmãs se você é uma divina?

– Vou lhe contar muito em breve. Por toda minha vida, senti que havia alguém muito importante para mim, em algum lugar. Sonhei com você, sonhos confusos, porém, lembro-me, há pouco tempo, de ter sonhado que você dormiu no reino das criaturas do Mundo dos Mortos...

– Estive lá, sim, com os gnomos e, enquanto isso, sonhei com você.

Erna se animou:

– Sim, o mundo dos gnomos é próximo do nosso. Perguntei para meu pai sobre meus sonhos e meu sentimento e, no fim, ele me contou a verdade. Na noite em que nascemos, um divino, sob a forma de uma águia, chamado Whisk, sentiu que algo misterioso acontecia próximo a um vilarejo, em alguma grande várzea. Por causa do tempo tempestuoso, ele pousou em um arvoredado sagrado dos humanos, esperando a tempestade passar e vendo o que acontecia no vilarejo. No meio da noite, um velho adivinho corcunda, carregando um pequeno pacote, chegou no local e Whisk logo notou se tratar de uma criança humana, cujo espírito flutuava a seu lado, lutando para não partir. O homem pôs o pacote sobre uma rocha sagrada, fez uma oração para seus deuses e partiu. Whisk sentiu pena do bebê, em especial de sua alma triste. Assim, tomou-o e àquela alma e voou para cá, na tempestade. O bebê se recuperou em nosso reino e Whisk o deu para ser criado por meu pai. Eis-me aqui! Whisk não sabia que a criança tinha uma irmã gêmea, que é você. Ele devia ter notado, porém é meio atrapalhado.

– E você foi criada aqui, em meio ao povo divino, por toda a vida?

– Sim. Porém, há outra coisa estranha na história. Depois de sair voando, Whisk veio de encontro a outra figura, à beira do arvoredo. Talvez tenha sido por isso que Whisk ficara tão confuso, pois a figura era o próprio deus urso do gelo e ele trazia um pequeno filhote com ele. Whisk teve, então, a ideia de que deveria ser levada para o lugar em que o deus urso do gelo morasse. A partir daí, meu pai me contou, fiz de tudo para trazê-la para cá. Seu urso do gelo é lindo, qual o nome dele?

Nonna bateu com orgulho no dorso de Fenris, contou à Erna seu nome e como se tornara seu guardião. Ambas chegaram à conclusão de que o filhote de urso do gelo que Whisk vira era Fenris.

– O guardião de nossa família é um lobo branco, como você pode ver. Eles vão para todo lugar que você vai – disse Erna, sorrindo.

– Você pode vir para nosso mundo, pode vir a Unha do Dragão comigo, com ou sem os lobos?

– Não, não posso. Afinal, nasci como uma humana, então, não posso. O que posso é aparecer em seus sonhos com mais frequência, agora que sei seu lugar no mundo. Conte-me, como achou este lugar, afinal?

Ela contou à Erna tudo o que acontecera. E, também, sobre o espírito maléfico. Não teria querido contar sobre nada assustador ou deprimente, os acontecimentos é que lhe vieram à cabeça e ela precisou falar tudo à irmã. Foi a vez da outra ficar horrorizada, pois o povo divino também tinha medo de espíritos maléficos, embora fossem mais fortes contra eles do que os humanos. Quando terminou a história, a lua já se movera uma longa distância no céu. Estava muito frio e ela se sentia congelando.

– Nonna, você precisa partir ou poderá enregelar.

Entretanto, ela não queria deixar a irmã, justo agora que a havia encontrado, temendo nunca mais vê-la, se partisse.

Erna se inclinou para Nonna e segurou sua mão:

– Não fique triste, vamos nos ver muitas vezes de novo, pois você não irá mais embora daqui, irá?

Nonna balançou a cabeça, enquanto descia da pedra. Não tinha mais qualquer intenção de deixar o Vale da Unha do Dragão. As meninas se

abraçaram, mais uma vez. Ao pular no dorso de Fenris e se preparar para partir, a despeito de toda alegria, seu coração doía. O medo de perder a irmã que encontrara com tanta dificuldade a dilacerava. Enquanto Fenris passava entre os dois rochedos, Nonna percebeu que o lobo sobre a rocha desaparecera e se virou para olhar.

Apenas um brilho fraco vindo de debaixo da neve e do gelo flutuava em torno da pedra. De algum lugar à distância, pôde-se ouvir a voz suave de Erna:

– Não se vire mais!

Nonna voltou a cabeça para a frente, com lágrimas nos olhos e não viu mais nada, exceto o pescoço de Fenris, enquanto ele caminhava de volta para a cabana da fada da Floresta da Raposa.

Atrás de um carvalho congelado, em meio a lobos brancos, Erna limpava os olhos com as mangas ao ver Nonna e Fenris desaparecerem entre os rochedos.

Com a manhã se aproximando, do lado de fora da cabana, Nonna subiu outra vez no dorso de um Fenris sonolento e os dois saíram da floresta, acompanhados por Hildur, voltando, em seguida, para o Forte da Unha do Dragão.

Como um cobertor cintilante, as estrelas e a lua iluminavam a neve sobre o solo. A aurora boreal acompanhava a dupla. Nonna inspirou o ar frio, aproveitando cada respiração de uma forma diferente da anterior.

Por toda a viagem, pensava somente na irmã.

Teve a certeza de que nenhum espírito maléfico seria forte o bastante para separá-las. E sentiu que era forte o bastante para qualquer coisa que pretendesse.

CORTE DIVINA, MUNDO ESPIRITUAL

As gigantescas rodas da fortuna pareciam se mover para a frente com um estrondo, como se após uma longa busca houvessem encontrado uma

boa posição. Forni sabia que aquilo seria ouvido em todo lugar, no reino dos deuses, e sorriu ao pensar no que o Senhor do inferno acharia do som.

Estava em pé em cima de seu *iceberg*, vestindo roupas brancas como a neve. Ele tocou uma estátua de urso do gelo que jamais derretia e apreciou a aurora boreal, que podia ser vista em todo seu reino. Muito além dela, tinha início uma escuridão eterna, na qual a luz jamais chegava. Ele virou as costas para ela.

E olhou para Birna, uma enorme urso do gelo, a seu lado. Era velha e forte. Seu pelo era branco brilhante e de uma limpeza absoluta, cada um dos fios com traços perfeitos, como se houvesse nascido do gelo e da neve.

– Birna, você está orgulhosa de seu filhote agora? Fenris cresceu e se tornou um urso magnífico e seu sacrifício mudará muitos destinos.

A mãe de Fenris, virou a cabeça para Forni, o deus urso. Ele sorriu e o orgulho brilhou em seus olhos azuis.

– Enfim, cumpri minha promessa para Skafloc. As coisas parecem estar da forma que deveriam. – Forni murmurou para si, virou-se e começou a descer do topo da montanha, de volta para os salões gelados.

Birna ficou sozinha no cume. Em sua mente, ainda via o filhote andando com Nonna em seu dorso, sob um céu estrelado. A altivez preenchia seu coração.

Encontros

FORTE DA UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM Mês de Invernã de 815

Nonna chegou ao Forte da Unha do Dragão com o despertar do dia. Fenris subiu a estrada que levava até lá, mais poderoso do que nunca, com a menina meio adormecida em seu dorso. Clara e colorida, a manhã se aproximava sob um céu sem nuvens. Era o sinal de um belo dia que se tornaria cada vez mais frio.

Ela acordou de seu estado semiconsciente ao chegarem ao grande portão de Unha do Dragão, que foi aberto para que entrassem. Um ar morno vindo de dentro do castelo voou sobre eles, acompanhado de uma luz amarela e dourada. Os sons familiares, os cheiros e o ar denso do forte a deixavam ainda mais sonolenta. Com um bocejo, pediu a Fenris que a levasse para seu quarto. Ele fez o que lhe fora pedido e, diante de seu rugido, o povo do forte não ousou fazer nada além de abrir as portas e os acompanhar, iluminando a manhã ainda escura com velas. Uma das jovens criadas recebeu ordens de seguir o urso por todo lugar que fosse, pois ninguém ousava acordar Nonna, adormecida em suas costas. A jovem o acompanhou pelas escadas, abriu a porta do quarto e deixou que entrassem. Depois, ajudou a menina a ir para a cama, tirou as botas de pele, o chapéu e as luvas e puxou um cobertor sobre ela. Em seguida, partiu e fechou a porta.

Todas as amigas de Nonna e as pessoas próximas sabiam que ela estivera na Floresta da Raposa. Astrid ficara muito preocupada com o que poderia acontecer com a garota. Runolf contara a Astrid a conversa que tivera com Nonna e, junto com Asbrand, discutiram o assunto durante a noite, esperando sua volta.

Quando vieram contar para Astrid sobre o retorno que se dera, ela sentiu um enorme alívio e mal pôde se conter para ter uma oportunidade de falar com a menina, quando esta acordasse. Entretanto, permitiram que Nonna e Fenris dormissem o quanto quisessem e Astrid pediu à Freydis que preservasse a paz de sua amiga do lado de fora de seu quarto. Assim, ela pôs um banco ao lado da porta de Nonna e se acomodou, lendo seu livro, logo após o café da manhã.

Freydis viu pela janela da torre que o sol subia mais e que o solo coberto de neve brilhava nos raios de luz. Um som vindo do quarto a assustou. Ela pulou da cadeira, bateu rápido na porta e a abriu em seguida.

– acorde, dorminhoca! – gritou Freydis, correndo para abrir as janelas, que estavam fechadas desde a noite anterior. O aposento de Nonna cheirava a pelo de urso molhado e Fenris roncava, em seu sono profundo, ao lado da cama. Nonna se sentou na cama, bebendo água de um copo.

– Bom dia... – conseguiu dizer entre bocejos. Enquanto Freydis se sentava na ponta da cama, Nonna se recordava do que ocorrera na noite anterior. Ao se lembrar de Erna, todo o cansaço desapareceu. Feliz, olhou para Freydis.

– E então? O que aconteceu?

Nonna segurou os ombros da amiga e a abraçou, explodindo de alegria:

– Freydis, encontrei a minha irmã!!!

– Verdade? Isso não pode ser verdade, como? Conte-me tudo, agora! Astrid quer vê-la, apesar disso, peço que me conte primeiro. Ela acha que você ainda está dormindo. Conte-me, por favor...

A menina narrou com brevidade o que acontecera na Floresta da Raposa. Ela não se sentia segura de dizer que a irmã gêmea era ligada aos divinos. Porém, confiava tanto em Freydis que decidiu lhe contar.

– O quê? Você está brincando! Ligada aos divinos... – disse Freydis, sussurrando e olhando em volta se alguém podia ouvi-las. – Nonna, a Floresta da Raposa pode ter absolutamente qualquer coisa, muitos se perderam lá e é muito possível que haja divinos e gnomos e não sei mais o que. Sua mãe sabe, bem, ela não deve saber, deve? Quero dizer... – Freydis falava mais rápido do que antes e Nonna achou sua agitação engraçada.

– Acalme-se. Vamos falar com Astrid ou, talvez, Runolf também saiba mais quando lhe contar sobre tudo isso.

– Runolf? Pelo amor dos deuses, você não vai falar com ele de novo, vai?

– Claro que vou, por que não?

Segurando a cabeça com ambas as mãos, Freydis fingiu desmaiar, caindo na cama de Nonna, suspirando e praguejando. Ambas caíram em gargalhadas.

Logo após Freydis ter levado a faminta Nonna para a cozinha, elas foram chamadas para ver Astrid. Nonna já esperava pelo chamado, assim, seguiram para o próprio aposento da bruxa, pela primeira vez.

Ele se localizava no último andar da torre do dragão. Freydis a levou por dentro, pois o ar do lado de fora já estava congelante. Elas passaram pelo Salão Branco e pelo longo corredor, que ladeava o pesado muro externo do forte, bastante iluminado, pois a luz do sol brilhava pelas grandes janelas de maneira ofuscante. Nonna admirou os tapetes que decoravam o chão, as demais tapeçarias, as pinturas, as armas e os escudos, guardados naquela parte do forte havia centenas de anos. Fenris as seguia, tranquilo. Nenhuma das garotas falava muito, ambas pensavam no que aconteceria a seguir.

A porta do aposento de Astrid estava entreaberta e com conversas em voz baixa vindas de dentro. Por um breve instante, Nonna parou para admirar o pequeno saguão decorado de forma tão bela, logo sendo chamada para entrar. Quando Freydis estava prestes a fazê-lo, a voz amigável de Astrid lhe pediu que ficasse do lado de fora e ela se sentou em

um banco no corredor para esperar, mais uma vez. Os viajantes entraram e a grande porta se fechou.

O aposento era redondo e cobria todo o andar da torre. Em seu centro, havia um pilar robusto e, ao lado, uma escadaria que descia para algum lugar que Nonna desconhecia, de todo. No meio, o fogo estalava em uma lareira construída dentro do pilar que atravessava a torre. Ele esquentava e iluminava todo o cômodo.

Próximo a ela, havia cinco poltronas altas, grandes e confortáveis, sobre as quais Asbrand, Godmund, Astrid e Runolf a aguardavam. O velho mago da morte quase desaparecia nas almofadas da poltrona. Nonna notou que ele segurava um pergaminho grosso, que havia sido enrolado e amarrado com um laço preto.

Ao se sentar na cadeira vazia, Nonna notou que a sala tinha cheiro de canela. Asbrand a segurou pela mão e Astrid começou a conversa lhe pedindo que contasse tudo que acontecera na noite anterior. Enquanto narrava os fatos, todos estavam quietos. Runolf perguntou sobre o local em que encontrara Erna e sobre os lobos brancos, balançando a cabeça em aprovação. Apenas os estalos vindos da lareira e o zumbido vindo da chaminé quebravam o silêncio, durante a fala em voz baixa e com sentimentos mistos sobre o que se passara.

Quando ela, enfim, terminou, os quatro adultos se entreolharam sem dizer uma única palavra. Foi Astrid quem quebrou o silêncio:

– Nenhum de nós sabe qual o significado de tudo isso e o que Forni e os outros deuses podem estar pensando neste momento. Só posso dizer uma coisa que sei. Que em breve iremos nos encontrar com sua mãe e poderemos lhe perguntar sobre o que aconteceu quando você nasceu.

Nonna suspirou, lembrando que logo Skald iria buscá-la em Praia Perdida.

– Skald e Godmund voltarão antes de escurecer e trarão sua mãe para cá. Ela estará aqui, é provável, logo após a meia-noite – disse Astrid, com satisfação.

Ela mal podia se conter, mexendo-se com agitação em sua cadeira, apesar de ouvir o que Astrid tinha a dizer com atenção. Nonna achou

engraçada a ideia do que sua mãe diria ao ver um dragão pela primeira vez.

– Foi predito que o primeiro filho de Skafloc seria uma menina. E ele, de fato, teve uma menina, que morreu durante o parto. Por isso se suspeitou que algo de especial estaria acontecendo. O assunto foi esquecido em meio à destruição causada pela Guerra dos Deuses. O segundo filho de Skafloc, Brand, fugiu daqui, das ruínas do velho Unha do Dragão, com a mãe, Gudrun. Skafloc fizera um pacto direto com o próprio Forni e, assim, o deus urso acompanhou Brand e Gudrun, prometendo sempre cuidar deles.

Asbrand se levantou e jogou duas toras na lareira. Astrid aguardou até que o solene soldado voltasse para sua cadeira:

– Ninguém tinha qualquer informação sobre o pacto entre Forni e Skafloc, só que este tinha algo a ver com aquela menina, que deveria ter nascido para Skafloc – entenda, Nonna, é raro que um descendente do clã dos dragões morra ao nascer. Runolf acredita saber a razão disso e ele logo poderá dizer o que pensa.

– Quando Gudrun assumiu o controle de Unha do Dragão, ela viveu só por muitos anos, apenas com seu único filho e ursos do gelo. E se aliou com as bestas do gelo da Terra do Gelo. Gudrun era uma bruxa importante antes disso e de algum lugar, talvez das bestas do gelo adquiriu habilidades que a tornaram ainda mais poderosa. Fora do forte, começou a ser chamada de Bruxa do Gelo e os outros a admiravam e a temiam por seus poderes. Após o fim da Guerra dos Deuses, Nereid e Skald, os dragões, vieram ao forte e, com sua ajuda, Gudrun assumiu o controle de toda área setentrional de neve e gelo.

Brand cresceu e se casou com a mulher que Gudrun criara para ser sua sucessora, pois decidira que o governante de Unha do Dragão sempre seria uma mulher. A esposa de Brand, Arnora, era de uma velha família de Valgard. Era uma bruxa ainda mais poderosa que fez Unha do Dragão quase indestrutível. Após um tempo, Brand e Arnora tiveram um menino, que agora está sentado a seu lado. Naquela época, Arnora me tomou sua aprendiz e após sua ida ao Mundo dos Mortos, tornei-me a governante de Unha do Dragão.

Astrid fez uma pequena pausa e bebeu um gole de água.

– Bem, antes disso, entretanto, Brand teve outro filho, Ulfre. Por alguma razão, Ulfre se mudou de Unha do Dragão para o sul. Segundo consta, era um guerreiro excepcional, mencionado em muitas histórias e lendas, porém, a proteção do deus urso não o alcançava, por ter deixado sua terra. A família de Ulfre continuou com filhos homens, até hoje, e a primeira menina a nascer, dentro da família de Skafloc, foi você. A filha que deveria ter nascido para Skafloc é você, Nonna.

Runolf se levantou com alguma dificuldade e deu à atônita menina o pergaminho que segurava. Ele falou com a voz baixa e alquebrada:

– Isso é para você. Gudrun o escreveu há 800 anos. Até o dia de hoje, ele tem sido mantido em uma caixa, na cripta funerária, e apenas Astrid sabia o que deveria ser feito com ele. Gudrun deu a informação à Arnora que, por sua vez, a transmitiu para Astrid. O objeto na caixa poderia ser dado somente à menina que um dia nasceria na família de Skafloc.

Runolf colocou o pergaminho nas mãos de Nonna, fechando os dedos em sua volta. O velho mago da morte se sentou de novo em sua cadeira e suspirou:

– Ao que se sabe, Fenris é o primeiro espírito guardião que foi enviado para a família de Ulfre. Sua tarefa sempre foi de proteger e, mais cedo ou mais tarde, trazê-la para cá, Nonna. Talvez o deus urso esteja agora cumprindo sua parte do pacto que fizera com Skafloc, quem sabe?

Ela olhou para a superfície áspera do pergaminho nas mãos. Queria abri-lo quando estivesse só e não na presença de outras pessoas. Ela sentiu a mão de Asbrand em seu ombro.

– Por quê? – perguntou Nonna com a voz engasgada.

Runolf olhou para Nonna, tossiu e falou devagar, sem hesitar:

– Tenho minhas suspeitas. As mulheres do clã dos dragões têm poderes muito especiais e, por isso, foram tão respeitadas no passado. Acredito que os deuses sabiam que haveria uma situação em que os poderes da filha de Skafloc seriam imprescindíveis. Não à toa, Skafloc era o arquimago do reino do norte, ele tinha habilidades especiais, que teriam feito sua filha

muito poderosa. Não era a hora para sua filha e alguns dos deuses tomaram aquela alma sob sua proteção para aguardar. Agora que restam poucos e velhos membros do clã dos dragões, você surge. Isso deve ter um significado.

Runolf fez uma breve pausa antes de continuar:

– Estamos passando por uma época em que os poderes serão necessários. Os antigos deuses-dragão retornaram, como havia sido previsto, e ninguém sabe a que isso levará.

Nonna abaixara a cabeça. Ela se sentiu apreensiva após ter ouvido que algo fora predito para ela, havia muito tempo. Astrid já dera indicações sobre o assunto antes. Ela tocou o pendente de unha em seu pescoço e pensou no amigável e tão confiante Sigwulf, que não tinha medo de nada e não queria revelar seus poderes para as outras pessoas. Seu coração parecia bater tão forte que ela podia ouvi-lo em seus ouvidos. Afinal, Astrid quebrou o silêncio:

– Não há, ainda, quem saiba o significado de tudo isso. Os deuses, sem dúvida, revelarão tudo, quando a hora chegar. Porém, tenho certeza de algo: você, Nonna, tem mais sangue da família dos dragões do que imagina. Agora foi revelado que tem uma irmã gêmea entre os divinos. Há bastante tempo tenho pensado quem seria a próxima senhora de Unha do Dragão. Sei que já recebi a resposta. Será você, Nonna. Você será a próxima Bruxa do Gelo!

O sol se punha atrás das montanhas do oeste. Os últimos raios de luz, já fracos, faziam o topo das montanhas e as nuvens em volta parecerem dourados. As sombras das elevações haviam se tornado mais longas e alcançavam o Forte da Unha do Dragão. O Vale da Unha do Dragão estava calmo, seu silêncio era quebrado apenas pelo grito de uma águia distante.

Astrid estava sozinha no último terraço da torre mais alta. Atrás dela, um telhado em forma de cone, com cheiro de alcatrão. Entre ele e o muro que cercava o terraço havia uma abertura de cerca de dois metros. Era lá que estava, olhando para o vale. Já estava havia bastante tempo naquele lugar, apesar das temperaturas congelantes. A brisa nem movia sua

branquíssima capa de pele. Em sua mão, segurava uma vara cinza longa, com três figuras humanas em seu topo. Elas haviam sido talhadas para que segurassem em suas costas um objeto brilhante, do tamanho de um punho fechado, que parecia ter sido cortado do gelo.

Quase chegara a hora. Astrid passara um longo tempo juntando forças dentro de si. Mais força parecia fluir em seu interior a cada inspiração, enquanto repetia em sua mente encantamentos que já usara por décadas.

Quando o sol se pôs por trás das montanhas, Astrid levantou a vara, fechou os olhos e falou com um tom autoritário, alto e gélido:

– Espíritos do frio, venham e façam como lhes ordeno!

Mal terminara a frase quando o vento começou a aumentar. Com uma velocidade assustadora, passou de brisa para uma rajada e fez balançar cada uma das flâmulas de Unha do Dragão. O vento penetrou em cada buraco e rachadura. Correu por chaminés, balançou os muros e logo se transformou em um enorme redemoinho cercando o Forte da Unha do Dragão. Trazia consigo a neve do chão e se tornou tão poderoso que pequenos redemoinhos e as nuvens dos topos das montanhas se uniram a ele. Formações surgiram no céu e, enquanto Astrid ria em sua torre em meio aos ventos, grandes flocos de neve e cristais de gelo pontiagudos começaram a cair delas.

A bruxa se divertia. Ria e gritava no meio da tempestade. Ela convocou mais neve, nuvens e vento. Colocou em sua volta todos os espíritos do frio que conhecia, prendeu-os sob seu controle e sentiu seu poder a puxar em todas as direções. Embora o vento agitasse sua capa e seus cabelos, ela se mantinha firme no lugar. A vara em sua mão brilhou, de repente, e jogou trovões e fortes raios sobre a neve.

Feliz com os poderes que reunira, quando todos no forte, prendendo a respiração ouviam a tempestade, Astrid os liberou:

– Vão e se espalhem por toda a costa. Causem tempestades, trovões e cubram tudo com uma camada grossa de neve. E que ninguém tenha coragem diante de sua força. Vão! – gritou Astrid, divertindo-se cada vez mais.

E, assim, a tempestade partiu. Com uma velocidade estonteante, ela se espalhou pela costa oeste de Noridium, trovejando com toda sua força, gritando, uivando, forçando as pessoas para dentro das casas e os animais para as tocas.

Nenhuma alma atestou que, um momento antes, Skald partia em direção à Praia Perdida com Godmund em seu dorso.

Pequenos cristais de neve pontiagudos brilhavam com a tempestade ensurdecedora, no vale cercado de montanhas, criando uma cortina tão grossa que qualquer um que tentasse andar no meio dela enxergaria tão somente até a ponta dos próprios braços. O vento atroz levantava a neve do solo e a amontoava atrás de rochas, em todos buracos e sombras. Soprava com sons de flauta na boca de crateras ou cavernas e podia ser ouvido sendo sufocado por camadas de neve. Todos os seres vivos se recolheram buscando proteção e toda a imensa área se tornou um campo de batalha vazio para o rugir da natureza ensandecida.

A nevasca avassaladora fez até as sombras tomarem vida, exceto uma, que não se moveu. À entrada de uma passagem estreita havia uma figura, em pé, que não se importava com o espetáculo e, embora este arrancasse sua capa e lhe arremessasse incontáveis cristais de neve, não se mexia. Somente ficava em seu lugar, entre duas rochas, com a mão negra sobre uma pedra e a cabeça erguida, farejando o ar.

O espírito maléfico chegara àquele local, seguindo vestígios que ainda eram visíveis no mundo espiritual. Ele assumira uma nova imagem e permanecia sobre a neve, com uma capa preta de centenas de anos. Sob ela, uma armadura de cota, de malha escurecida, tão pesada que o vento não a movia, cobria-lhe os ossos enegrecidos. Longas mãos esqueléticas terminavam em luvas de guerra, feitas de lâminas de metal, que lhe serviam à perfeição, cuja porção de couro se gastara havia muito tempo. Apenas a cota de malha as mantinha presas aos dedos ossudos que seguravam, firmes, o rochedo soterrado. No lugar da cabeça, uma caveira, que se escurecera com a ação do tempo, coberta por um capuz, também de cota de malha, e um elmo muito bem decorado. A ventania levantava o

capuz, descobrindo fios de cabelos brancos sujos que se agitavam, enlouquecidos. Abaixo desses, dois olhos vermelhos e ardentes pensavam no passado.

Suas lembranças eram confusas. As mais vívidas lhe falavam do medo sentido nos Montes do Dragão, ao ver um dragão gigantesco surgir da neve para atacá-lo. Ele se recordava de sentir uma dor indescritível, enquanto sua forma física era destruída. No último instante, deixara o corpo de Gerhard nas mãos do dragão negro e escapara para as sombras. Após encontrar proteção naquelas sombras, na noite seguinte, conseguira achar um esconderijo nas montanhas, pouco antes do nascer do sol. E sentir que o Senhor do inferno o estava impelindo, sabendo que o fracasso significaria sua destruição.

Movido pela fúria, vagara pelas montanhas, noite após noite. Todos os dias, os poderes enfraqueciam e, à noite, roubava o vigor dos animais que encontrava. O objeto de sua busca desaparecera, sob óbvia proteção do dragão negro, as montanhas, porém, ofereciam-lhe algo que o atraía.

Afinal, ele a encontrou. Velhas ruínas, fortalezas que haviam sido destruídas e deixadas em pedaços, encontravam-se em um vale, junto à montanha. Com o tempo, haviam desaparecido sob a vegetação e a terra, sucumbindo a uma grossa camada de neve. O espírito atravessou tudo que as cobriam e encontrou uma câmara, abaixo de uma robusta porta de pedra. Após centenas de anos de abandono, ainda havia um espírito maléfico flutuando ali dentro, que não poderia ser de mais ninguém, exceto do próprio Senhor do inferno. Sob uma pedra sacrificial, debaixo de rochedos e do chão repleto de mosaicos, estava o motivo pelo qual fora atraído até ali. Atravessando a pedra, o espírito maléfico chegou até um caixão, tomando a criatura que lá jazia como sua nova figura.

Aquela criatura havia vagado pela terra, pela última vez, durante a Guerra dos Deuses, sendo conhecida como um lutador cruel e impiedoso, que disseminava a mensagem do Senhor do inferno por todos os cantos. Sua espada dizimara centenas de inimigos até encontrar seu algoz e ser enterrado em um local sagrado. Depois de tanto tempo, levantava-se para andar, outra vez, movido pelo espírito maléfico, que sabia que, com aquela

figura, podia realizar quase tudo o que desejasse. Com o cair da noite, ele despedaçou a porta de pedra, encontrou o vestígio que perdera e partiu para completar sua tarefa, mais forte do que nunca.

Em meio à nevasca densa e sombria, o espírito maléfico podia ver o Forte da Unha do Dragão. Nenhuma luz parecia estar acesa. Entretanto, ele sabia o que estava diante de si. E sentia o vestígio no mundo espiritual com uma clareza absoluta, vestígio que o levaria à alma da garota. Apenas um instante antes, ele pressentira um enorme poder – talvez de um dragão – naquela direção, no entanto, após seu rápido arrefecimento, o caminho se encontrava livre.

Retirando a mão do rochedo, agarrou a espada pendurada em sua cintura. Ele sentiu o poder fluindo de sua arma, uma benção maldita e a magia do mal, que em algum momento, no passado, nela haviam sido conjuradas.

Saindo da proteção da passagem para o campo aberto, começou a seguir o vestígio invisível deixado por Nonna.

PRAIA PERDIDA, COSTA OESTE DE NORIDIUM

Espadas de madeira batiam umas contra as outras, enquanto dois meninos pequenos lutavam em sua cabana, fazendo levantar a palha que estava sobre o chão. Os meninos haviam recuperado as forças durante a noite e se comportado bem até havia poucos instantes. Ao se depararem com as espadas, porém, começaram a brincar com a energia de todos os dias.

Havia cerca de 20 pessoas na cabana a se proteger da nevasca. O dia havia sido ensolarado, com céus límpidos. Com o anoitecer, no entanto, insuspeitas e grossas nuvens chegaram do norte. Com elas, o vento aumentou muito e, logo, uma nevasca muito espessa cobria toda a região. Em dados momentos, o vento soprava tão forte que balançava as estruturas e fazia as paredes rangerem. Muitas das pessoas que se abrigavam na cabana de Thorgil faziam sinais de proteção com as mãos, entreolhando-

se, cochichando e se calando, na sequência, a cada nova rajada que balançasse a construção, como se algo gigantesco a segurasse. Thorgil estava agachado, junto à lareira, abastecendo-a com mais lenha e observando a luta dos meninos. Seu irmão, Frode, e sua esposa estavam sentados à mesa e em volta deles havia outras pessoas do clã. Todos seguiam a ferocidade dos meninos na cabana escura. Em momentos como aquele, Thorgil se sentia cheio de alegria em relação à família e ao vilarejo. Seus dois vira-latas estavam deitados a seus pés e ele sentia o ardor do fogo. Faíscas amarelas brilhantes voavam alto no ar.

Quando estava prestes a se levantar, a porta da cabana se abriu com um rangido súbito e um homem coberto de neve, vestido em uma capa grossa de lã, entrou. O vento feroz, que quase arrancou a porta, entrou pela sala como uma nuvem uivante, chacoalhando os móveis e quase apagando as velas. As pessoas suspiraram de medo, menos os meninos, que não deram qualquer atenção ao fato, enquanto o homem fechava a porta e batia a neve das botas e da capa.

– Baldyr, a nevasca deve ficar mais forte... – gritou Frode, irmão de Thorgil, para o homem que entrara, com a frase sendo cortada naquele exato instante.

Todos na cabana se calaram e até os meninos travessos pararam a luta. Um silêncio tão concreto que podia ser tocado entrou no ambiente e trouxe com ele um medo tão grande que apertou a todos como ferro. Vieram os arrepios e uma sensação subindo pelas espinhas que se tornava pior a cada segundo. Os homens se entreolharam, as mulheres gritaram, aterrorizadas e Kaatra, com seus irmãos, correu chorando para o pai, Frode, agarrando-o em terror.

– O que foi isso, pelos deuses? – disse Thorgil, com a voz áspera e atormentada. Ao longe, o som estranho de um vento incomum parecia se aproximar, aos poucos, tornando-se cada vez mais forte até dar a impressão de agarrar a cabana. As paredes trepidaram com seu poder e uma rajada vinda da chaminé apagou as chamas na lareira. Os homens agarraram as armas, a escuridão caiu sobre o interior, apesar das velas, e todos se juntaram, aterrorizados.

Skald chegara à Praia Perdida.

Gunhilde estava junto ao fogo, costurando a barra de uma saia que havia se rasgado, sem se importar com a ferocidade do vento lá fora. Sua cabana era tão baixa e construída de toras tão maciças que quase não sentia os efeitos. Às vezes, alguns objetos tremiam nas paredes, o uivo externo de baixa frequência parecia remexer o piso e as chamas na lareira se curvavam, com modéstia, ao poder do vento. Ela não se importava, estava acostumada com tempestades e não tinha motivo para sair. Percebendo, durante o dia, a formação que se aproximava, fechara a cabana, acendera a lareira e passara a costurar sob a luz de uma única lamparina.

Em determinado instante, sentindo algo lhe perfurar o coração, enfiou uma agulha no próprio dedo. Um frio estranho correu para sua alma, ela sentiu o corpo congelar diante disso e gemeu de medo quando a lareira e a lamparina se apagaram. Uma enorme rajada de vento balançou a construção e o chão tremeu como se houvesse um terremoto. Gunhilde viu que sua cabana se tornara mais escura, sob luzes cansadas e espectrais. Ao ouvir uma batida na porta, gritou e quase despencou da cadeira. O medo fez com que se afastasse da porta. Sabia que por trás dela havia algum perigo imenso. Tentando alcançar a espada de Radulf, ela tocou seu cabo e a deixou cair no chão, como um estampido.

Alguém voltou a bater na porta, mais forte. Uma voz de homem podia ser ouvida, embora fosse abafada pelo vento. O coração de Gunhilde disparava, ela tomou de uma adaga e se esgueirou até a entrada. Com as mãos tremendo, virou a maçaneta e deixou a porta entreaberta. O vento a abriu, com violência.

– Gunhilde? – perguntou um homem todo vestido em peles cinza, parecendo-se um urso. O rosto estava coberto por peles e, sob elas, Gunhilde viu o brilho de algo metálico, que lembrava um elmo. A voz do homem era forte, embora desse a impressão de vir de um lugar distante, abafada. A única reação possível foi o balançar afirmativo da cabeça.

– Posso entrar, se me permite?

– Primeiro, diga quem é você, não deixo estranhos entrarem em minha cabana, sem mais nem menos – disse Gunhilde, apertando mais forte a adaga. Ele olhou para baixo, ao responder, e ela pensou ter ouvido um sorriso naquela voz.

– Godmund, de Unha do Dragão.

Gunhilde abriu caminho para o homem, a adaga caiu no chão, ruidosa, junto com a neve que invadia o pequeno espaço.

– Não temos muito tempo, vista-se o máximo que puder e aqui está uma pele a mais para protegê-la.

Ele tirara o capuz, levantara o elmo e o pusera na mesa, a seu lado, dando-lhe um casaco muito grosso que havia trazido.

– Por quê? Qual seria o destino, posso saber?

Godmund coçou a barba molhada, a neve voara em seu rosto, apesar do elmo. Embora tivesse um rosto assustador, seu pronto sorriso a acalmou.

– Vou levá-la até Nonna. Vista-se. Explicarei no caminho, não temos muito tempo, como já disse.

– Nonna? Bem, nesse caso...

Ela não poderia estar mais surpresa. Ainda se lembrava do último visitante e não sabia o que aconteceria a seguir. Gunhilde começou a fazer o que lhe fora mandado, com o coração batendo de excitação, não mais de medo. Sem hesitar, começou a se vestir na cabana escura o mais rápido que podia:

– Como se pode ir em um tempo deste? Unha do Dragão é longe, não é?

– O modo como a levarei talvez a choque, Gunhilde. Porém, acredite-me, a viagem não leva muito tempo.

Gunhilde praguejou as palavras misteriosas e jocosas do homem, pôs meias compridas de lã, longas botas de pele e, por cima, o vestido mais grosso que tinha.

– Há algo valioso que queira levar? Pode levar muito tempo para você voltar.

Sem titubear, seus olhos foram se moveram para a espada de Radulf, sobre o chão. Ela a levantou e a mostrou para Godmund:

– Bem... isto, acho que nada mais.

Godmund pegou a espada e a olhou como se a examinasse.

– Estou pronta, vamos! – disse Gunhilde, com voz determinada e abafada. O capuz do casaco de pele trazido pelo homem cobria quase todo o rosto e só os olhos eram visíveis. Ela também se parecia mais uma urso do que uma mulher. Godmund apagou o fogo da lareira, colocou seu elmo e o capuz e a levou para fora.

A nevasca era tão densa que ela mal podia enxergar. A luz do dia havia se apagado e fora substituída por uma escuridão azulada, na qual a nevasca rugia como uma cortina grossa. O medo a assolou de tal forma que a fez sorrir.

– Para...? – Gunhilde começou a falar e Godmund não a ouviu. O homem caminhava resoluta na neve profunda e ela passou a segui-lo, dando de ombros. Era preciso virar a cabeça na direção contrária do vento para enxergar cada passo. Xingando a tempestade, perguntava-se como alguém poderia viajar naquele tempo.

Gunhilde veio de encontro a Godmund, que parara à frente.

– O que... – começou a falar, logo se calando ao ver uma perna com escamas brancas e brilhantes diante dela. Ao lado de Godmund havia uma criatura que a fez engasgar de completo terror.

“Calma, Gunhilde, não tenha medo” uma voz dentro de sua cabeça disse, ainda assim o medo retumbava dentro dela como um redemoinho em águas costais. Ela viu os dois olhos azuis enormes. Gunhilde sentiu o braço de Godmund em seu ombro e, quando a criatura repetiu a frase, o medo começou a deixar sua alma. Percebeu que olhava para um dragão branco e que não se tratava de um sonho. Em sua mente, perguntou-se se alguma outra criatura poderia ter olhos tão enormes e profundos ou ser tão gigantesca.

Uma vez que Gunhilde, por fim, entendera que iria voar para Unha do Dragão no dorso de um deles e que o medo de dragões, causado sem intenção por Skald, começara a se apagar, ela permitiu que Godmund a ajudasse a subir naquele dorso imenso. Skald abaixou seu pescoço sobre o chão coberto de neve. Gunhilde levantou a perna em um estribo e, com a

ajuda do homem, subiu em uma sela larga. O experiente Godmund se ajeitou com facilidade na sela detrás. Com uma mão ele a segurou pela cintura e, com a outra, a espada de Ranulf. Gunhilde se agarrou na sela, apertando-a com toda sua força.

Ela não via nada. A nevasca e o vento poderoso faziam cócegas em seu rosto e os olhos lacrimejarem. No entanto, sentiu algo que fez o estômago revirar. Skald abriu as asas e se moveu. Gunhilde as ouviu bater em torno de si e, em seu ventre, pressentiu que estavam levantando voo, cada vez mais alto. O vento rugiu em volta, jogando cristais de neve contra sua pele e ela se sentiu deslizando para uma sensação de vertigem. Não ousou olhar para baixo. Ao contrário, fechou os olhos, desejando que a viagem terminasse logo. Unha do Dragão, não importa sua posição, tinha de estar em algum lugar que para ela fosse o mais próximo possível.

Uma vez que o dragão alcançou altura suficiente, começou a aumentar a velocidade com suas asas poderosas. Skald e seus passageiros voaram sobre Praia Perdida e desapareceram na escuridão da nevasca, rumo ao norte.

FORTE DA UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM

A nevasca podia ser ouvida apenas como um leve zumbido dentro do Forte da Unha do Dragão. Os ruídos e barulhos ecoavam na maioria dos corredores externos, sem penetrar para o interior, que estava calmo, quente e seguro.

Após o jantar, Nonna, Freydis, Kara e Isrid haviam ido para um salão, no primeiro andar, chamado Salão do Escudo. Sem dúvida, o nome vinha do fato das paredes altas e estreitas serem decoradas com numerosos escudos, troféus de guerra coletados de inimigos derrotados por guerreiros do forte. No ponto central, sob a luz de uma tocha grande e barulhenta, havia um velho escudo triangular com o símbolo de um dragão-vermelho. Não havia mais ninguém no salão e no corredor lateral havia sempre serviçais e criadas passando, ocupados com seus afazeres. A atmosfera era

quente e de expectativa, como havia sido desde que as preparações para o festival do solstício de inverno haviam começado.

As meninas estavam sentadas no chão havia bastante tempo, conversando, quase cochichando, sobre as coisas que estavam acontecendo, em especial sobre Nonna e Erna. Já planejavam ir juntas à Floresta da Raposa, assim que possível.

Nonna contara às amigas sobre a irmã e que falara de novo com Runolf e Astrid, sem ter coragem de contar que um dia se tornaria sua sucessora. Estava com medo e pensava como sua vida iria mudar, apesar de tudo lhe parecer muito misterioso e maravilhoso. Quando olhava para Fenris, sabia que poderia cumprir a tarefa, quando a hora chegasse, porém, como Astrid dissera, a estrada era longa e exigente. Nonna teria de aprender muito e, mais do que tudo, a usar os poderes que sempre estiveram dentro dela. Suas amigas a ajudariam e ela ainda teria bastante tempo. Porém, ao deixar o aposento de Astrid, com o pergaminho nas mãos, a sensação era de que a bruxa ainda não houvesse dito nada.

Quando a noite começou a se aproximar, o uivo do vento pelas rachaduras das janelas e das chaminés, dentro dos velhos muros, tornou-se mais forte. O silêncio começava a reinar, as velas nos corredores se apagavam uma a uma, e as meninas esperavam, com grande paciência. Freydis retirou um pergaminho grosso de debaixo de suas roupas. Ela olhou com receio em volta e, já certa de que ninguém as veria, abriu o laço preto que segurava o rolo:

– Vocês não podem contar isto para ninguém, prometem?

Todas concordaram e Nonna pensou no pergaminho que recebera de Runolf. Ela o guardara em seu aposento e esperava poder lê-lo em paz.

– O que é isso, Freydis? – disse Isrid, sem tirar os olhos do pergaminho.

– Encontrei-o em uma prateleira, no Salão Negro, alguém o havia guardado no lugar errado. Quando esperava por Nonna, abri-o, em segredo.

Freydis se certificou, mais uma vez, antes de continuar:

– Há coisas misteriosas no Salão Negro. É necessário explorar mais esses livros, algum dia. Este, porém, parece ser um encantamento.

– Freydis! Leve isso de volta já, você não pode lê-lo, muito menos retirá-lo do Salão Negro! – Enfurecida, Isrid já estava pronta para se levantar.

– Calma, é inofensivo, tenho certeza.

– Rolos de encantamentos nunca são inofensivos e você sabe disso. Se você lê-lo em voz alta, qualquer coisa pode acontecer – disse Isrid, sentando-se.

– Nem conseguiria lê-lo, você pode, Isrid?

– Não irei tocá-lo, não fora do Salão Negro! É uma boa coisa que você não saiba lê-lo, amanhã você o devolverá.

– Nonna, dê uma olhada.

Freydis passou o rolo para Nonna. Ela olhou primeiro para Freydis e depois para Isrid e Kara. Isrid parecia brava e resmungava alguma coisa sobre o que Freydis fizera. Kara parecia se divertir:

– Que mal ele pode trazer, um pergaminho é um pergaminho, certo? – disse, continuando a limpar o cabo de sua velha adaga.

Dando de ombros, Nonna tomou o rolo de Freydis. Ela pensou sobre os ensinamentos e avisos do adivinho de seu vilarejo natal. Ele era um seguidor de espíritos e deuses naturais, afinal, e não sabia nada sobre pergaminhos e livros.

Ao abri-lo, de imediato, notou que estava escrito na língua dos dragões. E percebeu que ninguém jamais lhe explicara a razão pela qual ela entendia as runas pontiagudas. Começou a ler o conteúdo do pergaminho, aos poucos, em voz alta, concentrando-se e memorizando todas as palavras. Ela não reparou que as runas desapareciam da superfície do pergaminho assim que ela as lia. Cada palavra ou runa parecia aumentar a temperatura de seu corpo. O cansaço desapareceu, a força começou a voltar e, no final, sentindo-se tonta, leu a última palavra.

Nonna piscou as pálpebras por um breve momento e devolveu o rolo para Freydis. A garota se engasgou de medo ao ver um pergaminho em branco:

– O que aconteceu, não há mais runas aqui?

Isrid tirou o rolo das mãos de Freydis:

– Viu só? O que disse? Nonna, o que estava escrito?

– Bem, você sabe o que é um fogo negro?

Todos os olhos se viraram para Isrid.

– Fogo negro? É um... fogo negro. Como um fogo comum, só que de outra cor e queima tudo quase por completo. Por quê? Você está falando sério, Nonna?

Com a cabeça, respondeu que sim. Após ter começado, ela não conseguira mais parar de ler. A sensação dentro dela era imensa, como se estivesse brilhando e ela tinha que exalar um pouco daquilo. Entretanto, não aprendera a controlar seus poderes, assim, ao se concentrar e rever o texto decorado, algo inesperado ocorreu.

Nonna abriu os olhos e, para o horror geral, todas as tochas e velas ao redor explodiram em chamas. O fogo que antes tremulava silencioso estourou em chamas negras e azuladas, brilhantes.

– Nonna! – gritou Freydis, de entusiasmo, enquanto Isrid estava aterrorizada e Kara, encantada.

A chama preta e azul queimou as velas até o fim em um segundo, as tochas se consumiram, sem fumaça ou cinzas, sendo extintas com um estalo. Nada restara de velas e tochas. A escuridão caiu sobre elas e todas se calaram, por completo. Nonna se sentia aliviada e, embora soubesse que usara o poder que tirara do pergaminho, ainda sentia as runas dentro de si e que poderia repetir, se quisesse.

Freydis estava encantada e parecia excitada. Isrid estava prestes a lhes dar uma bronca, quando passos pesados se aproximaram no corredor escuro.

– Ah, não! Deve ser Runolf, ele sabe... – conseguiu dizer Isrid, quando Asbrand passou pela porta, parando ao notar as meninas.

– Aqui estão vocês, por que estão sentadas no escuro?

– Por que está com pressa, Asbrand? – perguntou Nonna, para disfarçar.

– Procurando por você! Skald e Godmund estão chegando com sua mãe.

– Agora? – Nonna saltou de excitação.

– Sim, apressem-se e vocês chegarão a tempo de lhes dar as boas-vindas.

Asbrand saiu correndo, acenando. As meninas se levantaram com rapidez, pegaram as roupas quentes que haviam trazido e correram atrás dele.

Quando as garotas corriam nos corredores escurecidos do forte, a luz das tochas que soltavam fumaça, estalando, começou a se apagar. Asbrand andava tão rápido que as meninas tinham dificuldade de acompanhar. Subiram as escadas, segurando as saias, gracejando e cochichando, animadas, sobre o que acabara de acontecer. Os passos leves de Fenris podiam ser ouvidos atrás delas.

O vento quase arrancou a porta das mãos das meninas, enquanto chegavam à área dos dragões, seguindo Asbrand. Uma rajada de vento bateu com toda força em seus rostos e, por um momento, Nonna teve medo de que ele fosse agarrá-la e jogá-la para o vazio negro que os aguardava, do outro lado. Fenris não parava de piscar os olhos no vento. Ele não se incomodava nada de sair da torre quente, ao contrário, o vento congelante lhe era bom. E, só por garantia, posicionou-se atrás de Nonna, pronto para agarrá-la se a tempestade tentasse levá-la embora.

No meio da tormenta, havia apenas uma pessoa em pé, Astrid, para quem Asbrand caminhava rápido. Estava vestida com peles e apoiada contra o muro, olhando para a escuridão. Tochas de tempestade queimavam, espalhadas na plataforma – montes de madeira que, tratados com substâncias fortes, queimavam em suas jaulas de ferro com chamas tão grandes, que nem um vento de tempestade como aquele podia extingui-las. O fogo incansável e furioso iluminava Astrid e Asbrand com sua luz amarelada na escuridão.

As meninas foram com cuidado na direção deles. O vento as empurrava e puxava, junto com a neve em volta. Em certos instantes, o frio era tão intenso que se tornava difícil respirar. Astrid se virou para as garotas, com um visível alívio. Nonna entendeu que ela estivera preocupada com a viagem de sua mãe.

– Skald está bem próximo, Nonna. Sua mãe está com ele, apesar de a viagem não dever estar sendo fácil com um tempo assim. Uma tempestade um pouco mais fraca do que esta teria sido o suficiente – lamentou Astrid às meninas, piscando um olho.

Nonna sentiu a emoção crescer dentro dela. Pensou em sua mãe da maneira que a vira da última vez, a cabana quente e a sensação de um lar seguro. Apesar de se sentir bem em Unha do Dragão, sua mãe não lhe deixava os pensamentos. A saudade era quase tão forte do que quando estivera aprisionada no quarto abafado da torre de Gerhard.

Logo, Astrid e Asbrand pediram que todos dessem um passo para trás e, de forma súbita, a figura gigantesca de Skald surgiu da tempestade. Ele pousou devagar e com cuidado, batendo as asas, primeiro no muro e depois, sem se importar com a tempestade, na plataforma. Sua cabeça estava toda coberta de neve e, frustrado com isso, ele a bateu contra a beirada do muro. Com um estrondo, a neve e o gelo caíram de seu focinho para dentro da escuridão.

Animada, Nonna voltou a cabeça para seu dorso e viu duas imagens sob a luz das lamparinas de tempestade. Skald abaixou a cabeça e o torso e Godmund pulou de seu dorso. Nonna notou que Godmund passara a espada de seu pai para Asbrand. Em seguida, virou-se para ajudar a outra passageira a descer.

Nonna não pôde mais esperar. Com os pés escorregando, correu para a mãe, coberta de neve. Skald levantou a cabeça para longe de Nonna e olhou como ela pulava para abraçar Gunhilde e suas peles grossas. A mãe retirou o capuz e seus cabelos vermelhos caíram, sendo jogados ao vento. Apesar da poderosa nevasca, ela se inclinou e tomou a filha no colo, apertando-a contra si, enquanto os outros admiravam a cena de tão aguardado reencontro. Fenris andou em direção às duas e se colocou bem ao lado, como se temesse que elas esquecessem dele.

Godmund e Raudolf, cujo trabalho era cuidar dos dragões, começaram a tirar a sela do dorso de Skald e Astrid veio para o lado de Gunhilde e Nonna. Ela teve de levantar a voz para que pudesse ser ouvida no uivo furioso dos ventos:

– Gunhilde, Nonna, vamos entrar para encontrar abrigo da tempestade!

Gunhilde abaixou Nonna sobre a área coberta de neve, pegou-a pela mão e começou a seguir Astrid, que entrava. Contudo, o forte rugido de Skald fez com que todos parassem. Arrepios subiram por suas espinhas.

– Nereid! – gritou Asbrand, correndo para a beirada do patamar, fazendo todos os outros se virarem naquela direção. Sombras escuras no meio da pesada nevasca começaram a formar uma figura, que fez Nonna perder o fôlego.

Nereid era impressionante. Dando a impressão de surgir do nada, ela abriu suas asas gigantescas, enquanto pousava ao lado de Skald.

– Pelo amor dos deuses, ela é enorme – disse Nonna, levando as luvas à boca. O patamar balançou e Nereid pôs as unhas em gancho na beira do muro, procurando equilíbrio.

Nonna teve de virar a cabeça para a esquerda e para a direita para conseguir ver o dragão negro por inteiro. Nereid era muito maior do que Skald. Ela era tão negra quanto Skafloc, e a luz, refletida em sua superfície, revelava seu formato com nitidez, enquanto descia do muro. Nonna a achou muito bonita. Ela era bem mais graciosa do que Skald, as asas eram longas e pontudas e o corpo bem delineado. As pernas eram finas e longas e as mãos, quase delicadas, terminavam em dedos longos e magros, com unhas pretas brilhantes, semelhante a lâminas. Embora todo o corpo a tivesse encantado, mais do que tudo, Nonna admirou sua cabeça.

Ela era estreita, preta e brilhante, por completo. O focinho era pontudo, com uma bela curvatura, como a de um bico de corvo, terminando em um ferrão afiado. Do lado oposto do focinho, havia uma testa levantada cheia de orgulho, com dois chifres brilhantes. Os olhos de Nereid reluziam sob os chifres. Eram como duas pérolas negras – sem fim, frios e cruéis.

Nereid rugiu. O som era como um rosnado de um cachorro bravo, porém muito mais alto. Virou a cabeça e olhou para cada pessoa na plataforma, uma de cada vez, apertando os olhos. Nonna se admirou com a visão dos dragões em pé, diante dela, um ao lado do outro. Um deles, de

um branco brilhante, o outro, preto por inteiro. Eram tão diferentes, o robusto Skald e a delicada Nereid. Ao lado deles, os humanos pareciam minúsculos, como se o forte fosse deles e de mais ninguém.

– Não sabíamos que Nereid viria esta noite – disse Astrid, surpresa com a chegada. – Agora não ficaremos aqui na tempestade por mais nenhum instante, todos teremos tempo de encontrar Nereid, amanhã. Ela ficará satisfeita de se encontrar com Asbrand. Gunhilde, vamos entrar.

Astrid guiou as garotas e Gunhilde para a torre, pela porta à frente. A luz e o calor vindo do interior pareciam acolhedores e, enquanto Astrid aguardava, Fenris também entrou, coberto de neve. Após entrar no aposento de Raudolf na parte baixa da torre, Freydis e Isrid se apoiaram contra a parede e suspiraram de animação.

Sob a luz de tochas e velas, Gunhilde bateu a neve de suas peles e as tirou. Astrid tomou as peles frias e molhadas e as jogou em uma cadeira. Isrid e Freydis olhavam para a mãe de Nonna, à distância. Elas não sabiam o que esperar e estavam encantadas de ver diante delas uma mulher de cabelos vermelhos e com sardas, do tamanho de Astrid, branca, forte e cheia de orgulho. Gunhilde, que tinha uma beleza comum, parecia feliz e amigável e seus olhos verdes brilhavam de alegria, enquanto se agachava para Nonna, sem se importar com mais ninguém.

Ela não sabia o que dizer. Abraçou Nonna por um longo tempo, depois a afastou um pouco e retirou o cabelo de seu rosto. Balançando a cabeça sem acreditar por um momento, conseguiu dizer, com voz rouca, as primeiras palavras:

– Graças aos deuses, temi nunca mais a vê-la!

Nonna colocou a cabeça nos ombros da mãe, sem nada dizer.

– Bem-vinda à Unha do Dragão, Gunhilde. É um prazer tê-la aqui. Sou Astrid de Unha do Dragão, também conhecida como a Bruxa do Gelo.

Gunhilde se assustou. Quando criança, já ouvira falar sobre ela. Em Nawyr, contava-se uma história sobre uma terrível e cruel Bruxa do Gelo, que vivia ao norte e, havia muito tempo, congelara a Baía da Caldia e

formara um exército de monstros para atacar a região. Astrid não se parecia bem com a Bruxa do Gelo da história. Sem saber no que acreditar, Gunhilde respirou fundo e se levantou, ficando ao lado de Nonna para se apresentar. Ela não tinha mais certeza do sobrenome que deveria usar. O clã de Nascente Negra se fora. Ela ainda não sentia que Praia Perdida fosse seu clã e sua família de Nawyr se extinguiu. Seu único parente, além de Nonna, era a alma de seu irmão, escondida dentro de Fenris. Gunhilde segurou Nonna o mais forte que pôde.

– Bem, meninas... – Astrid fez um sinal para Freydis, Kara e Isrid, que estavam encostadas contra a parede. Elas se assustaram, logo se colocando diante de Gunhilde. Freydis se curvou de forma educada e bela e se apresentou como amiga de Nonna, fazendo Gunhilde sorrir. Depois, Isrid se apresentou com timidez, curvando-se bastante e, por fim, foi a vez da valente Kara. Gunhilde cumprimentou as garotas, com polidez, e suspirou de exaustão. Ela esteve sentada por horas no dorso de um dragão em uma tempestade terrível. As costas doíam, sentia-se com um cansaço terrível e a única coisa que, de fato, desejava era passar algum tempo com Nonna, a sós.

– Por favor, garotas, levem Nonna, Fenris e Gunhilde para descansar em seus quartos. Já é tarde e, sem dúvida, precisam descansar – disse Astrid, como se tivesse lido o pensamento de Gunhilde. – Vou ficar aqui ainda, tenho algo a dizer para Asbrand e Nereid. Embora não reste muito da noite, de manhã nos veremos.

Depois de desejarem boa noite, Gunhilde e Nonna seguiram Freydis, Kara e Isrid. Fenris as seguia com alegria, enquanto atravessavam corredores escuros e silenciosos. O espírito dentro dele sentia um alívio imenso pelo fato de Gunhilde ter vindo até Unha do Dragão. A família estava unida outra vez.

– Não posso acreditar que seja verdade – sussurrou Gunhilde à Nonna. Estavam sentadas no quarto que fora preparado para a mãe. Ele era parecido com o de Nonna, só um pouco maior. Possuía três janelas, cujas cortinas batiam de leve com o vento que agora se acalmava. Entre elas,

junto a uma parede curva, havia uma grande cama e, ao lado, um armário antigo de gavetas. Tapetes velhos e gastos cobriam o chão e uma lareira quente se esforçava para secar o ar úmido e frio de um quarto que havia muito não era usado.

Gunhilde tirara as roupas grossas e se sentara na cama, ao lado de Nonna, que não parava de brincar com o cinto cheio de nós. Muitos dias haviam se passado desde que deixara sua casa e o vilarejo de Nascente Negra parecia muito distante, como em um sonho. Praia Perdida não tivera tempo de se tornar seu lar, pois elas haviam passado pouco mais de um ano ali e já o haviam deixado. Nonna se sentou na cama, com as pernas cruzadas e Fenris ficou deitado ao lado delas, com a cabeça entre as patas e os olhos abertos.

Ela contou para a mãe tudo o que havia acontecido, o mais breve que pôde. Muitas coisas ainda permaneciam sem explicação e a cabeça cansada de Gunhilde estava cheia de perguntas. Acima de tudo, porém, ficava sua preocupação com Nonna, que, podia ver com os próprios olhos, estava muito bem.

Quando Gunhilde soube de Erna, sentiu uma tristeza extraordinária, que, no fim, cedeu lugar a uma alegria incomensurável, pois sua outra filha também poderia ser alcançada. Nonna prometeu levar a mãe quando retornasse à Floresta da Raposa, para que também pudesse vê-la. Ela descreveu o encontro com Erna sem pressa e com muitos detalhes e sua mãe saboreou cada palavra. Ela esperara um filho por muito tempo e, depois de ganhar Nonna, em toda sua felicidade, sentira muita tristeza por perder a outra filha. Agora, toda aquela tristeza se fora e, com satisfação, ela daria aos divinos a alegria de criar Erna como sua própria filha – talvez os divinos tivessem, de alguma forma, ajudado Gunhilde a ter um filho. Ela não tinha certeza do significado de tudo aquilo, afinal, muitas coisas estranhas haviam acontecido com Nonna. Só estava certa de que os deuses, os espíritos e os ancestrais consideravam a filha muito importante e que isso a enchia de orgulho.

Gunhilde passou a se sentir ainda mais cansada e mal conseguia manter os olhos abertos. Nonna, entretanto, tinha mais um assunto a tratar

com a mãe:

– Podemos ficar e morar aqui?

Gunhilde sorriu e bagunçou os cabelos molhados de Nonna com os dedos:

– Por que você iria querer isso?

– Bem, Fenris gosta de viver na neve.

– Só por causa disso?

– Astrid disse que talvez me torne a próxima Bruxa do Gelo se ficar aqui e, além disso, Erna, Asbrand e Skald estão aqui...

Gunhilde riu e pôs o dedo contra os lábios de Nonna:

– Nonna, querida, depois da morte de seu pai, não tivemos um lar. Você pertence a este lugar e não tenho nenhuma intenção de deixar você. Talvez me acostume a viver no meio do gelo e da neve.

Nonna pulou para abraçar a mãe. Ela estava cansada e feliz.

– Há uma condição, mocinha!

– Sim? – Nonna se tornou séria. Da última vez que a mãe dissera algo assim, recebera mais mingau no prato. Ela mordeu os lábios, com uma expressão desafiadora.

– Antes de crescer bem, você não voará em um dragão! – disse, sorrindo.

Nereid

FORTE DA UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM Mês de Invernã de 815

Nonna estava agitada demais para dormir. Apesar do extremo cansaço, ele afetava apenas o corpo. Ela se deitara havia pouco e, assim que fechara os olhos, os eventos do dia anterior lhe vieram à mente. Os pensamentos se misturavam na cabeça como redemoinhos, entrelaçando-se, mantendo o sono distante. Os pés estavam inquietos e ela não parava de se virar sob o cobertor, ouvindo, com inveja, a respiração calma de Fenris. Por fim, não pôde mais aguentar os pensamentos intermináveis. Brava consigo, jogou as cobertas e colocou os pés no tapete macio. Nonna coçou os olhos, espreguiçou e passou os dedos pelos cabelos. A única coisa que podia ser vista na escuridão era o brilho apagado da lareira. O ar frio se movia agitado pelo quarto e Fenris dormia no chão, contente.

Ela não sabia o que fazer para se acalmar. Depois de pensar por um breve momento, concluiu que, talvez, uma caminhada solitária pelos corredores do castelo ou, quem sabe, sobre os muros ao ar livre, levaria embora os pensamentos inquietos. Depois disso, o retorno para sua cama quente decerto lhe traria o sono. Silenciosa, e sem acordar Fenris, ela se vestiu, colocou as botas de pele e pegou uma capa de pele quente. Nonna saiu do quarto com cuidado, hesitou ao fechar a porta e decidiu que não precisaria de uma adaga ou qualquer outro objeto.

Era o horário mais escuro da noite e os corredores do Forte da Unha do Dragão estavam desertos e soturnos, sem uma única vela ou tocha para

iluminá-los. A única minúscula fonte de luz que ela tinha era um caldeirão de carvão em brasa junto à parede e Nonna procurou por uma lamparina. Retirando-lhe a vela, acendeu-a com a brasa do caldeirão. Sob aquela luz fraca, começou a caminhar pelo corredor que sabia levar aos muros próximos à torre do dragão.

Nonna caminhava sozinha pelos corredores escuros de Unha do Dragão, plena de fascinação. A lamparina emitia luz suficiente para que enxergasse uma curta distância à frente e ao redor. Os grandes e altos corredores pareciam muito diferentes no escuro, pois a luz da lamparina criava sombras nas paredes. O único som que se ouvia era o das botas de Nonna, que caminhava com passos delicados sobre o chão de pedra. Ela passou pelos caldeirões de carvão e por lugares em que a brisa fria atravessava o corredor e lhe tocava a pele. Sem fazer barulhos, abria portas e, em silêncio, fechava-as, tomando cuidado para não acordar ninguém.

No caminho para os muros, o cansaço trouxe a dúvida para sua mente. Ela bocejava e não pensava em nada. Por vezes, o retorno para a cama pareceu tentador, porém Nonna decidira sair ao menos um pouquinho. Ela bufou alto ao se lembrar do rolo dado por Runolf. Aquele seria um ótimo momento para lê-lo, no lugar sugerido por Astrid. Talvez isso lhe trouxesse paz e sono, só que havia ficado no baú, em seu quarto. Suspirando, decidiu deixar a leitura do pergaminho para a manhã seguinte, embora quisesse acordar a mãe, como havia prometido.

Nonna passou pelo local em que estavam os quartos de Asbrand e Godmund. A apenas uma curta distância estaria o aposento redondo de Astrid e, subindo a plataforma, encontraria Skald e Nereid. Sorrindo e pensando nos fatos recentes, continuou a andar, desceu as escadas circulares e chegou a um corredor muito mais frio do que os outros lugares.

Agasalhando-se com a capa de pele, amarrou-a bem com um cinto e pôs o capuz em sua cabeça. Segurando a maçaneta gelada, levantou a trava que fechava a porta e a empurrou com toda força, para abri-la.

A armadura de cota de malha tilintou quando uma figura escura e sombria ergueu a cabeça. A neve que a cobria havia caído. Ele sentiu uma dor no centro de sua alma maligna, que não podia, nem de longe, ser chamado de coração. Sem conseguir acreditar que o que sentia era real, agradeceu ao Senhor do inferno pela sorte que lhe fora conferida.

Os vestígios no mundo espiritual o haviam guiado ao Forte da Unha do Dragão e, sob a cobertura da escuridão, decidira usar o momento para explorar os arredores, antes de se recolher no escuro para se proteger da manhã, que ainda estava longe. Com seus poderes, subira a montanha, encontrara possíveis esconderijos e continuara sua busca entusiasmada por algum tipo de entrada no grande forte. Ao se espreitar pelo penhasco coberto de neve, sentira uma e depois outra forte criatura chegando, acima dele, tendo de se recolher para se esconder em uma rachadura do penhasco. O medo tentara se espreitar em sua mente, porém ele fora silencioso e esperara. Embora as criaturas tivessem ficado por perto, estavam mais distantes, dentro da montanha, talvez, ou dormindo. Enfim, tomara coragem para se mover de novo e decidira subir mais alto e se esconder em outro lugar em que não fosse encontrado. O espírito maléfico achava nauseante a ideia de abandonar o objeto de sua busca, algo que só faria se não houvesse alternativa.

A sensação perfurante de dor cortava seus pensamentos malignos. Ele levantou a cabeça e viu uma luz fraca sobre uma parede próxima, no meio da nevasca. Mais nítido do que aquele raio de luz solitário, viu uma figura vermelha ao lado da luz, uma criatura viva. Seus olhos brilharam com ódio e entusiasmo quando percebeu quem ela era.

Com súbita fúria, subiu correndo a montanha, enquanto o tilintar metálico de sua armadura era sufocado pela nevasca. Ele se impulsionou na subida com toda sua força, chegou ao pé do muro e pegou nas pedras com os dedos esqueléticos. As peças metálicas da armadura se prenderam entre as fendas e o espírito maléfico usou toda sua força sobrenatural para subir mais, com velocidade e entusiasmo ainda maiores. Ninguém mais podia estancar seu desejo por destruição.

O ar congelante bateu no rosto de Nonna quando ela abriu a porta que levava ao muro. O ar frio irritou seus pulmões e ela tossiu algumas vezes até se acostumar com o frio. A nevasca não parara, só o vento diminuía e grandes flocos de neve desciam devagar, flutuando em sua volta. Ela deixou a porta um pouco entreaberta, para que a trava não se fechasse por acidente.

Estava ao pé do muro, no lugar mais baixo do forte, em que jamais estivera antes, olhando com cuidado para a plataforma de cerca de um metro de largura diante dela. A neve se juntara em montes grossos à beira do muro do castelo, que era mais alto do que Nonna. Do outro lado da plataforma, havia uma queda profunda e escura para um campo de rochedos e, sobre o muro, buracos largos, separados por outro metro de distância. Eles podiam ser usados pelos guerreiros, que ficavam em cima do muro, para atirar flechas em possíveis inimigos. Nonna levantou a lamparina com um pouco de insegurança e pisou na plataforma. Estava escuro por todos os lados e, em meio à densa neve, podia ver apenas pequenos raios de luz espalhados, à grande distância. Deduziu que havia soldados guardiões com suas lamparinas e fogueiras protegendo a paz do forte. Daquela parte do muro, não via ninguém, pois não havia pegadas sobre a neve que cobria a plataforma.

Nonna se esticou em um dos buracos do muro e olhou para a escuridão do Vale da Unha do Dragão. Pegou um floco de neve com a língua e sentiu seu gosto, aproveitando o frescor. Ela respirou fundo o ar frio e o sentiu limpando a teia dos pensamentos confusos de sua mente e, então, começou a sentir sono, apesar do tempo congelante.

Um som metálico nas proximidades a despertou. Ela abriu os olhos, virou a cabeça e olhou em volta. O som era idêntico àquele feito pela armadura de Asbrand, quando caminhava.

– Asbrand? – gritou Nonna, embora não pudesse ver nada. Um pouco mais alerta, tornou a forçar a visão. De repente, o som ficou bem mais nítido, como se alguém houvesse pulado o muro, vestindo uma armadura.

Ao virar para olhar sobre o muro, levantando a lamparina, gritou de horror.

Uma sombra mais escura do que a escuridão se aproximava pela plataforma e não era de Asbrand ou de qualquer um dos soldados do forte. Nonna logo entendeu o que significava. O pânico, com gosto de ferro, correu para sua mente e paralisou seu corpo. Gerhard, o espírito maléfico e o desespero vieram juntos – os horríveis sentimentos que vivera nas ruínas de Skafloc, quando o espírito maléfico a atacara. Porém, dessa vez, sentia que não iria se render. Se não poderia se proteger do espírito maléfico sozinha, a única opção seria fugir.

Nonna se virou e correu. Abriu a porta diante dela com violência, entrou correndo, para fechá-la o mais rápido que pudesse. Com a neve que se acumulara junto à porta, que ficara entreaberta, ela parecia não querer se fechar. Porém, no último instante, quando já sentia que o espírito maléfico a puxava para fora, ela a empurrou com toda a força e conseguiu impedi-lo. A trava se fechou com um clique e, tremendo da cabeça aos pés, Nonna se afastou da porta.

Algo pesado se chocou contra a porta e Nonna gritou. Ouviu-se um som metálico de uma espada que era retirada de sua bainha.

– Fenris! – gritou Nonna, o mais alto que pôde. Lágrimas inundavam seus olhos, ela não conseguia respirar direito e tremia de modo incontrolável. Mexendo em seu cinto, viu que ali não havia nada pendurado – nenhuma bolsa, nem a estatueta dada por Sigwulf, nem a adaga, nada que pudesse ajudá-la. Outra batida forte veio da porta. O som seco foi sufocado pela escuridão do corredor, enquanto pedrinhas caíram das dobradiças, com ruído. Novo estrondo foi ouvido, logo em seguida, quando, para horror de Nonna, a lâmina de uma grande espada atravessou a porta. Pedacos de madeira voaram no ar e as dobradiças ficaram prestes a cair. Aterrorizada, viu que a porta iria ceder a qualquer momento e começou a correr.

Sob a luz da lamparina, Nonna o fez o mais rápido que pôde. Sua capa caiu, enquanto ia para as escadas e ouvia a porta ser arrebentada com um barulho ensurdecedor, que ecoou por todo o corredor. Gritando de pavor, chegou em uma área e correu para a porta mais próxima, sentindo que alguém já a perseguia. Pesados passos metálicos ecoavam nas escadas.

Nonna abriu a porta e a fechou em seguida. Com as mãos tremendo, fechou a trava, consciente de que não o deteria, uma vez que a porta externa, ainda mais forte, não o conseguira.

Subitamente, a lamparina escorregou de suas mãos e caiu, quebrando-se no chão e extinguindo a chama. A menina entrou em desespero na escuridão total e correu, gritando por socorro. As sombras nas paredes pareciam ameaçadoras e não havia lugares para se esconder. Quase às cegas, atravessou o corredor e, em seguida, virou-se para outro, alcançando mais uma porta, a ouvir a anterior ser destruída.

Nonna entendeu que não teria forças para continuar por muito tempo. Ao fechar a leve porta, seu corpo todo tremia e, embora sentisse um tapete sob os pés e soubesse que chegara à torre, não se sentia nem um pouco aliviada. Passos pesados e rápidos se aproximavam na escuridão e ela não tinha para onde ir. Tentou gritar por socorro, só conseguindo emitir um sussurro. Quando, na escuridão, a nova porta foi destruída, pedaços de madeira voaram sobre Nonna, ela quis correr pela última vez, tendo a impressão de ouvir o suspiro do mal. O ritmo dos passos arrefeceu até se transformar em uma simples caminhada. Rindo, o espírito maléfico se deleitava por ter alcançado o objeto de sua perseguição.

À distância, uma luz se acendeu, trazendo consigo uma esperança. Nonna correu naquela direção e desceu as escadas. Ouvindo os passos determinados às costas, escondeu-se após uma curva do corredor, quase indo de encontro a uma figura escura. Nonna gritou de susto. Como ele já poderia estar diante dela? Tremendo sem controle, ela ergueu a cabeça.

Diante de si havia a mulher de aparência mais cruel e bela que já vira. Tinha o rosto delicado, branco como a neve, ornado por cabelos pretos brilhantes e soltos. Vestia um robe preto e a olhava com um par de pérolas de um negro profundo. O belo rosto possuía uma expressão cruel de autoconfiança e, em algum lugar, Nonna enxergou um sorriso. Sob a luz de uma vela que queimava próxima, notou que a pele da mulher brilhava.

Quando o espírito maléfico desceu as escadas, saltando e fazendo o chão tremer, a mulher a segurou com delicadeza, colocando-a atrás de si.

– Não tenha medo – ouviu de uma voz gelada e tão calma que teve de acreditar. Embora quisesse fugir o mais rápido possível, confiou na mulher. Seu medo, porém, fazia-lhe indagar como poderia ser ajudada por uma única mulher, posicionada entre ela e um perseguidor tão poderoso.

O espírito maléfico se postou diante delas e parou. Ao ver Nonna, seus olhos brilharam e ele não deu qualquer atenção à mulher. Ela nunca vira algo igual. Sob a capa preta esfarrapada, havia uma armadura brilhante e, sob esta, apenas um esqueleto, escurecido pelo tempo. O elmo e o capuz de cota de malha escondiam uma caveira sem a mandíbula inferior, com olhos impacientes, cruéis e ardentes. Tilintando, a criatura parecia respirar. Dando um passo para trás, ele levantou a espada, preparando-se para o golpe. Nonna lamentou o fato de não ter nenhuma arma. Não tinha mais medo, ao contrário, estava enfurecida e queria ter a chance de golpear a criatura negra com sua adaga ou de atirar nela o cachorro de Sigwulf.

– Rasgarei sua alma em pedaços e a jogarei de volta no lugar do qual saiu – disse a mulher, com uma voz firme, cheia de ódio, falando na língua dos dragões. O espírito maléfico virou a cabeça para a mulher, riu com escárnio e partiu para o ataque, com um golpe de espada.

Reagindo, ela levantou as duas mãos:

– Então, seja destruído! – As potentes palavras ecoaram pelo corredor.

Em uma fração de segundo, a espada que se movia foi coberta por raios brilhantes, que se espalharam da lâmina para a mão da criatura, fazendo os dedos esqueléticos se despedaçarem. A arma foi ao solo, soltando-se da mão quebrada. As luvas de guerra tombaram, com um baque, e se transformaram em pilhas de cinzas negras. A criatura parou, olhou para si, atônita, e gritou, enquanto os raios ofuscantes se espalhavam por seu corpo, a destroçá-lo. Farrapos da capa caíam sobre o piso de pedra, com a cota de malha da armadura tilintando, ao lado, transformando-se em cinzas ao tocar no chão.

A criatura não acreditava no que acontecia. Usando seu instante derradeiro, emitiu um grito de ódio de uma selvageria abissal, com os olhos permanecendo brilhantes até a última parte de seu corpo se despedaçar.

Um mal inacreditável se espalhou por todos os lados. No lugar em que minutos antes havia uma criatura negra assustadora, restava apenas uma sombra quase invisível. Nonna não conseguia ao menos discernir sua forma. No entanto, pôde ver que a sombra se mexia, tentando escapar. A voz da mulher a deteve:

– Pare! Você não escapará de mim!

Com a voz calma, e na língua dos dragões, ela capturou o espírito maléfico, que parecia estar sendo estrangulado por mãos invisíveis, e o impediu de fugir. O inimigo obedeceu àquele poder. A sombra caiu no chão, contorcendo-se e se debatendo, com uma dor pavorosa. A mulher ordenou que ela se arrastasse em sua direção e foi acatada. O coração de Nonna disparava de alegria e excitação, pois jamais vira algo tão assustador. Sob a luz de um candelabro solitário, viu uma sombra translúcida se aproximando, como uma nuvem de neblina que se torcia e transmutava. A criatura fez o que pôde para escapar, tentando quebrar o poder do encantamento, sem ter força para tal, sendo obrigada a ficar aos pés da mulher.

– Um malfeitor, um vingador vagando no vento. Conheço seu nome. Arraste-se de volta a seu Senhor e leve minha mensagem para ele – disse a mulher, com um misto de ódio e riso. A sombra negra sobre o chão tentou se levantar, sendo contida com um movimento de mão e empurrada para baixo.

– Destruirei todos os espíritos que ele enviar para cá, como já os destruí há mil anos. E você... Você não mais perseguirá esta menina!

Nonna sentiu tamanho ódio naquela voz que tremeu também. Ela a sentia sobre a pele como vibrações frias e assustadoras. E olhou para a sombra do espírito maléfico se distorcendo.

– Saia deste mundo! E nunca mais volte! – gritou a mulher, fazendo um gesto com a mão. Nonna arregalou os olhos diante da sombra que se partia em pedaços. Por todo o corredor, pelo forte e pelo mundo espiritual se ouviu o guincho do espírito maléfico sendo jogado de volta ao inferno, agonizando de dor. Em meio àquele estertor, ele sabia que seria punido por

seu Senhor, sem poder fazer mais nada. Encontrara sua derrota e fugia para a escuridão desolada do inferno, gritando de desapontamento e dor.

– Bem, está feito – suspirou a mulher diante de Nonna, virando-se e se agachando para ela. Pela primeira vez, a menina a viu sorrir e pôde notar que estava ainda mais bela do que quando surgira. Atônita e sem palavras, apenas a olhava, com o corpo todo a tremer. A mulher pôs as mãos nos ombros de Nonna:

– Relaxe, Nonna. Sou Nereid. – Sua voz lhe fez a calma retornar, aos poucos, apesar do nome tê-la surpreendido. Como a mulher podia ter o nome do dragão negro da Unha do Dragão ? Eram eles uma única criatura? – Sim, sou Nereid, posso tomar esta forma quando quero, minha querida.

Aliviada, Nonna suspirou. Olhou para a espada de aparência maligna sobre o chão, diante dela e dos resquícios de cinzas. A brisa constante próxima ao piso de pedra fazia as cinzas voarem de um lado para outro. Acima, à distância, ouviam-se gritos abafados, em cuja direção havia relampejos de luz.

– Obrigada... – murmurou Nonna para Nereid, que respondeu com um simples sorriso. Passos na escada as interromperam. Um hurg que estivera de guarda descia com uma lamparina em uma mão e um machado na outra. Atrás dele, vinham três outros guerreiros e, depois, Asbrand.

– Não há perigo... mais. Pode ir e chame Runolf para pegar esta espada. Ninguém mais pode tocá-la, está claro?

– Claríssimo, senhora – disse o hurg que carregava a lamparina, com a voz cheia de admiração. Usando sua própria língua, deu ordens aos soldados para fazer o que Nereid ordenara. Os hurgs voltaram para o ponto do qual vieram.

Asbrand deu um passo à frente. Nonna se surpreendeu, pois ele vestia apenas calças e uma camisa larga de linho. Em uma das mãos portava um cinto e uma bainha e, na outra, uma espada. O cabelo e a barba estavam desalinhados e os olhos pareciam sonolentos.

– Nereid e Nonna, o que aconteceu aqui?

A mulher tentou começar, sendo cortada por Nonna que, sem conseguir manter a calma, contou tudo o que ocorrera, sem parar, mal respirando enquanto o fazia. Quando parou, com falta de ar, Nereid deu de ombros:

– É isso, breve e rápido...

– O espírito maléfico deve ter achado uma antiga sepultura nas montanhas e assumido uma nova figura. Nonna, você teve sorte de ter encontrado Nereid.

– Ela poderia ter me encontrado também? – disse uma voz, saída do corredor. Virando-se, eles viram Runolf com seu gato, como que surgindo do nada. – Imagino que Nereid estivesse por aqui pela mesma razão que eu. Não é, minha amiga? – Dirigindo-lhe as palavras, Runolf parou diante da espada.

– Sim, ancião. Pressenti algum perigo se espreitando ao lado do forte. Ele cometeu um erro ao entrar, pois logo pude localizá-lo. Acendi a luz para Nonna, para que encontrasse o caminho para cá.

Runolf se inclinou sobre a espada e a tocou com o dedo, revelando as runas sobre a lâmina:

– “O Senhor da Morte o governa para sempre”. Uma frase familiar. A espada pertencia a um dos maiores heróis do Senhor do inferno antes da Guerra dos Deuses. É preciso se livrar disso. Oddi, você a carrega! – resmungou, levantando-se com dificuldade. Com um sibilo enfurecido, o gato de Runolf se transformou em um tenebroso e agarrou a espada com as pequenas mãos. Levantou o cabo em seus ombros e começou a arrastá-la rumo à caverna. A lâmina fez um som insuportável ao arranhar o chão de pedra. – Bem, este é o fim do espírito maléfico. Verei agora o que pode ser feito com esta arma maldita. Nonna, venha me visitar uma noite, para que possa me contar com mais detalhes o que aconteceu. O importante é que você pode ficar em paz.

Ela concordou.

– Oddi, espere um segundo! – gritou Runolf furioso, indo atrás do tenebroso.

– Você está bem? – Asbrand se inclinou e acariciou os cabelos de Nonna.

– Vou levá-la comigo, Asbrand. Mande alguém consertar a porta e vá para cama você também.

Nonna reparou que Nereid falava com voz macia, quase um ronronar. Eles se entreolharam por um instante e Asbrand a tocou de leve, balançando a cabeça.

– Então, boa noite para vocês e até de manhã – disse Asbrand, sem pressa.

Nonna tossiu de propósito, pois Nereid parecia perdida em seus devaneios.

– Certo... vou colocar você na cama, assim poderemos conversar um pouco – disse Nereid, tomando-lhe a mão. Ela pegou um candelabro e começou a andar pelo corredor escuro na direção do aposento de Nonna. – Ele não mais a perseguirá, você sabe disso, não é? Enviei-o de volta ao inferno. Sabia que ele estava em algum lugar por perto, senti isso assim que vim para o forte. Desde então, procurei-o pelos corredores, por isso estava aqui. Já o aguardava.

– Como sabia disso? Tinha esperanças que Skafloc o tivesse destruído...

– Senti sua presença, só não sabia qual era o esconderijo dele. O espírito de Skafloc não tinha mais força para destruí-lo. Quando vivo, ele teria conseguido com facilidade, como um mero espírito, não mais.

– Ele foi embora para sempre, certo? – disse Nonna com a voz temerosa.

– Sim, foi, minha querida, pode dormir em paz, hoje e para sempre. Acho que o Senhor do inferno pensará duas vezes antes de mandar espíritos atrás de você. – A voz de Nereid tinha um traço de deleite, desejando apagar todas as coisas negativas da mente de Nonna.

– Não imaginei que você pudesse assumir outra figura.

– É, foi uma surpresa para você. Espero que tenha sido boa.

– E Skald?

Nereid balançou a cabeça.

– Por que não?

– Skald é um dragão puro, não é parte do clã dos dragões, o que não o faz nem um pouco inferior.

– Quantos anos você tem? – perguntou Nonna. O cansaço começava a dominá-la após toda a agitação. Ela não sabia o motivo daquela pergunta tola, no entanto, Nereid parecia mais velha do que aparentava ser, por alguma razão.

– Sou mais velha do que você pensa. Quando nasci, esta área era só gelo, havia castelos de gelo magníficos. Dragões do gelo, ancestrais de Skald, haviam os erguido. Nossa família, o antigo clã dos dragões, vivia nas montanhas, ao leste.

– Skafloc era seu parente?

– Todos os dragões negros têm um grau de parentesco.

– Você viu Skafloc quando era vivo?

Ela sorriu com satisfação. Andavam pelos corredores silenciosos. Nereid, firme e delicada, sempre lhe segurando a mão e carregando o candelabro para iluminar o caminho. Em algum lugar, ouvia-se um martelar de pregos. Nonna supôs que a porta que levava ao muro já estava sendo consertada.

– Não, é uma pena. Morava ao leste e vim para cá só após o fim da guerra.

– Que chato, poderia me falar sobre ele. Por que você veio para cá?

– Escapei para cá. Quando o povo de Nawyr e seus deuses e espíritos destruíram as tropas do Senhor do inferno, também quiseram dizimar os dragões negros. Um grande grupo de dragões do fogo atacou nossa região. Gudrun me recebeu e escondeu dentro do forte, por isso não puderam me encontrar. Eles se espreitaram do lado de fora por quase um ano, até ela conseguir expulsá-los.

– Conheci alguém do clã dos dragões do fogo – disse Nonna. Ela não sabia se ousaria contar, embora tivesse certeza de que poderia confiar em Nereid. Sentiu a mão ser segura com mais força.

– Quem? Onde o encontrou?

– No Vale do Ferro, no forte de Steinarr Calvo. Seu nome é Vermgard.

Nereid diminuiu o ritmo e se virou para olhar para ela:

– Tem certeza?

– Sim, por quê? Quem é ele?

A mulher franziu a testa, enquanto pensava. A luz da vela tinha um brilho bonito em sua pele branca. Nonna despertou para os olhos sorridentes de Nereid.

– Ele é do clã dos dragões, é verdade. Mora bem longe, nos limites do reino dos dragões do fogo, guardados por ele. É um dos poucos sobreviventes e não lhe sinto nenhum ódio. Ele optou pela forma humana permanente, após se apaixonar por sua esposa. Fiz-lhe uma visita, naquela época, e lhe contei que próximo ao Vale do Ferro existiu, um dia, um forte de dragões do fogo. Ele deve ter ido investigar, claro. De qualquer forma, é um amigo importante, se algum dia você precisar da ajuda dos dragões do fogo.

– É bom saber que você não sente ódio dele, pois me pareceu ser uma boa pessoa, apesar do filho ser difícil. Ele me deu isto...

Nonna procurou o anel pendurado em seu pescoço e, só então, lembrou-se que o havia deixado em seu quarto. No lugar do anel, puxou de debaixo do vestido a joia dada por Sigwulf, que sempre carregava consigo. Assustada, Nereid exclamou:

– Como você conseguiu isso?

– Esta não ganhei de Vermgard, foi de Sigwulf, por quê?

– Quem é Sigwulf? – Nereid estava tão surpresa que Nonna se assustou. Ela contou, com brevidade, seu encontro com o grupo de Sigwulf. O sorriso de Nereid aumentou e, quando terminou de ouvir a história, ela riu.

– Você sabe quem você encontrou?

Usando a cabeça, a menina negou.

– Não conte isso para ninguém, pois se o fizer talvez as consequências sejam ruins. Quando era jovem, contaram-me sobre uma pessoa poderosa que, certa vez, pertencera ao clã dos dragões. Esse homem era capaz de assumir a forma humana e, assim, andava por aí com dois cães do templo e três amigos íntimos. Um desses amigos era um bardo, capaz de fazer

exércitos inteiros adormecerem com seu canto. Outro era um guerreiro, tão forte que podia vencer qualquer oponente. O terceiro era um ladrão alegre e destemido, que não roubava objetos ou pertences dos outros. Ele roubava as almas dos inimigos.

Nonna notou que a descrição podia se aplicar aos amigos de Sigwulf.

– Quem era ele?

Nereid lhe apertou a mão e respondeu com uma voz macia e sussurrante:

– Um antigo deus dos dragões negros, Cerbiurus.

Elas chegaram de mãos dadas à porta do quarto. Nereid se agachou em silêncio diante de Nonna e segurou sua delicada cabeça nas mãos.

– Durma bem, minha querida, o espírito maléfico não a perturbará mais.

– Vamos nos ver de novo?

– Claro. Não tenho qualquer razão para partir daqui. Só havia viajado por ter sentido falta de minha casa, indo por pouco tempo para o lugar em que nasci.

– Entendo o que é isso...

– Imagino que sim. Agora, vá dormir... e não acorde seu urso.

Nonna fez que sim com a cabeça, abraçou-a e abriu a porta, devagar. Um pouco antes de entrar no quarto, ela parou e se virou:

– Você pode me ensinar suas habilidades, algum dia?

Nereid se levantou e, séria, olhou para Nonna:

– Ensinarei.

Agradecendo, entrou em seu quarto e fechou a porta. Ele estava quente e tinha cheiro do pelo de Fenris. Nonna ficou com vontade de rir. Sentia que um peso lhe saía das costas e ouviu o urso grunhindo em seus sonhos, ao lado da cama. Ele nem acordara, embora o espírito maléfico tivesse atacado o forte. Nonna acariciou a cabeça de Fenris, que rugiu baixinho e se moveu, enquanto dormia. Talvez ele soubesse que, dessa vez, havia mais alguém para ajudá-la, pensou Nonna, subindo na cama. Tirou

as roupas e as colocou próximas, arrastando-se para debaixo das cobertas e levando a cabeça até o travesseiro.

– Você se deu mal! – riu, lembrando do espírito maléfico. Com um grande bocejo, ela adormeceu, sem pensar em mais nada.

Lembrança

FORTE DA UNHA DO DRAGÃO, NORIDIUM Mês de Invernia de 815

O dia amanheceu claro na Unha do Dragão, como se soubesse que o espírito maléfico que perseguia Nonna se fora. O forte e todos os arredores estavam cobertos pela neve recém-caída e não havia qualquer vento para quebrar a paz trazida pela neve. Uma leve nuvem de névoa flutuava sobre o vale, como um véu e, quando o sol surgiu por trás da Floresta da Raposa, ela desapareceu, deixando apenas seu perfume amargo. O sol iluminou, primeiro, as telhas da alta torre central, depois, aos poucos, trouxe sua luz mais para baixo, sobre a torre do dragão e, por fim, sobre as janelas irregulares cobertas de gelo do Salão Branco. Uma luz morna e amarela atravessou as janelas, brilhando sobre o escudo acima da lareira e trazendo forças para quem se sentava nos bancos do Salão Branco.

Um grupo de pessoas se reuniu ali, já pela manhã. O primeiro a chegar foi Runolf, logo nas primeiras horas da manhã. Quando o sol começou a subir, ele se posicionou no local mais escuro que encontrou. Nereid e Asbrand nem o teriam notado se não tivesse tossido alto ao chegarem. Asbrand alimentou a lareira com lenha, várias vezes, e as criadas trouxeram o café da manhã para as mesas cobertas por toalhas brancas. Asbrand trouxera com ele uma matilha de cães. Os de pelo cinza, cheio de nós, deitaram-se sob os raios de sol da manhã, aquecendo-se. Godmund chegou um pouco depois, trazendo a espada do marido de Gunhilde, Radulf. Ela brilhava sob aquela luz. Ele a colocou em um banco estofado, esperando

Gunhilde. Embora todos os homens não parassem de olhar para ela, nenhum ousava tocá-la, sem que Gunhilde lhes desse permissão.

As pessoas no salão mal tiveram tempo de se cumprimentar e puxar poltronas e bancos para mais perto do calor da lareira, quando a porta se abriu e Astrid preencheu o local com sua presença. O sol cintilava em sua túnica branca, enquanto caminhava na direção de todos. Astrid ordenou às criadas que buscassem Nonna, Gunhilde e Fenris assim como suas amigas, Freydis, Kara e Isrid. Todos se sentaram a esperar, enquanto Nereid contava o que acontecera durante a noite.

Assim que chegara ao forte, sentira a presença de algum mal. Ela o notara no ar, nas alturas, e não pudera dizer o que era ou o local de origem. Não comentara sobre isso com ninguém, exceto Skald. Tomando a forma humana, entrara no forte. Runolf também sentira a presença do mal e, levando Oddi consigo, correu para os corredores do forte para procurar pelo espírito maléfico.

A criatura derrubara a porta naquele preciso momento. Nereid percebera sua posição e corraera em seu encontro. Ao ouvir as portas sendo quebradas e os gritos de Nonna por socorro, concluíra que a situação era séria e parou para juntar forças e poder enfrentar o mal. Ela ouvira Nonna se aproximar e acendera um candelabro para iluminar o caminho. Além de Runolf, Nereid era a única criatura no forte capaz de levar o espírito maléfico de volta ao inferno. Asbrand, Godmund e Astrid teriam sido capazes de destruir sua encarnação, porém não conseguiriam expulsá-lo. Esse tipo de poder era possuído apenas por pessoas com muito estudo e nascidas sob os poderes da escuridão.

Runolf trouxera a espada que fora deixada no corredor e decifrara com correção o que nela estava gravado. Ela, de fato, pertencera a um dos mais poderosos heróis do Senhor do inferno, antes da Guerra dos Deuses. Esse herói, cujo nome Runolf ainda se recusava a falar, havia recebido a espada do inferno e com ela ajudara a matar dezenas, senão centenas, de inimigos. No início da Guerra dos Deuses, ele fora morto ao enfrentar uma força que era seu completo oposto, um herói que adorava o deus das pessoas de Nawyrr. Runolf não conseguira destruir a arma, no entanto, guardara-a no

poço mais profundo de sua mais velha prisão, rolara um rochedo por cima dele e trancara a porta com um encantamento para que ninguém ali entrasse. Após tudo ter sido contado, tendo sido dito que o espírito maléfico que perseguia Nonna havia sido expulso, todos respiraram aliviados e ficaram esperando por Nonna, Gunhilde e Fenris.

Quando o urso entrou, pouco depois, os cães que estavam deitados ao sol não se deram o trabalho de levantar suas cabeças, muito menos de começar a rosnar para ele. Apenas continuaram deitados, aproveitando o calor.

Nonna e Gunhilde chegaram ao salão após Fenris. Nereid e Astrid deram boas-vindas calorosas para a menina e Nereid lhe perguntou, piscando um olho, como fora o final da noite.

O sono lhe chegara rápido e trouxe com ele um descanso profundo e ininterrupto. Ela levantara cedo, e acordara Fenris, que roncava, empurrando-o. Em seguida, vestira-se e corra para acordar a mãe. No quarto, sentadas na cama, conversaram sobre o que acontecera, depois que ela deixara a tigela de mingau e fora ver o adivinho do Monte do Lobo. Fenris sentara sob a janela do quarto, aproveitando a brisa congelante que vinha de suas frestas.

Gunhilde mal pôde acreditar em tudo que ouviu. Ela percebera que algo de especial ocorrera na ocasião do nascimento de Nonna. Radulf falava muito pouco sobre a família e ela suspeitava que houvesse algo em sua história que o marido não desejava comentar. Quando Fenris surgira à porta de sua cabana, na manhã seguinte ao nascimento de Nonna, Radulf entendera que aquilo era um sinal de algo de particular importância. Nenhum dos dois adivinhara que poderia estar relacionado com algo assim. Ela não estava mais em luto pelo marido. Radulf vivera uma vida honrosa e cheia de orgulho e agora passava a eternidade no Mundo dos Mortos, nos salões de Hamarr, o deus da guerra, e Gunhilde não tinha nenhuma razão para ficar triste. O destino era o que era e tudo tivera de acontecer como acontecera.

Todos haviam se reunido no Salão Branco, Nonna fora para um canto com Isrid, Kara e Freydis, além de Fenris. As garotas ficaram horrorizadas com a experiência de Nonna na noite anterior, embora muito aliviadas que o espírito maléfico fora expulso para sempre. Kara, entretanto, sentira por não ter estado lá, ela gostaria de ter visto a espada trazida pelo espírito maléfico. Ela disse que tal coisa não seria fácil de encontrar de novo, apesar de também estar aliviada que Runolf trancara a espada para que ninguém a alcançasse mais. Freydis, por sua vez, estava chateada por não ter visto a magia usada por Nereid e prometeu descobrir qual encantamento conseguira destruir tão facilmente a criatura ocupada pelo espírito maléfico. Nonna fingiu estar brava e perguntou por que elas não lhe haviam dito nada sobre a habilidade de Nereid de mudar de forma. Suas amigas apenas deram de ombros e Freydis contou à Nonna que ela ainda teria muitas surpresas no Forte da Unha do Dragão.

Enquanto as meninas aproveitavam a companhia umas das outras sob a luz morna do sol da manhã, os outros se sentaram à lareira, conhecendo Gunhilde. Jarnskegg chegou e pediu desculpas pelo atraso. Todos achavam ser uma grande honra ter Gunhilde no forte. Godmund deu a espada de Ranulf à Gunhilde e os homens se reuniram para admirá-la. Godmund, Asbrand e Jarnskegg exigiram que Gunhilde um dia lhes falasse mais sobre o antigo marido.

Por fim, Astrid e Nereid tiveram uma chance de conversar com Gunhilde em paz. Elas se sentaram no Salão Branco por quase toda a manhã, desfrutando do momento. Gunhilde logo começou a suspeitar que Nonna estivera certa. Ela havia passado só uma noite e uma manhã em Unha do Dragão e já se sentia tão acolhida que todas as dúvidas haviam desaparecido de sua mente. Ela olhou para Nonna e a viu sentada com as amigas, os cabelos brilhando sob a luz do sol, com Fenris a seus pés. Embora não soubesse nada sobre o futuro nem sobre o destino que teriam de enfrentar, sabia que estaria pronta para encontrá-lo. Com Nonna e Fenris, estaria pronta para qualquer coisa. Gunhilde sentiu que chegara a seu novo lar.

Nonna andava sozinha pelo forte, carregando apenas o pergaminho dado por Runolf e uma pequena lamparina. Ela saía, sorrateira, do Salão Branco enquanto todos aguardavam pelo almoço. Adorara ver sua mãe conversando, alegre, com Astrid e a misteriosa Nereid. Nonna descera as escadas correndo para seu quarto, pegara o pergaminho e a lamparina e começara a seguir as instruções de Astrid. Ela andava com passos pequeninos pelos corredores, passando por algumas criadas, guerreiros e homens que trabalhavam no forte. Afinal, chegou ao grande salão no andar mais baixo do forte. Lá, acendeu uma tocha, abriu a porta que Runolf lhe indicara antes e descera as velhas escadas gastas para as câmaras no porão. A luz da vela tremulava sobre as empoeiradas paredes de madeira, fazendo o pó e as teias de aranha do teto se moverem com a simples passagem.

A porta era como qualquer outra do forte, acima dela, porém, havia um pedaço de pedra em alto relevo. Nonna leu e soube que chegara ao lugar certo. Agarrou a argola de metal e a abriu, ouvindo um rangido.

A sala estava escura, por completo. Ela entrou e usou a própria lamparina para acender os candelabros laterais à porta. A luz se espalhou tranquila na saleta, expulsando a escuridão para os cantos. Nonna pôs a lamparina no chão.

Na sala abobadada não havia nada além de dois grandes candelabros e, entre eles, um grande caixão. Embora estivesse coberto de pó, Nonna notou pequenos dragões em alto relevo por toda sua superfície, reparou que se apoiava em pés dourados com formato similar ao de gatos e que em sua tampa a decoração era folheada a ouro, brilhando sob a luz das velas. Quando levantou a cabeça, viu na parede algo que a fez perder o fôlego.

Havia uma grande pintura pendurada. Tinha molduras pretas grossas e mostrava uma mulher em pé, de modo altivo e cheio de orgulho em uma paisagem de neve, trajando um vestido semelhante ao dela. A cor azul e seus enfeites amarelos e vermelhos cintilavam sob a luz das velas de forma sobrenatural. Nonna estava chocada com a beleza da pintura. Olhando-a com mais apuro, viu dois dragões atrás da mulher, um branco e um negro, ladeados por enormes ursos do gelo, renas, estrelas fracas e uma lua

crescente em um céu de profundo azul. O rosto da mulher era belíssimo, a pele translúcida como mármore. Ela parecia ter o olhar fixo em Nonna.

– Gudrun... – murmurou, ajoelhando-se aos pés do caixão. Sem pressa e engolindo em seco, ela abriu a fita que fechava o pergaminho que levava e abriu o rolo. Uma voz suave de mulher surgiu em sua mente ao ler o texto melancólico que fora escrito com uma bela caligrafia.

Minha filha,

Mais que tudo, queria ter visto você com meus próprios olhos. No entanto, isso não aconteceu nesta vida. Tivemos de desistir de você, porém sabemos que algum dia, em algum momento, em algum lugar, esta mensagem lhe chegará.

O fato de você ser parte do clã dos dragões significa muitas coisas que, provavelmente, você ainda não entende. Mas precisa saber, entretanto, que seu pai e sua mãe sempre tiveram uma aliança leal com o deus dos dragões negros, Cerbiurus, e que sua proteção e predileção a seguirão por toda a vida. O confiável deus urso, Forni, é seu outro protetor e prometeu a seu pai que tomaria conta de você sempre e por todos os lugares.

Além dos dois deuses, você será acompanhada por uma família de dragões que tem milhares de anos e cujos membros estarão lá para criá-la e lhe dar apoio.

Sempre honre a memória de sua família, de seus deuses e, acima de tudo, de você mesma. Tenha orgulho de si, caminhe de cabeça erguida e faça o que sua família espera que faça. Cresça para ser forte e não se humilhe diante de ninguém. Deixei-lhe uma herança que está dentro de você, em sua alma, como fonte de forças, e que é imensa, desde que você acredite em si própria.

Querida filha – nossa filha – sempre estarei ao seu lado e jamais a deixarei.

Com amor eterno,

Sua mãe, Gudrun

A carta foi escrita pouco depois que a filha de Gudrun e Skafloc morreu ao nascer, sendo a ela destinada. Nonna sabia, entretanto, que poderia ler aquelas palavras, pois, dentro de si, sentia que também lhe eram dedicadas. O clã dos dragões tinha o poder de transferir sentimentos para suas runas, fazendo seus leitores pensarem o que desejavam que pensassem. Ela estava emocionada, com a mente cheia de tristeza e de sentimentos de perda, e também de saudade e de imensa alegria, tão intensas que apenas palavras não conseguiriam expressar. Naquela alegria, havia uma mistura de força e orgulho pelo que ela era e por saber que a memória de Gudrun e Skafloc sempre estariam junto dela.

Nonna fechou o pergaminho com o laço e se levantou. Ela se lembrou que Runolf dissera que a mensagem estava em uma caixa prateada, e que deveria procurar até encontrá-la em uma saliência debaixo da pintura. Sentindo que ainda havia algo dentro da caixa, de fato encontrou, no fundo, um pingente.

Ao pegar o leve adereço, ela o olhou minuciosamente, tocando-o com cuidado. Na corrente simples, com formato de mãos de dragão com longas unhas, havia uma joia preta e brilhante pendurada. A pedra parecia quente. Nonna abriu o fecho e, segura de si, colocou-a no pescoço.

Sem que ela fizesse nada, a corrente se fechou e, depois disso, Nonna passou a sentir que havia alguém a seu lado. Olhou, porém, e não viu ninguém na sala escura. Mas teve a certeza de que não estava sozinha, e que alguém segurava sua mão e a trazia para perto. Naquele momento, pensando em um povo antigo e quase extinto, ela entendeu o que acontecera. Alguns membros do clã dos dragões haviam deixado suas almas para dar apoio a seus descendentes. Eles eram capazes de colocar as almas em pedras preservadas para isso, assim como a alma de Skafloc ficara em seu forte, nos Montes do Dragão. O ser que ela notava tão forte estava lá de fato. Ouviu a voz de Gudrun e sentiu que sempre estaria com ela, como dissera.

Nonna soprou as velas dos candelabros, apagando-as, saiu, fechou a porta e voltou para a mãe, para Fenris e para o resto de sua família.

ANEXOS

PERSONAGENS

AELFERD

Filho de Vermgard.

ALFGEIR

Adivinho do clã de Noridium. Vive em Nawyr.

ALHENA

Ex-escrava do grupo de Sigwulf.

ARNDIS

Mãe de Eldgrim, distante antepassada de Nonna.

ASBRAND

Guerreiro-dragão e caçador de crânios. Mora no Forte da Unha do Dragão, é parente distante de Nonna e neto de Skafloc. Caçadores de crânios são guerreiros temidos, que destroem os piores inimigos de seus clãs, de acordo com as velhas tradições.

ASKOLD

Mãe de Eldgrim, parente distante de Nonna.

ASTA

Mãe de Freydis.

ASTRID

Bruxa do Gelo.

AUDUN

Antigo deus dragão de fogo.

BERENHARD

Irmão de Gunhilde e tio de Nonna.

BOTOLF

Líder do clã de Noridium. Vive em Nawyr.

BRAND

Filho de Skafloc.

BROTI

Gnomo da floresta de Gamli.

CERBIURUS

Antigo deus dragão negro.

ELDGRIM, O MATADOR DE FADAS

Filho de Ulf e avô de Nonna.

ENNA

Fada da Floresta da Raposa, que chegou misteriosamente a Unha do Dragão há centenas de anos.

ERMA

Gêmea de Nonna.

EYMUND

Rei de Noridium, simbolizado por dois ursos frente a frente.

FAHD

Assassino de Wyr, do grupo de Sigwulf.

FENRIS

Guardião de Nonna, urso do gelo.

FERENCK

Mercador e ladrão do país dos Hiittis, do grupo de Sigwulf.

FORNI

Antigo governante urso. Trata-se de um deus urso.

FREYDIS

Menina que vive no forte da Unha do Dragão.

FRODE

Irmão de Thorgil.

GAMLI

Mago dos gnomos.

GEITIR

Antigo deus dragão verde.

GERHARD

Gerhard do Campo Negro, aristocrata de Nawyr.

GODMUND

Lorde-dragão que vive no forte da Unha do Dragão.

GOYR

Um dos ferreiros hurgs do forte da Unha do Dragão.

GUDRUN

Esposa de Skafloc.

GUNHILDE

Mãe de Nonna.

HAFGRIM

Filho de Eldgrim e avô de Nonna.

HALGEIR

Garoto que vive no forte da Unha do Dragão.

HAVARD

Bardo de Bariadia, do grupo de Sigwulf.

HILDA

Criada de Gerhard, babá.

HILDGARD

Um dos melhores guerreiros de Skafloc.

HILDUR

Marido da fada da Floresta da Raposa, Enna.

HRADI

Antigo governante da Floresta da Raposa, dragão verde.

HUNDOLF

Adivinho do clã de Nonna.

HOFFVSNDIL

Deus gigante louco, parcialmente cego.

ISRID

Menina que vive no forte da Unha do Dragão.

JARNSKEGG

Barba de Ferro, Focinho de Sangue, senhor dos ursos do gelo em Unha do Dragão.

KAATRA

Sobrinha de Thorgil.

KARA

Menina que vive no forte da Unha do Dragão.

KARTU

Guerreiro bárbaro que definha na prisão de Steinarr.

KATERINA

Esposa de Vermgard, filha de uma bruxa de Thuria.

KOLRUN

Senhor do Mundo dos Mortos.

NEREID

Misterioso dragão negro do forte de Unha de Dragão; acredita-se que possui a habilidade de tomar forma humana, se assim desejar.

NONNA

Personagem principal, menina nascida em 803.

ODDI

O tenebroso de Runolf.

RADULF

Pai de Nonna e filho de Hafgrim.

RUNOLF

Mago da morte do forte da Unha do Dragão. O mago da morte pratica magia com criaturas e espíritos mortos; pessoa temida e evitada.

SIGURD UNHA NEGRA

Antigo governante dragão anterior à Guerra dos Deuses.

SIGWULF

Misterioso aventureiro do leste de Caldia.

SKAFLOC

Dragão negro, arquimago da antiga Noridium.

SKALD

Dragão do gelo do forte da Unha do Dragão.

SNERRI

Gnomo que vive em Nawyr, na fronteira com o reino de Gerhard.

STEINARR “CALVO”

Chefe do clã e do forte do Vale do Ferro, ao norte da fronteira de Nawyr.

THAENOR

Professor de Runolf, mago da morte.

THORGIL

Chefe do clã e do vilarejo de Praia Perdida.

TIIRA

Criada de Gerhard, do clã bárbaro do norte de Noridium.

TYRFING

Antigo deus dragão do gelo.

UBARC E URUTH

Bestas do gelo do grupo de Sigwulf.

ULFRE

Filho de Brand, pai de Eldgrim e bisavô de Nonna.

VALGARD

Antigo governante dragão, aliado de Skafloc.

VERMGARD

Governante dragão de Thuria.

YLVA

Deusa e governante dos lobos.

REINOS E OUTRAS LOCALIDADES

ÁGUAS CINZAS

Cidade portuária no lado bariadiano, ao sul de Barra do Alce. Hreiddar Barba Branca é seu governante.

BAÍA DE CALDIA

Baía entre Nawyr e Caldia. Congela por completo em intensos invernos. Conta-se que isso se dá em função do encantamento da Bruxa do Gelo. Quando congelada, o povo de Caldia, por vezes, ataca o de Nawyr.

BARIADIA

Reino de boa extensão, ao norte de Caldia, formado em sua maior parte por várzeas, montanhas e grandes florestas. Em seu centro, vivem bravos clãs de guerreiros, cujos ancestrais o separaram de Caldia. Até hoje, são considerados os mais corajosos e selvagens. Movem-se, com frequência, em conjunto com os de Noridium em conquistas e saques, no sul. Ao nordeste de Bariadia, há uma região montanhosa, alta e sombria, na qual, segundo consta, vivem forças maléficas. Diz-se que o próprio Senhor do inferno viveu e iniciou os ataques ao sul de lá. O rei de Bariadia – Hasteinn Rabo de Lobo – mora em Pilar de Ferro, cidade localizada no interior, junto às margens do maior rio de Bariadia.

BARRA DO ALCE

Cidade portuária entre Bariadia e Noridium. Thorgeirr Desafiador é seu chefe.

BARRA ESCURA

Capital de Caldia, cujo nome antigo era Myrkansair.

BARRA FRIA

Cidade do rei de Noridium. Seu nome antigo era Frostair.

BAZASTAR

Ao sul de Nawyr, lar dos Teshagars, o reino é um lugar quente, seco, arenoso e misterioso. O clã de Teshagar vive em Bazastar. Acredita-se que alguns deles sejam capazes de se transformar em grandes felinos.

CABO DE HIITE

Baía no extremo sul de Noridium.

CALDIA

Na verdade, todo o continente setentrional é Caldia. A região inteira foi, um dia, o reino de Caldia. Após o caos que se seguiu à Guerra dos Deuses, diferentes regiões se tornaram independentes e, ao lado de Caldia, reinos como Bariadia e Noridium nasceram. Hoje em dia, cobre toda a costa meridional do continente setentrional; sua capital é Myrkansair – Barra Escura.

Caldia tem uma topografia irregular. Em sua região, há montanhas, colinas e montes e, entre eles, vales com florestas, em sua maioria, de árvores coníferas. Há lagos profundos e misteriosos, cânions de estranhos formatos e pântanos impenetráveis, que surgiram durante as batalhas da Guerra dos Deuses. A maioria das pessoas adora o Senhor do inferno como seu deus. O rei de Caldia é Thurgald.

CINOVILA

Vilarejo pesqueiro na costa oeste de Noridium, local de criação de cães. Chamava-se antes de Hundbelt. Brynjolf Knot é seu chefe.

FLORESTAS DE HIITE

Floresta grande e sombria, ao norte de Noridium.

FLORESTA DA RAPOSA

Mata misteriosa, difícil de ser alcançada, habitada por raposas encantadas, de pelo vermelho. Chamava-se Refskógr, na língua antiga.

INFERNO

Trata-se do lugar mais sinistro e assustador no qual qualquer espírito pode terminar. O Senhor do Inferno o criou no mundo espiritual em que se localiza o Mundo dos Mortos. Ele ocultou o reino para não ser encontrado e, acredita-se, tal localidade é escura e desolada, atormentada por eternos ventos de tempestade.

O inferno é ocupado por espíritos maléficos. Supõe-se que todos os maus sentimentos dos humanos têm espíritos correspondentes. É o lugar de destino dos que cometem atos suficientemente maus. Diz-se que os espíritos dos humanos que foram prejudicados aguardam os dos causadores, junto aos portões do Mundo dos Mortos, empurrando-os para uma fenda que leva ao inferno. Acredita-se que alguns magos sejam capazes de conjurar espíritos do inferno para que façam o que desejam.

LAR DOS DRAGÕES

Local para o qual os espíritos de dragões mortos se mudam.

MONTE DE HIITE

Família do norte, de raça bárbara, que vive ao leste das Florestas de Hiite. É, também, o termo utilizado para a região montanhosa de floresta e repleta de lobos na qual a família vive. Thorvid Mente de Dragão é seu chefe.

MONTES DO DRAGÃO

Região montanhosa misteriosa e temida. Acredita-se que dragões já viveram lá. Chamava-se Drekiðfell, na língua antiga.

MONTE DO LOBO

Local em que vive o adivinho do clã de Praia Perdida e, também, de sacrifícios para Ylva, a antiga deusa dos lobos.

MONTE DO POÇO DE PICHE

Área produtora de alcatrão e cidade na costa sul de Noridium, a um dia de viagem de Barra do Alce. Grimarr Wolfclan é seu chefe.

MUNDO DOS MORTOS

Trata-se do lar dos mortos, no qual todos os espíritos mortos vão para um descanso tranquilo e eterno. Acredita-se que os espíritos devem ir a lugares diferentes no Mundo dos Mortos, dependendo do que tenham feito quando vivos. Um dos locais mais importantes mencionados é o bosque do Mundo dos Mortos, no qual os espíritos bons, que tiveram vida plena, descansam em paz. Espíritos insatisfeitos, com mortes violentas ou súbitas, vagam por suas fronteiras e podem, em casos eventuais, voltar ao convívio dos humanos. No monte do Mundo dos Mortos, acredita-se na existência do grande salão de Hamarr, o rei da guerra, dentro ou perto do qual heroicos guerreiros passam a eternidade com seus amigos, caçando veados, participando de competições e festejando todos os dias. O Mundo dos Mortos é o local para o qual todos os humanos desejam que seus espíritos se movam. Crê-se que as florestas e campos abrigam cães, gatos, veados e outros animais imortais, cuidados por espíritos de crianças.

NASCENTE NEGRA

Terra natal de Nonna, vilarejo nas grandes várzeas do reino de Bariadia.

NAWYR

Reino ao oeste do continente central, fundado por um lorde-dragão do clã dos dragões de fogo. Região exuberante de florestas verdejantes, com grandes várzeas, vales e lagos profundos. Os dragões de fogo são respeitados em Nawyr e seu governante atual tem parentesco com o fundador do reino. Na região setentrional de Nawyr há grandes regiões montanhosas, governadas por uma família pertencente ao clã dos dragões. Há uma serra em sua fronteira leste. A capital é Wyrdel, localizada na costa oeste – a cidade do deus cobra, governada pelo ultrassoberano rei Ulfric II. Os guerreiros navegam em barcos longos em suas pilhagens e, também por essa razão, a raça de Nawyr é considerada selvagem, cruel e de bárbaros primitivos. O povo de Nawyr acredita que todos os povos ao norte adoram o Senhor do inferno.

NIMHWIC

Cidade portuária, de venenos, situada na costa setentrional de Nawyr, na qual vivem ladrões e criminosos.

NORIDIUM

Situado no extremo norte, é um reino habitado por um povo de guerreiros selvagens e incansáveis. Seu apelido é “reino de dois ursos”, “terra dos ursos do gelo” ou “terra de neve e gelo”. É árido, frio e pouco povoado, sendo coberto de neve por quase todo o ano. Em seu centro, há uma vasta região montanhosa com cumes de neves eternas. As florestas de Noridium são vastas, inóspitas e formadas por abetos, possuindo cânions abissais em sua região central, montes pedregosos, pântanos profundos e antigos esconderijos de bestas, trolls e outros monstros. Estes, no início, formavam com os dragões quase a totalidade da população de Noridium. Os poucos humanos eram considerados bruxos, eremitas ou magos. Após a Guerra dos Deuses, mais pessoas vieram para o reino e os guerreiros loiros e selvagens de Noridium começaram a surgir nos reinos do sul, em ataques. Trata-se de um reino misterioso, cujos governantes vivem, por

tradição, na cidade de Barra do Ferro, na costa oeste. Acredita-se que seu povo seja aliado das bestas do gelo e que uma de suas figuras mais temidas se chamava Bruxa do Gelo, capaz de reger o tempo frio. O rei de Noridium é Eymund.

PEDRA DO DRAGÃO

Drekisberg ou Dekisteinn, na língua antiga, cidade localizada na costa oeste de Noridium. Varg Barba de Osso é seu chefe.

PRAIA PERDIDA

Vilarejo na costa oeste de Noridium, chamado de Ulfstrand, na língua antiga. Thorgil de Ferro é seu chefe.

RIO FRIO

Fica próximo à Barra do Alce, que nasce no norte longínquo.

TERRA DOS HIITES

Local onde vivem os hiittis, na costa leste de Caldia.

THURIAN

O centro do continente central é coberto pelo reino de Thurian ou, de fato, por seus reinos (a área inteira foi dividida em dezenas de reinos, governada por pequenos reis que lutavam pelo poder). No centro de Thurian há uma serra alta, cercada por florestas exuberantes. Crê-se que o antigo reino dos dragões de fogo ocupasse o vale entre as montanhas, porém nenhum humano voltou para contar a história. É uma área vasta, em sua maior parte formada por várzeas e terras altas, além de grandes florestas e vales.

UNHA DO DRAGÃO

Vale e forte da Bruxa do Gelo que, dizem, é localizado na fronteira setentrional de Noridium. Na língua antiga, Unha do Dragão se chama

Troliskio, lugar temido, no qual se acredita viver um grande bando de ursos do gelo.

VALE DO FERRO

Forte governado por Steinarr Calvo e área na região montanhosa da fronteira setentrional de Noridium.

WYR

Ilha no mar ao norte de Thurian. Seus assassinos são temidos por toda parte.

CRIATURAS

BESTAS

Criaturas robustas, sem pelos, maiores do que os humanos. São malcheirosos, cruéis, vivem nas florestas e cavernas das colinas mais escuras. Nas montanhas, as bestas trabalham como ferreiros.

BESTAS DO GELO

Maiores que bestas comuns, são criaturas com peles e pelos brancos, cujo reino de Isgaaria se localiza na área sempre coberta de gelo de Noridium. Conta-se que, há muito tempo, a moradia original de Forni teria sido em Isgaaria.

Guerreiros assustadores, compuseram uma das armas mais poderosas de Caldia na Guerra dos Deuses. Por razão desconhecida, são também hostis à Caldia, acreditando-se que a Bruxa do Gelo seja sua única aliada humana.

DRAGÕES

Seres enormes, semelhantes a lagartos, com asas, duas mãos e dois pés. Eles criaram o mundo e foram seus primeiros habitantes, há milhares de anos. Seu clã governou as pessoas até a Guerra dos Deuses, quando o Senhor do Inferno conseguiu fazer com que todas as criaturas lutassem umas contra as outras. Durante a Guerra dos Deuses, a maior parte dos dragões foi destruída, seus fortes arruinados ou abandonados e os humanos

tomaram o controle do mundo. Restam, porém, alguns poucos deles Crê-se serem capazes de se transformar em figuras humanas. Podem ler pensamentos e usar quase toda a magia existente. Muitos anseiam pelos tesouros dos dragões, caçando-os, razão pela qual os dragões se afastam.

Espécies de dragões

Os dragões do fogo vermelhos controlam o fogo e o calor. Seus retiros têm cheiro sulfurado e são escondidos nas montanhas do continente central. Acredita-se que seu reino seja localizado no meio das montanhas impenetráveis de Thurian e que qualquer um que chegue às terras viverá feliz para sempre. Restam mais dragões de fogo do que os de outra espécie, pois são os únicos capazes de ter mais de um descendente em suas vidas.

Dragões verdes são os menores dos dragões. Vivem nas maiores florestas, são rápidos e gentis. Cuidam dos animais da floresta e habitam cavernas subterrâneas, repletas de musgo. Controlam animais e plantas com sua magia.

Branco como a neve e de brilho ofuscante, os dragões do gelo vivem nos territórios do extremo norte. Além de outros poderes, congelam qualquer coisa com a respiração. São tidos como os mais inteligentes, e também como os mais raros.

Dragões do mar azuis não conseguem voar. Moram no mar, sendo comum serem chamados de cobras do mar – marinheiros os consideram as criaturas mais assustadoras do mundo. Controlam a água e são capazes de provocar tempestades, redemoinhos e chuva no mar. Os retiros das cobras do mar azuis são as cavernas de ilhas solitárias e abandonadas, em meio a numerosos navios naufragados.

Dragões negros são os mais temidos e odiados dos dragões, sendo considerados de extrema maldade e crueldade. Eles controlam, entre

outras coisas, a escuridão e o fogo negro – tipo de fogo que destrói tudo, sem deixar vestígios. Crê-se, também, que sejam capazes de tornar os humanos maus e loucos. Teme-se que alguns deles ainda vivam nas maiores regiões montanhosas de Caldia, embora não sejam vistos há séculos.

Diz-se que todos os dragões são capazes de ler pensamentos e de usar todo tipo de magia. Acredita-se que colecionem enormes tesouros de ouro em seus covis, sendo esta a razão pela qual sejam procurados e caçados por quase toda parte, e que os objetos tocados por eles possuam grandes poderes mágicos, podendo trazer muita sorte ou azar para aqueles que os carreguem, dependendo de qual dragão os tocou. Oponentes muito temidos, são gigantescos, conhecem magia e nenhuma arma comum é capaz de atravessar suas escamas. Além de tudo, sua simples presença espalha um medo paralisante que pode chegar a matar pessoas e animais.

CLÃ DOS DRAGÕES

Trata-se de um povo que, um dia, governou o mundo. São capazes de se transformar em humanos (ou qualquer outra criatura). Além dessa habilidade, encontraram uma fonte de magia no profundo subsolo e aprenderam a usá-la. O clã criou todos os encantamentos e com eles e os outros poderes governaram os seres humanos por milhares de anos. Ensinarão magia aos humanos, apenas para alguns selecionados. Os escritos desse povo – os ancestrais dos magos – são base de poderes mágicos dos atuais magos.

Há cinco espécies que compõem o clã dos dragões. A cor de cada uma delas é visível como um leve brilho na pele de todos os membros. Certa vez, o clã construiu enormes fortes, do tamanho de montanhas, cheios de tesouros e objetos mágicos. Durante a Guerra dos Deuses, foram abandonados e destruídos. Por vezes, algumas pessoas de sorte encontram esses tesouros, embora, diga-se, cada lorde-dragão tenha deixado um monstro aterrador para guardá-los. É provável que o mais lendário dos

monstros seja o cão-do-templo, um cachorro maior do que um cavalo, com presas enormes, capaz de sentar sem se mexer por centenas de anos.

Acredita-se ainda que o clã dos dragões tenha criado outros mutantes para seus súditos, que, entretanto, conseguiram se libertar do controle dos dragões após a Guerra dos Deuses. Os piores deles são os sanguinários lobisomens.

DONZELAS AZUIS

Fadas que vivem quase sempre em juníperos.

FADAS, O POVO DIVINO, FEYS

As chamadas fadas são espíritos que guardam lugares e regiões específicas ou que fazem parte do antigo povo divino. Os divinos desapareceram após a Guerra dos Deuses, acredita-se, porém, que vivam entre as pessoas, escondendo-se em suas habitações invisíveis. Diz-se que os divinos, por vezes, afetam a vida das pessoas, ajudando-as ou as prejudicando.

GNOMOS

Diferentes tipos de criaturas, espíritos dos mortos, que vivem no Mundo Subterrâneo. As aparências mudam de acordo com o local habitado, possuindo relação com as fadas e com o mundo espiritual. Têm, em geral, o tamanho de uma criança e personalidade instável, sendo também matreiros e teimosos.

GROL

Ser colossal, de quatro metros de altura, parecido com um humano, de enorme poder e aterrorizador, com personalidade violenta. É raro, come tudo que se move e vive em florestas sombrias ou em montanhas.

HIITTIS

Pequenas criaturas, parentes das bestas e dos gnomos, conhecidas por seu caráter matreiro e comportamento alegre. Os hiittis vivem na Terra dos Hiittis e são mercadores atarefados. De tão felizes e despreocupados, aparentam nada temer.

Existem também os hiittis da escuridão e os hiittis negros (seu oposto em natureza), melancólicos, mal-humorados, calados e depressivos. São vistos apenas nas florestas e montanhas escuras da Terra dos Hiittis.

TENEBROSO

Animal de estimação para os que praticam magia negra, pequeno demônio capaz de se metamorfosear. Pode ficar paralisado por séculos e é muito usado para guardar locais.

TROLLS

Criaturas similares aos hiittis, menores, mais rápidas e possuidoras de um caráter mais cruel, causando o mal e prejuízo às pessoas. São peludas e vivem nas florestas e montanhas pedregosas.

URSOS DO GELO

No continente central, os ursos do gelo são criaturas quase desconhecidas, mencionadas apenas em algumas histórias, sendo mais conhecidas no norte. Já no sul, são considerados monstros da terra de neve e gelo, criaturas com poderes mágicos. Em Nawyr, ursos do gelo só foram vistos quando os clãs do norte atacaram pelo gelo. Nos reinos setentrionais, acredita-se que alguns sejam espíritos renascidos de guerreiros que, tendo feito favores tão grandes ao deus Forni, foram reenviados por ele para ajudar seus amigos sob a figura de um urso, símbolo de bravura e poder. Por essa razão, todos os ursos do gelo são respeitados nos reinos do norte. Nas fronteiras da Terra do Gelo, crê-se haver cultos de adoração aos ursos do gelo, com apenas alguns guerreiros, todos aterrorizadores. Estes são tão raros de ser vistos que sua existência é tida como simples lenda. A maioria dos ursos do gelo mora na fronteira da Terra do Gelo, sobre o mar

congelado e no vale da Unha do Dragão. Muito pouco observados mais ao sul, já se ouviu dizer que ursos do gelo vagam sozinhos próximos de habitações humanas, em Noridium.

WYRMS

Criaturas aladas do tamanho de um cavalo e parecidas com dragões. São menos capazes do que os dragões, embora muito mais comuns. Com personalidade imprevisível, são matreiros e, por vezes, cruéis. É comum causarem danos às pessoas da região que habitam.

DEUSES DE NORIDIUM

ANTIGOS DEUSES DRAGÕES: AUDUN, CERBIURUS, GEITIR E TYRFING

Não se sabe ao certo porque os antigos deuses dragões partiram, deixando o mundo sem sua proteção (de qualquer forma, o conhecimento sobre eles é reservado a poucos adivinhos, magos e ao clã dos dragões, sendo apenas uma lenda dentre os humanos). Conta-se que, após o desaparecimento dos deuses dragões, quatro estrelas morreram na constelação que os representava. Um dia, elas voltariam a se iluminar e então os antigos deuses dragões retornariam. Tal retorno, para alguns, significaria o retorno dos dragões e da soberania do clã dos dragões, com o conseqüente fim do poder dos humanos. Hoje, andam pelo mundo sob a forma humana, examinando e avaliando em segredo.

ESPÍRITOS FRIOS

São muito conhecidos pelo povo de Noridium, pelo fato de habitarem uma região muito fria, com invernos escuros e longos. O tempo frio é controlado pela mãe espiritual do frio, Fria. Quando dela se fala, lembra-se do espírito que a traz. Diz-se que mora em algum lugar da Terra do Gelo, na costa dos mares congelados, não muito longe da Unha do Dragão. Gerou Hoarfrost, o filho, e Frost, a filha, também conhecida como Menina do Inverno, capaz de congelar qualquer coisa com seu sopro.

FORNI

Deus urso do gelo, pai de todos os ursos. Vive no reino dos deuses em um grande *iceberg*, em um forte construído de gelo. Pode aparecer no mundo dos humanos com dois ursos gigantes, um deles marrom e o outro branco, acreditando-se que o último seja Birna. Seu símbolo é a pata de um urso, metade branca e metade preta. Diz-se que Forni, um dia, tenha morado no vale da Unha do Dragão.

FRIDA

Deusa da fertilidade (e da paz), bela e galante esposa de Hamarr.

GUERRA DOS DEUSES

Quando os antigos deuses dragão partiram, sua raça foi governada pelos dois seguidores mais ardentes, Dewian e Abaddon, que receberam, junto com as famílias, poderes divinos. Tinham o direito de cuidar de seus súditos como quisessem, porém não poderiam usar seus poderes contra ninguém, apenas para o benefício de todos.

Cerbiurus, o deus dos dragões negros, julgou mal o súdito Abaddon, que tinha sede de poder e agia com egoísmo. É possível que por saber que os outros notariam seus planos e ações, ele, em primeiro lugar, construiu o próprio reino sombrio no canto mais profundo e escuro do mundo espiritual – o inferno. Durante milhares de anos, desenvolveu seus planos e, em segredo, criou monstros e criaturas guardados em esconderijos do mundo setentrional. Ele surgiu de novo na Terra sob a forma humana e teve um filho, que o ajudou a reunir um exército nas montanhas escuras de Caldia. No final, quando seus poderes atingiram o ápice, começou uma guerra contra todas as outras raças e criaturas divinas.

Abaddon e seu filho Fadah haviam reunido forças tão enormes para seu uso, que atacaram os reinos do sul e destruíram tudo pelo caminho. Os clãs humanos e de dragões do continente central não podiam, nem juntos, defender-se das tropas do Senhor do inferno e, com isso, os deuses se juntaram para lutar contra as forças obscuras, com a guerra seguindo por

décadas. Fortes construídos por humanos foram destruídos, florestas queimadas, montanhas se desfizeram e novas surgiram, enquanto deuses, dragões e humanos lutavam entre si. Raças inteiras foram extintas e criadas na tempestade selvagem de encantamentos.

Por fim, após cinco décadas, os exércitos do continente central, liderados pelo deus Dewian, conseguiram abater o Senhor do inferno pelo mar, após atacar o continente de Caldia, com intenção de destruir todas as raças e clãs que haviam estado do seu lado. Assim, o “exército brilhante”, como se autointitulava, veio do sul e atravessou Caldia, Bariadia e Noridium, até alcançar a fronteira com a Terra do Gelo. Destruiu quase tudo em seu caminho, forçando o Senhor do mal a se recolher nos esconderijos do inferno.

Quando a guerra terminou, o clã dos dragões havia sido quase todo destruído. Somente alguns dragões sobreviveram e a raça humana se tornou o povo mais poderoso. Assim, começou a soberania dos homens, e poucos dragões restantes se esconderam em montanhas distantes e nas mais escuras florestas. Quase tudo se destruiu, inclusive os magníficos fortes dos lordes-dragão, cujos tesouros os humanos caçariam com ganância e entusiasmo, pelos próximos séculos.

O povo divino quase foi liquidado e seus membros sobreviventes esconderam as habitações com magia para que nenhum mortal pudesse encontrá-las.

Apesar de o Senhor do inferno ter partido, alguns seguidores – espíritos negros, monstros e objetos mágicos amaldiçoados por ele – começaram a persuadir as pessoas às crueldades. Restaram cultos para sua adoração, que até hoje buscam seu retorno ao poder.

HAMARR

Trata-se do principal deus. Deus do trovão e da guerra, com estreita ligação com a deusa dos lobos, Ylva, e o deus dos corvos, Hrafnidís.

HOGGVANDIL

Espírito maléfico, caçador de humanos, gigante que corta pessoas em pedaços com um machado assustador. Um deus enlouquecido, acredita-se que viva nas montanhas e que seja visto no meio do inverno, a época mais escura do ano.

HRAFNDIS (RAFNIS)

Deusa dos corvos. Crê-se que apareça nos campos de batalhas, na escuridão, ou acompanhada por corvos.

THYRA, SRTA. MORTE

Filha da Morte, Kolrun, pode matar ou ressuscitar com seu toque.

YLVA

Deusa dos lobos que, às vezes, surge como um lobo branco ou uma mulher de cabelos brancos.

CALENDÁRIO

O ano é dividido em duas partes, inverno e verão. O verão (nascimento do verão, dias do verão) começa em 14/04 e o inverno, em 14/10 (dias do inverno, noites de inverno). Entre as datas, estão o solstício de inverno (Dia da Toca do Urso), em 13/01, e o solstício de verão (Dia do Urso), em 13/07. Todos os períodos têm a exata duração de 13 semanas (total de 52 semanas, ou seja, de 364 dias). O ano sempre começa em uma segunda-feira. Entre o último dia do ano e o primeiro dia do ano seguinte há sempre um dia intervalar, que é festivo e celebra a mudança do ano. Após o dia intervalar, a vareta de calendário é levantada e posta no domingo. Assim, todos os eventos do calendário se dão em idênticos dias da semana, todos os anos.

O tempo é medido em semanas e dias da semana e Noridium ainda não conhece os nomes dos meses. Ao sul, entretanto, outro método de medida de tempo está se espalhando, pelo qual os meses são reconhecidos. Para maior clareza, em certas ocasiões, há os nomes dos meses, para que o leitor identifique de que época do ano se trata. Segundo esse método, o último mês do ano se chama de Invernía.

De fato, em Noridium, ao se referir a um evento (um aniversário, por exemplo), diz-se “em uma quinta-feira, cinco semanas antes do solstício de verão ou Dia do Urso”, que teria significado aproximado de 13/06. O aniversário de Nonna ocorre no solstício de inverno, no ano de 803, um domingo.

DIAS DA SEMANA

Sábado é, em geral, o dia em que as pessoas se lavam. Domingo é sempre o dia festivo da semana, quando comem e bebem melhor.

DIAS FESTIVOS

A época mais escura do ano se dá no fim do mês de Invernã, depois disso inicia-se a celebração do Natal – o festival do solstício de inverno. Natal vem de uma palavra da velha língua da aristocracia de Noridium – nátl, que significa roda –, o ano é simbolicamente representado por uma roda de carroça, dividida em quatro partes.

O tempo é medido com varetas de calendário, que têm as semanas e os dias da semana nelas marcados. Usando-as, é possível saber qual é o dia e a semana do ano em que se está. Cada uma das quatro partes do ano tem 13 semanas e cada semana, sete dias.

Os dias mais importantes em Noridium são (datas em formato familiar entre parênteses):

DIA DO SOLSTÍCIO DE INVERNO, DOMINGO (13/01)

Celebrado com parcimônia. Trata-se de um dia diferente de um dia comum.

TERÇA, DOZE SEMANAS ANTES DO DIA DO VERÃO (19/01)

Dia de Forni, quando se acredita que os ursos se virem durante a hibernação. Oferendas de inverno são sacrificadas para ele, para que o resto da estação seja boa.

SÁBADO, CINCO SEMANAS ANTES DO DIA DO VERÃO (13/03)

Equinócio vernal, quando tanto o dia quanto a noite têm igual duração. Trata-se de um dia importante para espíritos e adivinhos e os humanos tendem a evitar fazer barulho para não perturbar os espíritos.

DIA DO VERÃO (14/04)

O primeiro dia de verão. Em diferentes partes de Noridium, há diversas formas de celebrar o verão que se inicia.

TERÇA, ONZE SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE VERÃO (30/04)

Festival de primavera. Todos os espíritos vagam livres e os maléficos são afastados com grandes piras. Uma das duas fortes noites dos espíritos.

QUARTA, CINCO SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE VERÃO (13/06)

Solstício de verão, quando o dia tem maior duração. Preparações são iniciadas para o maior festival do verão.

DOMINGO, TRÊS SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE VERÃO (23/06)

Festival de verão. Em quase toda Noridium, o sol não se põe. Gnomos queimam fogos-fátuos, piras são acesas e pessoas fazem encantamentos de amor. É o dia de Frida, a deusa da fertilidade.

SOLSTÍCIO DE VERÃO, DIA DO URSO (13/07)

Solstício de Verão, o dia do deus urso, quando se acredita que nascem os ursos. O segundo dia anual de Forni.

TERÇA, ONZE SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (29/07)

Dia do lobo, dia da deusa dos lobos, Ylva. Os lobos são apaziguados com sacrifícios. O trabalho é proibido ou os lobos matarão muito gado no outono.

QUARTA, CINCO SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (12/09)

Equinócio de outono.

SÁBADO, DUAS SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (29/09)

Festival da colheita. Grandes banquetes e um festival que dura dias, quase sempre quatro ou cinco dias.

DIA DO INVERNO (14/10)

Início do inverno. Em algum lugar de Noridium, sacrificam-se alimentos ou animais para que ele seja bom.

QUINTA, DOZE SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (01/11)

Dia dos mortos, quando espíritos começam a vagar na estação da escuridão. Nesse dia, eles são apaziguados para que se mantenham calmos por todo inverno. Em caso de fracasso, o dia mais escuro do ano pode terminar de forma nefasta.

QUINTA, CINCO SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (14/12)

Dia mais escuro do inverno, quando todos os espíritos estão vagando e se aproximam das habitações humanas. Bons espíritos são apaziguados com oferendas de alimentos. Se os espíritos maléficos não tiverem sido apaziguados antes, podem vir até as habitações e levar pessoas vivas para o Mundo dos Mortos e, nos piores casos, para o inferno.

TERÇA, TRÊS SEMANAS ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (25/12)

O Festival de Natal começa à noite e dura 12 dias inteiros, até o fim do ano. Durante as celebrações, as pessoas evitam trabalhar e ficam com a família e parentes. Os preparativos de alimentos começam antes e quanto mais se come e se bebe durante as festividades de Natal, mais sucesso se terá no ano seguinte.

DOMINGO, UMA SEMANA ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO

Fim das festividades de Natal. As pessoas começam a celebrar a mudança de ano com grandes banquetes, muita comida e bebida, com o objetivo de consumir tudo o que foi preparado para as festividades.

SEGUNDA, UMA SEMANA ANTES DO SOLSTÍCIO DE INVERNO (07/01)

Dia das almas, primeiro dia do ano. A tradição é tentar ser o primeiro de todas as tarefas e trabalhos. Dia de visitas, quando se deve receber bem a todos.

Em todos os dias festivos, é proibido brigar. Deve-se ser educado com visitantes, que não podem ser recusados em casa. A recusa é considerada enorme insulto e todos os crimes cometidos em um dia festivo são punidos com severidade.